UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS

RODRIGO GARCIA ROSA

Fraseologia do verbo *get* na língua inglesa: uma abordagem da Linguística de *Corpus* e da Gramática de Construções

São Paulo

2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS

Fraseologia do verbo *get* na língua inglesa: uma abordagem da Linguística de *Corpus* e da Gramática de Construções

Rodrigo Garcia Rosa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Stella Esther Ortweiler Tagnin

São Paulo

2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

RR788f

Rosa, Rodrigo Garcia
Fraseologia do verbo get na língua inglesa: uma abordagem da Linguística de Corpus e da Gramática de Construções / Rodrigo Garcia Rosa ; orientadora Stella Esther Ortweiler Tagnin. - São Paulo, 2014.
227 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Estudos Linguísticos e Literários em Inglês.

1. Língua Inglesa. 2. Linguística de Corpus. 3. Linguística Cognitiva. 4. Fraseologia. I. Tagnin, Stella Esther Ortweiler, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Rodrigo Garcia Rosa

Fraseologia do verbo *get* na língua inglesa: uma abordagem da Linguística de *Corpus* e da Gramática de Construções

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: _____ / _____ / _____

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Nem mesmo mil páginas seriam suficientes para expressar minha gradidão àqueles que direta ou indiretamente me ajudaram e estiveram junto de mim ao longo desta pesquisa. Portanto, serei econômico em meus comentários.

Em primeiro lugar, um agradecimento especial à minha orientadora, Profª. Dra. Stella Esther Ortweiler Tagnin, por ter acreditado em mim e neste projeto. Agradeço também por todo seu apoio e valiosa orientação, sobretudo nos estágios finais desta pesquisa. Seu pragmatismo germânico em momentos críticos ensinou-me mais do que quaisquer conferências, livros e aulas e certamente levarei isso comigo para sempre. Stella, obrigado!

À toda a equipe do AD pelas valiosas trocas de experiência e por constantemente trazerem um senso de realidade para as minhas ideias.

À minha querida mãe pela ajuda e por criar as condições necessárias para que este trabalho se concretizasse. Certamente não teria conseguido sem o seu apoio moral, compreensão pela minha ausência e, é claro, sem as inúmeras xícaras de *Earl Grey* que me mantiveram acordado.

Por último, mas certamente não menos importante, agradeço a você, Ceci. Agradeço a você por toda a compreensão, não somente durante a pesquisa, mas ao longo de todos os anos em que estivemos juntos. Obrigado principalmente por entender o quanto tudo isso é importante para mim. *You mean the world to me!*

We are what we repeatedly do. Excellence,
then, is not an act, but a habit.
– Aristóteles –

RESUMO

ROSA, R. G. **Fraseologia do verbo *get* na língua inglesa: uma abordagem da Linguística de *Corpus* e da Gramática de Construções**. 2014. 227 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Esta pesquisa investiga os usos de *get* nos contextos em que o verbo é seguido de sintagmas nominais com a finalidade geral de apresentar um mapeamento das construções em que esse predicado pode ocorrer. A pesquisa adota a perspectiva metodológica da Linguística de *Corpus* (McENERY; HARDIE, 2012), para a seleção e extração de dados da língua em uso por meio da utilização de um *corpus* de inglês americano (*Corpus of Contemporary American English* - COCA), e o embasamento teórico adota a perspectiva da Gramática de Construções Cognitiva (GOLDBERG, 1995; 2006), para a análise e classificação dos dados em construções. Mais especificamente, o referido mapeamento construcional tem como objetivo descrever o comportamento linguístico de *get* em dois níveis de análise, a saber: (1) No nível construcional, ao salientar as principais características sintáticas, semânticas e pragmáticas dos contextos gramaticais em que o verbo ocorre e; (2) No nível lexical, ao focalizar e discutir os principais fraseologismos nucleados por *get.*

O *corpus* de estudo é composto de 9.210 enunciados extraídos do COCA e conta com *get* em todas as suas formas morfológicas possíveis, isto é, a busca feita no *corpus* fez uso da forma lematizada do verbo de maneira a trazer diferentes instanciações de *get* (*get, gets, getting, got, gotten*). Quanto aos colocados, a metodologia de busca e seleção dos complementos nominais priorizou os 50 substantivos mais frequentes à margem direita de *get*, também em suas formas lematizadas, de maneira a garantir uma variedade semântica considerável entre os elementos que colocam com o verbo sob investigação.

Os resultados a que este estudo chegou confirmam o comportamento polissêmico e a versatilidade sintática de *get* (ISRAEL, 2004), ao explicitarem 13 contextos construcionais em que esse verbo é produtivo. Entretanto, a análise quantitativa dos dados demonstra a preferência de *get* pela construção transitiva, contexto no qual o sentido central licenciado é o de *obtenção*. No que se refere ao comportamento de *get* no nível lexical, o *corpus* de estudo salientou 74 unidades fraseológicas nucleadas pelo verbo.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística de *Corpus*, Gramática de Construções, construções, fraseologismos, *get.*

ABSTRACT

ROSA, R. G. **Phraseology of the verb *get* in the English Language: a Corpus Linguistics and Construction Grammar approach**. 2014. 227 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

This research examines the uses of *get* in contexts where the verb is followed by nominal phrases and it aims at proposing a mapping of the constructions where this predicate may occur. The research adopts the methodological perspective of Corpus Linguistics (McENERY; HARDIE, 2012) for the selection and extraction of data of language in use from a corpus of American English (*Corpus of Contemporary American English* – COCA), and the theoretical framework adopts the perspective of Cognitive Construction Grammar (GOLDBERG, 1995; 2006), for the analysis and categorization of the data in constructions. More specifically, the constructional mapping referred to has the objective to describe the linguistic behavior of *get* in two levels of analysis, namely: (1) In the constructional level, by highlighting the main syntactic, semantic and pragmatic characteristics of the grammatical contexts in which the verb occurs and; (2) In the lexical level, by emphasizing and discussing the main phraseologisms headed by *get.*

The study corpus is composed of 9.210 utterances extracted from COCA and it contains *get* in all of its possible morphological forms, that is, the search run in the corpus made use of the lemmatized form of the verb so as to generate distinct instantiations of *get* (*get, gets, getting, got, gotten*). As for the collocates, the method of search and selection of the nominal complements prioritized the 50 most frequent nouns to the right of *get,* also in their lemmatized forms, in order to guarantee a considerable semantic variability amongst the elements with which the verb under analysis collocates.

The conclusions at which this study arrived confirm the polysemous behavior and the syntactic versatility of *get* (ISRAEL, 2004), by outlining 13 constructional contexts in which the verb is productive. Nevertheless, the quantitative analysis of the data shows the preference of *get* for the transitive construction, context in which the licensed central meaning is that of *obtention*. As for the behavior of *get* in the lexical level, the study corpus highlighted 74 phraseological units headed by *get.*

KEYWORDS: Corpus Linguistics, Construction Grammar, constructions, phraseologisms, *get*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	-	Níveis de esquematização de construções (CROFT; CRUSE, 2004, p. 263)	23
Figura 2	-	Focalização de papéis participantes em *rob* e *steal* (GOLDBERG, 1995)	37
Figura 3	-	Papéis participantes e papéis argumentais do verbo *rob*	40
Figura 4	-	Construção bitransitiva com *hand* (GOLDBERG, 1995, p. 51)	42
Figura 5	-	Instanciação entre a Construção Resultativa e a expressão *drive X crazy* (GOLDBERG, 1995, p. 80)	47
Figura 6	-	Laços metafóricos entre a Construção de Movimento Causado e a Resultativa (GOLDBERG, 1995, p. 88)	48
Figura 7	-	Contexto de busca do colocado nominal para *get* no COCA	69
Figura 8	-	Busca por colocados lematizados para *get* no COCA	70
Figura 9	-	Contexto de busca dos colocados de *get* no KWIC	75
Figura 10	-	Distribuição dos enunciados do *corpus* de estudo por gênero discursivo	76
Figura 11	-	Medida de *atração* entre itens lexicais e construções	82
Figura 12	-	Medida de *dependência* entre itens lexicais e construções	83
Figura 13	-	Cálculo de *atração* para os substantivos *fact* e *idea* (SCHMID, 2010, p. 108)	83
Figura 14	-	Cálculo de *dependência* para os substantivos *fact* e *idea* (SCHMID, 2010, p. 108)	84
Figura 15	-	Taxonomia de Construções argumentais (GOLDBERG, 1995, p. 109)	89
Figura 16	-	Descrição construcional de uma oração (GOLDBERG, 2006, p. 21)	90
Figura 17	-	Distribuição dos sentidos abstratos de *get* na Construção Transitiva	92
Figura 18	-	Os papéis argumentais na Construção Transitiva central (GOLDBERG, 1995, p. 117)	94
Figura 19	-	Representação da Construção Transitiva de *get* com sentido de *obtenção*	97
Figura 20	-	Amostra das linhas de concordância de *get DET chance to*	99
Figura 21	-	Amostra das linhas de concordância de *get SN from*	100
Figura 22	-	Amostra das linhas de concordância de *get SN back*	101
Figura 23	-	Amostra das linhas de concordância de *get a hold of*	102
Figura 24	-	Amostra das linhas de concordância de *get a sense of/about*	103

Figura 25 - Amostra das linhas de concordância de *get the idea that* 104
Figura 26 - Amostra das linhas de concordância de *get the idea of* 104
Figura 27 - Amostra das linhas de concordância de *get the idea for* 105
Figura 28 - Amostra das linhas de concordância de *get a shot of/at* 105
Figura 29 - Amostra das linhas de concordância de *get the attention of* 106
Figura 30 - Amostra das linhas de concordância de *get a look at* 106
Figura 31 - Amostra das linhas de concordância de *get SN for* 107
Figura 32 - Amostra das linhas de concordância de *get the feeling that* 108
Figura 33 - Amostra das linhas de concordância de *get information about/on* 108
Figura 34 - Amostra das linhas de concordância de *get a job as* 109
Figura 35 - Amostra das linhas de concordância de *get one's way* 110
Figura 36 - Amostra das linhas de concordância de *get one's money's worth* 111
Figura 37 - Amostra das linhas de concordância de *get the credit* 111
Figura 38 - Amostra das linhas de concordância de *get cold feet* 112
Figura 39 - Representação da Construção Transitiva de *get* com sentido de *recebimento* 120
Figura 40 - Amostra das linhas de concordância de *get a (phone) call* 122
Figura 41 - Amostra das linhas de concordância de *get treatment (for)* 123
Figura 42 - Amostra das linhas de concordância de *get DET message* 123
Figura 43 - Amostra das linhas de concordância de *get the word* 124
Figura 44 - Linhas de concordância parciais com *get a shot of* 124
Figura 45 - Amostra das linhas de concordância da *Construção de Propósito* 127
Figura 46 - Relação entre Construções Locativas, Existenciais e de Posse 130
Figura 47 - Representação das Construções de Posse com *got* 134
Figura 48 - Representação das Construções Existenciais com *got* 134
Figura 49 - Amostra das linhas de concordância de *got SN ADV* com sentido de *posse* 136
Figura 50 - Amostra das linhas de concordância de *got SN ADV* com sentido de *existência* 138
Figura 51 - Amostra das linhas de concordância de *Got SN* $V_{infinitivo}$ com sentido de *posse* 139
Figura 52 - Linhas de concordância parciais para *got a problem with* com sentido de *posse* 139
Figura 53 - Linhas de concordância parciais para *got a hell of a* com sentido de *posse* 140

Figura 54 - Amostra das linhas de concordância de *got one's hands full a* com sentido de *posse* 141
Figura 55 - Amostra das linhas de concordância de *got one's work cut out for* com sentido de *posse* 141
Figura 56 - Amostra das linhas de concordância de *got SN* V_{-ing} com sentido *existencial* 142
Figura 57 - Amostra das linhas de concordância de *got a thing for* com sentido de *posse* 142
Figura 58 - Amostra das linhas de concordância de *got a point* com sentido de *posse* 143
Figura 59 - Amostra das linhas de concordância de *got a way with* com sentido de *posse* 144
Figura 60 - Matriz da rede construcional de transitivas com *get* segundo a proposta de sentidos múltiplos 148
Figura 61 - Representação das Construções Causativas Analíticas com particípio passado 155
Figura 62 - Representação das Construções Causativas Analíticas com *-ing* 157
Figura 63 - Representação das Construções Causativas Analíticas com infinitivo 158
Figura 64 - Amostra das linhas de concordância de *get the job done* 159
Figura 65 - Amostra das linhas de concordância de *get DET work done* 161
Figura 66 - Amostra das linhas de concordância de *get DET thing done* 162
Figura 67 - Amostra das linhas de concordância de *get SN involved* 162
Figura 68 - Amostra das linhas de concordância de *get one's feelings hurt* 163
Figura 69 - Amostra das linhas de concordância de *get DET thing going* 164
Figura 70 - Representação das Construções de Movimento Causado com *get* baseado em Goldberg (1995, p. 160) 169
Figura 71 - Amostra de linhas de concordância parciais para *get DET message out* 173
Figura 72 - Amostra de linhas de concordância parciais para *get the word out* 174
Figura 73 - Amostra de linhas de concordância parciais para *get one's hands on* 176
Figura 74 - Amostra das linhas de concordância de *get one's hands off* 177
Figura 75 - Amostra das linhas de concordância de *get one's hands around* 177
Figura 76 - Amostra das linhas de concordância de *get DET message across* 178
Figura 77 - Amostra das linhas de concordância de *get DET point across* 179
Figura 78 - Amostra das linhas de concordância de *get DET information out* 179
Figura 79 - Amostra das linhas de concordância de *get DET foot in the door* 180

Figura 80 - Amostra das linhas de concordância de *get DET story out* 181
Figura 81 - Amostra das linhas de concordância de *get SN back on track* 181
Figura 82 - Amostra das linhas de concordância de *get your shoots off* 182
Figura 83 - Representação das Construções Resultativas baseado em Goldberg (1995, p. 189) 186
Figura 84 - Amostra das linhas de concordância de *get one's hands dirty* 187
Figura 85 - Amostra das linhas de concordância de *get DET thing straight* 188
Figura 86 - Amostra das linhas de concordância de *get SN ready* 189
Figura 87 - Amostra das linhas de concordância de *get a word in edgewise* 190
Figura 88 - Amostra de linhas de concordância parciais para *get SN in order* 191
Figura 89 - Amostra das linhas de concordância de *get SN in trouble* 192
Figura 90 - Proposta de matriz de uma rede construcional de causativas com *get* 197
Figura 91 - Amostra das linhas de concordância de *get in trouble* 200
Figura 92 - Amostra das linhas de concordância de *get into trouble* 201
Figura 93 - Amostra das linhas de concordância de *get under way* 202
Figura 94 - Amostra das linhas de concordância de *get the hell SPrep* 202
Figura 95 - Amostra das linhas de concordância de *get the hell out of here* 203
Figura 96 - Amostra das linhas de concordância de *get into SN* 203
Figura 97 - Amostra das linhas de concordância de *get to SN* 203
Figura 98 - Amostra das linhas de concordância de *get off work* 204

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	-	Distribuição dos 10 verbos mais frequentes em cinco gêneros discursivos (COCA)	4
Tabela 2	-	Linhas de concordância para *get* retiradas do COCA	7
Tabela 3	-	Tipologia de Expressões Idiomáticas segundo Fillmore et al. (1988)	27
Tabela 4	-	Construção dêitica com *there* (LAKOFF, 1987 p. 482-483)	28
Tabela 5	-	Exemplos de Construções com variação de extensão e complexidade (GOLDBERG, 2006, p. 5)	32
Tabela 6	-	Construções Argumentais (GOLDBERG, 1995, p. 3)	45
Tabela 7	-	Ocorrência de *keep* e *weep* no COCA na modalidade oral	51
Tabela 8	-	Linhas de concordância para *get* retiradas do COCA	58
Tabela 9	-	Frequência geral de *get* e sua distribuição por gênero textual (wordandphrase.info)	59
Tabela 10	-	Lista de palavras resultante da busca por *get* + *noun* com até duas palavras à direita	72
Tabela 11	-	Dados que compõem nosso *corpus* de estudo	74
Tabela 12	-	Distribuição dos dados em Construções	78
Tabela 13	-	Fraseologismos com sentido central de *obtenção* com base em 4156 enunciados	98
Tabela 14	-	Cálculo estatístico da atração entre *get* com sentido de *obtenção* e os fraseologismos	114
Tabela 15	-	Cálculo estatístico da *dependência* de *get* com sentido de *obtenção* em relação aos fraseologismos (Frequência total de *get* no *corpus*: 9210)	117
Tabela 16	-	Frequência do padrão *get* SN *from* com sentido de *obtenção* e *recebimento*	119
Tabela 17	-	Fraseologismos com sentido central de *recebimento* com base em 874 enunciados	121
Tabela 18	-	Cálculo estatístico da *atração* de *get* com sentido de *recebimento* em relação aos fraseologismos	125
Tabela 19	-	Cálculo estatístico da *dependência* de *get* com sentido de *recebimento* em relação aos fraseologismos (Frequência total de *get* no *corpus*: 9.210)	126

Tabela 20 - Fraseologismos com sentido central de *posse* com base em 565 enunciados 136

Tabela 21 - Fraseologismos com sentido central de *existência* com base em 428 enunciados 136

Tabela 22 - Cálculo estatístico da *atração* de *got* em relação aos fraseologismos com sentido de *posse* 145

Tabela 23 - Cálculo estatístico da *dependência* de *got* em relação aos fraseologismos com sentido de *posse* (Frequência total de *got* no *corpus*: 993) 146

Tabela 24 - Cálculo estatístico da *dependência* de *got* em relação aos fraseologismos com sentido de *existência* (Frequência total de *got* no *corpus*: 993) 146

Tabela 25 - Resumo das Construções Transitivas com *get* 147

Tabela 26 - Distribuição das Construções Causativas em nosso *corpus* de estudo 150

Tabela 27 - Distribuição das Construções Causativas Analíticas no *corpus* de estudo 153

Tabela 28 - Fraseologismos com estrutura causativa com base em 872 enunciados 159

Tabela 29 - Cálculo estatístico da *atração* de *get* em relação aos fraseologismos causativos 165

Tabela 30 - Cálculo estatístico da *dependência* de *get* em relação aos fraseologismos causativos (Frequência total de *get* no *corpus*: 9.210) 166

Tabela 31 - Padrões sentenciais de *get* com leitura de *movimento causado* com base em 1284 enunciados 170

Tabela 32 - Fraseologismos de *get* com leitura de movimento causado com base em 1284 enunciados 172

Tabela 33 - Cálculo estatístico da *atração* de *get* em relação aos fraseologismos com leitura de movimento causado no COCA 183

Tabela 34 - Cálculo estatístico da *dependência* de *get* em relação aos fraseologismos com leitura de movimento causado (Frequência total de *get* no *corpus*: 9.210) 184

Tabela 35 - Fraseologismos de *get* com leitura resultativa com base em 293 enunciados 187

Tabela 36 - Cálculo estatístico da *atração* de *get* em relação aos fraseologismos com leitura resultativa no COCA 193

Tabela 37 - Cálculo estatístico da *dependência* de *get* em relação aos fraseologismos com leitura resultativa (Frequência total de *get* no *corpus*: 9.210) 194

Tabela 38 - Resumo das Construções com sentido de causa com *get* 195

Tabela 39 - Fraseologismos de *get* intransitivo com leitura de movimento com base em 476 enunciados 200

Tabela 40 - Cálculo estatístico da *atração* de *get* em relação aos fraseologismos intransitivos com leitura de movimento no COCA 205

Tabela 41 - Cálculo estatístico da *dependência* de *get* em relação aos fraseologismos intransitivos com leitura de movimento (Frequência total de *get* no *corpus*: 9.210) 205

Tabela 42 - O licenciamento dos sentidos de *get* por Construções 217

Tabela 43 - O licenciamento dos sentidos de *get* pela frequência 218

LISTA DE ABREVIATURAS

COCA – *Corpus of Contemporary American English*

GCC – Gramática de Construções Cognitiva

LC – Linguística de *Corpus*

Obl – Oblíquo

Part. – Partícula

SAdj – Sintagma Adjetival

SAdv – Sintagma Adverbial

SN – Sintagma Nominal

SPrep – Sintagma Preposicional

SV – Sintagma Verbal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **1**
1.1 Apresentação 1
1.2 Objeto de estudo 3
1.3 Apresentação do problema 6
1.4 As perguntas da pesquisa 9
1.5 Organização da dissertação 10

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA **11**
2.1 Introdução 11
2.2 A Linguística Cognitiva 12
2.2.1 O significado linguístico é perspectivizado 13
2.2.2 O significado linguístico é dinâmico e flexível 16
2.2.3 O significado linguístico: um dicionário ou uma enciclopédia? 18
2.2.4 O significado é baseado no uso e na experiência 22
2.3 As abordagens construcionais 26
2.4 Gramática de Construções Cognitiva 30
2.4.1 A natureza do significado na Gramática de Construções Cognitiva 34
2.4.2 A integração entre verbos e Construções 39
2.4.3 Relações entre Construções 43
2.5 A Linguística de *Corpus* 51
2.5.1 Representatividade do *corpus* e as perguntas de pesquisa 54
2.5.2 Métodos de análise: frequência e KWIC 57
2.5.3 Método quantitativo e qualitativo 60
2.5.4 Linguística de *Corpus*: teoria, abordagem ou metodologia? 62
2.6 Considerações finais 65

3 METODOLOGIA E A EXTRAÇÃO DOS DADOS **66**
3.1 Introdução 66
3.2 Os *corpora on-line* 67
3.3 Extração dos dados e a composição do *corpus* de estudo 68
3.4 A categorização semântica: Construções e fraseologismos 77
3.5 Os cálculos estatísticos: atração e dependência 80
3.6 Considerações finais 85

4 ANÁLISE DOS DADOS **87**
4.1 Introdução 87
4.2 Taxonomia de Construções 88
4.3 Construções Transitivas 91

4.3.1 Transitivas *get* com sentido central de *obtenção* 93
4.3.2 Fraseologismos transitivos com *get*: sentido de *obtenção* 97
4.3.2.1 *Get DET chance to* 99
4.3.2.2 *Get SN from* 100
4.3.2.3 *Get SN back* 101
4.3.2.4 *Get a hold of* 102
4.3.2.5 *Get a sense of/about* 103
4.3.2.6 *Get the ideia that / the idea of / the idea for* 104
4.3.2.7 *Get a shot of/at* 105
4.3.2.8 *Get the attention of* 106
4.3.2.9 *Get a look at* 106
4.3.2.10 *Get SN for* 107
4.3.2.11 *Get the feeling that* 108
4.3.2.12 *Get information about/on* 108
4.3.2.13 *Get a job as a* 109
4.3.2.14 *Get one's way* 110
4.3.2.15 *Get one's money worth* 111
4.3.2.16 *Get the credit* 111
4.3.2.17 *Get cold feet* 112
4.3.3 Atração e dependência nos fraseologismos com sentido geral de *obtenção* 113
4.3.4 Transitivas de *get* com sentido central de *recebimento* 117
4.3.5 Fraseologismos transitivos com *get*: sentido de *recebimento* 121
4.3.5.1 *Get SN from* 121
4.3.5.2 *Get a (phone) call* 122
4.3.5.3 *Get treatment (for)* 122
4.3.5.4 *Get DET message* 123
4.3.5.5 *Get the word* 124
4.3.5.6 *Get a shot of* 124
4.3.6 Atração e dependência nos fraseologismos com sentido geral de recebimento 125
4.3.7 Transitivas *get* com sentido central de *entendimento* e as Construções de *propósito* 126
4.3.8 Transitivas *get* com sentido central de *posse*, *existência* e *localização* 129
4.3.9 Fraseologismos transitivos com *got*: sentidos de *posse* e *existência* 135
4.3.9.1 *Got SN ADV*: de *posse* e *existencial* 136
4.3.9.2 *Got SN Vinfinitivo* 139
4.3.9.3 *Got a problem with* 139
4.3.9.4 *Got a hell of* 140
4.3.9.5 *Got one's hands full* 140
4.3.9.6 *Got one's work cut out for* 141
4.3.9.7 *Got SN V-ing: existencial* 142
4.3.9.8 *Got a thing for* 142

4.3.9.9 *Got a point* 143
4.3.9.10 *Got a way with* 143
4.3.10 Atração e dependência nos fraseologismos com sentido geral de *posse* e *existência* 144
4.3.11 Relações entre Construções Transitivas: uma rede de sentidos múltiplos 147
4.4 Construções Causativas 149
4.4.1 Construções Causativas Analíticas 152
4.4.1.1 Causativas Analíticas com particípio passado 153
4.4.1.2 Causativas Analíticas com *-ing* 156
4.4.1.3 Causativas Analíticas com infinitivo 157
4.4.2 Fraseologismos com estrutura causativa 159
4.4.2.1 *Get the job done* 159
4.4.2.2 *Get DET work done* 161
4.4.2.3 *Get DET thing done* 162
4.4.2.4 *Get SN involved* 162
4.4.2.5 *Get one's feelings hurt* 163
4.4.2.6 *Get DET thing going* 164
4.4.3 Atração e dependência nos fraseologismos causativos 165
4.4.4 Construções de Movimento Causado 167
4.4.5 Fraseologismos com leitura de movimento 172
4.4.5.1 *Get DET message out* 173
4.4.5.2 *Get the word out* 174
4.4.5.3 *Get one's hands on/off/around* 175
4.4.5.4 *Get DET message across* 178
4.4.5.5 *Get DET point across* 179
4.4.5.6 *Get DET information out* 179
4.4.5.7 *Get DET foot in the door* 180
4.4.5.8 *Get DET story out* 181
4.4.5.9 *Get SN back on track* 181
4.4.5.10 *Get DET shot off* 182
4.4.6 Atração e dependência nos fraseologismos com leitura de movimento causado 183
4.4.7 Construções Resultativas 185
4.4.8 Fraseologismos com estrutura resultativa 186
4.4.8.1 *Get one's hands dirty* 187
4.4.8.2 *Get DET thing straight* 188
4.4.8.3 *Get SN ready* 189
4.4.8.4 *Get a word in edgewise* 190
4.4.8.5 *Get SN in order* 191
4.4.8.6 *Get SN in trouble* 192
4.4.9 Atração e dependência nos fraseologismos resultativos 193
4.4.10 Relações entre Construções com sentido de causa 195

4.5 Construções Intransitivas de Movimento 198
4.5.1 Fraseologismos intransitivos com leitura de movimento 199
4.5.1.1 *Get in/into trouble* 200
4.5.1.2 *Get under way* 201
4.5.1.3 *Get the hell Part/out of here* 202
4.5.1.4 *Get into/to SN* 203
4.5.1.5 *Get off work* 204
4.5.2 Atração e dependência nos fraseologismos intransitivos de movimento 205
4.6 Construções Bitransitivas 206
4.7 Em resumo 207

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 209

6 REFERÊNCIAS 222

1 INTRODUÇÃO

> "By virtue of training and inclination, I personally favor discreteness, but language has chosen not to cooperate"
>
> – RONALD LANGACKER –

1.1 Apresentação

Em uma recente comunicação intitulada *Looking Back: the past 25 years in Cognitive Linguistics* [1], George Lakoff traçou um panorama geral dos principais desenvolvimentos na área de linguística cognitiva e fez menção aos trabalhos que colocaram essa área de investigação da linguagem dentro da agenda dos estudos linguísticos. Muitos nomes importantes nesse cenário foram mencionados, tais como Ronald Langacker, Charles Fillmore, Leonard Talmy, Dirk Geeraerts, Adele Goldberg, entre outros; e comentários foram feitos a respeito da significância de seus trabalhos na construção dessa corrente teórica, que tem crescido e angariado adeptos nos últimos anos. Embora os trabalhos citados nessa ocasião tenham aplicação nos mais variados níveis de descrição linguística, da fonologia ao discurso, da análise da língua falada à língua de sinais, é notável o papel que o estudo do significado linguístico desempenhou e desempenha nos estudos de orientação cognitiva.

Essa busca pelo significado linguístico parece ser um caminho inevitável dadas as principais premissas teóricas que embasam a família de abordagens de orientação cognitiva, isto é, a visão segundo a qual a língua opera sob duas funções básicas: a função *simbólica* e a *interativa* da língua (LANGACKER, 20013; EVANS; GREEN, 2006). Por *função simbólica*, entende-se a capacidade humana de externar pensamentos por meio da língua que, por sua vez, consiste em símbolos formados a partir de associações convencionais entre forma e significado. Dessa maneira, a gramática de uma língua, segundo a linguística cognitiva, não é somente parte integrante da cognição humana, mas também é vista como uma janela através da qual podemos ter acesso à cognição. A

[1] 12th International Cognitive Linguistics Conference (12-ICLC). Edmonton, Canadá. 2013

cognição, no entanto, não é vista como um construto estático e isolado do contexto físico, linguístico, social e cultural de seus falantes. Ao contrário, a *conceitualização*, termo utilizado por Langacker (1987, 2013) para exprimir o dinamismo que tem o processo de interpretação por parte dos falantes, é diretamente estimulada pela interação social em um dado contexto sociocultural. Dessa forma, o significado é, em parte, cognitivo, na medida em que ele é criado por meio das conceitualizações de símbolos linguísticos, e, em parte, interacional, na medida em que o sistema cognitivo dos falantes é constantemente alterado a partir de estímulos socioculturais e experienciais. Essa visão de linguagem é compartilhada pela grande maioria das abordagens cognitivas ou modelos *baseados no uso* (do inglês *usage-based*)[2], como se convencionou denominar essas correntes teóricas.

Segundo Boas (2013) e Bybee (2006, 2013), a expressão "baseado no uso", cunhada por Ronald Langacker, refere-se, resumidamente, ao impacto que tem a experiência linguística de um falante na representação cognitiva de sua língua, como dito anteriormente. Sendo assim, uma *gramática cognitiva baseada no uso* procura também definir o nível de *fixação* (do inglês *entrenchment*) de uma unidade simbólica na cognição de falantes, bem como o nível de *convencionalização* (do inglês *conventionalization*) ao qual chegam algumas unidades em determinada comunidade de fala[3].

Uma das condições amplamente aceitas (BARODAL, 2008; BYBEE, 2006; GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 1987, 2013; WRAY, 2002) para que dada unidade simbólica tenha um alto nível de fixação, podendo assim adquirir o *status* de unidade convencionalizada, é a *frequência* que essa unidade tem no discurso (oral e escrito), como afirma Bybee (2006):

[2] Segundo Evans e Green (2006), a maioria das abordagens que incorporam a ideia de símbolos ou construções em seus arcabouços teóricos, tais como a gramática cognitiva de Langacker (1987, 2013), a gramática de construções de Goldberg (1995, 2006) e a gramática de construções radical de Croft (2001), são modelos baseados no uso. No entanto, embora a gramática de construções de Kay e Fillmore (1999) compartilhe dessa visão, ela não pode ser classificada como um modelo baseado no uso, uma vez que adota em seu modelo as noções de gramática universal e competência linguística, que são conceitos basilares da gramática gerativa.

[3] Nesta dissertação, refiro-me ao termo *fixação* para designar a palavra inglesa *entrenchment.* Segundo declara Langacker (1987, 2013), a linguística cognitiva faz uso de processos cognitivos gerais como a associação, automatização, esquematização e categorização na descrição de estruturas linguísticas. Portanto, a fixação é vista como um processo progressivo de automatização pelo qual passa determinada unidade simbólica na cognição de um falante. Entendemos, assim, que unidades simbólicas que atingem um alto nível de fixação em um número considerável de indivíduos em dada comunidade de fala pode também atingir um alto nível de convencionalização.

> [...] certas facetas da experiência linguística, tais como a frequência de uso de instâncias particulares de construções, têm um impacto na representação, que podemos ver evidenciado de várias maneiras, por exemplo, no reconhecimento que falantes têm do que é e do que não é convencionalizado. (BYBEE, 2006, p. 711) [4]

A frequência no uso de palavras, expressões e construções gramaticais tem sido um ponto central de discussão também na área de aquisição da linguagem (GOLDBERG, 2003; ISRAEL, 2004; TOMASELLO, 2003), na medida em que os estudos tentam mostrar como se dá a relação entre o tipo de *input* que as crianças recebem e as generalizações linguísticas a que elas chegam. A esse respeito Tomasello (2003, p. 173) afirma que "um importante fator [...] é simplesmente a frequência com a qual crianças escutam uma construção linguística"[5].

No âmbito dos estudos cognitivos de aquisição (ELLIS, 2013) e de ensino de segunda língua (LEWIS, 2002; O'KEEFFE et al., 2007), a frequência e os estudos de análise de *corpora*[6] também são fatores determinantes na investigação do poder que algumas unidades simbólicas têm na comunicação real dos falantes, uma vez que esses estudos são capazes de determinar quantitativamente os elementos mais salientes no discurso, podendo assim, servir como indícios de processos linguístico-cognitivos gerais de aprendizes de uma segunda língua.

1.2 Objeto de estudo

Entre as unidades simbólicas que mais se destacam com relação ao seu poder comunicativo, os *verbos deslexicalizados* (LEWIS, 2002, p. 143-144), geralmente definidos como verbos de semântica esvaziada e que são poderosos geradores de padrões linguísticos (do inglês *pattern generator*), têm recebido especial atenção nos estudos

[4] Original: "...certain facets of linguistic experience, such as the frequency of use of particular instances of constructions, have an impact on representation that we can see evidenced in various ways, for example, in speakers' recognition of what is conventionalized and what is not."
[5] Original: "...an important factor [...] is simply the frequency with which children hear a linguistic construction."
[6] *Corpora* refere-se ao plural de *corpus*.

aplicados por conta da alta recorrência desses itens na língua de um modo geral, isto é, esses itens mostram-se frequentes, independentemente dos gêneros discursivos analisados, como mostra a Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 - Distribuição dos 10 verbos mais frequentes em cinco gêneros discursivos (COCA)

	Língua Falada		Ficção		Revista		Jornal		Acadêmico	
Rank	Verbo	Frequência	Verbo	Frequência	Verbo	Frequência	Verbo	Frequência	Verbo	Frequência
1	KNOW	301147	KNOW	77553	GET	38619	SAY	53201	SEE	48070
2	THINK	296322	THINK	48592	WANT	38234	THINK	43837	NEED	18903
3	WANT	102209	WANT	44958	SEE	36850	WANT	37549	INCLUDE	16025
4	MEAN	96888	GET	39086	THINK	35928	GET	29760	MAKE	14573
5	SAY	79153	SEE	36525	MAKE	34081	KNOW	28390	PROVIDE	13747
6	THANK	72499	GO	32764	KNOW	33789	NEED	21907	USE	13509
7	GET	62100	COME	32563	NEED	30219	GO	21291	KNOW	13337
8	GO	57680	LOOK	31067	SAY	27882	SEE	20608	THINK	13234
9	LOOK	47869	SAY	29105	TAKE	26670	MAKE	19854	SUGGEST	11113
10	LET	46068	LET	27384	GO	25667	TAKE	17266	WANT	11035

Como podemos ver pela tabela acima, uma busca pelos 10 verbos mais frequentes no *Corpus of Contemporary American English* (COCA), que contém 450 milhões de palavras, mostra que, em todos os gêneros discursivos disponíveis para busca, há pelo menos um verbo deslexicalizado, isto é, um verbo cujo sentido depende de outros elementos sintagmáticos para que seu uso e compreensão sejam plenos por parte de seus falantes. São eles: *get, go, look, make* e *take*.

Ao buscarmos a frequência de cada um desses verbos no *website wordandphrase.info*, que fornece o ranqueamento das primeiras 60.000 palavras, das 450 milhões disponíveis no COCA, obtivemos os seguintes resultados: *go* (posição 35 com 1.251.786 ocorrências), *get* (posição 39 com 1.080.432 ocorrências), *make* (posição 45 com 932.443 ocorrências), *take* (posição 63 com 726.578 ocorrências) e *look* (posição 85 com 534.884 ocorrências). Os números parecem ser suficientemente expressivos, dado o total de palavras contido no *corpus* utilizado (450 milhões de palavras).

Além disso, se tomarmos somente a frequência absoluta como um dos fatores determinantes para a fixação de uma unidade simbólica ou palavra na cognição de falantes, podemos facilmente, diante desses números, afirmar que todos os verbos deslexicalizados levantados por essa busca são unidades convencionalizadas da língua inglesa. Dentre os verbos dessa busca, no entanto, destacamos a presença de *get*, que

ocorre em 4 dos 5 gêneros disponíveis e que, como veremos mais detalhadamente adiante, ocorre em uma gama de contextos sintáticos e semânticos tão frequentes e variados que pode ser considerado um dos verbos mais polissêmicos ou abstratos da língua inglesa (ISRAEL, 2004).

Posto isso, entendemos que uma discussão mais aprofundada acerca das propriedades semânticas e sintáticas de *get* faz-se necessária no âmbito teórico, dada a sua grande ocorrência no sistema da língua. Em segundo lugar, uma pesquisa acadêmica a respeito desse verbo também se justifica, em termos aplicados, devido ao grande número de aprendizes de inglês como língua estrangeira que hoje temos, tanto em escolas regulares como em cursos livres de idiomas. Ademais, em termos comparativos, os estudos linguísticos mais sistemáticos tradicionalmente costumam concentrar-se quase que majoritariamente na pesquisa das propriedades sintáticas desse verbo na função de auxiliar de construções passivas (QUIRK et al., 1985; CARTER; McCARTHY, 2006; O'KEEFFE et al., 2007, entre outros). Portanto, tanto de um ponto de vista teórico quanto aplicado, o estudo sobre a versatilidade semântica de *get* encontra respaldo na ausência de uma análise unificada que explique de forma satisfatória os vários sentidos que esse item lexical pode ter a depender do contexto sintático e semântico no qual está inserido. Em outras palavras, além de uma carência de análises unificadoras para os sentidos de *get*, poucos estudos dedicam-se à investigação das propriedades construcionais e fraseológicas, isto é, das "combinações de palavras que ocorrem de forma recorrente em dado idioma" (TAGNIN, 2011, p. 278)[7], específicas desse item.

É com base nessa lacuna que este trabalho visa analisar de forma minuciosa, por meio da utilização de um *corpus* da língua em uso (COCA), os vários sentidos que *get* pode ter e como a interação com seus complementos nominais em determinados co-textos[8] é fundamental na definição de cada sentido. Mais especificamente, este trabalho tem como objetivo geral realizar uma análise que resulte em um mapeamento das construções argumentais em que *get* ocorre a fim de que possamos determinar os sentidos

[7] No presente momento, a definição dada em Tagnin (2011) para fraseologismo é suficientemente esclarecedora, servindo assim aos nossos propósitos. No entanto, uma definição mais minuciosa do termo será dada na seção 3.4.

[8] "Co-texto" opõe-se, na tradição da Linguística de *Corpus*, à ideia de "contexto". Assim sendo, este se refere a características extralinguísticas ao momento da enunciação, ao passo que aquele faz referência exclusiva ao ambiente morfossintático que rodeia determinada palavra. Isto é, uma análise que leva o co-texto em consideração investiga os elementos linguisticamente adjacentes ao objeto de análise, como os complementos nominais de determinado verbo.

que são licenciados por essas construções e os fraseologismos que instanciam essas construções argumentais.

No que tange à relação que este trabalho mantém com outras áreas da linguística, como é de praxe os estudos semânticos e lexicológicos manterem intersecção com áreas afins como a lexicografia, a terminologia, a tradução, o ensino de línguas estrangeiras e a linguística computacional, um trabalho como este pode também contribuir para essas áreas, na medida em que um tratamento unificado para os casos construcionais e fraseológicos do verbo *get* pode trazer informações úteis para aqueles interessados em tradução, trabalhos lexicográficos, na confecção de materiais direcionados ao ensino de inglês como língua estrangeira ou em métodos de PLN (processamento natural da linguagem) para identificação de padrões linguísticos de maneira automática.

1.3 Apresentação do problema

Como expusemos brevemente acima, além de altamente frequente na língua em termos absolutos, *get* é reconhecidamente um verbo de extremo poder comunicativo no que se refere ao número de fraseologismos que pode nuclear. No entanto, se por um lado *get* é altamente produtivo, por outro lado os vários sentidos que ele pode ter e as várias construções nas quais pode ocorrer transformam-no num objeto de difícil descrição, assim como declara Israel (2004 p. 1): "A gramática de *get* pode ser vista como um drama entre as forças competitivas da idiomaticidade e da sistematicidade"[9].

Essa versatilidade semântica e sintática pode ser verificada na Tabela 2 abaixo por meio de algumas linhas de concordância[10] retiradas do COCA.

[9] Original: "The grammar of *get* may be seen as a drama between the competing forces of idiomaticity and systematicity".

[10] Linhas de concordância, também referenciadas como KWIC (*Key Word in Context*) são, para Linguística de *Corpus*, porções de discurso resultantes de uma busca automática de palavras ou padrões linguísticos. Elas geralmente mostram a palavra de busca centralizada num determinado co-texto, cujo tamanho pode ser determinado pelo pesquisador.

Tabela 2 – Linhas de concordância para *get* retiradas do COCA

(01)	playing in the woods."	Get	kids away from TV and video games
(02)	she eventually	got	a job at the courthouse
(03)	They've	got	the message that it is something that really works.
(04)	but I've	got	a call on another line.
(05)	he eventually	got	hold of the Hudson River Railroad and
(06)	concerns me is how we	get	the hosts involved in the conversation about class
(07)	make that California trip.	Get	your kicks on Route Sixty-six !
(08)	Brian Hunter	gets	a chance to produce at first
(09)	annoying exception.	Get	the assumptions wrong and everything that follows
(10)	Even psychiatrists	get	the blues.

Linhas de concordância como as expostas acima oferecem ao observador a possibilidade de análise da palavra de busca no eixo paradigmático, isto é, no contraste entre o uso do verbo em diferentes linhas de concordância e, consequentemente, em diferentes co-textos, e também no eixo sintagmático, ou seja, nas relações entre a palavra de busca em questão e os elementos adjacentes a ela. Ao olharmos as linhas de concordância no eixo paradigmático, podemos buscar identificar quais padrões aparecem de maneira recorrente na busca realizada. No entanto, uma vez identificados os padrões, a interpretação dos dados obtidos depende de um olhar que considere os elementos co-textuais e as relações sintagmáticas (tanto de natureza morfossintática quanto semântica) mantidas entre esses elementos. Para os fins específicos deste trabalho, a análise da relação mantida entre a palavra de busca e seus elementos adjacentes é de suma importância, pois ela nos oferece subsídios para identificar a construção na qual *get* ocorre, bem como qual sentido é licenciado nessa construção.

Ao olharmos para as linhas na Tabela 2 acima, já podemos identificar alguns pontos importantes para esta pesquisa. O primeiro deles refere-se ao sentido que *get* tem nas várias linhas. Se tentarmos pensar no sentido que *get* tem na primeira sentença, podemos hipotetizar de maneira informal um sentido abstrato como MOVER X DE Y, assim como mostra a sentença abaixo.

(11) *Get*$_{[\text{MOVER}]}$ *kids*$_{[\text{X}]}$ *away from TV and video games*$_{[\text{DE Y}]}$

No entanto, se olharmos as demais linhas de concordância, não poderíamos hipotetizar o mesmo significado, pois em (2), por exemplo, *get a job* poderia ser lido como *obter*, e não como *mover*. Isso parece nos mostrar que o sentido que *get* apresenta depende de um co-texto maior ou, em outras palavras, que o significado veiculado numa dada sentença, como naquelas da tabela acima, parece ser, em parte, oriundo do sentido dos itens lexicais que compõem a sentença, como também da construção gramatical específica em questão (EVANS, 2006; GOLDBERG, 1995).

Uma outra questão importante a ser levantada refere-se aos fraseologismos que podemos identificar. Ainda que sejam poucas, nas 10 linhas de concordância levantadas, já podemos verificar uma rica gama de expressões que diferem quanto ao seu nível de especificidade, fixidez estrutural e idiomaticidade. Pelo exposto acima, parece-nos plausível aceitar que, para que o falante atribua um significado a uma sentença como (1), o fraseologismo *get* X *away from* Y desempenha uma função importante. O mesmo é verdadeiro para as demais sentenças, que contêm fraseologismos frequentes na língua, ou seja: *get a job, get the message* (com sentido de 'entender'), *have got a call*, *get hold of, get* X *particípio passado*, *get your kicks on (Route sixty-six), get a chance to*, *get* X *wrong* e *get the blues* (com o sentido de 'ficar triste'). No entanto, fraseologismos como *get the message* ou *get the blues* demonstram um nível maior de idiomaticidade se comparados a *get a job* ou *have got a call*, em que as sentenças podem ser processadas de maneira analítica e composicional (WRAY, 2002). Para casos mais idiomáticos como *get the message* e *get the blues*, o falante precisa atribuir uma interpretação que abarque o fraseologismo como um todo e que leve em conta a idiomaticidade presente nessas expressões. Na terminologia apresentada em Wray (2002), uma abordagem puramente *analítica* para esses casos não é capaz de capturar as particularidades lexicais, semânticas e até mesmo sintáticas dessas expressões. Essa tarefa interpretativa, segundo Wray (2002), requer que o falante faça uso de um processamento *holista* para dar conta de dados como esses. Portanto, quanto à visão de linguagem adotada nesta pesquisa, que partilha dos fundamentos teóricos da Linguística Cognitiva e metodológicos da Linguística de *Corpus*, necessitamos de uma teoria que equacione sentidos lexicais e significados construcionais na explicação dos sentidos de *get*. Ademais, pelos desafios descritivos e explanatórios levantados pelos possíveis fraseologismos que *get* pode nuclear, necessitamos de uma teoria que não faça distinções rígidas entre o que se convencionou denominar léxico e gramática. Ao contrário, precisamos de uma teoria que

explique o que brevemente os dados na Tabela 2 acima mostraram, ou seja, que entre léxico e sintaxe há uma ponte e não uma muralha.

1.4 As perguntas da pesquisa

Pelo acima exposto, concluímos que a tarefa de descrever da maneira mais sistemática possível, um verbo aparentemente tão assistemático como *get*, requer uma teoria linguística que ofereça o aporte necessário para abarcar quatro questões fundamentais desta pesquisa, isto é:

- Dada a versatilidade sintática e semântica apresentada pelo comportamento de *get*, quais são as principais construções gramaticais em que esse verbo pode ocorrer?
- Se o significado sentencial é de fato resultante da interação linguística entre o sentido de itens lexicais e o significado de construções, podemos afirmar que contextos construcionais específicos licenciam certos sentidos de *get*?
- Quais construções licenciam quais sentidos em termos de frequência de uso?
- Quais são os fraseologismos que instanciam mais frequentemente as construções com *get*?

Para responder a essas perguntas, esta pesquisa faz uso da Linguística Cognitiva ou, mais especificamente, de uma corrente pertencente à Linguística Cognitiva, isto é, a Gramática de Construções Cognitiva (GOLDBERG, 1995, 2006), assim como esse modelo tem sido denominado em trabalhos mais recentes (BOAS, 2013; EVANS; GREEN, 2006; GOLDBERG, 2006, 2013). Quanto à extração e tratamento dos dados, valemo-nos da Linguística de *Corpus* como metodologia, ou seja, realizamos o que na literatura específica é comumente chamado de uma análise baseada no *corpus*[11] (McENERY; WILSON, 1996; McENERY; HARDIE, 2012; LINDQUIST, 2009).

[11] Uma discussão mais aprofundada da distinção feita entre análises *baseadas* ou *direcionadas* pelo *corpus* será feita na seção 2.5.4 do próximo capítulo.

1.5 Organização da dissertação

No capítulo 2 traçamos os principais fundamentos teóricos desta pesquisa ao detalharmos a visão de linguagem que adotamos, isto é, a visão geral da linguística cognitiva e específica da Gramática de Construções Cognitiva. Além dessas abordagens teóricas, discutimos os principais fundamentos da Linguística de *Corpus*, que sustenta a metodologia adotada neste trabalho. Nesse capítulo, estabelecemos, resumidamente, os fundamentos teóricos e metodológicos desta dissertação, traçando paralelos entre eles e identificando as continuidades existentes entre ambos os modelos.

O capítulo 3 é dedicado ao tratamento metodológico específico que demos aos dados extraídos do COCA e discute com maior precisão os cálculos estatísticos que utilizamos para atestar, sob a perspectiva empirista da Linguística de *Corpus*, a validade da seleção dos dados e a composição de nosso *corpus* de estudo.

No capítulo 4 apresentamos a análise à qual submetemos os dados extraídos ao propor um mapeamento das construções argumentais em que *get* ocorreu na observação de nossos dados. A divisão interna do capítulo foi feita com base nas construções mais recorrentes e a cada seção serão discutidos os sentidos lexicais de *get* licenciados pela construção sob análise, bem como os fraseologismos que instanciam mais frequentemente cada construção. Ao final de cada seção, propomos também uma discussão a respeito de como as diferentes construções argumentais nucleadas por *get* se relacionam, isto é, propomos uma rede construcional para as construções com *get*.

Por fim, o quinto e último capítulo apresenta as conclusões a que este estudo chegou e apresenta as respostas para as perguntas feitas nesta Introdução.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

> "Linguistics will become a science when linguists begin standing on one another's shoulders instead of one another's toes"
>
> – STEPHEN R. ANDERSON –

2.1 Introdução

Este capítulo é dedicado à discussão das teorias e abordagens que este estudo toma como base para a discussão e análise dos dados, isto é, aqui faremos uma discussão mais aprofundada de algumas das questões levantadas na Introdução desta dissertação com a finalidade de definirmos a visão de linguagem que temos e que permeará as descrições e explicações fornecidas por esta pesquisa. Mais especificamente, discutiremos separadamente as principais características da Gramática de Construções Cognitiva (doravante GCC) explicitando seus fundamentos teóricos, bem como apontando a adequação da utilização desse modelo nesta pesquisa. Contudo, para tanto, iniciamos o capítulo com uma discussão acerca da Linguística Cognitiva a fim de identificar o lugar ocupado pela GCC nessa, que é reconhecidamente uma família de abordagens teóricas. O capítulo também discute de forma mais abrangente os principais fundamentos da Linguística de *Corpus* (doravante LC) elencando as bases dessa metodologia, que tem sido utilizada nos mais variados contextos de análise linguística, entre os quais se incluem também muitos estudos de orientação cognitiva. Em suma, discutiremos as especificidades dessas duas abordagens, que são os pilares teóricos desta pesquisa, tentando salientar sempre que possível as suas similaridades e mostrando como as duas áreas, que em nossa visão são mutualmente complementares, podem gerar modelos eficientes de análise e explicação de fenômenos da língua.

2.2 A Linguística Cognitiva

A linguística cognitiva contemporânea é caracterizada por ser uma família de abordagens teóricas nascidas a partir de divergências com a abordagem gerativista, programa de investigação linguística predominante entre as décadas de 60 e 80. Essa nova visão da linguagem, que teve como nomes de destaque pesquisadores na área de semântica como George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fouconnier, partiu em direções contrárias ao gerativismo ao tentar equacionar as pesquisas em semântica e pragmática com o modelo de análise adotado pelo gerativismo na época; isto é, com o modelo gerativista de uma estrutura *modular* segundo o qual o núcleo das relações gramaticais era operado pela sintaxe - módulo visto como autônomo em relação aos demais componentes da gramática, a saber, os componentes fonológico e semântico. A rejeição desse compromisso com a *modularidade* é uma, se não a mais importante, das características que permeia as várias subáreas da linguística cognitiva que, apesar de não compartilharem exatamente os mesmos pressupostos teóricos e as mesmas abordagens metodológicas, baseiam-se em grande parte nos mesmos pilares linguístico-filosóficos. De acordo com os pressupostos da linguística cognitiva, a *não modularidade* da língua prevê, por exemplo, que a capacidade cognitiva do ser humano de produzir e reconhecer linguagem, isto é, a nossa competência linguística[12], está na verdade vinculada a outros componentes da cognição humana, como o raciocínio matemático, a percepção, a memória etc. Além disso, o compromisso com a *plausibilidade psicológica* que as explicações de ordem cognitiva devem ter permite a essa teoria se valer de processos cognitivos mais gerais como a associação, a automatização, a esquematização e a categorização na explicação dos fenômenos linguísticos (LANGACKER, 2013). Sendo assim, sob uma perspectiva cognitiva, a língua não pode ser estudada como um fenômeno isolado de outras capacidades

[12] Em um artigo intitulado *Is the notion of linguistic competence at all relevant in Cognitive Linguistics?* Paradis (2003) discute a relevância da noção de competência linguística contrastando-a com o *compromisso cognitivo*, isto é, o compromisso de que os fenômenos linguísticos não são derivados de princípios cognitivos inerentes à língua, mas sim de princípios gerais da cognição humana. A autora conclui sua reflexão ao afirmar que, se há espaço para a noção de competência linguística no arcabouço teórico da Linguística Cognitiva, essa competência deve ser entendida como a capacidade do falante de veicular e compreender significado por meio expressões linguísticas específicas fazendo uso de outras de suas capacidades cognitivas.

cognitivas mais gerais. Em outras palavras, "um axioma básico adotado é de que o conhecimento de língua é conhecimento" [13] (GOLDBERG, 1995, p. 5).

No entanto, o fato de ser descrita à luz de processos gerais do sistema cognitivo não retira da língua o seu *status* adquirido de fenômeno sistemático, pois como dito na Introdução desta dissertação por meio das palavras de Langacker (2013), a língua é uma janela para a cognição humana e também uma forma específica de conhecimento. Como tal, ela deve ser analisada segundo uma perspectiva que explicite sua característica mais central que, segundo Geeraerts (2006), reside na questão do significado linguístico. Assim, de acordo com esse linguista, há quatro princípios básicos que caracterizam o significado linguístico visto sob a ótica da Linguística Cognitiva, isto é, o significado é: *perspectivizado, dinâmico, flexível, enciclopédico* e *baseado no uso e na experiência*. Nas sessões seguintes, discutiremos brevemente essas características, que compõem a visão de significado linguístico adotada nesta pesquisa.

2.2.1 O significado linguístico é perspectivizado

A visão perspectivizada do significado linguístico rejeita a ideia de que os sentidos das palavras e expressões se reduzem à existência de objetos e ocorrências de eventos no mundo tangível de maneira direta e objetiva. Ao estipular uma relação direta entre o significado linguístico e um objeto no mundo, essa visão objetiva exclui, por um lado, a existência de um sujeito e, por outro lado, confere um *status* autônomo ao significado linguístico. A visão perspectivizada do significado linguístico opõe-se a essa ideia. Aliás, a própria palavra 'perspectiva', utilizada como atributo dessa visão, implica a existência de um sujeito que adota um ângulo específico de observação e que faz uso desse ângulo tanto na interpretação do mundo que o rodeia quanto na criação de significados, por meio da interação com outros sujeitos. Sendo assim, o sujeito é trazido como uma das variáveis da equação do significado ao codificar a sua perspectiva do mundo em linguagem. Nas palavras de Geeraerts (2006, p. 4) "o significado [...] é uma maneira de se dar forma ao mundo". [14]

[13] Original: "A basic axiom that is adopted is: knowledge about language is knowledge"
[14] Original: "Meaning […] is a way of shaping that world".

Como exemplificação da perspectiva que impomos ao mundo e que resulta em formas linguísticas específicas, podemos pensar na expressão *a steal* da língua inglesa e brevemente compará-la com a expressão *um roubo* em português. Vejamos algumas amostras da expressão inglesa retiradas do COCA.

(1) *Snap them up before the special deal ends. It's* ***a steal****, a bargain. You won't be sorry*. [2003/SPOK]
(2) *Chardonnay 2007 (Central Coast; $12).* ***A steal*** *from one of California's oldest wineries.* [2009/MAG]
(3) *Flipping them over, he sees they are* ***a steal*** *at only $650.* [2007/NEWS]

Os dados acima mostram que a expressão *a steal* é utilizada quando os falantes de inglês se referem a uma compra cujo valor foi vantajoso para aquele que efetuou a aquisição ou para eles mesmos, caso sejam os sujeitos da enunciação. Isso pode ser averiguado pela interpretação das sentenças. Em (1), o enunciador aconselha que o produto seja adquirido antes que a oferta especial acabe (*before the special deal ends*) e mais à frente reitera a boa compra com a expressão *uma barganha* (*a bargain*). Em (2) a referência a uma das vinícolas mais antigas da Califórnia (*one of California's oldest wineries*) enaltece a qualidade do produto, o que faz do valor cobrado por ele (*$12*) uma barganha. Em (3) a utilização do SPrep *at only $650,* com especial ênfase no modificador *only*, veicula a ideia de uma boa compra e de uma escolha barata.

Em português, poderíamos traduzir a expressão como *a preço de banana* ou simplesmente como *barato*. O interessante, entretanto, é notar qual elemento do *frame* [15] de *steal* é salientado no uso da expressão em inglês. *Steal* envolve basicamente um LADRÃO, um OBJETO ROUBADO e um SUJEITO ROUBADO. No entanto, ao utilizar essa expressão, o falante da língua inglesa coloca-se na posição daquele que realizou o furto, isto é, o participante salientado nesse *frame* é aquele do LADRÃO. Em outras palavras, o uso da expressão indica que o objeto a que se faz referência foi tão barato que parece ter sido roubado e não comprado.

[15] Por ora basta definirmos *frame* como uma cena da experiência humana vivida por sujeitos de dada comunidade linguística. A seção 2.4.1 trará uma discussão mais aprofundada do termo no âmbito de sua utilização dentro do arcabouço da GCC.

Da mesma maneira, a expressão *um roubo* em português tem os mesmos participantes do *frame* de *steal*, ou seja, um LADRÃO, um OBJETO ROUBADO e um SUJEITO ROUBADO. Contudo, o uso desta não se assemelha ao daquela no que se refere ao elemento salientado no *frame*. Em português, quando empregamos a expressão *um roubo*, fazemos referência a um objeto que nos custou muito caro. Algo pelo qual poderíamos ter pago muito menos ou que não valia o valor cobrado, como podemos ver nas sentenças abaixo.

(4) Nos EUA é caro, no Brasil é **roubo**.[16]
(5) O preço da gasolina é **um roubo**. [17]

Na sentença (4), um consumidor dá a sua opinião em um *blog* sobre o valor dos produtos da Apple no Brasil em comparação aos valores praticados nos EUA e em (2), um colunista tece comentários sobre o valor da gasolina. Ambas as sentenças, retiradas de *sites* na internet, demonstram o uso que fazemos da expressão *(um) roubo*. Trata-se, como afirmamos mais acima, de uma expressão utilizada quando nosso valor de julgamento considera injusto o preço cobrado por determinado produto. Dessa maneira, no *frame* de *(um) roubo*, o participante salientado é o SUJEITO ROUBADO e os falantes de português colocam-se nessa posição em relação ao furto praticado. Isto é, dado o valor exorbitante cobrado por um produto sentimo-nos como se estivéssemos sendo roubados, uma vez que não pagamos o valor justo. Em inglês esse sentido não é veiculado pela expressão *a steal*, como vimos, mas sim pela expressão *a rip-off*, como em *Apple products in Brazil are a real rip-off*.

Os exemplos acima mostram, com relação ao uso das expressões *a steal* e *um roubo*, que embora sejam traduções diretas, as expressões comentadas não têm o mesmo uso em inglês e em português. Podemos assim, afirmar que para essas expressões os falantes de inglês e de português partem de perspectivas diferentes ao atribuir significado à unidade linguística em sua língua. Essas diferentes perspectivas convencionalizaram as expressões nas duas línguas de modos diferentes; no entanto, uma breve análise como a

[16]Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/eletronicos/notebook/apple-macbook-air-13/opinioes.htm> Acesso em: 22 Set. 2013.
[17] Disponível em: <http://www.pstu.org.br/node/9106> Acesso em: 22 Set. 2013.

feita acima é capaz de salientar a participação que os usuários da língua têm nessa convencionalização. Essa constante conceitualização feita por parte dos falantes, segundo a Linguística Cognitiva, evoca um outro fator característico do significado linguístico, isto é, o seu dinamismo e a flexibilidade, que explicitamos a seguir.

2.2.2 O significado linguístico é dinâmico e flexível

Como dito brevemente na introdução desta dissertação, o significado linguístico está arraigado na experiência que os falantes têm com a sua língua[18]. Além disso, ao ser perspectivizado, o significado depende diretamente, mas não está restrito, ao mundo que rodeia os falantes que, por sua vez, trazem para a estrutura da língua as suas práticas sociais, hábitos culturais e visões de mundo (FILLMORE, 1985). Essa afirmação faz do significado um processo dinâmico e que está em constante mutação, pelo simples fato que o mundo, uma das variáveis da equação do significado, também está em constante mudança.

Segundo Fillmore (1982), como participantes de atos comunicativos diários em nossas comunidades de fala, nós falantes criamos categorias linguísticas que nomeiam e descrevem as nossas práticas sociais. Dessa forma, práticas inovadoras requerem unidades linguísticas antes inexistentes, do mesmo modo que práticas deixadas de lado ou ultrapassadas tendem a condenar as unidades linguísticas a que elas se referiam ao esquecimento ou a um uso em contextos muito específicos. As línguas estão repletas de casos que podem ilustrar essa relação, mas a título de exemplificação, podemos pensar em algumas colocações[19] como, por exemplo, *develop a photo* (revelar uma foto).

Uma busca no COCA que, reiteramos, contém 450 milhões de palavras, pela colocação *develop a photo* não gerou nenhum resultado cujo sentido fosse o de *revelar uma foto*. Ao analisarmos as linhas de concordância das 11 ocorrências das duas palavras em adjacência, verificamos que em todos os casos *develop* não forma uma colocação com

[18] O termo *experientially grounded* em inglês é comumente utilizado na Linguística Cognitiva para se fazer menção a essa propriedade do significado linguístico.
[19] Tagnin (2013, p. 151) define a colocação como "[uma] combinação lexical consagrada de duas ou mais palavras de conteúdo [como], por exemplo, *repolho roxo*, *mundos e fundos*, *aviar uma receita*".

photo, mas sim com outros elementos da sentença como *stickers,* nos exemplos (6) e (7), e *exhibit* no exemplo (8) abaixo:

(6) *Post contributing editor and inventor Paul SerVaas has* ***developed photo stickers*** *to monitor skin lesions for growth or color change.* [2008/MAG]

(7) *...instant cameras that* ***develop photo stickers****; and, just in time for Valentine's Day.* [2001/NEWS]

(8) *They wrote magazine articles, gave slide programs to church and service groups, and* ***developed a traveling photo exhibit****.* [1991/MAG]

Na tentativa de acharmos essa colocação numa busca informal na internet, deparamos com a página de um *site* de perguntas e respostas (*Yahoo answers*), cujo título é: *What is the meaning of "develop a photo"?* [20]. Essa postagem, que data do ano de 2012, mostra-nos que para alguns falantes a colocação em questão tornou-se relativamente *opaca*[21] (CRUSE, 1986), isto é, o falante já não consegue ou fica confuso ao atribuir uma interpretação à expressão sem antes ser ensinado sobre o seu significado. Isto é, para um falante cuja prática social não inclua o evento denotado por *develop a photo,* essa expressão pode ter o significado de *improve the quality of a damaged or old photo* ou *make the photo better* por conta do sentido de *develop*, ou seja, *desenvolver*.

Sendo assim, a inexistência de ocorrências no COCA bem como essa página da internet servem-nos como indícios de que essa colocação já não é mais tão frequente quanto costumava ser no passado. Isso parece dever-se a uma prática social que caiu em desuso, levando consigo a expressão usada para nomeá-la. Entretanto, não podemos afirmar sem mais dados fiéis que a colocação em questão caiu em completo esquecimento, uma vez que para fotógrafos (que utilizam termos específicos da área de fotografia), essa ainda possa ser uma colocação recorrente por fazer parte de sua prática profissional cotidiana. Outras expressões como essa são a colocação *rebobinar a fita* e as expressões idiomáticas *cair a ficha* e *virar o disco*. Embora essas expressões ainda possam ser utilizadas, alguns falantes já não são capazes de recuperar as práticas a que elas se referiam e das quais se originaram.

[20] Disponível em: <http://answers.yahoo.com/question/index?qid=20120704015746AARHHH6> Acesso em: 25 Set. 2013.

[21] É necessário, no entanto, esclarecermos que para Cruse (1986) a *opacidade semântica* é uma questão de gradação. Sendo assim, para a expressão *develop a photo* no caso do falante do *site* de perguntas, podemos dizer que a expressão está em uma escala alta de opacidade.

Esses casos mostram-nos de maneira clara o dinamismo e a flexibilidade do significado linguístico. Contudo, na discussão dessa característica do significado, concentramo-nos nos casos em que expressões deixam de ser usadas na língua de forma geral, por conta do desuso da prática social a que elas remetiam. Entretanto, o dinamismo e a flexibilidade do significado também podem ser atestados em estudos sobre neologismos (ALVES, 2002)[22], sobretudo na área de tecnologia (NEVES, 2010)[23], nos estudos de línguas de especialidade (SANTOS, 2011)[24] e na mudança gramatical de maneira geral.

Como um último comentário a respeito das expressões *rebobinar a fita*, *virar o disco* e *cair a ficha*, a utilização dessas expressões por alguns falantes pode revelar mais do que o sentido convencionalmente associado a elas. Elas podem trazer informações sociais e culturais sobre a pessoa que as utiliza inadvertidamente. Isso nos mostra que as palavras e expressões que usamos evocam significados que vão além do sentidos que podem ser encontrados em dicionários. Elas podem evocar um conhecimento enciclopédico que convencionalmente passou a ser associado a elas. Esse é o terceiro dos quatro pilares do significado linguístico para a Linguística Cognitiva, sobre o qual nos debruçamos na seção a seguir.

2.2.3 O significado linguístico: um dicionário ou uma enciclopédia?

A afirmação de Goldberg (1995) de que *conhecimento de língua é conhecimento* sumariza de forma direta e objetiva a visão de significado linguístico compartilhada pelas diferentes frentes da Linguística Cognitiva. No entanto, essa proposição, ou axioma como descreve a própria linguista, resulta em corolários importantes para as teorias linguísticas que se ocupam do significado. O primeiro deles aponta para a inexistência de uma divisão entre semântica e pragmática, isto é, não se pode, segundo essa premissa, estabelecer um corte preciso entre os possíveis significados associados a uma palavra, os contextos de

[22] ALVES, I. M. (2002). *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Editora Ática.
[23] NEVES, L. H. S. (2010). Uma análise léxico-terminológica dos predicados complexos no português: as construções com verbo-suporte na área de informática. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília.
[24] SANTOS, A. G. (2011) Working closely with corpora. Proposta de ensino de colocações adverbiais em inglês para negócios, sob a luz da Linguística de Corpus. Dissertação de Mestrado. USP.

uso em que ela pode ocorrer e as informações tipicamente não linguísticas que ela é capaz de evocar. Em outras palavras, a Linguística Cognitiva não considera que o significado linguístico possa ser unicamente comparado, em termos metafóricos, com a estrutura de um dicionário, de acordo com o qual cada uma das palavras de uma língua encontra-se em uma entrada lexical distinta que é seguida de uma definição do sentido daquela forma. A hipótese cognitivista, assim como é exigido pelo compromisso cognitivo, postula que o significado é enciclopédico, isto é, que o significado das formas linguísticas abarca um conjunto de conhecimentos estruturados e convencionalizados que estão codificados nas formas linguísticas e que dizem respeito à identidade cultural, social e histórica de indivíduos, como declara Fillmore (1985):

> [...] categorias linguisticamente codificadas (não somente palavras e frases fixas, mas vários tipos de traços gramaticais e padrões sintáticos) pressupõem um entendimento particular e estruturado de instituições culturais, crenças sobre o mundo, experiências compartilhadas, modos familiares de se fazer coisas e modos de ver as coisas. (FILLMORE, 1985, p. 231).[25]

Sendo assim, uma descrição linguística que toma como verdadeira a hipótese de um significado enciclopédico assume a responsabilidade de descrever, junto com o conhecimento linguístico, outras esferas da existência humana que também estão codificadas nas formas da língua.

Podemos, mais uma vez, fazer uso de algumas expressões idiomáticas para exemplificar como as categorias linguísticas trazem informações a respeito do contexto em que elas são usadas bem como sobre a cultura dos falantes que as usam. Para tanto, faremos novamente isso de maneira comparativa, isto é, contrastando o uso de duas expressões correspondentes em português e em inglês, a saber, *drop the ball* e *pisar na bola*.

A expressão idiomática *drop the ball* em inglês refere-se a uma falha cometida pelo sujeito da expressão no tocante a regras estabelecidas. Essa falha, por sua vez, gera

[25] Original: "... linguistically encoded categories (not just words and fixed phrases, but various kinds of grammatical features and syntactic patterns) presuppose particular structured understandings of cultural institutions, beliefs about the world, shared experiences, standard or familiar ways of doing things and ways of seeing things."

certo nível de frustração e quebra de expectativa, como podemos ver nas ocorrências abaixo, retiradas do COCA.

(9) *Did the Bush administration* ***drop the ball*** *on resourcing the war in Afghanistan?* [2009/SPOK]

(10) *We recently spoke with Hill about why men often* ***drop the ball*** *in relationships.* [2009/MAG]

(11) *Steve, what's the matter? You never* ***drop the ball****. Why are you doing this to me?* [1999/MAG]

O interessante é notarmos o domínio conceitual do qual essa expressão foi "emprestada" e como o significado da expressão codifica as características desse domínio. Por certo, a expressão é oriunda do domínio dos esportes ou, mais especificamente, dos esportes praticados com as mãos como beisebol, futebol americano, rúgbi etc. De acordo com a regra de alguns desses esportes, a queda da bola pode resultar em uma penalidade, como no caso do beisebol, ou em um erro que favoreça o oponente, como no caso do futebol americano. Portanto, o descuido com a bola por parte de um dos jogadores pode resultar numa queda e desapontar os demais membros da equipe, sem mencionar os torcedores.

Sendo uma expressão tipicamente americana[26], é plausível pensarmos que o uso dessa expressão por parte dos falantes de inglês americano evoca o contexto do qual ela foi extraída e ao mesmo tempo traz informações a respeito das preferências esportivas dessa comunidade, bem como sobre o conhecimento que os falantes têm das regras que são envolvidas nesses esportes. Informações como essas, relativas à preferência esportiva de uma comunidade, conhecimento das regras, quebra de expectativas pelo descumprimento das regras etc. não podem ser capturadas por uma visão dicionarista do significado de uma expressão, pois elas pertencem ao conhecimento de mundo dos falantes.

[26] O dicionário *on-line* Macmillan caracteriza *drop the ball* como uma expressão tipicamente americana (cf. http://www.macmillandictionary.com/dictionary/british/drop#drop-the-ball). Além disso, uma busca no *British National Corpus* (BNC – 100 milhões de palavras) resultou em 20 ocorrências da sequência *drop the ball*, mas nenhuma delas com o sentido idiomático.

Em português brasileiro temos uma expressão cujo significado e uso são bem semelhantes a *drop the ball*. Trata-se da expressão *pisar na bola*. Da mesma maneira da expressão americana, para a qual, aliás, pode servir como uma tradução, *pisar na bola* indica uma falha cometida por alguém que causa frustração e quebra de expectativas, como podemos ver abaixo.

(12) Miriam Leitão admite que **pisou na bola**. [27]

(13) Jornais britânicos concordam que governo **"pisou na bola"**, diz Kovalick.[28]

(14) Brunoro defende Bruno: "É um garoto exemplar e nunca **pisou na bola**" [29]

Como podemos ver, no caso da expressão em português, dizemos *pisar* e não *derrubar* a bola, como no caso da expressão da língua inglesa. Isso certamente se deve ao esporte favorito do brasileiro, isto é, o futebol, no qual uma real pisada na bola pode resultar na queda de um jogador e, consequentemente, na liberação da bola para um oponente. Da mesma maneira que para um falante de inglês americano o uso da expressão *drop the ball* remete a jogos como beisebol e futebol americano, um falante de português brasileiro é capaz de identificar na expressão *pisar na bola* uma série de informações gerais sobre o esporte bem como sobre sua importância no Brasil. Esse tipo de conhecimento é o conhecimento enciclopédico que temos, do qual faz parte também o nosso conhecimento tipicamente linguístico, isto é, dicionarista (EVANS; GREEN, 2006).

Essa visão enciclopédica do significado linguístico somente pode ser concebida se aceitarmos o fato de que a língua sofrerá mudanças a partir de alterações nos modos de vida de seus usuários, pois como dissemos nas seções anteriores, sendo perspectivizado, dinâmico, flexível e enciclopédico, o significado depende do uso que fazemos da língua.

[27] Disponível em: http://altamiroborges.blogspot.com.br/2013/08/miriam-leitao-admite-que-pisou-na-bola.html> Acesso em: 25 Set. 2013.

[28] Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/08/jornais-britanicos-concordam-que-governo-pisou-na-bola-diz-kovalick.html > Acesso em: 25 Set. 2013.

[29] Disponível em: http://esportes.terra.com.br/palmeiras/brunoro-defende-bruno-e-um-garoto-exemplar-e-nunca-pisou-na-bola,639b49210b8ae310VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html> Acesso em: 25 Set. 2013.

O uso linguístico, por sua vez, é o último dos principais elementos definidores da visão de significado, assim como visto pela Linguística Cognitiva, que discutiremos na próxima seção.

2.2.4 O significado é baseado no uso e na experiência

Segundo Geeraerts (2006), o estudo da língua na linguística moderna, isto é, após a publicação do *Curso de Linguística Geral* de Saussure, gerou uma série de dicotomias que mudaram o modo como os estudos linguísticos viam a língua. Entre as principais, a dicotomia saussuriana da *língua* e da *fala* (*langue* e *parole*) determinou o objeto de estudos daqueles que se ocupavam da análise da língua de um ponto de vista sistemático e científico, ou seja, o objeto de estudos por excelência passou a ser a *língua* (*langue*). À *fala* foi conferido o *status* de epifenômeno, pois embora fizesse parte da linguagem como um todo, não se acreditava que esse aspecto da linguagem tivesse qualquer relação, a não ser a própria oposição, com o sistema da *língua*.

Embora essa visão de linguagem ainda perdure em alguns contextos, os últimos vinte ou trinta anos presenciaram uma revolução nos estudos linguísticos, entre os quais destacamos os estudos cognitivos e os da Linguística de *Corpus*. Essas abordagens teóricas trouxeram a *fala* de volta para a pauta dos estudos da linguagem e mostraram que a tradicional ideia de que a *parole* era irrelevante para o estudo do sistema linguístico não se sustentava por completo (TEUBERT, 2009).

Como apresentamos muito brevemente na Introdução deste trabalho, as abordagens cognitivistas da linguagem, sobretudo a teoria da Gramática Cognitiva de Langacker (1987, 2013), vê o uso linguístico como um fator determinante na constituição do significado das unidades básicas da língua, ou seja, as chamadas *unidades simbólicas*. Segundo Langacker, as unidades simbólicas são expressões formadas a partir de uma relação entre dois polos, a saber um polo fonológico e um semântico. Esses símbolos, no entanto, podem variar sob três parâmetros básicos, isto é, quanto ao nível de: 1) complexidade simbólica; 2) esquematização; e 3) convencionalização.

A complexidade refere-se à propriedade das línguas de formar unidades simbólicas cada vez mais complexas a partir de outros símbolos. Langacker (2013, p. 21)

demonstra essa propriedade através do contínuo e progressivo processo de complexidade pelo qual, por exemplo, passa a sequência a seguir: *sharp* < *sharpen* < *sharpener* < *pencil sharpener* < *electric pencil sharpener*. Essa sequência demonstra claramente como a unidade simbólica *electric pencil sharpener* é mais complexa em relação às demais, pelo simples fato de ser formada por outras unidades.

A esquematização, por sua vez, refere-se aos diferentes níveis de especificidade que uma unidade pode ter em relação a outra, como podemos ver na Figura 1 abaixo.

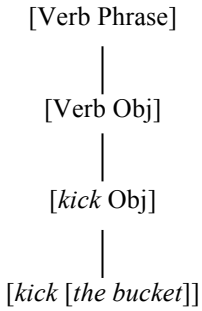


Figura 1 – Níveis de esquematização de construções (CROFT; CRUSE, 2004, p. 263)

A figura acima deve ser lida com relação aos diferentes níveis de esquematização que cada uma das unidades demonstra. No topo da figura, vemos uma unidade simbólica tipicamente gramatical e, portanto, completamente esquemática. Isto é, não há qualquer nível de especificidade quanto ao tipo de SV a que se refere esse símbolo. Desse forma, não sabemos se o SV da figura se refere a uma construção transitiva, intransitiva, bitransitiva etc.

No segundo nível, já temos definido o número e as relações gramaticais que desempenham os elementos que compõem essa unidade simbólica, isto é, trata-se de uma construção transitiva. Já no terceiro nível, temos a especificação do verbo que preenche a lacuna do predicado, ou seja, esse nível já é parcialmente instanciado por um item lexical específico. Por fim, no quarto e último nível, temos a expressão completamente preenchida por itens lexicais, especificando assim, a expressão como ela ocorre na língua.

O último dos parâmetros apontados por Langacker, a convencionalização, indica o nível de reconhecimento de dada unidade simbólica por parte dos falantes. No entanto,

esse nível de reconhecimento é processual, haja vista a existência do sufixo {-ção} no termo, o que implica que a convencionalização é um processo pelo qual os itens da língua passam para adquirir *status* de unidade e para, então, se tornarem convencionais em uma comunidade de fala (LANGACKER, 2013). Sendo assim, a convencionalização é antes de mais nada um processo sociolinguístico, uma vez que para ser caracterizada como unidade convencional ou não uma expressão deve ter o seu uso consagrado por um grupo de falantes[30].

Embora o estado de unidade convencional seja definido no âmbito da comunicação e interação entre falantes em uma comunidade, o processo de convencionalização é, em parte, também cognitivo, pois uma unidade somente alcançará o *status* de convencional se antes passar por um processo de *fixação* (*entrenchment*) no sistema cognitivo de falantes específicos.

Esses dois processos, isto é, a *fixação* (particular e cognitiva) e a *convencionalização* (comunitária e social), indicam a importância que o uso da língua tem na constituição do significado linguístico. Portanto, no modelo de significado adotado pela Linguística Cognitiva, a *parole*, que se refere ao uso que fazemos da língua em interação para nos comunicarmos com outros indivíduos, desempenha um papel fundamental na comunicação humana, na medida em que ela serve de subsídio para fenômenos pertencentes ao sistema da *langue*, motivando e promovendo mudanças inevitáveis nesse sistema.

Apresentamos resumidamente acima, com base em Geeraerts (2006) e Langacker (2013), as principais características da visão de significado linguístico adotada pela Linguística Cognitiva. Essas premissas são suficientemente esclarecedoras no que tange ao posicionamento epistemológico dessa teoria em relação a outras áreas dos estudos da linguagem. Em outras palavras, o modelo teórico adotado pela Linguística Cognitiva diferencia-se radicalmente de modelos formais como a semântica referencial ou a gramática gerativa e, consequentemente, se aproxima das teorias linguísticas

[30] Fillmore (1979) aponta para a importância que as unidades convencionais têm na competência e fluência dos falantes, ao caracterizar o que ele chama de falante/ouvinte ingênuo (*innocent speaker/hearer*). Segundo Fillmore, o falante/ouvinte ingênuo define-se como o usuário da língua que é capaz de se comunicar em diversas situações fazendo uso de seu conhecimento tipicamente gramatical, mas cujo discurso é lento, chato e pedante (p. 64). Isso se deve, segundo o linguista, ao fato de que o falante/ouvinte ingênuo desconhece as unidades convencionais da língua (colocações, expressões idiomáticas, padrões gramaticais), de maneira que toda e qualquer sentença utilizada e/ou interpretada por ele se vale de operações linguísticas analíticas e composicionais; e nada é importado diretamente de seu inventário de unidades simbólicas.

funcionalistas. Segundo Langacker (2013) e McEnery e Hardie (2012) a Linguística Cognitiva é uma abordagem funcionalista, pois

> [...] os funcionalistas investigam a forma da língua, mas a explicam com referência às funções às quais ela é submetida. A língua não é vista como um sistema abstrato e isolado, mas sim como um sistema que é *usado* para veicular significado, que é moldado pelas maneiras como é usado, pelos contextos em que ocorre e pela estrutura da cognição humana. (McENERY; HARDIE, 2012, p. 168)[31]

As palavras de McEnery e Hardie (2012) sumarizam as razões pelas quais a Linguística Cognitiva é classificada como uma abordagem funcional. Os autores também salientam que o foco no uso linguístico de estruturas, dado pelo modelo cognitivista, reforça a compatibilidade entre esse arcabouço teórico e a Linguística de *Corpus*, para a qual os significados das expressões linguísticas resultam do contexto de uso em que a expressão é empregada (SINCLAIR, 1991). Dessa maneira, a compatibilidade entre os estudos cognitivistas e a investigação da natureza do significado com base em dados linguísticos naturais corrobora a visão baseada no uso e isso distancia ainda mais essas duas abordagens das áreas formalistas da linguística, segundo as quais, as análises e explicações podem ser feitas única e tão somente, caso assim queira o pesquisador em questão, com base na intuição e introspecção.

Resumidamente, vemos que o modelo de linguagem sobre o qual se assenta esta pesquisa vê a língua como um reflexo de propriedades fundamentais e de traços do desenho da mente humana, ou seja, de padrões de conceitualização. Em outras palavras, nossa visão de linguagem adota a perspectiva de que:

> Um modelo de linguagem é um conjunto de princípios que objetiva capturar tudo o que conhecemos sobre este sistema cognitivo velado de uma maneira sistematizada, baseada em evidências empíricas e que seja psicologicamente plausível. (EVANS; GREEN, 2006, p. 17).[32]

[31] Original: "…functionalists investigate language form, but explain it with reference to the functions to which language is put. Language is not seen as an abstract, isolated system, but one that is *used* to communicate meaning, and which is shaped by the ways it is used, by the contexts in which it occurs and by the structure of human cognition."

[32] Original: "A model of language is a set of statements that is designed to capture everything we know about this hidden cognitive system in a way that is principled, based on empirical evidence and psychologically plausible."

No entanto, a adoção dessa visão não nos fornece todos os subsídios descritivos de que precisamos para responder as perguntas levantadas por esta pesquisa na Introdução desta dissertação. Para sermos capazes de fornecer uma explicação para os sentidos que *get* pode ter em diferentes contextos construcionais, isto é, para mapearmos o seu funcionamento no nível sentencial, fazendo referência aos sentidos licenciados e aos fraseologismos específicos que instanciam as diversas construções em que esse verbo pode ocorrer, faz-se necessária a adoção de uma abordagem de análise que descreva de forma sistemática as intersecções estruturais entre os níveis lexical e sintático das construções em que o verbo aparece. Entre as abordagens que compõem a família de teorias cognitivas, o referencial teórico que nos parece promover uma análise mais sistemática dessas estruturas linguísticas é a GCC (*Gramática de Construções Cognitiva*) (GOLDBERG, 1995, 2006, 2013).

Portanto, na próxima seção, faremos uma exposição dos principais fundamentos dessa teoria a fim de termos uma visão mais completa acerca das posições adotadas neste trabalho e mostrar como uma abordagem de intersecção entre a GCC e a Linguística de *Corpus* pode gerar explicações interessantes e empiricamente fundamentadas sobre o comportamento de *get* na cognição de falantes de língua inglesa.

2.3 As abordagens construcionais

A Gramática de Construções desenvolveu-se segundo a acepção de que fenômenos linguísticos considerados periféricos por abordagens formais, como é o caso das expressões idiomáticos, têm na verdade um papel central no conhecimento linguístico dos falantes e, como tal, são essenciais para o desenvolvimento de modelos de análise linguística que têm por objetivo descrever esse conhecimento. Embora o surgimento dessa nova perspectiva seja atribuída ao trabalho seminal de Fillmore, Kay e O'Connor (1988), antes dessa publicação, já havia linguistas cujos trabalhos apontavam para uma visão de língua segundo a qual o conhecimento linguístico se estruturava em construções. Entretanto, foi com a publicação de Fillmore et al. (1988) que os trabalhos construcionais ganharam força e passaram a ver na língua padrões construcionais recorrentes e produtivos.

Segundo a análise de Fillmore et al. (1988), a língua é composta de uma gama de expressões idiomáticas recorrentes que exibem comportamentos sistemáticos e que são mais centrais e produtivas do que sugerem alguns modelos. A tipologia apresentada pelos autores é sumarizada na Tabela 3 abaixo.

Tabela 3 – Tipologia de Expressões Idiomáticas segundo Fillmore et al. (1988)

Tipos	Características	Exemplo
Codificação	Expressões convencionais, porém semanticamente transparentes.	answer the door
Decodificação	Expressões convencionais de significado opaco.	pull a fast one
Gramaticais	Expressões convencionais que respeitam as regras sintáticas gerais da língua.	kick the bucket
Extragramaticais	Expressões convencionais que quebram as regras gerais da língua.	by and large
Substantivas	Expressões convencionais de estrutura fixa	It takes one to know one
Formais	Expressões convencionais com lacunas sintáticas para preenchimento lexical	blow X's nose
Com significado pragmático	Expressões convencionais situacionais utilizadas em contextos pragmáticos específicos	Have a nice day!

O conjunto de dados analisados em Fillmore et al. (1988) e reproduzido de maneira resumida acima inaugura o que Salomão (2002) intitula de a "virada construcional nos estudos da gramática". Fillmore, Kay e O'Connor propõem uma análise da construção comparativa em que dois eventos são coordenados pela conjunção "*let alone*", como nos exemplos abaixo (FILLMORE et al., 1988, p. 514).

(15) a. *Max won't eat* ***shrimp****, let alone* ***squid****.*
b. *Max won't* ***touch the shrimp****, let alone* ***clean the squid****.*

No entanto, a análise proposta demonstra que *let alone* não se comporta de maneira regular com relação a outras construções comparativas que contêm conjunções, como *and*, *but* ou *than*. Isto é, há uma série de peculiaridades em construções com essa

conjunção que demonstram uma semântica e uma sintaxe não previsíveis, como ocorre com as expressões idiomáticas prototípicas[33]. Sendo assim, construções comparativas com *let alone* não podem ser previstas a partir de regras gerais da língua, isto é, há propriedades analíticas que apontam para a existência de uma construção com *let alone* que se mostra independente das regras gramaticais gerais da língua inglesa, mas que nem por isso pode ser classificada como assistemática.

Uma análise similar a essa é feita por George Lakoff para construções com o expletivo *there*. Segundo Lakoff (1987), as várias construções com o expletivo *there* são *instanciações* de uma *construção central e prototípica* que se relaciona com essas subconstruções de forma radial por meio de *redes construcionais* motivadas por projeções conceptuais de natureza tipicamente figurativa (SALOMÃO, 2002, p. 67). Portanto, Lakoff (1987) relaciona as seguintes construções com a construção dêitica com *there*, que resumimos abaixo:

Tabela 4 – Construção dêitica com *there* (LAKOFF, 1987 p. 482-483)

Construção central	*There's Harry with the red jacket on.*
Perceptual	*There goes the bell now!*
Discursiva	*There's a nice point to bring up in class.*
Existencial	*There goes our last hope.*
Atividade	*There goes Harry, meditating again.*
Entrega	*There's your pizza, piping hot!*
Modelo ideal[34]	*Now there was a real ballplayer!*
Exasperação	*There goes Harry again, making a fool of himself.*
Foco Narrativo	*There I was in the middle of the jungle…*
Apresentativa	*There on that hill will be built by the alumni of this university a ping-pong facility second to none.*

A hipótese de uma construção prototípica e central à qual se ligam outras construções mais específicas por meio de redes construcionais, assim como proposto por

[33] De acordo com Fillmore et al. (1988), embora possa ser classificada como uma conjunção coordenativa, *let alone* diferencia-se de outras conjunções em seu comportamento linguístico. A expressão é diferente de *than,* por exemplo, por não aceitar elipse de SV (apagamento do SV com o verbo auxiliar mantido):

i. *Max will eat shrimp more willingly than Minnie will.*
ii. **Max won't eat shrimp let alone Minnie will.*

Essa é somente uma das características que diferenciam *let alone* de outras conjunções. No entanto, uma discussão aprofundada das demais características vai além do escopo deste trabalho. Portanto, para uma análise completa dessa construção vide Fillmore et al. (1988) ou Croft e Cruse (2004, p. 237-240).

[34] Usamos *modelo ideal* como uma tradução de *paragon*, assim como apresentado em Ferrari (2011, p. 132).

Lakoff, oferece um modelo de análise que vê a construção como a unidade linguística por excelência.

Assim como brevemente exposto acima, a ideia de construções gramaticais que se originam a partir de uma construção semelhante, porém mais prototípica, é significativamente contrária à ideia de regras gramaticais gerais que se aplicam às sentenças da língua de maneira transformacional. Além disso, no que se refere ao processamento das unidades construcionais na gramática mental dos falantes, segundo a visão da Gramática de Construções, fica-nos evidente a dificuldade de diálogo que uma teoria cognitiva como essa teria com um modelo componencial e formalista, de acordo com o qual a língua é processada de maneira modular. Isso se deve ao fato de que, de acordo com a acepção de Construção[35] que se desenvolveu a partir dos trabalhos já citados aqui (FILLMORE et al., 1988; LAKOFF, 1987), Construções contêm propriedades próprias tanto de ordem semântica quanto sintática e fonológica, uma vez que são caracterizadas como um pareamento entre forma e função.

É com base nessa ideia, de que Construções são estruturas organizadas semanticamente que mantêm relações radiais com outras Construções, que Goldberg (1995, 2006) propõe uma abordagem que tem por objetivo geral descrever estruturas da língua em que todas as lacunas sintáticas são lexicalmente abertas, isto é, as chamadas construções argumentais, ou segundo a tipologia de expressões idiomáticas de Fillmore et al. (1988), as chamadas *expressões idiomáticas formais*. Como veremos adiante, a ideia de Goldberg é que a análise por Construções não se aplica unicamente aos casos tipicamente idiomáticos da língua, podendo também ser utilizada na descrição de sentenças puramente composicionais. Essa possibilidade de análise é garantida pela natureza bidimensional das Construções, que são, como já dissemos, um pareamento entre forma e função. Sendo assim, Goldberg mostra que sentenças argumentais também dispõem de um significado gramatical abstrato que independe dos itens lexicais que as preenchem, como mostraremos na seção seguinte.

[35] Utilizamos *Construções* com inicial maiúscula para nos referirmos à ideia de construções segundo a acepção que tem o termo na Gramatica de Construções. Sendo assim, *construções* com inicial minúscula deve ser entendida como um termo alternativo para *estrutura* ou *expressão gramatical*, ao passo que *Construção* com maiúscula refere-se ao termo que, segundo Langacker (2013), é chamado de *unidades simbólicas*.

2.4 Gramática de Construções Cognitiva

A GCC (Gramática de Construções Cognitiva), como tem sido chamada essa teoria desde a publicação de *Constructions at Work* (GOLDBERG, 2006), também se baseia na premissa de que a língua é composta por símbolos linguísticos formados a partir de um pareamento entre forma e função. No entanto, os estudos realizados sob o arcabouço da GCC dispõem de uma posição própria dentro dos estudos construcionais por se diferenciarem em alguns aspectos da proposta de Fillmore et al. (1988). Na GCC a análise construcional foi levada para além das análises de estruturas tipicamente 'irregulares' e idiomáticas e passou para o estudo das estruturas mais canônicas da língua, como as construções envolvendo *estruturas argumentais*, ou seja, construções cujas estruturas já eram relativamente bem descritas e para as quais os principais arcabouços teóricos, incluindo aqueles tipicamente formalistas, já contavam com explicações satisfatórias.

O diferencial descritivo da GCC em relação à proposta de Fillmore, por um lado, e das abordagens formalistas por outro lado, reside no fato de que as análises então 'disponíveis no mercado' não eram capazes de explicar, com base nos mesmos pressupostos e formalizações teóricas, tanto as estruturas tipicamente idiomáticas quanto as construções regulares da língua[36]. É nessa vertente que a GCC se mostra uma abordagem teórica de maior poder descritivo, pois ela abarca, sob um mesmo viés teórico, fenômenos linguísticos que na sua superficialidade se comportam de maneiras distintas, como expressões idiomáticas e irregulares de um lado e construções tipicamente composicionais e regulares do outro.

O potencial descritivo da GCC é, em parte, possibilitado por conta da unidade tomada por ela como seu principal construto teórico, isto é, a *Construção*. Para Goldberg

[36] Não queremos com isso dizer que as diferenças entre a GCC e outros modelos teóricos, tanto construcionais como formais, se restringem ao poder descritivo daquela em comparação a estas. Há vários aspectos de cunho epistemológico que diferenciam a abordagem de Goldberg de outras correntes teóricas. Evans e Green (2006), por exemplo, apontam para a existência de pressupostos formais, como a busca por generalizações universais e a ausência de uma visão de língua baseada no uso, na *Berkeley Construction Grammar*, corrente construcional que engloba os estudos mais recentes de Charles Fillmore e Paul Kay (KAY; FILLMORE, 1999; FILLMORE, 2013). Essas características formais, no entanto, não estão presentes na base teórica da GCC, que se caracteriza por ser uma abordagem funcionalista (BOAS, 2013; EVANS; GREEN, 2006; McENERY; HARDIE, 2012).

(2006), portanto, um símbolo linguisticamente convencionalizado é uma Construção e é definida da seguinte maneira:

> Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção, desde que algum aspecto de sua forma ou função não possa ser diretamente previsível a partir de suas partes ou de outras construções reconhecidamente existentes. Além disso, padrões são armazenados como construções mesmo que eles sejam completamente previsíveis, mas desde que eles ocorram de maneira suficientemente frequente. (GOLDBERG, 2006, p. 5, grifo nosso)[37]

A definição proposta por Goldberg acima é na verdade uma versão mais completa da definição clássica de Construções apresentada em Goldberg (1995). Dizemos que se trata de uma versão mais completa, pois essa inclui a significância que a frequência de uso tem na aceitação de expressões linguísticas como Construções. Como a linguista deixa claro em sua definição, padrões linguísticos previsíveis passam a ser considerados Construções desde que demonstrem uma frequência alta no discurso dos falantes de determinada comunidade de fala, isto é, desde que as expressões tenham alcançado um alto grau de *fixação* cognitiva e, consequentemente, de convencionalização em um grupo de falantes. A inclusão de uma referência explícita à frequência de uso na definição proposta por Goldberg reflete a natureza cognitiva da abordagem e enfatiza que os fundamentos da teoria encontram respaldo no uso linguístico. Nas palavras de Croft e Cruse (2004, p. 278):

> Goldberg, seguindo Langacker (1987, capítulo 10) e outros linguistas cognitivos, advoga por um **modelo baseado no uso**, no qual padrões de uso linguístico são tomados como evidência para a representação independente de informação gramatical. (CROFT; CRUSE, p. 278)[38]

[37] Original: "Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency."

[38] Original: "Goldberg, following Langacker (1987, chapter 10) and other cognitive linguists, advocates a **usage-based model**, in which patterns of language use are taken as evidence for the independent representation of grammatical information."

As características levantadas acima aproximam a GCC de Goldberg da Gramática Cognitiva de Langacker; no entanto, há aspectos sobre os quais as duas abordagens divergem. Segundo Evans e Green (2006), o principal distanciamento entre as duas visões se dá na própria definição de Construções para Goldberg e de unidades simbólicas para Langacker. Ao passo que para Langacker as unidades simbólicas, como Langacker nomeia as Construções, são unidades estruturalmente complexas, para Goldberg quaisquer unidades, sejam elas complexas ou não, serão Construções desde que haja uma relação arbitrária[39] entre a forma e a função dessa Construção.

Dessa maneira, discussões acerca de elementos linguísticos frequentes receberem ou não o *status* de Construção não estão na pauta da agenda de pesquisa da GCC, uma vez que estruturas de naturezas diversas podem ser agrupadas sob o título de Construções, desde que elas satisfaçam as condições necessárias para isso, ou seja, desde que sejam um pareamento arbitrário entre forma e função. A título de exemplificação, Goldberg (2006, p. 5) fornece os seguintes exemplos de Construções da língua inglesa.

Tabela 5 – Exemplos de Construções com variação de extensão e complexidade (GOLDBERG, 2006, p. 5)

Construção	Exemplo
Morfema	pre-, -ing
Palavra	avocado, anaconda, and
Palavra complexa	daredevil, shoo-in
Palavra Complexa (parcialmente preenchida)	[N-s] (para plurais regulares)
Expressão Idiomática (preenchida)	going great guns, give the Devil his due
Expressão Idiomática (parcialmente preenchida)	jog <someone's> memory, send <someone> to the cleaners
Condição Covariacional	The X-er the Y-er (the more you think about it, the less you understand)
Bitransitiva (objeto duplo)	Subj V Obj_1 Obj_2 (he gave her a fish taco; he baked her a muffin)
Passiva	Subj aux VPpp (PP by) (the armadillo was hit by a car)

[39] De acordo com a definição de Construção utilizada nesta pesquisa (GOLDBERG, 2006), estruturas previsíveis também poderão ser armazenadas como Construções. No entanto, as noções de *previsibilidade* e *arbitrariedade* são mutualmente excludentes. Isto é, uma Construção previsível não pode ser formada a partir de uma relação arbitrária entre sua forma e sua função. A explicação da GCC para os casos de Construções previsíveis é a de que o padrão somente será armazenado como uma Construção caso ocorra de maneira suficientemente frequente no discurso. Em outras palavras, um padrão previsível será uma Construção desde que ele seja convencional (LANGACKER, 2013).

Para Goldberg, portanto, há uma clara distinção relativa ao grau de complexidade gramatical que permeia uma Construção em comparação a outras; no entanto, todas as unidades/estruturas acima são casos de Construções linguísticas. Com relação à complexidade da estrutura podemos, portanto, afirmar que um morfema é menos complexo, em termos estruturais, do que uma palavra, que por sua vez é menos complexa do que um sintagma e assim sucessivamente. Em outras palavras, uma sentença como *he baked her a muffin,* que exemplifica um caso de Construção bitransitiva com objeto duplo, é considerada mais complexa do que um morfema, pois embora ambas as Construções tenham tanto uma forma quanto uma função, somente a Construção bitransitiva está associada a uma semântica abstrata que reflete cenas da experiência humana, que nesse caso é uma TRANSFERÊNCIA (GOLDBERG, 1995).

Para os casos oracionais, portanto, a ideia central de Goldberg é que Construções são na realidade reflexos de cenas básicas da experiência humana, como *alguém causando o recebimento de algo por alguém*, *alguém causando o movimento ou mudança de estado de alguém*, *algo movendo* etc. Nas mais variadas línguas essas cenas básicas são codificadas sintaticamente de formas diferentes, o que expressa que as mesmas estruturas semânticas podem se realizar de maneiras distintas. Goldberg endossa essa visão de língua, apoiada em dados de aquisição de linguagem que apontam para o fato de que as primeiras produções da criança estão geralmente restritas a um conjunto de significados básicos como agentividade, ação, localização, posse, existência etc. (GOLDBERG, 1995). Portanto, de acordo com essa ideia, crianças adquirindo a estrutura sintática de uma língua estão, na realidade, associando formas gramaticais específicas de sua língua, com base no *input* linguístico ao qual elas têm acesso, a eventos e cenários básicos da sua experiência (DIESSEL, 2013; TOMASELLO, 2003).

Pelo acima exposto, concluímos que a GCC trabalha sob a hipótese de que a língua é composta por um inventário estruturado e sistemático de Construções gramaticais que refletem cenas básicas da experiência humana. Essas cenas são codificadas gramaticalmente através de Construções linguísticas dotadas de um significado abstrato próprio que independe dos itens lexicais que as preenchem, como ocorre com as Construções de estruturas argumentais. Pensando por essa perspectiva e, retomando o fato de que para Goldberg (1995, 2006) Construções podem ser unidades linguísticas mais ou menos complexas em termos estruturais, nos fazemos a seguinte pergunta: qual é a visão de significado linguístico adotada pela GCC para os casos menos

complexos que as Construções sentenciais, como as palavras? A visão de significado adotada pela GCC é compatível com a visão semântica mais geral da Linguística Cognitiva, assim como exposto no item 2.2 deste capítulo? Na próxima seção traremos a resposta da GCC para essas perguntas.

2.4.1 A natureza do significado na Gramática de Construções Cognitiva

Segundo Boas (2013), as Construções na GCC não se diferenciam somente com relação ao seu tamanho e nível de complexidade. As Construções também se distinguem com base no tipo de significado que elas veiculam. Por exemplo, palavras de conteúdo, em oposição a palavras funcionais como preposições, artigos etc., são Construções altamente específicas e semanticamente ricas, pois elas codificam informações significativamente precisas sobre os falantes que as utilizam, como vimos na seção 2.2.3 com a visão enciclopédica do significado linguístico. Portanto, para o caso de palavras de conteúdo, a GCC faz uso da *Semântica de Frames*[40] (FILLMORE, 1982, 1985; PETRUCK, 1996) para a descrição e análise desses tipos de dados.

A Semântica de Frames contrapõe-se à ideia de traços semânticos primitivos associados à estrutura conceitual interna às palavras, pois vê na língua um reflexo das experiências humanas vividas pelos falantes que fazem uso efetivo da linguagem no seio da interação linguística, isto é, de acordo com a função comunicativa à qual se presta a linguagem humana. Segundo essa visão do significado linguístico, os itens lexicais da língua (verbos, substantivos, adjetivos, advérbios e preposições) envolvem significados semanticamente ricos e que são codificados em *frames semânticos*, ou seja, categorias ricas de conhecimento de mundo e cultural dos falantes que fazem uso desses itens lexicais (GOLDBERG, 1995). A abordagem gira em torno da ideia de que o conhecimento pragmático dos falantes é suscitado pelo significado e pelo uso que fazemos das palavras em nossa língua. Isto é, cada *frame* semântico é um sistema

[40] Algumas das traduções encontradas para *frame* são 'enquadre' e 'moldura' (FERRARI, 2011, p. 58), no entanto, nesta dissertação mantemos a terminologia em inglês por essa ser amplamente reconhecida dessa maneira e pela ausência de um consenso terminológico para o termo em questão.

estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência (FERRARI, 2011).

Dessa maneira, para ter acesso à interpretação de um dado significado lexical o falante deve ter acesso às estruturas de conhecimento dessa palavra e associá-la a cenas de experiências vivenciadas. Em outras palavras, a teoria de *frames* semânticos se baseia na premissa de que "frames visam capturar porções úteis de conhecimento enciclopédico"[41] (GOLDBERG, 1995, p. 26).

Sendo assim, a diferença entre palavras sinônimas como *land* e *ground* (FILLMORE, 1982) encontra-se nos diferentes *frames* aos quais essas palavras pertencem. Isto é, embora ambas as palavras sejam usadas para denotar *solid ground*, *land* é usada em oposição a *sea*, ao passo que *ground* está em oposição à palavra *air*. Por conta dessas diferenças de *frames*, convencionalizou-se na língua o uso de expressões como *Land ahoy!*, interjeição usada para designar a palavra *terra*, quando vista do mar e *hit the ground*, que pressupõe algo que veio do céu e que caiu sobre a terra. Outro exemplo fornecido por Fillmore (1982) refere-se à diferença entre o uso que os falantes de inglês fazem das palavras *coast* e *shore*. *Coast* refere-se ao limite entre *land* e *sea* visto da perspectiva do continente. Portanto, uma viagem *from coast to coast* refere-se a uma jornada feita por terra. Já no caso de *shore*, a expressão denota o mesmo limite entre *land* e *sea*, entretanto, a perspectiva nesse caso é a do mar, ou seja, em uma viagem que ocorreu *from shore to shore* entendemos que o percurso foi realizado pela água.

Um terceiro exemplo amplamente citado é o já clássico *frame* de TRANSAÇÃO COMERCIAL de Fillmore (1982), que envolve o item lexical *buy*, por exemplo. Como dissemos anteriormente, *frames* evocam cenas vivenciadas por falantes no uso efetivo que fazem da linguagem no âmbito da interação com outros indivíduos. No *frame* de TRANSAÇÃO COMERCIAL em que temos o verbo *buy*, o conhecimento enciclopédico que temos desse verbo evoca um número de atributos que estão associados a esse item lexical e que são participantes da cena protagonizada por essa expressão linguística. Isto é, especificamente no caso de verbos, o *frame* evoca uma série de *papéis participantes* (*participant roles*) que são vistos como entidades responsáveis pela execução da cena. Entre esses atores, destacam-se, no caso de *buy*, a figura de um *comprador*, de um *vendedor*, dos *produtos* e do *dinheiro*.

[41] Original: "Frames are intended to capture useful chunks of encyclopedic knowledge."

Desse modo, na interpretação de verbos, sob a ótica da semântica de *frames*, os papéis participantes são os actantes semânticos especificados pelo predicado verbal. A identificação dos papéis participantes é de fundamental importância para a semântica de *frames*, pois ela explica em parte o significado do item lexical que nucleia dado *frame,* além de fornecer informações importantes sobre os modos de vida e crenças culturais de falantes específicos de dada comunidade de fala, como discutido na seção 2.2.3 por meio das expressões idiomáticas na área de esportes. No entanto, Goldberg ressalta, com base em Fillmore (1982), que os papéis participantes, como a figura de um *comprador* e de um *objeto comprado* para o caso do predicado *comprar*, estão diretamente ligados à semântica específica do verbo e não à semântica das Construções em que *comprar* pode ocorrer, pois apesar de os *papéis participantes* serem vistos como instâncias de *papéis argumentais* mais gerais (na grande maioria das vezes um *comprador* é também um *agente*), estes são realizações mais abstratas que são associadas e designadas pelas Construções, ao passo que aqueles são actantes evocados por um item lexical específico.

A identificação de papéis participantes não só contribui para o entendimento que temos de dado item lexical, como discutimos acima, mas também é de fundamental importância na distinção do conceito de palavras aparentemente sinônimas, uma vez que diferentes participantes podem ser *salientados* (*profiled*) dentro de um *frame*. Um papel participante salientado serve como ponto de foco dentro da cena representada pelo *frame*, tendo assim maior proeminência ou saliência dentro da estrutura (FILLMORE, 1977; LANGACKER, 2013). A focalização de diferentes participantes pertencentes a um mesmo *frame* poderia explicar, em parte, a diferença de significado de verbos como *loan*/*borrow*, *buy*/*sell* e *give*/*take*, sendo que para os primeiros verbos de cada um dos pares o *agente*[42] é o elemento salientado, ao passo que no segundo verbo de cada par o *receptor* é que recebe o foco dentro do *frame*.

Um caso semelhante ao dos pares de verbos acima é usado por Goldberg para exemplificar como papéis participantes específicos de um verbo podem ser salientados. É o caso de *rob* e *steal* que, embora pertençam ao mesmo *frame* semântico, demonstram diferenças de significado que, segundo a autora, estão atreladas a diferentes participantes salientados no *frame*. Em primeiro lugar, ao pensarmos nos possíveis papéis participantes

[42] Nesse momento utilizamos o termo "agente" de maneira a generalizar os papéis participantes específicos de cada um dos verbos. Dessa forma, o termo utilizado para esses casos não tem estatuto teórico, como acontece quando designamos os papéis argumentais das Construções.

que poderíamos ter para esses dois verbos, chegaríamos ao número de três participantes, isto é, X *rouba* Y *de* Z para ambos os casos. Portanto, a diferença no uso desses verbos estaria restrita aos participantes focalizados, como vemos abaixo.

rob <**ladrão** **alvo** bens>
steal <**ladrão** alvo **bens**>

Figura 2 – Focalização de papéis participantes em *rob* e *steal* (GOLDBERG, 1995)

Os elementos em negrito nas descrições acima se referem aos participantes focalizados pelo verbo. Desse forma, vemos que *rob* salienta o *ladrão* e o *alvo* da ação denotado pelo verbo, ao passo que *steal* salienta o *ladrão* e os *bens* roubados. Essa diferença pode ser evidenciada em sentenças com os dois verbos em uso. Vejamos alguns dados retiradas do COCA.

(16) a. *One of two males attempted to **rob** a female of her property…* [2012/NEWS]
b. *Two males beat a man in an attempt to **rob** him until a witness intervened.* [2012/NEWS]
c. *The driver must have been very certain no one would **rob** him in his absence.* [1990/FIC]

(17) a. *You **steal** our coffee from your dad?* [2012/FIC]
b. *He'd been known to **steal** things, given the opportunity…* [2012/FIC]
c. *You must protect it against opportunistic hackers seeking to **steal** your data or hijack your Wi-R.* [2012/MAG]

As sentenças acima, usos reais dos verbos, corroboram a estrutura na Figura 2, pois no conjunto de sentenças em (16), todos os casos demonstram que os papéis salientados são o *ladrão* (*one of the two males, two males* e *no one* respectivamente) e o *alvo* (*a female*, *him* e *him* [= *the driver*]). Em (17), a mesma confirmação ocorre, pois com *steal* o *ladrão* também é salientado (*You*, *He* e *opportunistic hackers* respectivamente), no entanto, o segundo participante proeminente da cena são os *bens* roubados (*our coffee*, *things* e *your data*) e não o *alvo* da ação. Em (17a), por exemplo,

apesar de estar explícito, *your dad* é interpretado como a *fonte* de onde o bem foi roubado, o que é evidenciado pela presença da preposição *from* na oração. Embora (16a) e (17a) demonstrem casos em que participantes não salientados aparecem na cena, isto é, *bens* (= *her property*) com *rob* e *fonte* (= *from your dad*) com *steal*, é necessário apontar para o fato de que se salientarmos somente esses 'participantes coadjuvantes' na cena, as sentenças serão inaceitáveis, como mostra (18).

(18) a. **One of two males attempted to **rob** her property…*[43]
b. * *You **steal** your dad?*

À primeira vista, poderíamos dizer que a explicação da semântica de *frames* para casos como os de *rob* e *steal* não passa de uma estipulação semântica de algo que poderia ser feito na sintaxe, com a estipulação de que a posição de objeto dos dois verbos deve ser ocupada por um *alvo* no caso de *rob* e por um *tema* no caso de *steal.* No entanto, Goldberg chama atenção para o fato de que a análise proposta captura distinções de significação entre os verbos que uma estipulação puramente sintática não seria capaz de capturar. Em *rob* o segundo papel salientado, isto é, o *alvo* é claramente afetado negativamente pela ação denotada pelo verbo, ao passo que o mesmo não ocorre com *steal*, cujo significado aponta para o fato de que aquele que pratica a ação toma posse de um objeto que não lhe pertence. Entretanto, o significado de *steal* nada diz sobre esse dado *bem* pertencer ou não a alguém ou mesmo se um *alvo* é negativamente afetado pela ação de *steal.* Concluímos, portanto, que outra diferença na estrutura lexical desses verbos, que pode ser capturada por meio da focalização de papéis específicos dentro do *frame*, está no fato de que *rob* denota uma ação mais séria do que *steal*, do ponto de visto do afetado. Esse argumento pode ser reforçado por meio de algumas sentenças retiradas do COCA em que *steal* é utilizado de forma figurativa e de maneira relativamente positiva com relação ao participante afetado da ação.

[43] A inaceitabilidade da leitura de (18a) a que nos referimos se dá com a interpretação da palavra *property* como um objeto que pode ser furtado e, portanto, transportado pelo agente do furto. Podendo significar *propriedade imobiliária*, por exemplo, a colocação *rob a property* é perfeitamente aceitável. Teríamos um caso mais claro de inaceitabilidade, caso comutássemos *property* pelas palavras *rings* ou *necklace*, por exemplo, uma vez que **rob her rings/necklace* não são aceitáveis.

(19) a. *His male beauty was enough to **steal** her breath.* [2012/FIC]
b. *It is such a nice movie, and Richard Farnsworth will just **steal** your heart.* [1999/SPOK]

Vemos que no uso figurativo *steal somebody's breath* e *steal somebody's heart* podem ser interpretadas como expressões positivas em que se faz uso do verbo *steal*.

Embora as diferenças apontadas sejam resultantes de focalizações distintas dentro de um *frame*, é inegável admitirmos que essas diferenças de saliência são também responsáveis por realizações sintáticas distintas dos papéis participantes, uma vez que no nível construcional os papéis participantes devem fundir-se aos papéis argumentais das Construções, gerando assim as funções gramaticais da Construção. Isto é, juntos, o papel participante *robber* do item lexical *rob* e o papel argumental AGENTE de uma Construção transitiva, por exemplo, especificarão o *sujeito gramatical* da oração. Na próxima seção, focaremos como a GCC vê esse fenômeno da integração entre papéis participantes e argumentais e também discutirá, de maneira mais abrangente, como se dá a integração dos conceitos codificados pelos itens lexicais e o significado abstrato das Construções.

2.4.2 A integração entre verbos e Construções

Como vimos brevemente na seção 2.4.1, ao adotar uma visão de significado linguístico segundo a semântica de *frames*, a GCC aceita a ideia de que *frames* semânticos são compostos por diferentes entidades evocadas pela estrutura específica da cena representada pelo *frame*. No caso dos *frames* de verbos, por exemplo, certos elementos, ou papéis participantes, são focalizados ao passo que outros são omitidos, como vimos na discussão acerca das diferenças lexicais entre *rob* e *steal*. Esses papéis participantes, como dito anteriormente, são realizações específicas das unidades lexicais e não devem ser confundidos com papéis gramaticais abstratos ligados à função gramatical no nível das Construções. Desse modo, é imperativo distinguirmos os papéis participantes verbais dos papéis argumentais construcionais, uma vez que eles servem a propósitos

diferentes e estão condicionados a elementos distintos, como mostra a figura a seguir, que distingue papéis participantes e argumentais para o verbo *rob*.

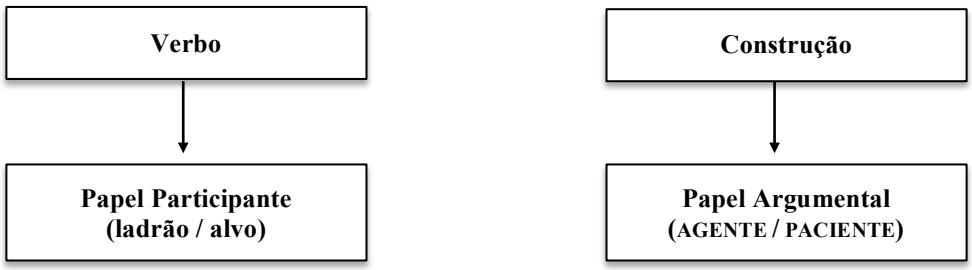


Figura 3 – Papéis participantes e papéis argumentais do verbo *rob*

Embora os papéis participantes *ladrão* e *alvo* sejam entidades possíveis dentro do *frame* do verbo *rob* sendo, portanto, específicos dessa cena, esses papéis podem, em um nível construcional, desempenhar funções relativas às estruturas semânticas e sintáticas das orações com o predicado *rob*. Isto é, os papéis participantes dos verbos podem ser vistos como *instanciações* lexicais particulares de *papéis argumentais* mais gerais, como AGENTE para o caso do *ladrão* e PACIENTE para o caso do *alvo*. Essa compatibilidade entre os papéis participantes e os papéis argumentais é uma parte fundamental da integração, ou *fusão*, como chama Goldberg (1995), entre verbos e Construções. Além disso, a fusão entre os papéis aqui citados é, em parte, possibilitada por princípios gerais cognitivos de categorização, uma vez que *ladrão* pode ser uma instância mais específica de AGENTE, assim como *alvo* pode ser uma instância de PACIENTE.

Assim como diferentes papéis participantes são salientados na estrutura interna dos *frames* aos quais eles pertencem, como vimos na seção anterior, o mesmo ocorre com os papéis argumentais, que também devem ser salientados no nível construcional. No entanto, para que um papel argumental seja salientado no nível construcional, esse terá de se associar a uma relação gramatical específica. Em outras palavras, no nível do *frame* somente os papéis participantes obrigatórios e determinados por um predicado serão salientados, como vimos na Figura 2 (cf. p. 37), ao passo que no nível da Construção, somente papéis argumentais ligados diretamente a relações gramaticais, como sujeitos e

objetos, serão salientados, como declara Goldberg: *"*Todo papel argumental ligado a uma relação gramatical direta (sujeito ou objeto) será construcionalmente salientado*."* (GOLDBERG, 1995, p. 48).[44]

Goldberg exemplifica essa fusão com uma análise do verbo *hand*. O *frame* semântico de *hand* evoca três participantes, isto é, um '*hander'*, um '*handee'* e um '*handed'*. Vemos com isso que esse verbo se adéqua de maneira uniforme às Construções bitransitivas, isto é, a semântica da classe de verbos à qual *hand* pertence (*verbos de envio*, segundo Levin (1993)), é convencionalmente associada à semântica da Construção bitransitiva, uma vez que a semântica dessa Construção também prevê a ocorrência de três papéis argumentais, como vemos abaixo:

Construção bitransitiva (X CAUSA Y A RECEBER Z)
CAUSAR / RECEBER < AGENTE RECIPIENTE PACIENTE >

Vejamos em algumas sentenças retiradas do COCA o comportamento construcional de *hand*.

(20) a. *He* ***handed*** *his papers to his secretary, a tall and jaundiced man named White.* [2012/FIC]
b. *When the session was over, she* ***handed*** *me her card, a slip of paper with the grammatically challenged message: "Come see Mrs. Angela".* [2012/NEWS]
c. *At almost the same time Chin Li* ***handed*** *her copy to an assistant.* [2012/FIC]

As três orações demonstram a realização dos três argumentos especificados pela Construção bitransitiva, isto é, um AGENTE (*he*, *she* e *Chin Li*), um RECIPIENTE (*his secretary, me* e *an assistant*) e um PACIENTE[45] (*his paper, her card* e *her copy*). Todas essas informações (papéis participantes, papéis argumentais, estrutura sintática e estrutura semântica) são agrupadas, no arcabouço da GCC, em matrizes que demonstram as relações entre a estrutura semântica (linha 1), lexical (linha 2) e sintática (linha 3) da

[44] Original: "Every argument role linked to a direct grammatical relation (SUBJ, OBJ, or OBJ_2) is constructionally profiled."
[45] O termo "paciente" está sendo usado aqui para designar um objeto que sofre a ação denotada pelo verbo de um modo geral, sem o detalhamento de algumas taxonomias (FILLMORE, 1968; JACKENDOFF, 1990) que discutem e especificam características como mudança de estado, deslocamento involuntário, etc.

Construção sob análise. Vejamos, na Figura 4, uma matriz que traz as especificações da Construção bitransitiva com o verbo *hand*.

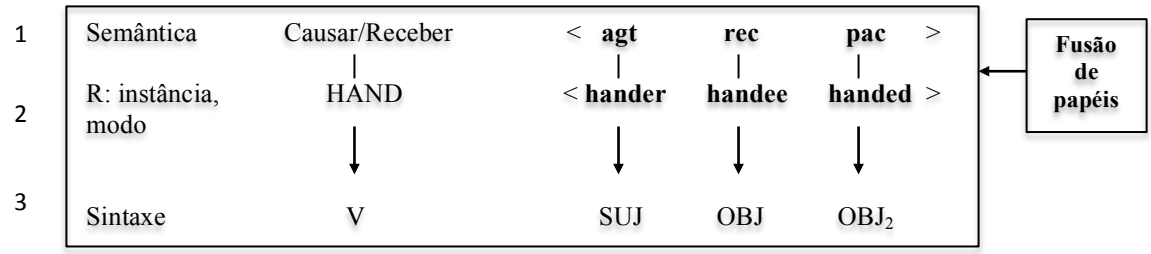


Figura 4 – Construção bitransitiva com *hand* (GOLDBERG, 1995, p. 51)

Na matriz acima, temos um exemplo dos aspectos linguísticos envolvidos na Construção bitransitiva da língua inglesa. Na parte superior, temos a estrutura semântica, onde se especifica a natureza do significado da Construção, ou seja, CAUSAR / RECEBER, uma cena de transferência básica à experiência humana. Na mesma camada, seguem-se os papéis argumentais (AGENTE, RECIPIENTE e PACIENTE) que determinam a função dos argumentais semânticos. Na área central da matriz, encontram-se os papéis participantes suscitados pelo predicado *hand*, ("*hander*", "*handee*" e "*handed*"), que através de uma *R(elação)* de instanciação, se associam aos papéis argumentais no processo chamado de *fusão*. O resultado da fusão entre os papéis argumentais da Construção e os papéis participantes do verbo refere-se ao *significado*, que é parte constituinte do pareamento entre forma e função requerido para que dada expressão seja considerada uma Construção. Por fim, a parte inferior da matriz traz as informações sintáticas da Construção especificando as funções gramaticais que correspondem às estruturas semânticas.

Na matriz, a fusão entre os papéis participantes do verbo e os argumentais da Construção se dá por meio de uma relação de um para um, isto é, todos os participantes do *frame* são instâncias particulares de papéis argumentais mais gerais. Essas relações de tipos e números de papéis participantes são governadas na GCC por dois princípios que têm por objetivo garantir a fusão dos papéis entre o nível lexical e o construcional. Esses princípios são, segundo Goldberg (1995, p. 50):

1. *O Princípio de Coerência Semântica:* somente papéis que são semanticamente compatíveis podem ser fundidos. Dois papéis p_1 e p_2 são semanticamente compatíveis se p_1 for uma instância de p_2. Na Figura 4, o papel participante "*hander*" do *frame* nucleado por *hand* pode fundir-se ao papel argumental AGENTE da Construção bitransitiva, pois o "*hander*" pode ser visto como uma instância particular de um AGENTE mais geral. Essas relações de compatibilidade entre papéis participantes e argumentais são determinadas por princípios gerais de categorização;

2. *O Princípio de Correspondência*: cada papel participante que é lexicalmente salientado (*profiled*) e expresso deve fundir-se com um papel argumental salientado da Construção. Se um verbo tiver três papéis participantes, um deles poderá fundir-se com um argumento não salientado na Construção. Isso pode ser exemplificado com o predicado *comprar* que subcategoriza pelo menos dois papéis participantes, o *comprador* e o *objeto comprado*, mas que pode ter um *recipiente* também, como em [$_{\mathbf{agt}}$*Ele* [*comprou* [$_{\mathbf{pac}}$*um presente* [$_{\mathbf{rec}}$*para a namorada*]]]].

Os dois princípios acima garantem que a fusão entre os participantes do *frame* do item lexical e os participantes da Construção aconteça de maneira estruturada. Ademais, uma abordagem que defende a existência de um fenômeno de integração entre léxico e gramática, como é a GCC, é vantajosa tanto em termos descritivos quanto explanatórios, pois desse modo novos sentidos lexicais não precisam ser postulados a cada contexto de uso de um item lexical, uma vez que a Construção também é composta de semântica própria. Entretanto, Goldberg (1995, 2006) mostra, com base no trabalho de Lakoff (1987), que as Construções também exibem um comportamento tipicamente polissêmico e, como tal, se relacionam com outras Construções por meio de redes construcionais. Esse aspecto do modelo adotado é o que discutiremos na seção que se segue.

2.4.3 Relações entre Construções

Já podemos ver por meio do construto teórico adotado e pelos exemplos fornecidos que a distinção entre léxico e sintaxe se quebra no paradigma da GCC, pois o modelo assume uma visão segundo a qual não há fronteiras bem delimitadas entre as duas esferas da língua, mas sim um *contínuo* entre áreas. Outra evidência da inexistência de fronteiras limítrofes entre as duas áreas é fornecida por Goldberg (1995) por meio de exemplos de verbos utilizados em contextos de inovação, isto é, verbos cuja realização sentencial destoa da estrutura argumental considerada convencional e prototípica, como no exemplo (21) abaixo.

(21) *Sam sneezed the napkin off the table*.

(GOLDBERG, 1995, p. 55)

O significado prototípico de *sneeze*, isto é, *v* [I] *to send air out from the nose and mouth explosively, in a way that you cannot control*[46], classifica o verbo como intransitivo e essa informação é inclusive trazida na própria entrada do dicionário, que fornece ao consulente a estrutura argumental do verbo ([I(ntransitivo])[47]. Porém, como podemos ver, (21) exibe um uso que 'desrespeita' a estrutura argumental prototípica e dicionarizada e, ainda assim, se mantém como uma sentença aceitável.

Goldberg (1995) usa exemplos como esse para reforçar a hipótese de um significado que não se encontra somente na semântica do item lexical, isto é, do verbo, mas sim na combinação entre a estrutura lexical do verbo e a estrutura semântica que o acomoda, ou seja, na Construção instanciada pelo verbo. Segundo a linguista, nossa capacidade de interpretar sentenças como (21) é oriunda do conhecimento lexical que temos desse item, isto é, do conceito enciclopédico já mencionado, que somado à semântica de uma Construção, que neste caso é a de movimento causado (do inglês *Caused Motion*) – *Sub V Obj Obl* (GOLDBERG, 1995, p.3) – gera as condições necessárias para a aceitabilidade e, consequentemente, para a interpretação dessa sentença. Essa hipótese, além de capturar satisfatoriamente os aspectos sintaticamente

[46] *Cambridge International Dictionary of English*: Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
[47] Se pensarmos no *frame* de *sneeze*, podemos aventar a possibilidade de um único participante, isto é, o *sneezer*.

relevantes do significado verbal (PINKER, 1989[48] apud GOLDBERG, 1995), também se mostra mais econômica e elegante em termos epistemológicos, uma vez que restringe a proliferação de diferentes representações lexicais de um mesmo item. Em outras palavras, esse modelo poupa-nos o trabalho de hipotetizar um sentido e uma estrutura argumental diferentes para cada um dos usos que fazemos de um mesmo item lexical.

Dessa maneira Goldberg propõe um tratamento construcional, similar ao apresentado na Figura 4 acima, para outros casos de estruturas argumentais, como podemos ver na Tabela 6 abaixo:

Tabela 6 – Construções Argumentais (GOLDBERG, 1995, p. 3)

Construção	Representação Semântica	Estrutura Sintática
Bitransitiva	X CAUSA Y A RECEBER Z	Suj V Obj Obj_2 *Pat faxed Bill the letter*
Movimento Causado	X CAUSA Y A MOVER para/sobre Z	Suj V Obj Obl *Pat sneezed the napkin off the table*
Resultativa	X CAUSA Y A SE TORNAR Z	Suj V Obj Xcomp *She kissed him unconscious*
Movimento Intransitivo	X MOVE para Y	Suj V Obl *The fly buzzed into the room*

À primeira vista, podemos erroneamente pensar que a explicação construcional das estruturas argumentais propõe uma simples tipologia de Construções da língua que, ao serem listadas, representariam a gramática subjacente à cognição de um falante. No entanto, a proposta de Goldberg adota uma visão segundo a qual "construções formam uma rede e são ligadas por relações de herança que motivam muitas das propriedades de construções particulares" (GOLDBERG, 1995, 67)[49]. Dessa maneira, essa rede de relações de herança possibilita uma série de generalizações entre Construções e permite também que haja espaço na teoria para 'irregularidades' e exceções. As principais relações de herança entre Construções são três[50]: *os laços polissêmicos, os laços de*

[48] Pinker, S. (1989) *Learnability and Cognition: The Acquisition of Argument Structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

[49] Original: "…constructions form a network and are linked by inheritance relations which motivate many of the properties of particular constructions."

[50] Originalmente, Goldberg discute quatro tipos de relações de herança, isto é, *os laços polissêmicos* (*polysemy links*), *laços de extensão metafórica* (*metaphorical extension links*), *laços de instanciação* (*instance links*) e *laços de subpartes* (*subpart links*); no entanto, os casos que ilustram laços de instanciação

instanciação e os laços metafóricos [51]. Vejamos brevemente alguns exemplos dessas relações.

Laços Polissêmicos (H_p)[52]

Como brevemente descrito na Tabela 4 (cf. p. 28), Lakoff (1987) propõe uma análise para a Construção com o expletivo *there* que conta com uma leitura central dêitica com a qual outras subconstruções se relacionam de maneira radial sendo motivadas por projeções conceituais de natureza figurativa. Inspirado nessa análise, o modelo da relação de herança por laços polissêmicos captura as relações semânticas entre o sentido central de uma Construção e quaisquer extensões que partem desse sentido. No que se refere à estrutura sintática das Construções que herdam esse sentido, não há necessidade de uma postulação específica para cada extensão, pois essa herdará de sua *Construção dominante* a sua forma sintática. Goldberg (1995, p. 76) fornece como exemplo dessa relação o caso da Construção de Movimento Causado que, segundo a autora, está associada a uma família de sentidos relacionados, como demonstra o seguinte padrão polissêmico:

(22) X CAUSA Y A MOVER para/sobre Z (sentido central)
Exemplo: *Pat pushed the piano into the room.*
(23) Condições de satisfação pressupõem que X CAUSA Y A MOVER Z[53]
Exemplo: *Pat ordered him into the room*.
(24) X PERMITE QUE Y MOVA Z
Exemplo: *Pat allowed Chris into the room*.
(25) X CAUSA Y A NÃO MOVER DE Z
Exemplo: *Pat locked Chris into the room*.
(26) X AJUDA Y A MOVER Z
Exemplo: *Pat assisted Chris into the room*.

pressupõem laços de subpartes contrários, isto é, na maioria dos casos em que duas Construções são ligadas por laços de instanciação (por exemplo, C1 é uma instância de C2), a mesma relação pode ser descrita com laços de subpartes (C2 é uma subparte de C1) (GOLDBERG, 1995, p. 81). Portanto, assim como a autora, aqui focaremos em apenas três das quatro relações existentes.

[51] Estamos adotando a terminologia em português segundo Ferrari (2011).

[52] O H_p ao lado do título refere-se à maneira como a relação é especificada nas matrizes de análise das Construções. Assim, quando um H_p mediar duas Construções ($C_A \rightarrow C_B$, por exemplo), isso dirá que a relação de Herança que une as duas Construções, de modo que C_A motiva C_B, é uma relação que se realiza por laços polissêmicos.

[53] Esse sentido aponta para o fato de que a Construção de Movimento Causado não garante semanticamente a realização do movimento, podendo isso ficar a critério das condições de satisfação designadas pelo verbo usado na Construção. Em outras palavras, a ordem dada pode não ser cumprida.

As Construções de (23) a (26), que demonstram um sentido de CAUSA básico, relacionam-se por meio de laços polissêmicos com o sentido central em (22), que indica um sentido prototípico de movimento causado.

Laços de Instanciação (H_i)

A relação de herança por laços de instanciação ocorre quando uma Construção em particular é um caso especial de outra Construção. Isto é, haverá um laço de instanciação se e somente se uma Construção for uma versão lexicalmente especificada de outra Construção, como itens ou padrões lexicais que se assemelham estruturalmente a uma Construção. Um exemplo dado por Goldberg é a expressão idiomática (FILLMORE et al., 1988) *drive X crazy/bonkers/bananas/over the edge,* em que o sentido da expressão restringe o argumento *resultado-alvo* a um conjunto de expressões com o sentido de *crazy*. Em termos estruturais, vemos que a expressão idiomática se liga à Construção Resultativa por uma relação de instanciação, como mostram as matrizes a seguir:

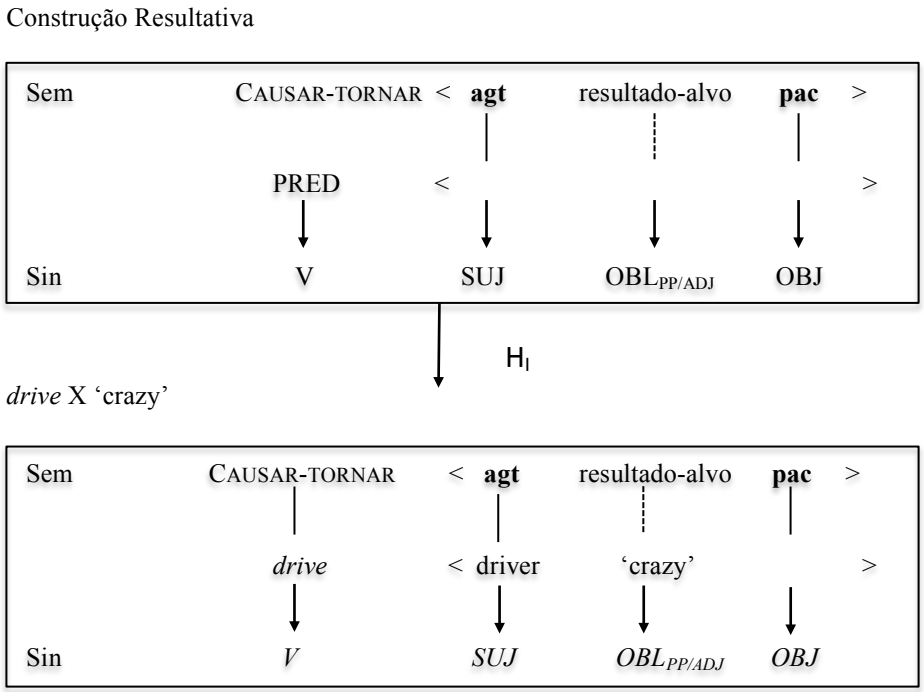


Figura 5 – Instanciação entre a Construção Resultativa e a expressão *drive X crazy*.
(GOLDBERG, 1995, p. 80)

A semântica da expressão *drive X crazy* é categorizada como uma instância lexicalizada da semântica da Construção Resultativa. Dessa maneira, diz-se que a Resultativa domina a Construção lexicalmente estruturada. Na Construção *drive X crazy*, os elementos em itálico foram herdados da Construção Resultativa, isto é, a estrutura semântica de CAUSAR/TORNAR e a estrutura sintática (V, SUJ, $OBL_{SPrep./ADJ}$, OBJ). Portanto, podemos dizer que a Construção Resultativa *motiva* a Construção *drive X crazy*.

Laços Metafóricos (H_m)

Na herança por laços metafóricos a ideia central é de que dada Construção herda a estrutura sintática e semântica de sua Construção dominante por meio de uma metáfora. Sendo assim, Goldberg (1995) se baseia na metáfora de que *mudança de estado é também mudança de local* ao dizer que a Construção Resultativa é uma herança sintática e semântica da Construção de Movimento Causado, como mostram as matrizes a seguir:

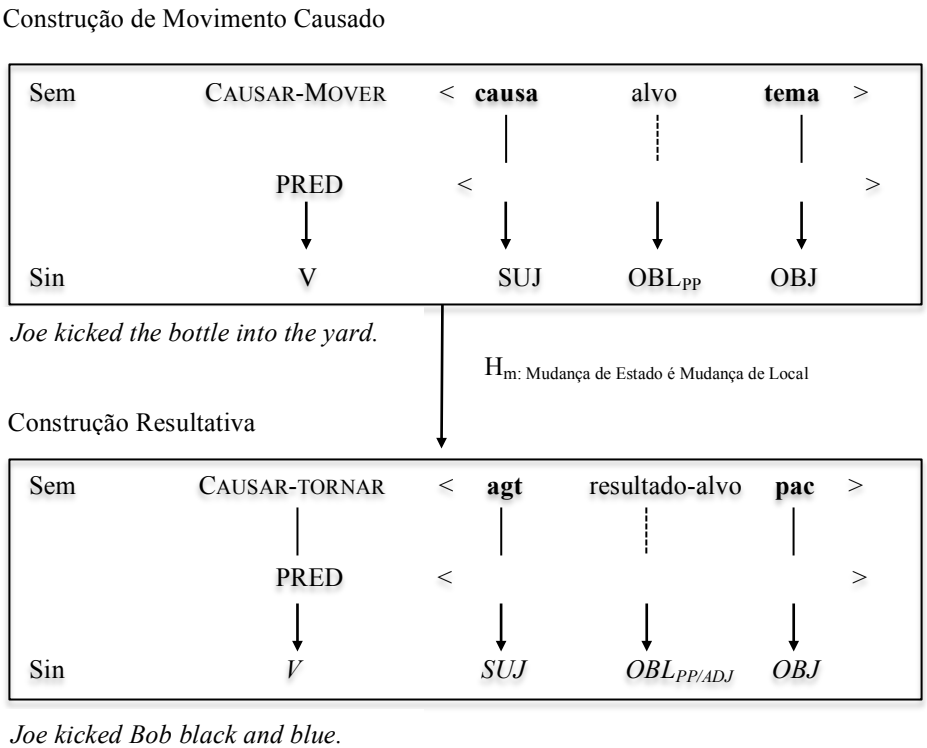


Figura 6 – Laços metafóricos entre a Construção de Movimento Causado e a Resultativa (GOLDBERG, 1995, p. 88)

A metáfora que permite a herança da estrutura resultativa por parte da Construção de Movimento Causado defende que o argumento *alvo* dessa Construção (*into the yard*, no exemplo), sendo um *local físico*, pode ser metaforicamente interpretado como um argumento *resultado-alvo*, isto é, um *estado* (*black and blue*, no exemplo). Dessa maneira, em ambos os casos o *local* para o qual o *tema* é levado, ou o *estado* no qual o *paciente* é deixado são interpretados sob o prisma de uma metáfora que equaciona *local* e *estado* como o resultado da ação denotada pelo predicado em questão.

Embora sejam ligadas por uma relação de herança, as Construções Resultativa e de Movimento Causado têm *status* de Construções independentes dentro do arcabouço teórico da GCC, pois de acordo com a definição de Construções apresentada em Goldberg (2006), ambas são especificadas por propriedades linguísticas particulares; isto é, há pelo menos uma propriedade de ordem sintática, semântica ou pragmática que as tornam únicas. Essa condição para a estipulação de uma estrutura linguística como Construção independente ou não é estipulada pelo *Princípio de Não-Sinonímia*, que apresentamos a seguir:

> *Princípio de Não-Sinonímia:* Se duas Construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas. Sendo que, na distinção pragmática, incluem-se aspectos das Construções que envolvem características da estrutura informacional, como tópico e foco, bem como aspectos estilísticos, como a questão do registro linguístico.
>
> - *Corolário A*: Se duas Construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, elas não devem ser pragmaticamente sinônimas.
> - *Corolário B*: Se duas Construções são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, elas não devem ser semanticamente sinônimas.

Em outras palavras, o *Princípio de Não-Sinonímia* apresentado acima estipula que para que dada estrutura linguística adquira o *status* de Construção independente, esta deve ter pelo menos uma propriedade relativa à sua função (semântica ou pragmática) que a distinga de outras Construções preexistentes.

Vimos até agora que a GCC nos oferece uma abordagem teórica de alto poder descritivo. No entanto, o principal motivo para a adoção desse arcabouço teórico não se

justifica pela facilidade com que as estruturas a serem analisadas se acomodam dentro das estipulações da teoria, mas sim pelo seu poder de análise como um todo, além de suas principais premissas, entre as quais destacamos a visão de léxico e gramática como um contínuo. Vimos que segundo a GCC, não há uma distinção clara entre os elementos tradicionalmente separados como léxico e sintaxe, assim como hipotetiza a linguística formalista. Outra característica fundamental na base da abordagem construcional refere-se ao fato de que a teoria vê a língua como um conjunto de estruturas simbólicas que se realizam através de uma função comunicativa em uma comunidade de fala específica. Essa característica faz da teoria construcional uma abordagem cujas bases estão estabelecidas no uso linguístico que fazemos dos símbolos convencionalizados, isto é, das estruturas linguísticas pertencentes ao inventário de Construções que compõem a gramática mental dos falantes, como dissemos anteriormente. No entanto, o modelo baseado no uso linguístico atribui igual importância aos estudos direcionados à verificação da frequência de uso de certas estruturas, pois segundo essa visão, a frequência é um indício sistemático da convencionalização linguística e, como tal, serve-nos também como ferramenta de diagnóstico para o que é mais fixo no sistema cognitivo dos falantes de dada comunidade.

Segundo Bybee (2006), teóricos de orientação baseada no uso linguístico veem a gramática como uma organização cognitiva das experiências que um indivíduo tem com sua língua. Com base nessa premissa, Bybee (2006) propõe que a frequência de uso de certas Construções tem um grande impacto na modelagem da gramática mental e isso pode ser evidenciado pela capacidade dos falantes de reconhecerem o que é convencionalizado em sua língua ou não. A respeito das experiências humanas codificadas como linguagem, Bybee declara que, com os avanços existentes em abordagens empiristas como a Linguística de *Corpus*, o acesso à natureza da experiência que um falante tem com a sua língua pode ser atualmente contemplado como objeto teórico dos pesquisadores que se preocupam com a descrição da língua em uso. Como este trabalho se fundamenta nesta vertente, isto é, a de uma abordagem descritiva das estruturas que envolvem o verbo *get* numa perspectiva construcional e empírica, na próxima seção trataremos dos principais conceitos da Linguística de *Corpus*, um dos pilares teóricos que, juntamente com a GCC, sustenta esta pesquisa.

2.5 A Linguística de *Corpus*

No final da última seção brevemente discutimos, com base em Bybee (2006), a importância que a frequência de uso tem nas estruturas linguísticas no que se refere ao seu nível de fixação cognitiva (*entrenchment* GOLDBERG, 1995; BYBEE, 2006; TOMASELLO, 2003). De acordo com a autora, sob o ponto de vista da mudança linguística e de processos de gramaticalização, a frequência de uso das estruturas é um fator determinante na manutenção ou na reformulação de estruturas linguísticas. Por conta disso, estruturas linguisticamente irregulares, como os verbos irregulares do inglês, também estão sujeitas ao efeito da frequência de uso. Portanto, verbos irregulares de baixa frequência como *wept* são mais passíveis de regularização, segundo Bybee, do que verbos irregulares mais frequentes, como *kept*. Uma busca no COCA (na modalidade oral) por esses verbos mostrou que a afirmação da linguista se baseia em dados que corroboram sua visão. Vejamos como se deu a distribuição da frequência dos dois verbos, *keep* e *weep* bem como suas formas pretéritas, na busca realizada:

Tabela 7 – Ocorrência de *keep* e *weep* no COCA na modalidade oral

	keep (lematizado)	*kept* (forma irregular)	**keeped* (forma regularizada)	*weep (lematizado)*	*wept* (forma irregular)	**weeped* (forma regularizada)
Frequência	54.676	9.705	0	379	136	3

Como mostra a Tabela 7, por ser altamente frequente, a forma irregular *kept* é mantida como a forma preferida pelos falantes, excluindo assim a possibilidade de regularização, isto é, **keeped*, que no COCA não apresenta nenhuma ocorrência. Já no caso de *weep*, vemos que sua frequência absoluta é bem inferior (379 ocorrências) em relação a *keep* (54.676) e o mesmo ocorre com as formas pretéritas dos dois verbos, isto é, *kept* teve uma ocorrência geral de 9.705 contra 136 ocorrências de *wept*. Desse modo, a baixa frequência da forma *wept* somada à alta produtividade do morfema {*-ed*}, que forma centenas de verbos regulares no passado, dá margem para que os falantes de inglês façam generalizações sobre a forma de *weep* no passado (ELLIS, 2013), resultando em

uma forma regularizada, ou seja, *weeped*. Embora a forma regularizada *weeped* tenha uma frequência absoluta baixa (3 ocorrências), em termos estatísticos 3 ocorrências em um universo de 379 ocorrências são muito significativas se compararmos com a distribuição de *keep* que, com uma frequência absoluta muito maior (54.676 ocorrências) não resultou em nenhuma ocorrência da forma regularizada *keeped*[54]. Numa busca informal no Google encontramos alguns textos que já utilizam a forma regularizada como, por exemplo, uma manchete de jornal publicada pelo tabloide britânico *The Sun* em 02/06/2012:

(27) *Exclusive: Susan Boyle screamed and weeped at service station in Cheshire*

Exemplos como esse são utilizados por Bybee para demonstrar que a frequência que as expressões linguísticas têm na interação e na comunicação é mais significativa para a teoria linguística como um todo do que estipulam algumas abordagens formalistas, para as quais a frequência pouco ou nada tem a ver com a estrutura interna do sistema linguístico ao configurar um simples epifenômeno linguístico.

Como já dissemos, uma vertente relativamente moderna da linguística que aborda as questões de frequência de uso de forma mais séria e sistematizada é a Linguística de *Corpus*. Para o linguista de *corpus*, a língua somente pode ser concebida na interação humana através do discurso (TEUBERT, 2009; SINCLAIR, 1991; LINDQUIST, 2009; McENERY; HARDIE, 2012) e esse discurso pode ser devidamente estudado por meio de um registro chamado *corpus*. Dessa forma, a visão segundo a qual a linguagem está associada a uma função comunicativa (EVANS; GREEN, 2006; LANGACKER, 2013) está em perfeita consonância com a ideia de se trabalhar com dados da linguagem em uso, pois a observação de dados empíricos confere à pesquisa que se está realizando os subsídios teóricos e metodológicos necessários para se falar não somente das *possibilidades*, mas principalmente das *probabilidades* da língua. A respeito do poder descritivo que uma abordagem baseada em *corpus* pode ter, Charles Fillmore

[54] Lembramos que as 54.676 ocorrências de *keep* e as 379 ocorrências de *weep* referem-se às suas formas lematizadas. Isto é, entre as 54.676 ocorrências de *keep*, há instâncias das formas (*tokens*) *keep, keeps, keeping* e *kept*, mas não de *keeped*.

(1992, p. 35) declara o seguinte: "… qualquer *corpus* que tive a chance de examinar, por menor que fosse, ensinou-me fatos que eu nunca poderia ter imaginado encontrar de qualquer outro modo." [55].

As palavras de Fillmore chamam atenção para o fato de que uma análise de dados via *corpus* pode revelar ao linguista estruturas e significados resultantes de contextos de produção espontânea[56] e aos quais não conseguiríamos necessariamente chegar, caso fizéssemos uso unicamente da introspecção linguística. Cabe ressaltar, no entanto, que até mesmo entre as teorias que fazem amplo uso da introspecção linguística, há várias correntes e abordagens que utilizam, direta ou indiretamente, amostras reais da língua como fonte de dados para suas análises linguísticas. Contudo, atualmente somente a Linguística de *Corpus* (doravante LC) dispõe de métodos de compilação sistemática de dados que permitem ao pesquisador dessa área observar o comportamento linguístico de dada comunidade de fala por meio de grandes conjuntos de dados acessíveis que podem ser usados como comprovação de suas generalizações. Em outras palavras, a LC não somente oferece uma análise *qualitativa* do comportamento linguístico, mas também propõe uma investigação *quantitativa* dos dados de maneira a validar as análises e generalizações a que chegam os pesquisadores.

No entanto, a simples afirmação de que essa ou aquela abordagem faz uso de *corpora* em suas análises não significa muito, dada a pluralidade de sentidos atribuídos à palavra *corpus*. Em sentido amplo, quaisquer compilações de dados, ainda que sejam enunciados ou palavras soltas podem ser classificadas como um *corpus*. Desse modo, faz-se necessário explicitar qual acepção de *corpus* é adotada pela LC e quanto a isso, diferentemente de outros pontos que discutiremos adiante, parece haver um alinhamento entre os discursos dos linguistas que trabalham sob esse arcabouço, pois os vários textos introdutórios da área (SINCLAIR, 1991; McENERY; WILSON, 1996; LINDQUIST, 2009; BERBER SARDINHA, 2004; McENERY; HARDIE, 2012; O'KEEFEE; McCARTHY, 2010 entre outros) parecem convergir na definição de que é um *corpus*:

[55] Original: "…every corpus that I've had a chance to examine, however small, has taught me facts that I couldn't imagine finding out about in any other way".
[56] Por *contexto de produção espontânea*, entende-se que os *corpora* são compostos de textos (orais ou escritos) produzidos com uma finalidade comunicativa específica, que não a análise da língua. Isto é, não são criados especificamente para análises linguísticas focadas nas formas utilizadas pelos autores.

> [...] um conjunto de textos que podem ser lidos eletronicamente e que são considerados uma boa base sobre a qual se pode estudar um conjunto específico de perguntas de pesquisa. (McENERY; HARDIE, 2012, p. 01) [57]

É importante salientar, no entanto, que a definição acima engloba uma série de variáveis que têm de ser respeitadas caso queiramos chamar um conjunto de textos de *corpus*, segundo as premissas da LC. Entre essas variáveis, destacamos a questão da *representatividade* e das *perguntas de pesquisa* feitas em uma análise.

2.5.1 Representatividade do *corpus* e as perguntas de pesquisa

Dentre as principais variáveis que caracterizam a investigação linguística que utiliza a LC, destacamos duas que se mostram importantes para aqueles interessados na descrição de dada construção no sistema linguístico como um todo, isto é, a *representatividade* do *corpus* adotado e sua adequação diante das *perguntas de pesquisa* que fazemos. Com relação ao tamanho dos *corpora* que escolhemos adotar em uma pesquisa, Fillmore declara que não crê "que haja quaisquer *corpora*, por maiores que sejam, que contenham informações sobre todas as áreas do léxico e da gramática do inglês que ele gostaria de explorar" (1992, p. 35) [58]. Nessa declaração, que complementa a afirmação anterior (cf. p. 53), o autor idealizador de um projeto lexicográfico *on-line* chamado FrameNet (FILLMORE et al., 2003)[59], chama atenção para a representatividade do *corpus*, parte constituinte da agenda dos pesquisadores que utilizam a LC, seja como metodologia ou como abordagem teórica.

De acordo com Tagnin (2008), um *corpus* deve ser compilado segundo critérios específicos e deve ser suficientemente representativo da parte da língua que se pretende estudar. Dessa forma, "um 'dado' é dado não *ao* pesquisador, mas *pelo* observador" (RASTIER, 2001[60] apud NEVEU, 2008). As visões de Tagnin (2008) e Rastier (2001)

[57] Original: "... a set of machine-readable texts which is deemed an appropriate basis on which to study a specific set of research questions."
[58] Original: "… I don't think there can be any corpora, however large, that contain information about all of the areas of English lexicon and grammar that I want to explore;"
[59] Para mais informações sobre o projeto FrameNET, vide Fillmore et al. (2003).
[60] Rastier, F (2001) *Arts et sciences du texts*. PUF.

complementam-se no sentido de que o pesquisador interessado em estudar uma construção gramatical ou padrão lexical de uma língua deve, na compilação de seu *corpus*, selecionar e agrupar textos que sejam representativos da estrutura que ele irá pesquisar. Como exemplo disso podemos citar o trabalho de Moraes (2010), que propõe uma investigação acerca dos fraseologismos com advérbios terminados em *–ly* na língua inglesa e *–mente* na língua portuguesa em dois gêneros textuais, isto é, na culinária e no direito contratual. Ao utilizar textos representativos das duas áreas, a autora é capaz de fornecer ao leitor generalizações e descrições do comportamento linguístico desses advérbios somente nesses dois gêneros discursivos, isto é, não se pode, com base nessa pesquisa, afirmar que o comportamento dessas construções se dá dessa ou daquela maneira na língua como um todo, ou em outro gênero discursivo, como o jornalístico, por exemplo [61]. Sendo assim, o pesquisador que pretende lançar mão de hipóteses sobre a língua geral terá de fazer uso de um *corpus* que contenha o maior número de gêneros textuais possível, além de um tamanho que possa ser representativo do comportamento linguístico da população que se pretende estudar. Em outras palavras,

> [...] não podemos (ou podemos com alguma cautela) fazer afirmações gerais sobre a natureza de uma língua baseados em um *corpus* que contém somente um tipo de texto ou um número limitado de tipos de textos. (McENERY; HARDIE, 2012, p. 02)[62]

Atualmente, no entanto, contamos com grandes *corpora on-line* compilados com o objetivo de representar da maneira mais fiel possível as comunidades de fala que representam linguisticamente. Ademais, do ponto de vista da mudança linguística, esses *corpora* crescem a cada ano de maneira a continuar a contemplar essa mudança inevitável da língua. O COCA (*Corpus of Contemporary American English,* DAVIES, 2008-), por exemplo, conta hoje (em 2013) com 450 milhões de palavras distribuídas em cinco

[61] É fato que o comportamento das construções adverbiais na culinária e no direito contratual terá uma série de propriedades da língua geral que lhes serão sobrepostas, pelo simples fato de esses dois gêneros pertencerem à língua como um todo. No entanto, o que dizemos aqui é que os resultados obtidos numa pesquisa como essa não podem ser representativos do comportamento dessas construções na língua como um todo, pois há particularidades de outros discursos (do jornalístico, por exemplo) que não serão capturadas.

[62] Original: "We cannot (or can with some caution) make general claims about the nature of a given language based on a corpus containing only one type of text or a limited number of types of text."

gêneros discursivos distintos, isto é, *spoken* (falado), *fiction* (ficção), *magazine* (revistas), *newspaper* (jornais) e *academic* (acadêmico). Esse é um *corpus* etiquetado morfossintaticamente[63] e dispõe de uma sintaxe de busca em etiquetas que permite buscas refinadas de colocações, fraseologismos e padrões gramaticais. Além do COCA, há outros *corpora* totalmente *on-line* e de acesso gratuito como o *Corpus of Historical American English* (COHA – 400 milhões de palavras de 1810 a 2009), o *Time magazine corpus* (TIME – 100 milhões de palavras de 1920 a 2000), o *British National Corpus* (BNC – 100 milhões de palavras de 1980 a 1993), o *Corpus Del Español* (100 milhões de palavras com textos a partir de 1200), o *Corpus* do Português (45 milhões de palavras de com textos a partir de 1300) e outro *site* (criado a partir do COCA), o *wordandphrase.info,* que possui duas ferramentas de análise linguística. A primeira é a *frequency list*, que fornece a distribuição da frequência, linhas de concordância, estruturas fraseológicas, o significado e a distribuição em vários gêneros do discurso das primeiras 60 mil palavras mais frequentes no COCA. Já o segundo é o *input/analyze texts* que permite checar a frequência e distribuição, em vários gêneros, de palavras e fraseologismos de textos que colocamos na estrutura do *site*, isto é, podemos alimentar o *site* com textos e utilizar a suas ferramentas para analisá-los. A vantagem nessa opção é que o *wordandphrase.info* usa o COCA como *corpus* de referência[64], isto é, como um *corpus* maior como base de comparação.

Apesar do material extremamente extenso que o COCA oferece como base para estudos linguísticos, ainda assim, não poderíamos adotá-lo, caso nossa pergunta de pesquisa tivesse como objetivo investigar as estruturas que envolvem o verbo *get* na língua inglesa como um todo, pois sendo exclusivamente composto de textos produzidos nos Estados Unidos, as generalizações feitas a partir desse *corpus* só poderiam ser confirmadas para essa comunidade e, certamente, não por completo mesmo nessa comunidade. No entanto, se por um lado uma pesquisa com o COCA não possa afirmar

[63] *Etiquetagem* ou *anotação* referem-se ao processo de análise de um *corpus* para fins de pesquisa (McENERY; HARDIE, 2012). Na etiquetagem morfossintática, as palavras contidas no *corpus* são categorizadas com etiquetas que informam quais são suas classes gramaticais. Há *corpora on-line*, caso do projeto FrameNet (FILLMORE, 2003), em que as palavras são etiquetadas tanto gramaticalmente como semanticamente.

[64] Segundo Tagnin (2013), um *corpus* de referência é o *corpus* com o qual comparamos nosso *corpus* de estudo. De modo geral, o *corpus* de referência deve ser significativamente maior do que o *corpus* de estudo para que ele ofereça uma boa base de comparação. Isto é, a comparação com um *corpus* de referência, que contém mais textos e de vários gêneros, poderá mostrar o que de fato é característico do *corpus* de estudo e, consequentemente, da área ou gênero do discurso que estamos estudando.

sobre o comportamento linguístico da comunidade americana como um todo, a análise certamente capturará aquilo que é mais *provável* de ocorrer. Sendo assim, ao utilizarmos o COCA como *corpus* não cobriremos em nossa pesquisa as mais diversas variedades da língua inglesa no mundo, como o inglês britânico, sul-africano, neozelandês, australiano, etc. Portanto, nesse caso o que devemos refinar são as perguntas de pesquisa feitas a partir do *corpus* de que dispomos, isto é, a pergunta de pesquisa poderia, neste caso, ser reformulada e propor uma investigação sobre as Construções nucleadas pelo verbo *get* num *corpus* de inglês americano (McENERY; WILSON, 1996). Vemos, portanto, que a questão da representatividade de um *corpus* está diretamente ligada ao tipo de perguntas de pesquisa que temos, sendo às vezes necessário reformulá-las ou mesmo alterar a configuração do *corpus* que utilizaremos.

Tendo discutido brevemente questões relativas à representatividade de um *corpus* e sua relação com as perguntas de pesquisa que fazemos, passemos na seção seguinte aos métodos mais utilizados por aqueles que usam a LC como base de suas investigações linguísticas.

2.5.2 Métodos de análise: frequência e KWIC

Como dito na primeira parte desta seção (2.5) um dos métodos mais utilizados pela LC na análise das estruturas sintáticas e lexicais das línguas é a verificação da frequência das expressões, assim como sua ocorrência, num determinado contexto de uso. Na LC os contextos de uso de palavras de busca no *corpus* são chamados de KWIC, isto é, *Key Word in Context* (palavras-chave em contexto) e podem ser visualizados por meio de linhas de concordância em que a palavra, expressão ou estrutura (geralmente centralizada) é vista em contexto. Ao verificarmos no COCA algumas linhas de concordância para o verbo *get*, obtivemos os resultados apresentados na Tabela 8.

Tabela 8 – Linhas de concordância para *get* retiradas do COCA

(28)	It can't	get	any better, and it hasn't gotten much better.
(29)	They	get	access to health care, and even just with emergency rooms
(30)	we need to	get	away from the national perspective on this issue.
(31)	We wanted to	get	rid of a dictator, but by the time we realized that there
(32)	when we fall in love, we	get	high on dopamine, much the way addicts do on cocaine.
(33)	Carter snaps back, "	get	out of my way, will you?
(34)	The United States can	get	around its own legal restrictions on technology transfer
(35)	Students	get	into the habit of reflecting on what they have done
(36)	he would " just have to	get	used to and learn to live with.
(37)	We need to	get	better at supporting people to manage their health

As linhas de concordância acima podem ser interpretadas de duas formas distintas. A análise feita no *eixo paradigmático* nos revela a utilização do verbo *get* em diferentes contextos de uso. Em consequência disso, vemos que diferentes linhas de concordância demonstram significados distintos de uma mesma forma *get*. Ao fazermos uma breve interpretação dos contextos de uso por meio de um teste de paráfrase, teríamos as seguintes leituras traduzidas:

(28) *get any better* (melhorar)
(29) *get access to* (ter acesso a)
(30) *get away from* (distanciar-se de)
(31) *get rid of* (livrar-se de)
(32) *get high on* (entorpecer-se com)
(33) *get out of* (sair de)
(34) *get around* (evitar)
(35) *get into the habit of* (habituar-se a)
(36) *get used to* (acostumar-se a)
(37) *get better at* (melhorar em)

Porém, o diagnóstico desses diferentes significados no eixo paradigmático só é possível pela análise dos dados em sua realização no *eixo sintagmático*, isto é, em interação com diferentes elementos contextuais e co-textuais. Ao formar fraseologismos complexos com os elementos adjacentes[65], o verbo *get*, que parece funcionar como um

[65] Os fraseologismos em (28) – (37), caracterizam o que Wray (2002) chama de *off-the-peg vocabulary*, isto é, *vocabulário pronto para ser usado*. Segundo a linguista, um modelo de análise linguística que tenha por

verbo leve[66], forma unidades de sentido responsáveis pela significação do predicado como um todo. Dessa forma, a predicação verbal é veiculada não somente pela existência de um verbo como núcleo, mas, ao que parece, por um fraseologismo nucleado por *get*. A vantagem de se trabalhar com linhas de concordância para identificar o significado lexical e/ou gramatical é que cada uma das linhas pertence a um contexto diferente e maior, que pode ser acessado, pelo menos no COCA, com um simples clique. De um modo geral, grandes *corpora on-line* fornecem também ao pesquisador a frequência absoluta da palavra de busca, como mostra a Tabela 9 abaixo:

Tabela 9 – Frequência geral de *get* e sua distribuição por gênero textual (wordandphrase.info)

RANK	PoS	WORD	TOTAL	SPOKEN	FICTION	MAGAZINE	NEWS	ACADEMIC
39	Verb	GET	1.080.432	389.689	275.602	188.656	187.778	38.707

Conforme discutido anteriormente, a frequência de uma expressão linguística no discurso tem grande significância para os estudos linguísticos, tanto para a LC quanto para teorias cognitivas baseadas no uso como a GCC. A frequência, discutida também nos estudos de aquisição da linguagem (TOMASELLO, 2003), tem função primordial no desenvolvimento linguístico de crianças dada a importância que o *input* do discurso linguístico adulto tem nas generalizações e associações feitas pela criança. Também na área da mudança linguística, a frequência é considerada fundamental, como visto em Bybee (2006), para a manutenção ou reformulação de estruturas linguísticas como, por exemplo, no caso dos verbos irregulares do inglês. No entanto, as críticas à LC (por exemplo COOK, 1998) ainda são frequentes e na maior parte das vezes se baseiam na utilização que a abordagem faz de dados de frequência. De maneira geral, as críticas

objetivo explicar o processamento da língua tem de criar mecanismos que acomodem fraseologismos como esses em seu modelo teórico, uma vez que, como mostram as linhas de concordância, é assim que eles ocorrem no discurso.

[66] Utilizamos *verbo leve* (do inglês *light verb*) em substituição ao termo *deslexicalizado* utilizado na Introdução desta dissertação. Portanto, utilizamos o termo para designar um verbo que, como acreditamos ser o caso de *get*, necessita de seus complementos para que seu sentido seja apreendido de forma completa. Optamos por não usar *deslexicalizado*, pois o termo denota que o item é destituído de um conceito, visão essa que está em oposição à discussão sobre a integração entre *conceitos lexicais* e *significados construcionais* (cf. seção 2.4.2, p. 39) da qual partilhamos.

apontam para o fato de que a LC se ocupa única e tão somente da frequência das expressões linguísticas sem nenhuma referência sobre como essa frequência se relaciona com a cognição dos falantes ou como se dá a comunicação entre eles. Além disso, uma simples constatação estatística, segundo as críticas, nada pode dizer sobre o funcionamento estrutural das línguas ou sobre como o ser humano faz uso dessas expressões.

Em primeira instância, as críticas a um modelo puramente quantitativo e estatístico estão aparentemente corretas, pois também partilhamos da ideia de que estatísticas puras pouco têm a dizer sobre o funcionamento que as expressões linguísticas têm no sistema; no entanto, não é somente através de análises quantitativas que a LC realiza pesquisas, como mostramos brevemente com a análise dos dados com *get* na Tabela 8 acima. A LC se vale também de análises qualitativas que são informadas pelos resultados quantitativos obtidos. Nas próximas seções, discutiremos a dicotomia existente entre as análises *quantitativas* e *qualitativas* já bem descritas em livros introdutórios de LC (McENERY; HARDIE, 2012; LINDQUIST, 2009; O'KEEFEE; McCARTHY, 2012).

2.5.3 Método quantitativo e qualitativo

Embora sejam termos já consagrados nos textos sobre LC, as análises qualitativas e quantitativas ainda suscitam pontos de vista diferentes nas pesquisas com *corpora*. A distinção geralmente feita entre os dois métodos baseia-se no tratamento que uma ou outra abordagem dá aos dados que compõem a base de pesquisa. McEnery e Wilson (1996) distinguem os métodos ao afirmarem que, como o próprio nome sugere, o método qualitativo não atribui aos dados da língua generalizações estatísticas, sendo o papel dos dados de pesquisa restrito à exemplificação dos fenômenos da língua e dos usos linguísticos. Já no método quantitativo, os dados observados são mensurados e há uma clara preocupação com o desenvolvimento de ferramentas computacionais cada vez mais precisas para a quantificação das unidades linguísticas. No entanto, em termos práticos, os dois métodos de análise mesclam-se no decorrer de uma pesquisa linguística, por conta

dos procedimentos geralmente adotados. Segundo Schmied (1993[67] apud McENERY; WILSON, 1996) e Lindquist (2009), mesmo as pesquisas autointituladas puramente quantitativas dificilmente conseguem fugir por completo de estipulações pré-*corpus* como, por exemplo, as classificações em categorias linguísticas. Lindquist (2009) afirma que mesmo perguntas de pesquisa simples como descobrir se há diferença no número de palavras por sentença em tabloides (tidos de qualidade inferior) e em *broadsheets* (considerados de qualidade superior) necessitaria de dois conceitos pré-estabelecidos, ou seja, o conceito de palavra e o de sentença. Outro exemplo dado em McEnery e Wilson (1996) é a classificação dada à palavra *red* num tratamento quantitativo e noutro qualitativo. Sem a preocupação da quantificação e classificação dos usos dessa palavra, uma abordagem puramente qualitativa poderia, e no melhor dos mundos deveria, dar uma explicação para *red* nos contextos em que a palavra é empregada para se referir à cor, mas também deve ser capaz de explicar o uso político que a palavra pode ter num sintagma como *the red flag*. Já numa análise quantitativa estilística, o pesquisador teria de fazer uma escolha e classificá-la sob um dos usos existentes. Se por um lado, a análise qualitativa parece ser mais fiel à natureza da língua, a desvantagem que uma abordagem qualitativa do *corpus* tem sobre a abordagem quantitativa está no fato de que somente resultados quantitativos podem ser estatisticamente testados quanto à relevância dos dados, isto é, somente a análise quantitativa é capaz de provar que os resultados obtidos são de fato significativos e não meros frutos do acaso. Desse modo, distinções relativas à frequência de uso de determinadas estruturas ou padrões lexicais somente podem ser satisfatoriamente capturadas por meio de uma análise quantitativa e, como vimos, a frequência não somente distingue ocorrências raras como também pode ser critério de definição da produtividade de determinada expressão linguística no sistema. Além de diferenças propriamente analíticas, a dicotomia entre análise quantitativa e qualitativa está na base de discussão da própria LC, no que se refere ao seu posicionamento enquanto teoria, abordagem ou metodologia. Na próxima seção faremos uma breve discussão desse que também tem sido motivo de debates fervorosos entre linguistas que trabalham com *corpora*.

[67] Schmied, J. (1993). *"Analysing Style Variation in the East African Corpus of English"*. Fries, Udo et al. (169 -174)

2.5.4 Linguística de *Corpus*: teoria, abordagem ou metodologia?

A LC sofre ataques de linguistas que não fazem uso de *corpora* em suas análises ao ser caracterizada como uma abordagem linguística que se preocupa unicamente com questões estatísticas da linguagem e que, segundo eles (entre os quais destacamos a figura de Chomsky), nem sempre ilustram a realidade do sistema linguístico. Entretanto, há também uma contenda interna à própria área da LC que tem se desenrolado nos últimos anos acerca do mesmo ponto de discussão. Essa contenda divide os linguistas de *corpus* em dois grupos distintos a depender do tipo de uso que um grupo ou o outro faz dos *corpora* que utilizam. O primeiro grupo, do qual fazem parte linguistas como John Sinclair, Elena Tognini-Bonelli, Wolfgang Teubert entre outros, defende que as análises linguísticas devem tomar o *corpus* como um construto teórico que é a única fonte de uma teoria linguística de *corpus* (SINCLAIR, 2004[68] apud McENERY; HARDIE, 2012), isto é, as análises linguísticas devem ser *direcionadas pelo corpus* (*corpus-driven*). Sendo assim, para linguistas atuando sob esse arcabouço teórico não há espaço para categorizações linguísticas pré-*corpus*, de modo que todos os construtos teóricos, até mesmo os mais simples, como palavras ou classificações morfológicas como substantivo, adjetivo, advérbio etc., somente serão categorizados e classificados se assim o *corpus* o disser. Outra característica à qual os linguistas de *corpus* radicais se opõem veementemente diz respeito aos dados e métodos dos quais as análises linguísticas comumente fazem uso. Segundo essa visão mais radical, a introspecção linguística é completamente rejeitada nos estudos da língua, pois ela é idiossincrática e idioletal. Posto isso, a verificação da aceitabilidade de sentenças feita com base na intuição de falantes é encarada como insuficiente na verificação do que é convencional em uma comunidade de fala.

O segundo grupo de linguistas, entre os quais destacamos as figuras de Tony McEnery, Hans Lindquist, Stefan Gries entre outros, rejeita a ideia de *corpus* como entidade teórica e vê nos *corpora* a possibilidade empírica de validar, refutar e refinar teorias linguísticas pré-existentes. Dessa forma, nas abordagens ditas *baseadas em corpus* (*corpus-based*), a abordagem com *corpus* pode ser utilizada em conjunto com outras

[68] Sinclair, J. (2004) *Trust the text: Language, Corpus and Discourse*. London: Routledge.

áreas do saber numa pesquisa linguística e seus métodos podem em muito auxiliar na reformulação de hipóteses sobre o funcionamento linguístico de expressões no sistema. McEnery e Hardie (2012) e Lindquist (2009) discutem a sua posição frente a essa divisão em subgrupos e rejeitam tal dicotomia ao afirmarem que, ao assumir um *status* teórico unicamente direcionado pelo *corpus*, esse grupo da LC posiciona-se contra as correntes radicais da linguística teórica que rejeitam a adoção de métodos quantitativos na análise linguística. No entanto, as abordagens direcionadas pelo *corpus* tornam-se vítimas de seu próprio discurso, ao adotarem uma posição extremamente radical nas suas postulações teóricas. Isto é, se por um lado a linguística formalista nega a relevância da adoção de *corpora* no estudo da língua, as correntes que defendem a LC como uma teoria encontram-se no polo oposto, mas não são menos radicais do que os formalistas, uma vez que para estes não há nenhuma outra fonte se não o *corpus*, que sirva como prova factual do conhecimento da língua. Além disso, McEnery e Hardie (2012) defendem que uma visão de *corpus* como teoria linguística caracteriza na verdade um caso de contradição epistemológica, pois essa visão ignora por completo a divisão existente e amplamente aceita entre as teorias explicativas e os dados que lhe servem de suporte empírico. Isto é, ao representar ao mesmo tempo o fenômeno a ser explicado (objeto) e a explicação (análise), a visão de *corpus* como teoria corta relações com um paradigma epistemológico pertencente não somente às ciências da linguagem, mas à ciência como um todo. Em outras palavras, métodos de observação são necessários e podem afetar significativamente os resultados obtidos pela análise, mas não podem ser confundidos com o objeto de análise em si. Essa discussão pode ser sumarizada nas palavras de McEnery e Hardie com a seguinte afirmação:

> Isto seria uma insensatez conceitual. Dados são dados e teorias são teorias: observações, apesar de importantes como suporte necessário para explicações, claramente não constituem explicações em si. (McENERY & HARDIE, 2012, p. 148) [69]

Quanto ao uso da intuição nas investigações linguísticas, os estudos direcionados pelo *corpus* negam a eficácia analítica dessa abordagem sob a alegação de que essa

[69] Original: "...this would be conceptual nonsense. Data is data and theory is theory: observations, while important as necessary support for explanations, clearly do not themselves constitute explanations."

prática não constitui uma investigação empírica da linguagem. A esse respeito Lakoff (2013) adverte sobre o uso correto do termo *empirismo* (informação verbal) [70]. Segundo o linguista, a utilização de grandes *corpora* para a generalização com base em dados naturais da língua deve ser encarada como *uma* das várias possibilidades de análise empírica, mas ela certamente não é a única. Juntamente com experimentos psicológicos de inúmeras sortes como, por exemplo, a elicitação de sentenças em experimentos psicolinguísticos controlados, as análises de *corpora* constituem uma das várias possibilidades de análise empírica da língua. Além disso, é imprescindível salientarmos que os *corpora* são na realidade um registro estruturado do sistema cognitivo dos falantes que produziram os textos (orais ou escritos) que servem de base para a confecção desses bancos de dados. Essa visão é sabiamente sumarizada nas palavras de Langacker (2013), segundo o qual:

> O conhecimento social é também armazenado em livros, bancos de dados, no desenho de artefatos, etc. No entanto, no fim das contas, tudo isso se reduz à atividade de mentes individuais na criação e utilização desses recursos. (LANGACKER, 2013, p. 30) [71]

Por fim, para mencionarmos uma questão prática, uma abordagem totalmente direcionada *para* e *pelo corpus* mostra-se quase impraticável dada a fragilidade dessa visão diante dos fatores externos que atuam sobre o *corpus*. Como dito anteriormente, a condição de um *corpus* está diretamente relacionada com as perguntas de pesquisa que fazemos; entretanto, uma visão que rejeita categorias pré-*corpus* não abre espaço nem mesmo para perguntas de pesquisa, a não ser aquelas cujos objetivos sejam justamente descobrir quais são as categorias linguísticas dadas pelo *corpus*.

Desse modo, ao considerarmos a discussão feita acima sobre a dicotomia de análises *direcionadas* ou *baseadas* no *corpus*, faz-se necessário declararmos que esta pesquisa compartilha da visão do segundo grupo de linguistas de *corpus*, para os quais os registros em *corpora* são de fundamental importância para a verificação da língua em seu

[70] Informação fornecida por George Lakoff durante a 12th *International Cognitive Linguistics Conference* (12-ICLC). Edmonton, Canadá. 2013

[71] Original: "Societal knowledge is also stored in books, databases, the design of artifacts, and so on, but ultimately these reduce to the activity of individual minds in creating or using them."

contexto de uso e para os quais outras teorias linguísticas podem ser utilizadas juntamente com estudos que fazem generalizações a partir de uma compilação significativa de dados linguísticos.

2.6 Considerações finais

Pelas discussões expostas acima, aceitamos com McEnery e Hardie (2012), a chamada abordagem *baseada* em *corpus*, pois acreditamos que as informações quantitativas trazidas por uma análise fundamentada em dados empíricos e retiradas de *corpora* reais servem como registro da interação linguística humana e têm muito a contribuir para um trabalho que objetiva explicar como certas estruturas linguísticas se comportam no uso e que tipos de representação essas expressões têm na cognição de falantes. Além disso, há uma gama de linguistas (ARPPE et al., 2010; NEWMAN, 2011; GRIES, 2012; WULFF, 2008 entre outros) que trabalham com pesquisas de interface entre a LC e a linguística cognitiva, que caracterizam exatamente o tipo de pesquisa que acreditamos realizar, isto é, uma pesquisa que visa estudar o comportamento construcional de *get* na cognição dos falantes de inglês americano por meio dos melhores registros que podemos ter dessa cognição, ou seja, *corpora* da língua em uso. Trata-se, portanto, de uma análise linguística do sistema cognitivo que se vale da Linguística de *Corpus*, ou para usar um termo que tem sido utilizado por alguns dos autores mencionados neste parágrafo, trata-se de uma *Linguística de Corpus Cognitiva*.

3 METODOLOGIA E A EXTRAÇÃO DOS DADOS

> "Every use of a structure has a positive impact on its degree of entrenchment, whereas extended periods of disuse have a negative impact. With repeated use, a novel structure becomes progressively entrenched, to the point of becoming a unit; moreover, units are variably entrenched depending on the frequency of their occurrence"
>
> – RONALD LANGACKER –

3.1 Introdução

Neste capítulo, dedicamo-nos à explicação e exemplificação de nossas escolhas metodológicas na extração e tratamento semiautomático dos dados desta pesquisa. Mais especificamente, explicitamos os motivos pelas quais fizemos a escolha de um *corpus on-line* discutindo a sua representatividade na língua inglesa (variante norte americana), bem como a sua adequação para os nossos propósitos. Em seguida, descrevemos de maneira sistemática a utilização que fizemos do *corpus*, ou seja, delimitamos o recorte traçado a fim de contemplar da maneira mais completa possível o objeto desta análise que, lembramos, enquadra-se no que tem sido chamado de *pesquisas baseadas em corpus*, segundo a terminologia específica da LC. Nessa parte, descrevemos especificamente as variáveis típicas de uma análise que faz uso de *corpora* para a descrição de estruturas linguísticas, como a forma morfológica que utilizamos para a palavra de busca (*get*)[72], a categoria gramatical dos colocados da palavra de busca e a geração e seleção de linhas de concordância (enunciados) que compõem o *subcorpus* que utilizamos na análise. Por fim, descrevemos o método utilizado na anotação semântica dos dados e discutimos, com base no trabalho de Schmid (2010), o uso de cálculos estatísticos e a sua significância para a descrição de Construções nucleadas pelo verbo *get*.

[72] Na LC, o termo *colocado* designa uma palavra que ocorre em proximidade da palavra sob investigação que, por sua vez, é chamada de *palavra de busca*. Portanto, nesta pesquisa *get* é a *palavra de busca* e os substantivos que ocorrem a sua margem direita serão os seus *colocados*.

3.2 Os *corpora on-line*

A LC cresceu e cresce nos últimos anos como uma alternativa de estudos para aqueles interessados no funcionamento da língua em uso e, como consequência disso, a disponibilização de *corpora on-line* segue esse crescimento na área. Hoje dispomos de uma série de *corpora* criados para fins diversos, como o estudo da linguagem de aprendizes de línguas (por exemplo o ICLE – *International Corpus of Learner English*: 3.7 milhões de palavras), estudos diacrônicos (por exemplo o COHA – *Corpus of Historical American English*), estudos de língua de especialidade (por exemplo o MICASE – *the Michigan Corpus of Academic Spoken English*) etc. Entretanto, os estudos em língua geral[73], entre os quais destacamos aqueles de orientação cognitiva, também têm à sua disposição grandes *corpora* da língua geral que contêm grandes quantidades de textos em diversos gêneros discursivos provenientes de diferentes períodos da história da língua. A grande maioria desses *corpora* dispõe de sintaxes próprias de busca e fornece ao pesquisador uma gama de possibilidades analíticas. É nesses moldes que se enquadra o COCA (*Corpus of Contemporary American English*), que utilizamos nesta pesquisa.

Como dissemos anteriormente, o COCA contém hoje 450 milhões de palavras em cinco gêneros do discurso (*Spoken, Academic, Magazine, Newspaper* e *Fiction*), o que faz desse *corpus* um bom exemplo de um registro linguístico que, na sua totalidade, pode ser representativo da língua utilizada por falantes americanos e que pode ser usado como fonte de pesquisas interessadas na descrição do que é linguisticamente convencional nessa comunidade. Além do grande número de palavras, a vantagem de utilização desse *corpus* está no fato de que ele é anualmente alimentado com mais e mais textos nos gêneros mencionados anteriormente, isto é, trata-se de um *corpus* aberto que pode ser utilizado no estudo da língua de um ponto de vista sincrônico, uma vez que, ao ter textos atuais incluídos na sua estrutura, o dinamismo característico da língua pode ser, em parte,

[73] Utilizamos o termo *língua geral* em contraste com as chamadas *línguas de especialidade*. As línguas de especialidade são as linguagens de comunidades específicas como a *linguagem do direito*, *da medicina* etc. Como exemplo dessa dicotomia, podemos citar os estudos terminológicos baseados em *corpus.* Com o objetivo de descrever as construções linguísticas específicas de dada área do conhecimento, esses estudos fazem uso de *corpora* que contêm textos específicos de sua área de estudo e não *corpora* da língua geral. Os *corpora* de língua geral são utilizados nos estudos terminológicos como uma referência em relação aos seus *corpora* de especialidade. Dessa maneira, isto é, pela comparação entre *corpora* gerais e seu *corpus* de especialidade, o pesquisador é capaz de chegar aos termos característicos da língua de especialidade que está estudando.

capturado por meio da utilização desse *corpus*. Portanto, segundo algumas tipologias de *corpora* fornecidas em textos sobre LC (LEE, 2010; McENERY; HARDIE, 2012; TAGNIN, 2013; TOGNINI BONELLI, 2010), o COCA poderia ser classificado como um *corpus de monitoramento* que, segundo McEnery e Hardie (2012), caracteriza-se por ser um *corpus* que cresce de maneira contínua e que representa o estado da língua tanto em seu período atual quanto em momentos anteriores.

3.3 Extração dos dados e a composição do *corpus* de estudo

Como dito na Introdução desta dissertação, a variabilidade semântica e sintática de *get* garante ao verbo que ele ocorra em um grande número de contextos sintáticos. Pelos mesmos motivos, os colocados de *get* podem pertencer a diferentes categorias gramaticais, como mostra Tagnin (1977, p. 254):

(1) Uso de posse: *He got a book* (GET + SN)
(2) Uso incoativo: *He got poor* (GET + SAdj)
(3) Uso de movimento: *He got safe to land* (GET + SPrep)
(4) Uso causativo: *They got my father to contribute* (GET + SN + inf.)

Embora *get* seja produtivo em todos os contextos apresentados acima, nem todos eles apresentam um desafio analítico do ponto de vista do significado do item lexical. Em contextos em que *get* ocorre com colocados adjetivais (uso incoativo), por exemplo, o conceito lexical abstrato de *mudança de estado* do verbo parece manter-se inalterado independente do adjetivo com o qual ele coocorre. No caso do *uso de movimento*, em que *get* coocorre com um SPrep locativo (*to land*) ou uma expressão dêitica (*there*, *here*), a leitura de movimento parece ser favorecida pela presença da expressão locativa. Sendo assim, em contextos como esses, isto é, antecedendo expressões locativas, o conceito lexical do verbo apresentará uma leitura abstrata de movimento que pode ser parafraseada por *arrive*, por exemplo. Entretanto, se por um lado nos contextos sintáticos discutidos até o momento (exemplos (2) e (3) acima) *get* tenha sentidos relativamente claros, os

contextos em que o colocado é nominal, isto é, *get* + SN (exemplos (1) e (4) acima), o verbo parece demonstrar mais do que apenas um único sentido. *Posse* e *Causação* são apenas dois dos possíveis significados licenciados pela sequência *get* + SN. Nesse contexto, *get* pode também nuclear Construções Resultativas (*I got the oven ready*), Construções de Movimento Causado (*He got the group into the show*), Construções Transitivas Simples *(I got the letter yesterday*) e Construções Bitransitivas (*She got me a glass of water*). Além disso, o conceito lexical de *get* não se mantém o mesmo em todas essas Construções. Posto isso, vemos que nos contextos em que *get* coocorre com um colocado nominal, diferentemente dos demais casos discutidos, há um claro caso de polissemia, para o qual uma investigação baseada em *corpus* pode em muito contribuir para o esclarecimento dos contextos construcionais em que esse verbo pode ocorrer e quais conceitos são licenciados por quais Construções.

Pelos motivos apresentados acima, o contexto *get* + SN pareceu-nos mais problemático e igualmente interessante do ponto de vista da descrição linguística. Além disso, se pensarmos nesse contexto construcional sob a perspectiva do falante (tanto nativo quanto aprendiz da língua), este parece ser o contexto de uso mais problemático no que se refere à definição de um sentido para o verbo. Desse modo, tendo em vista essa problemática, a busca no *corpus* restringiu-se ao contexto em que o colocado é nominal. Outra escolha metodológica que deve ser mencionada refere-se ao número que especificamos na busca pelo colocado nominal. Optamos por uma janela de duas palavras à direita da palavra de busca, como vemos na Figura 7:

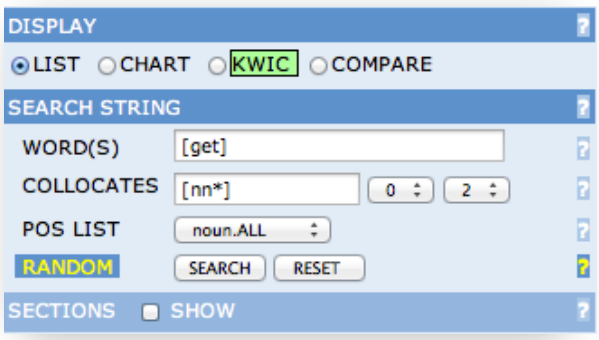


Figura 7 – Contexto de busca do colocado nominal para *get* no COCA

Como mostra a Figura 7, o espaço destinado à palavra de busca foi preenchido pelo verbo na sua forma lematizada; isto é, o verbo dentro dos colchetes, como mostra a figura ([*get*]), gera resultados com todas as formas morfológicas possíveis do verbo: *get, gets, getting, got* e *gotten*. Embora a frequência geral de formas morfológicas específicas sejam importantes em itens convencionalizados, como expressões idiomáticas (BARODAL, 2008; BARNBROOK, et al., 2013[74]; BYBEE, 2006), acreditamos que uma busca pelo item lematizado será capaz de abarcar tanto instâncias fraseológicas, como também Construções argumentais não fixas, como as Construções argumentais mencionadas acima.

Na linha COLLOCATES, especificamos a categoria gramatical do colocado, isto é, expressões nominais ([nn*]) que podem ocorrer em um contexto de até duas palavras à direita da palavra de busca. De acordo com a sintaxe de busca do COCA, [nn*] refere-se a quaisquer substantivos que podem ocorrer à direita da palavra, mas essa etiqueta captura formas nominais específicas, isto é, a busca por um colocado [nn*] trará em linhas distintas palavras como *job* e *jobs*, pois o *corpus* reconhece cada forma como uma palavra diferente. Visto que as formas específicas dos colocados não eram relevantes para nossa busca, fizemos uso de uma outra ferramenta disponibilizada pelo *corpus*, que permite ao pesquisador obter resultados em que as duas palavras, tanto a de busca quanto os colocados, são dadas em suas formas lematizadas. Essa busca pode ser realizada ao selecionarmos a especificação *both lemmas* na opção *group by*, como mostra a Figura 8.

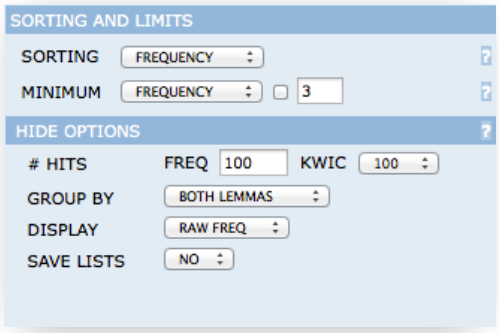


Figura 8 – Busca por colocados lematizados para *get* no COCA

[74] Barnbrook et al. (2013) contrastam o uso da forma morfológica *gotten* na variante britânica e americana da língua inglesa a fim de validar ou refutar, por meio de uma análise baseada em *corpus*, a crença comum de que na variante britânica a forma *gotten* foi suplantada pela forma *got*, que assim passou a ser ambígua. Os dados analisados mostraram que de fato a forma *gotten* perdeu parte de seu uso construcional na variante britânica, mas sobrevive em expressões cristalizadas como *ill-gotten gains* (ganhos ilícitos).

Dessa maneira, os colocados obtidos também foram apresentados em suas formas lematizadas, isto é, para o primeiro colocado [JOB], as linhas de concordância contavam com instâncias tanto de *job*, no singular, quanto de *jobs*, no plural.

Quanto ao número da janela à direita, cabe ressaltarmos que a escolha por um contexto de duas palavras foi feita para evitarmos que o *corpus* considerasse substantivos que complementassem verbos frasais (*phrasal verbs*) nucleados por *get*, como em [*get* [$_1$ *away* [$_2$ *with* [$_3$ *the* [$_4$ *problem*]]]]]. Embora os verbos frasais com *get* sejam extremamente produtivos na língua inglesa, optou-se por retirar esses dados do escopo desta pesquisa, pois algumas dessas unidades linguísticas são semanticamente tão convencionais e sintaticamente tão fixas que se assemelham a expressões idiomáticas, como é o caso de *get by*, cujo significado (*sobreviver*) em nada se assemelha ao significado de suas partes constituintes. Portanto, caso abarcássemos esses dados nesta pesquisa, teríamos de tratar cada um dos verbos frasais separadamente como Construções independentes, dada a definição de Construções que utilizamos aqui (cf. p. 31). Além disso, essas Construções de verbos frasais têm semânticas próprias que independem do colocado nominal com o qual coocorrem, logo a busca por colocados nominais seria irrelevante nesse contexto. Contudo, faz-se necessário chamar atenção para o fato de que o contexto de busca por duas palavras à direita não restringe por completo a obtenção de dados que contenham esse material linguístico, pois como salienta Tagnin (2013), os verbos frasais dividem-se em três subgrupos distintos com relação a sua realização sintagmática: 1. Aqueles sintaticamente fixos (*give off, find out*), que não admitem interpolação do objeto entre o verbo e a partícula adverbial; 2. Aqueles em que a interpolação é quase obrigatória (*see SN through*) e 3. Aqueles que admitem a interpolação ou não do objeto (*give SN away vs. give away SN*). Dessa maneira, a busca por um [nn*] que ocorra até duas posições à direita de *get* pode, ocasionalmente, capturar verbos frasais do tipo (2), como [*get* [$_1$ *people* [$_2$ *through*]]] e também verbos frasais do tipo (3), como [*get* [$_1$ *through* [$_2$ *problems*]]].

Escolhida a sintaxe de busca para a seleção das ocorrências que constituirão um *corpus* de estudo compilado a partir dos dados disponíveis no COCA, obtivemos uma lista de palavras (substantivos), da qual selecionamos as cinquenta primeiras mais frequentes. Apresentamos essas cinquenta palavras na Tabela 10 abaixo.

Tabela 10 – Lista de palavras resultante da busca por *get* + *noun* com até duas palavras à direita

Rank	Colocado	Frequência absoluta	*Rank*	Colocado	Frequência absoluta
1	[GET] || [JOB]	14030	26	[GET] || [WAY]	2608
2	[GET] || [PEOPLE]	11322	27	[GET] || [PICTURE]	2600
3	[GET] || [MONEY]	9596	28	[GET] || [POINT]	2560
4	[GET] || [CHANCE]	8478	29	[GET] || [NEWS]	2526
5	[GET] || [THING]	7216	30	[GET] || [PHONE]	2470
6	[GET] || [CALL]	6138	31	[GET] || [LETTER]	2442
7	[GET] || [INFORMATION]	5912	32	[GET] || [VOTE]	2414
8	[GET] || [ATTENTION]	5622	33	[GET] || [GUY]	2322
9	[GET] || [IDEA]	5584	34	[GET] || [FOOD]	2204
10	[GET] || [HELP]	5548	35	[GET] || [LIFE]	2194
11	[GET] || [TROUBLE]	4880	36	[GET] || [RESULT]	2092
12	[GET] || [MESSAGE]	4816	37	[GET] || [LOOK]	2064
13	[GET] || [SHOT]	4614	38	[GET] || [BALL]	2006
14	[GET] || [HAND]	4462	39	[GET] || [QUESTION]	1994
15	[GET] || [SENSE]	4062	40	[GET] || [SUPPORT]	1954
16	[GET] || [KID]	3934	41	[GET] || [CHILD]	1952
17	[GET] || [WORD]	3468	42	[GET] || [SLEEP]	1902
18	[GET] || [ANSWER]	3312	43	[GET] || [GUN]	1880
19	[GET] || [WORK]	2864	44	[GET] || [STORY]	1762
20	[GET] || [PROBLEM]	2830	45	[GET] || [BREAK]	1720
21	[GET] || [NAME]	2750	46	[GET] || [CAR]	1696
22	[GET] || [FEELING]	2738	47	[GET] || [TREATMENT]	1696
23	[GET] || [CREDIT]	2736	48	[GET] || [FOOT]	1680
24	[GET] || [TIME]	2672	49	[GET] || [WATER]	1644
25	[GET] || [HOLD]	2610	50	[GET] || [HELL]	1622

A tabela acima mostra a grande produtividade da sequência *get* + *substantivo.* A frequência absoluta somente das primeiras cinquenta palavras, com as duas palavras em suas formas lematizadas, gerou um total de 184.198 ocorrências da sequência *get* + *substantivo.* Uma vez que o próximo passo metodológico previa a anotação semântica manual das ocorrências em diferentes Construções gramaticais, seria impraticável analisarmos todas estas 184.198 ocorrências manualmente, principalmente se lembrarmos que, segundo a acepção de significado de Evans (2006), as palavras têm os seus sentidos adquiridos no contexto de um enunciado específico que, se alterado, pode acarretar mudanças em sua classificação semântica. Em outras palavras, cada uma destas 184.198 linhas de concordância refere-se a um contexto de enunciação específico e complexo que deve ser classificado com cautela. Entretanto, como os dados mais à frente demonstrarão, é implausível pensarmos que, entre as 14.030 ocorrências de *get* + *job*, por exemplo, não haja repetição dos mesmos contextos construcionais, tanto em termos sintáticos quanto semânticos. Portanto, ao pensarmos por esse ponto de vista, a análise manual de todas as

ocorrências de cada palavra não seria necessária e para fins descritivos de um trabalho que, como este, objetiva fornecer um mapeamento construcional de *get*, uma análise baseada em um recorte pode gerar resultados confiáveis no que se refere ao comportamento construcional desse verbo. Além disso, como salienta Biber (1993), generalizações sobre o comportamento de certas estruturas linguísticas podem ser feitas até mesmo com 1000 ocorrências de dado item, desde que os critérios selecionais sejam delimitados de modo que as instâncias capturadas sejam representativas da variabilidade linguística inerente ao *corpus* como um todo. Dessa maneira, os dados que compõem o nosso *corpus* de estudo foram selecionados respeitando-se critérios específicos que descrevemos a seguir.

Diante da lista de palavras obtida por meio da busca especificada nas Figuras 8 e 9, precisávamos selecionar os dados para a composição do nosso *corpus* de estudo de maneira a contemplar duas variáveis que acreditamos serem importantes e que poderiam afetar a análise dos fenômenos linguísticos. São elas: *quantidade de dados por cada palavra* vs. *número de palavras selecionadas*. Se, por exemplo, decidíssemos selecionar todas as ocorrências somente das três primeiras palavras, isto é, *job*, *people* e *money*, teríamos à nossa disposição 9.596 enunciados, que já comporiam um *corpus* de estudo robusto dados os objetivos analíticos da pesquisa. No entanto, embora essa escolha seja quantitativamente plausível, ela resvala em problemas de ordem qualitativa, pois se por um lado teríamos um número que nos possibilitaria chegar a generalizações sobre o comportamento construcional de *get*, por outro lado, os tipos de substantivos contemplados por essa análise seriam muito restritos. Em vista da nossa hipótese linguística de trabalho, isto é, de que o conceito lexical do verbo depende em grande parte de seus colocados nominais, essa escolha configuraria um problema de natureza qualitativa. Desse modo, a seleção realizada precisava abarcar tanto uma quantidade significativa de dados por palavra, quanto uma variedade igualmente significativa de tipos de substantivos. Com isso em mente, optamos por selecionar as cinquenta palavras mais frequentes dadas pela busca, pois nesse conjunto há uma boa variabilidade linguística entre os elementos nominais, isto é, esse grupo compreende nomes concretos (*money*), abstratos (*trouble*), animados (*people*), inanimados (*job*) etc. Do número total de ocorrências para cada palavra, decidimos selecionar 5% delas a fim de contemplar de maneira igualitária e proporcional tanto os substantivos mais frequentes quanto os menos

frequentes. Feito isso, obtivemos a seguinte lista de palavras, já com o número de enunciados (total de 9.210) que compõem o nosso *corpus* de estudo.

Tabela 11 – Dados que compõem nosso *corpus* de estudo

Número	Colocado	Freq. absoluta	5%	Soma
1	[JOB]	14030	702	702
2	[PEOPLE]	11322	566	1268
3	[MONEY]	9596	480	1747
4	[CHANCE]	8478	424	2171
5	[THING]	7216	361	2532
6	[CALL]	6138	307	2839
7	[INFORMATION]	5912	296	3135
8	[ATTENTION]	5622	281	3416
9	[IDEA]	5584	279	3695
10	[HELP]	5548	277	3972
11	[TROUBLE]	4880	244	4216
12	[MESSAGE]	4816	241	4457
13	[SHOT]	4614	231	4688
14	[HAND]	4462	223	4911
15	[SENSE]	4062	203	5114
16	[KID]	3934	197	5311
17	[WORD]	3468	173	5484
18	[ANSWER]	3312	166	5650
19	[WORK]	2864	143	5793
20	[PROBLEM]	2830	142	5934
21	[NAME]	2750	138	6072
22	[FEELING]	2738	137	6209
23	[CREDIT]	2736	137	6346
24	[TIME]	2672	134	6479
25	[HOLD]	2610	131	6610
26	[WAY]	2608	130	6740
27	[PICTURE]	2600	130	6870
28	[POINT]	2560	128	6998
29	[NEWS]	2526	126	7124
30	[PHONE]	2470	124	7248
31	[LETTER]	2442	122	7370
32	[VOTE]	2414	121	7491
33	[GUY]	2322	116	7607
34	[FOOD]	2204	110	7717
35	[LIFE]	2194	110	7827
36	[RESULT]	2092	105	7931
37	[LOOK]	2064	103	8035
38	[BALL]	2006	100	8135
39	[QUESTION]	1994	100	8235
40	[SUPPORT]	1954	98	8332
41	[CHILD]	1952	98	8430
42	[SLEEP]	1902	95	8525
43	[GUN]	1880	94	8619
44	[STORY]	1762	88	8707
45	[BREAK]	1720	86	8793
46	[CAR]	1696	85	8878
47	[TREATMENT]	1696	85	8963

48	[FOOT]	1680	84	9047
49	[WATER]	1644	82	9129
50	[HELL]	1622	81	9210
	TOTAL	184.198		9.210

Com o número total de enunciados que comporiam o nosso *corpus* de estudo, o próximo passo na sua construção estava na seleção dos enunciados de cada uma das palavras para chegarmos ao número total de 9.210 linhas de concordância. Como dito em Biber (1993), a captura da variabilidade gramatical de um *corpus* depende mais dos critérios utilizados na seleção dos dados do que da quantidade de dados extraídos. Assim, para cada uma das palavras, precisávamos recolher o número de enunciados especificado na Tabela 11 de maneira randômica, a fim de evitarmos, como advertem McEnery e Wilson (1996), a captura de Construções que se encontram concentradas somente em uma parte específica do *corpus*. Para tanto, utilizamos a ferramenta disponibilizada pelo próprio COCA, isto é, a KWIC (*Key Word In Context*). A busca, utilizando-se essa ferramenta, gera uma quantidade de linhas de concordância de 100 a 1000 enunciados com a palavra de busca centralizada. Cada nova busca gera um conjunto randômico de enunciados de maneira que os dados acessados por meio da utilização dessa ferramenta são resultantes de diferentes partes do *corpus*, isto é, os dados obtidos respeitam a variabilidade de gênero e período histórico necessários para que as explicações e análises sejam confiáveis. Dessa maneira, fizemos uma busca no KWIC para cada uma das palavras, conforme mostra a Figura 9.

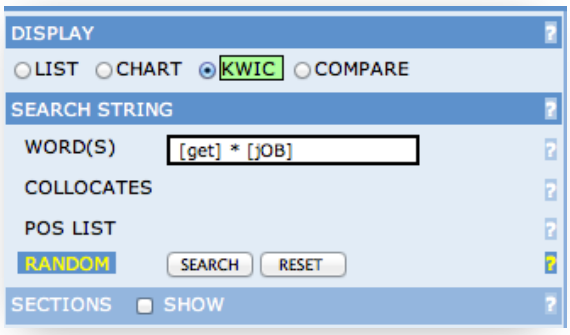


Figura 9 – Contexto de busca dos colocados de *get* no KWIC

Fizemos a busca pela sequência [get] * [colocado][75] e partir dela selecionamos o número de enunciados de que precisávamos para cada palavra, isto é, 702 enunciados de *job*, 566 enunciados de *people* etc. como mostra a Tabela 11. Feito isso chegamos a um conjunto de dados retirados do COCA, que passou a ser o nosso *corpus* de estudo. Portanto, resumidamente, esse *corpus* de estudo conta com 9.210 enunciados da sequência *get* + *substantivo* com uma variabilidade colocacional de 50 colocados diferentes. Os enunciados que compõem nosso *corpus* de estudo pretendem refletir o comportamento de *get* na língua inglesa na sua variedade americana e cobrem esse comportamento nos últimos 23 anos, uma vez que a data das publicações de onde as ocorrências foram retiradas variam de 1990 a 2013. No que se refere aos gêneros do discurso, o *corpus* de estudo é constituído por enunciados oriundos de cinco gêneros do discurso, isto é, *spoken, fiction, news, magazine* e *academic*. A distribuição da porcentagem dos enunciados por gênero pode ser vista no gráfico abaixo:

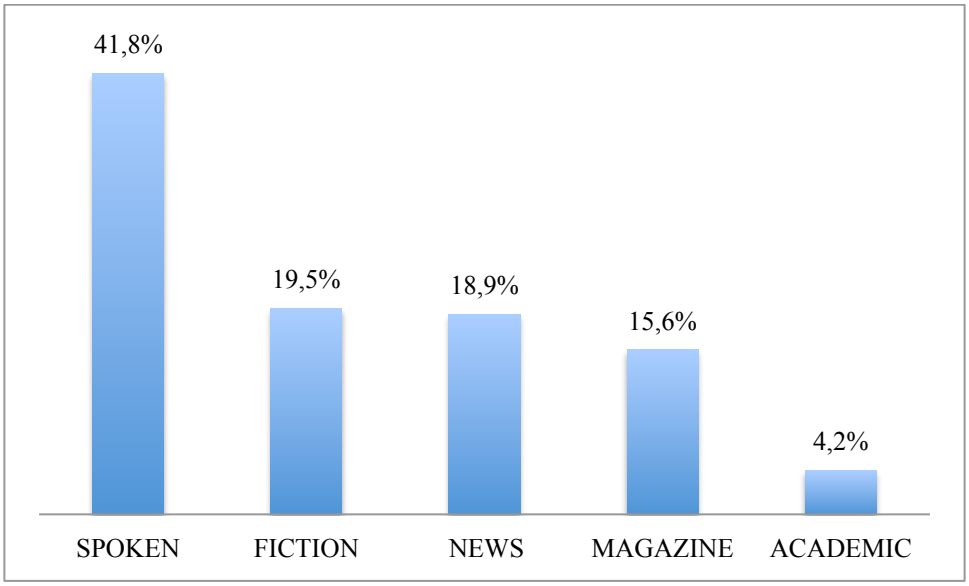


Figura 10 – Distribuição dos enunciados do *corpus* de estudo por gênero discursivo

[75] De acordo com a sintaxe de busca do *corpus*, o asterisco refere-se a uma posição possível no enunciado. Logo, a sintaxe [get] * [job] pode gerar resultados como *got jobs*, em que o colocado ocorre imediatamente após *get*, bem como resultados como *get a job*, em que há uma palavra entre *get* e o colocado nominal.

Como mostra o gráfico, fica-nos evidente que os dados desse *corpus* são percentualmente mais representativos do discurso falado em comparação a outros gêneros. No entanto, a distribuição entre discurso escrito e falado parece estar balanceada, pois se somados, os outros gêneros juntos, que são gêneros do discurso escrito, totalizam 58% das ocorrências. Posto isso, a distribuição dos dados apresentada no gráfico acima previne que a análise do comportamento construcional de *get* com esses dados seja tomada como característica de um único gênero do discurso, pois assim como discutido anteriormente, segundo a prática da LC, uma análise que pretende fornecer explicações sobre fenômenos linguísticos da língua geral deve contemplar um número balanceado de dados oriundos de vários gêneros discursivos, de maneira que o *corpus* construído seja uma amostra fiel da variabilidade de gêneros que caracteriza a língua de uma maneira geral.

Nas próximas seções, discutimos brevemente a classificação semântica manual a que os dados foram submetidos e por fim apresentamos os cálculos estatísticos utilizados na verificação da relação de frequência mantida entre as Construções e o verbo *get*, bem como entre as mesmas Construções e outros verbos.

3.4 A categorização semântica: Construções e fraseologismos

Realizada a seleção automática dos dados, conforme a descrição feita nas seções anteriores, os enunciados passaram a compor o *corpus* de estudo sobre o qual realizamos uma categorização semântica. Esse mapeamento das Construções presentes em nosso *corpus* de estudo foi inicialmente baseada na tipologia de Construções fornecida em Goldberg (1995). No entanto, uma análise mais acurada dos contextos sintáticos e semânticos em que *get* + substantivo ocorreu revelou uma série de subconstruções independentes que vão além daquelas especificadas por Goldberg (1995). Vejamos na Tabela 12 abaixo a categorização que fizemos dos 9.210 enunciados e suas respectivas Construções.

Tabela 12 – Distribuição dos dados em Construções

Construção	Sentido Central	Ocorrências
Transitiva		6220
	Obtenção	4192
	Recebimento	874
	Posse	565
	Existência	428
	Entendimento	94
	Propósito	67
Movimento Causado	*Mover*	1284
Resultativa	*Fazer*	293
Causativa	*Fazer*	872
Intransitiva de Movimento	*Mover*	476
Bitransitiva	*Transferir*	66
Total		9210

Por ora, para os objetivos deste capítulo, a simples constatação das principais Construções encontradas, assim como a distribuição no *corpus* de estudo como um todo é suficiente, pois trataremos das especificidades das Construções com maior detalhamento no próximo capítulo. No entanto, é importante salientarmos que a categorização dos dados foi acompanhada de um isolamento dos fraseologismos que instanciam lexicalmente as Construções encontradas no *corpus*. Contudo, para realizarmos esse isolamento foi imprescindível chegarmos a uma definição que explicitasse de maneira clara o que exatamente caracteriza um 'fraseologismo'. Para isso, utilizamos a definição de Gries (2008), que discutimos a seguir.

Segundo Gries (2008), embora sejam frequentes e significativas para a teoria linguística como um todo, as pesquisas fraseológicas pecam justamente na definição de seu objeto de análise, isto é, no que entendem por *fraseologismo*. Na visão do autor, os diversos trabalhos nessa área de investigação adotam parâmetros de definição implicitamente, de modo que somente conseguimos ter acesso a esses parâmetros de modo dedutivo a partir da análise dos dados contemplados. Consequentemente, a ausência de princípios explícitos que classifiquem os fenômenos linguísticos como pertencentes ou não à categoria de fraseologismo podem, segundo o linguista, tornar a definição muito abrangente. Como resultado disso, corre-se o risco de que o escopo de atuação das pesquisas fraseológicas perca o seu rigor analítico. Com isso em mente, Gries discute seis princípios que, segundo o autor, subjazem as principais pesquisas que fazem uso do termo. Elencamos abaixo esses princípios, que transformamos em perguntas.

i. Qual é a natureza linguística dos elementos envolvidos nos fraseologismos?
ii. Quantos elementos uma expressão deve conter para ser classificada como um fraseologismo?
iii. Quão frequente uma expressão deve ser para ser classificada como um fraseologismo?
iv. Qual é a distância permitida entre os elementos em um fraseologismo?
v. Qual é a flexibilidade lexical e sintática dos elementos internos?
vi. Qual é o papel da unicidade semântica nos fraseologismos?

Gries responde a cada uma das perguntas acima com base em dados que são comumente classificados na literatura como sendo casos de fraseologismos, isto é, expressões idiomáticas como *kick the bucket*, expressões fixas como *run amok*, verbos frasais como *give up*, padrões congelados como *of course*, etc. À luz dessa discussão, o linguista chega à seguinte definição:

> [...] um fraseologismo é definido como a coocorrência de uma forma ou um lema de um item lexical e um ou mais elementos linguísticos adicionais de vários tipos, que funcionam como uma unidade semântica em uma oração ou período e cuja frequência de coocorrência seja maior que aquela esperada ao acaso. (GRIES, 2008, p. 6)[76]

Tomamos a definição de Gries acima como base para a classificação dos fraseologismos que frequentemente instanciam as Construções gramaticais em nosso *corpus* de estudo. Um aspecto a ser salientado com relação à definição fornecida por Gries refere-se a sua similaridade com a definição de Construções fornecida em Goldberg (2006), apresentada no Capítulo 2 e repetida aqui.

[76] Original: […] a phraseologism is defined as the co-occurrence of a form or a lemma of a lexical item and one or more additional linguistic elements of various kinds which functions as one semantic unit in a clause or sentence and whose frequency of co-occurrence is larger than expected on the basis of chance.

> Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção, desde que algum aspecto de sua forma ou função não possa ser diretamente previsível a partir de suas partes ou de outras construções reconhecidamente existentes. Além disso, padrões são armazenados como construções mesmo que eles sejam completamente previsíveis, mas desde que eles ocorram de maneira suficientemente frequente. (GOLDBERG, 2006, p. 5, grifo nosso)

No entanto, embora as duas definições possam parecer descrever o mesmo tipo de fenômeno, cabe ressaltar que a definição de Gries, que tem por objetivo capturar fenômenos linguísticos lexicalmente marcados, não abarca Construções gramaticais abstratas, como uma Construção Bitransitiva (SUJ OBJ_1 OBJ_2), por exemplo. Sendo distintas, porém complementares, as duas definições servem-nos como base de classificação dos fenômenos linguísticos sob análise nesta pesquisa. Dessa forma, expressões com estruturação sintática como *get SN away from SN* (parcialmente preenchida com itens lexicais) e *get the job done* (consideravelmente fixa em nosso *corpus* de estudo), puderam ser agrupadas sob o título de fraseologismos. Da mesma maneira, expressões com diferentes níveis de idiomaticidade como *get the message* (expressão idiomática que pode ser parafraseada por *understand*) ou *get people into trouble* (expressão figurativa mais transparente) também foram agrupadas sob a mesma categoria de fraseologismo.

3.5 Os cálculos estatísticos: atração e dependência

Parte de uma pesquisa empírica em linguística, especialmente uma enviesada pela LC, prevê a adoção de uma metodologia de seleção das unidades linguísticas que comporão o objeto de análise do pesquisador, segundo critérios selecionais específicos, assim como explicitamos neste capítulo. Entretanto, dentro do arcabouço metodológico da LC, a utilização de cálculos estáticos é uma característica marcante, pois através deles consegue-se provar se os dados e fenômenos aos quais chegamos são de fato representativos do objeto de estudo ou se são meros frutos de coincidências internas do *corpus* que estamos utilizando.

Embora a utilização de estatística na descrição de estruturas linguísticas seja lugar comum nos estudos baseados em *corpus*, há um crescente número de linguistas fora desse domínio que fazem uso dessas ferramentas para endossar suas análises teóricas e para fundamentar, em termos quantitativos, as explicações do funcionamento do sistema linguístico. Entre esses linguistas, há uma série de pesquisadores que usam resultados quantitativos equacionando-os com teorias de orientação cognitiva (GLYNN, 2012; GRIES, 2006; NEWMAN, 2011). Dessa maneira, uma infinidade de cálculos são desenvolvidos a fim de fornecer aos seus usuários um modelo de análise matemática que seja condizente com os pressupostos da teoria que se está utilizando. Contudo, como salienta Glynn (2012, p. 6), "devemos lembrar que técnicas estatísticas são somente ferramentas de análise. Nenhuma técnica estatística irá identificar um fato linguístico ou explicará qualquer estrutura linguística"[77]. Essa afirmação explicita de maneira clara a relação que devemos considerar entre fatos linguísticos e dados estatísticos. Estes devem estar condicionados àqueles e não o contrário.

Dado o caráter utilitário e pragmático dos cálculos estatísticos nas pesquisas linguísticas, em nossa pesquisa sentimos a necessidade de um modelo que explicasse de maneira clara a relação mantida entre as Construções apresentadas na seção anterior e o objeto de nossa análise, isto é, *get*. No entanto, uma análise estatística sólida deveria não somente fornecer essa força de atração entre a Construção Bitransitiva, por exemplo, e o verbo *get*, mas também deveria ser capaz de explicar quais outros verbos podem se fundir a essa Construção e até que ponto, em termos de frequência, esses outros verbos ocorrem mais ou menos com essa Construção em comparação a *get*. Entre as análises 'disponíveis no mercado', o modelo de Schmid (2010) fornece duas medidas estatísticas que servem aos propósitos desta pesquisa, isto é, o autor desenvolve um método de análise que objetiva medir tanto o nível de *atração* quanto de *dependência*[78] entre dado item lexical e uma Construção gramatical com um simples cálculo estatístico, que descreveremos aqui, mas que será posto em prática na descrição dos dados no próximo capítulo.

[77] Original: "…we must remember that statistical techniques are only analytical tools. No statistical technique will identify a linguistic fact or explain any linguistic structure."
[78] Schmid (2010) usa os termos *attraction* e *reliance*, que aqui traduziremos respectivamente como *atração* e *dependência*.

No trabalho intitulado *Does frequency in text instantiate entrenchment in the cognitive system?*[79], Schmid (2010) discute como a LC encara e interpreta o fenômeno da frequência de uso no discurso, isto é, como esse fator é levado em consideração na modelagem de suas explicações para o funcionamento da língua. Segundo esse linguista, a LC toma a frequência como um indício da proeminência de certas estruturas linguísticas no discurso e, consequentemente, no sistema da língua. Entretanto, os estudos chamados por ele de *semântica cognitiva quantitativa* também adotam a frequência de uso das expressões no discurso como um fator significativo nos estudos linguísticos; no entanto, segundo essa visão, a frequência é encarada como uma pista do nível de *fixação* de determinadas Construções no sistema cognitivo dos falantes. Isto é, a frequência de uso de determinada expressão é capaz de identificar a prototipicidade dos sentidos das expressões linguísticas.

Posto isso, o autor chama atenção para a necessidade de se desenvolver, dentro da agenda dos estudos semântico-cognitivos quantitativos, métodos estatísticos que possam refletir, com a maior precisão possível, a referida relação mantida entre a frequência observada de elementos linguísticos no discurso e o nível de *fixação cognitiva* desses elementos na mente de falantes. Para tanto, Schmid (2010) propõe uma operação aritmética simples, em comparação a outras medidas[80], para descrever as relações quantitativas mantidas entre itens lexicais e as Construções nas quais eles podem ocorrer. O linguista chama essas medidas de *atração* e *dependência* e são calculadas conforme mostram as fórmulas a seguir.

$$\text{Atração} \qquad \frac{\text{Frequência de um item em uma Construção} \times 100}{\text{Total da frequência da Construção no } \textit{corpus}}$$

Figura 11 – Medida de *atração* entre itens lexicais e construções

[79] Uma tradução possível para o título poderia ser: *A frequência em textos instancia a fixação no sistema cognitivo?*

[80] Em especial, Schmid chama atenção para o fato de que algumas das medidas estatísticas utilizadas em LC, como o *t-score* ou o *MI score*, eram tão opacas e técnicas que até mesmo os próprios linguistas de *corpus*, que se valiam dessas medidas, não eram capazes de dizer com precisão a significância deles para a descrição de algumas estruturas. Além disso, em termos teóricos, esses modelos também podiam ser falhos na captura das relações linguísticas mantidas entre as palavras de busca e seus colocados, pois sendo medidas puramente quantitativas, elas poderiam gerar resultados que não necessariamente configuravam um caso de colocação em termos linguísticos.

$$\text{Dependência} \quad \frac{\text{Frequência de um item em uma Construção x 100}}{\text{Total da frequência do item no } \textit{corpus}}$$

Figura 12 – Medida de *dependência* entre itens lexicais e construções

Como podemos ver pelas fórmulas acima, as medidas fazem uso de operações matemáticas simples, isto é, trata-se de uma equação de porcentagem, popularmente conhecida como "regra de 3", em que multiplicamos o total de ocorrências do item sob análise por 100 e dividimos esse resultado pelo número total de ocorrências da Construção que estamos investigando. Assim, o cálculo de *atração* descreve em que medida determinada Construção gramatical atrai um item lexical específico, ou seja, essa medida adota a perspectiva da construção gramatical e não dos itens lexicais que a preenchem. Na descrição de nossos dados, portanto, essa medida estatística pode ser usada para dizer até que ponto *get* é o verbo preferido pelas diversas Construções em que ele ocorre, em comparação com outros verbos. Dessa forma, o cálculo caracteriza-se por ser uma medida que avalia a lacuna de um item lexical em uma Construção no eixo paradigmático, pois ela testa a força que uma Construção tem para atrair um item lexical X e não Y. Schmid desenvolveu essa medida para descrever o nível de *atração* entre certas Construções e o que o linguista chama de *shell nouns*. Em sentenças como *he can't accept the* ***the idea*** *that she doesn't love him,* por exemplo, o substantivo *idea* é classificado como um *shell noun*, pois ele encapsula a informação contida na oração sublinhada no exemplo. Ao usar a medida de atração para os substantivos *fact* e *idea*, Schmid fornece os dados a seguir.

$$\text{Atração}_{\textit{fact that}} \quad \frac{26106 \times 100}{141476} = 18.45\%$$

$$\text{Atração}_{\textit{idea that}} \quad \frac{4812 \times 100}{141476} = 3.40\%$$

Figura 13 – Cálculo de *atração* para os substantivos *fact* e *idea* (SCHMID, 2010, p. 108)

A análise estatística dos substantivos no *corpus* utilizado por Schmid mostra que a construção N + *that-clause* atrai com maior frequência o substantivo *fact* se comparado a *idea*. Isto é, pode-se ler o cálculo acima da seguinte maneira: em todas as ocorrências de N + *that*-clause no *corpus*, 18.45% delas ocorre com *fact*, ao passo que 3.40% delas está associada à palavra *idea*. Ao possibilitar a comparação da frequência de diferentes substantivos na mesma construção, a medida mostra-se um método eficiente de captura das relações paradigmáticas entre itens lexicais específicos e construções gramaticais.

O cálculo de *dependência*, por sua vez, determina o grau de dependência do item lexical em relação a uma construção gramatical específica, isto é, a medida nos mostra a probabilidade que determinada forma lexical tem de ocorrer mais frequentemente em uma construção em comparação a outras construções. Ao passo que a medida de *atração* adota a perspectiva da construção, o cálculo estatístico de *dependência* coloca-se na perspectiva do item lexical. Em nossos dados, o cálculo pode ser utilizado para mostrar a preferência de *get* em relação às Construções em que ele ocorre. Schmid (2010) utiliza os substantivos *fact* e *realization* para exemplificar o método utilizado.

$$\text{Dependência}_{\textit{fact that}} \quad \frac{26106 \times 100}{68472} = 38.13\%$$

$$\text{Dependência}_{\textit{realization that}} \quad \frac{820 \times 100}{1185} = 69.20\%$$

Figura 14 – Cálculo de *dependência* para os substantivos *fact* e *idea* (SCHMID, 2010, p. 108)

Tomando como exemplo a mesma construção N + *that*-clause, a fórmula mostra que do número total de ocorrências de *fact* no *corpus*, em 38.13% das vezes ele ocorre em interação com a construção N + *that-clause*. Por outro lado, ao compararmos com o substantivo *realization*, de todas as suas ocorrências o substantivo prefere a construção mencionada em 69.20% dos casos. Ao adotar a perspectiva do item lexical sob análise, a medida de *dependência* caracteriza-se por ser uma medida estatística capaz de mostrar as tendências sintagmáticas do item em relação às construções em que ele ocorre.

Apesar de se mostrar um método relativamente eficiente na captura das relações estatísticas mantidas entre itens lexicais e construções gramaticais, tanto do ponto de vista destas como daqueles, o método utilizado não está isento de falhas descritivas. O próprio Schmit levanta a questão da significância dos resultados obtidos em interação com outros fatores quantitativos, como a diferença entre as frequências absolutas dos substantivos. Segundo o linguista, ao ser mais frequente do que *realization*, por exemplo, espera-se que *fact* tenha uma menor *dependência* com relação à construção N + *that-clause*, pois a sua alta frequência faz desse item uma expressão mais versátil, podendo assim, ocorrer em uma gama maior de construções. A mesma linha de raciocínio pode ser traçada ao compararmos *fact* e *idea*. Por ser mais frequente que *fact*, o substantivo *idea* será menos frequentemente atraído por uma construção específica, pelo simples fato de ocorrer em uma enorme gama de contextos construcionais.

Embora os argumentos utilizados por aquele que desenvolveu a metodologia sejam contundentes, as fórmulas descritas acima servem aos propósitos analíticos de *get*, pois, em primeiro lugar, diferentemente de Schmid (2010), esta pesquisa tem um único verbo como objeto de investigação e não uma classe de itens, como é o caso dos *shell nouns*. Logo, o problema referente à frequência absoluta do item é irrelevante em nosso contexto de análise. Ao contrário, nossa hipótese de trabalho, segundo a qual contextos construcionais diferentes licenciam diferentes sentidos para o verbo *get*, está em perfeita consonância com a ideia de métodos que medem a relação de *atração* e *dependência* entre Construções e verbos. Portanto, apesar dos problemas levantados, a metodologia pode trazer explicações satisfatórias para os usos de *get,* como veremos com a sua aplicação nos dados no próximo capítulo.

3.6 Considerações finais

Neste capítulo, dedicado às escolhas metodológicas que permearam a escolha de um *corpus* e a seleção dos dados, descrevemos a abordagem metodológica adotada no tratamento dos dados de pesquisa. Como este estudo tem como objetivo geral investigar o comportamento construcional de um item lexical com dados da língua em uso, a preocupação com o modo como os dados foram selecionados é imprescindível, dado o

fato que esse passo pode alterar, de maneira substancial, a configuração da análise a ser realizada. Portanto, as seções apresentadas delimitaram o escopo sobre o qual a análise incidirá, isto é, o próximo capítulo contará com a análise de 9.210 enunciados retirados de maneira randômica do COCA em um contexto de duas palavras à direita da palavra de busca. Optamos por cobrir o maior número de dados tanto em termos quantitativos quanto qualitativos, ao colocarmos sob o escopo de análise uma variedade de cinquenta substantivos de diferentes tipos semânticos. Feito isso, os enunciados foram compilados em um banco de dados e submetidos a uma categorização semântica, onde destacamos as Construções em que *get* ocorreu, seu conceito nesses contextos construcionais e os fraseologismos, quando presentes, nucleados por esse verbo. Terminamos este capítulo com uma discussão acerca da importância dos cálculos estatísticos para uma pesquisa como esta e mostramos como o modelo oferecido em Schmid (2010) satisfaz as necessidades analíticas desta pesquisa.

4 ANÁLISE DOS DADOS

> "For a large class of cases — though not for all — in which we employ the word *meaning* it can be explained thus: the meaning of a word is its use in the language"
>
> – LUDWIG WITTGENSTEIN –

4.1 Introdução

Feita a compilação e seleção dos dados da pesquisa, conforme apresentado no capítulo anterior, passamos, neste capítulo, à categorização e análise desses dados ao apresentarmos e discutirmos as Construções em que *get* ocorreu mais frequentemente nos 9.210 enunciados selecionados em nosso *corpus* de estudo. O capítulo é iniciado com uma discussão acerca da taxonomia proposta em Goldberg (1995) para as Construções de estruturas argumentais e discute como se dão as relações sintáticas e semânticas entre as Construções que compõem a referida taxonomia. Utilizamos essa organização estrutural como modelo para a apresentação de nossos dados e suas respectivas análises e comentários.

Cada seção será dedicada a uma Construção independente e discutiremos os motivos pelos quais categorizamos essas estruturas linguísticas como tal, isto é, como Construções independentes e não extensões de outras Construções preexistentes. Cada seção dedicada a uma Construção discutirá as especificidades sintáticas e semânticas da categoria, fazendo referência ao conceito lexical que *get* tem em tal contexto construcional e salientando os fraseologismos que mais frequentemente instanciaram as Construções. Assim, partindo da premissa de que os fraseologismos mais frequentes em cada categoria construcional são realizações lexicais concretas de Construções argumentais mais abstratas, fazemos uso das medidas estatísticas discutidas no capítulo anterior para a análise quantitativa. Isto é, tomando os *frames* sintáticos dos fraseologismos como ponto de partida, buscamos apresentar por meio da utilização do COCA a relação de *atração* e *dependência* de *get* em relação aos fraseologismos em que ele ocorre e também em relação a outros itens lexicais que podem preencher a lacuna

verbal do fraseologismo. O capítulo termina com a análise de como as Construções com *get* em nosso *corpus* de estudo se relacionam em redes construcionais e quais propriedades particulares de certas Construções são herdadas por Construções mais específicas.

4.2 Taxonomia de Construções

Na seção 2.4.3 do capítulo 2, discutimos como se dão as relações entre Construções com especial ênfase nos tipos de herança que intermediam essas relações[81]. As relações entre Construções garantem que a GCC dê aos fenômenos linguísticos um tratamento dinâmico ao ser capaz de capturar as propriedades sintáticas e semânticas de Construções particulares a partir de Construções mais básicas e centrais. Desse modo, por meio de relações de motivação entre Construções que herdam propriedades umas das outras, ora de sua forma, ora de seu significado, a teoria não vê a necessidade de postular regras transformacionais ou derivacionais para explicar e descrever propriedades de certas estruturas linguísticas. Nas palavras de Goldberg (1995, p.107), a GCC aceita a possibilidade de "instâncias de sobreposição parcial sintática, semântica ou pragmática, sem necessariamente postular que uma das Construções envolvidas é básica e outra derivada"[82]. Especificamente no caso das Construções de estruturas argumentais, é plausível pensarmos que certas propriedades de uma Construção transitiva, por exemplo, sejam herdadas de Construções mais básicas[83]. Por exemplo, a propriedade linguística que especifica a ordem de palavras (SVO em português e inglês ou SOV em japonês) não é específica da Construção transitiva nas línguas, mas sim uma propriedade linguística herdada de uma Construção mais básica, que especifica a ordem de constituintes em dada língua. Posto isso, fica-nos claro que as generalizações entre Construções, no que diz respeito a propriedades gramaticais gerais, não são descritas no nível de Construções mais

[81] Lembramos que Goldberg (1995) salienta quatro principais tipos de relações de herança entre Construções. São elas: 1. Laços Polissêmicos; 2. Laços de Instanciação; 3. Laços de Extensão Metafórica; e 4. Laços de Subpartes.
[82] Original: "…instances of partial overlap of syntax, semantics, or pragmatics as such, without necessarily assuming that one of the constructions involved is basic, the other derived."
[83] *Básico* aqui se refere à ideia da linguística cognitiva de *cenas básicas da experiência humana* e não deve ser confundido com a ideia de *básico* em oposição a *derivado*.

específicas, mas são herdadas de Construções mais altas na hierarquia de uma taxonomia, como mostra a Figura 15 abaixo.

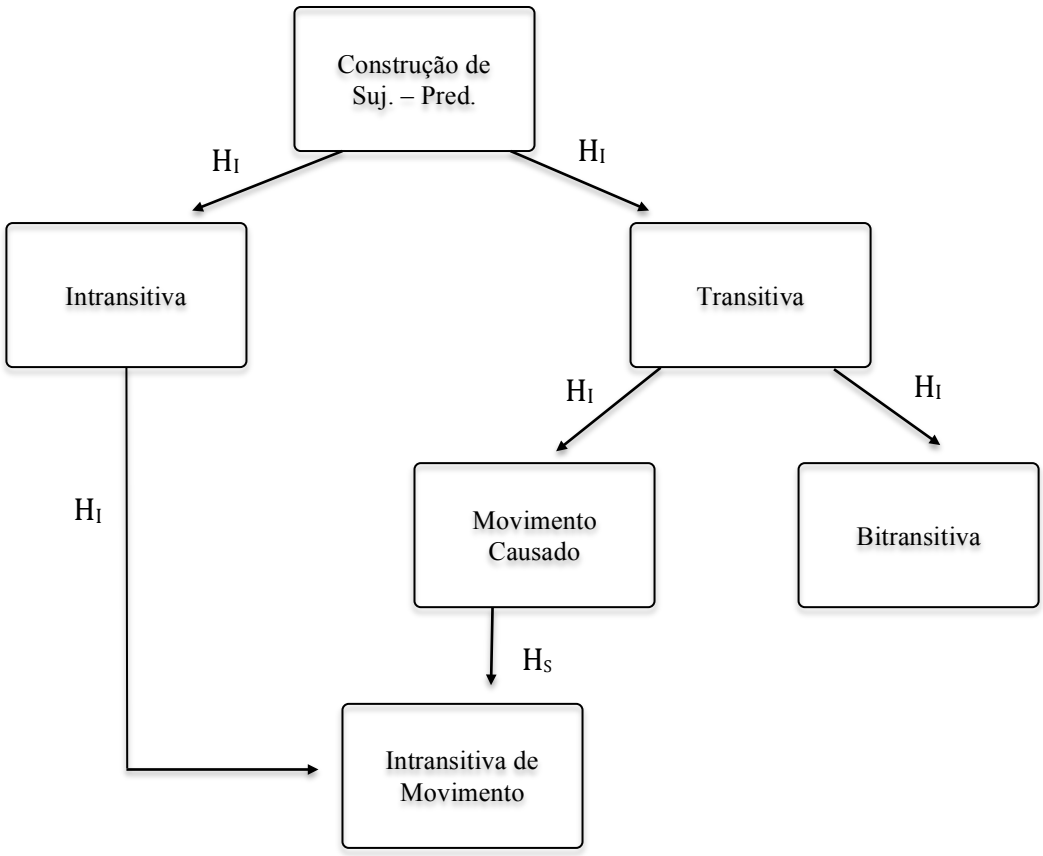


Figura 15 – Taxonomia de Construções argumentais (GOLDBERG, 1995, p. 109)

Peguemos como exemplo a Construção Intransitiva de Movimento representada acima. Por estar mais abaixo na taxonomia, entendemos que sua estrutura sintática seja herdada de uma Construção Intransitiva mais básica. Isto é, a Construção Intransitiva de Movimento herda, por meio de uma herança de *instanciação* (H_I), de sua Construção mãe o seguinte padrão sintático: [SUJ [V]]. No entanto, essa Construção herda da Construção de Movimento Causado o seu significado construcional de movimento por meio de uma herança de *subparte*, ou seja, a Construção Intransitiva de Movimento é vista como uma estrutura mais específica da Construção de Movimento Causado. Em termos lexicais, expressões como *get in the way* ou *get into trouble* são fraseologismos que instanciam linguisticamente essa Construção abstrata, cuja semântica pode ser lida como X MOVE

para/sobre Y e cuja estrutura pode ser representada como [SUJ [V OBL]]. A definição de Construção oferecida por Goldberg que adotamos aqui (cf. seção 2.4 na p. 31) confere à Construção Intransitiva de Movimento o *status* de Construção independente, pois ao herdar sua forma e significado de duas Construções distintas, ela não é completamente idêntica a nenhuma delas em sua estrutura e, em consequência, pode ser tratada como uma Construção.

Ao ver a língua como um inventário de Construções que se relacionam por meio de redes construcionais e processos de herança, a GCC se configura como uma teoria dinâmica na explicação de fenômenos linguísticos, tanto no nível fraseológico como sentencial e discursivo, pois uma oração, por exemplo, é vista como o resultado da interação de diferentes Construções, assim como vemos abaixo.

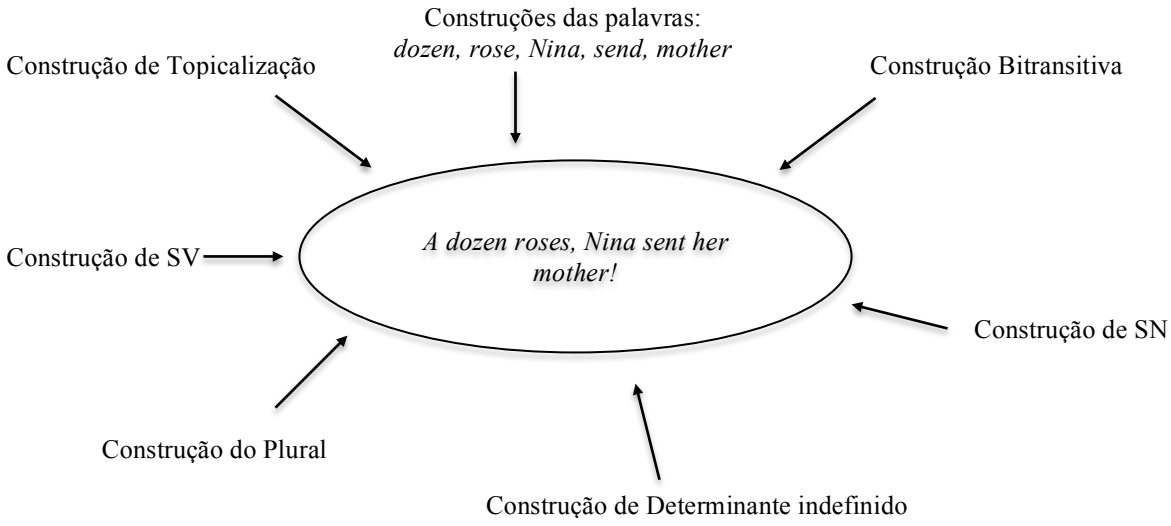


Figura 16 – Descrição construcional de uma oração (GOLDBERG, 2006, p. 21)

Como a figura acima demonstra, orações completas na veiculação de significados, como *A dozen roses, Nina sent her mother!,* herdam sua estrutura sintática e semântica de uma série de Construções com diferentes níveis de complexidade. Em outras palavras, as orações complexas são resultantes de uma relação de integração entre Construções independentes da gramática.

Especificadas as relações entre Construções, passamos a seguir para a análise de nossos dados. A apresentação das seções respeitará a ordem da taxonomia apresentada na Figura 15 acima, isto é, partiremos de cima para baixo na descrição das Construções até suas instanciações lexicais, ou seja, até o nível fraseológico em cada uma das categorias.

4.3 Construções Transitivas

Como vimos no capítulo anterior (cf. Tabela 12 na p. 78), a Construção Transitiva do tipo estrutural [SUJ [V [OBJ]] atrai grande parte das ocorrências de *get* em nosso *corpus* de estudo, ao representar 67,53% dos dados compilados nesta pesquisa (um total de 6220 enunciados). No entanto, se por um lado o polo relativo à forma da Construção aparenta ser sistematicamente estável, o mesmo não pode ser dito de seus aspectos semântico e lexical, dados os vários significados que ela pode ter.

Goldberg (1995) brevemente chama atenção para o fato de que a Construção Transitiva pode ser analisada como tendo um significado básico e central segundo o qual um *actante volitivo* causa um efeito sobre um *paciente inanimado* (GOLDBERG, 1995, p. 118). Desse sentido prototípico decorreriam extensões responsáveis por licenciar uma gama de expressões transitivas particulares com sentidos mais específicos. Sob essa perspectiva, Goldberg sugere uma visão de *sentidos múltiplos* para essa Construção a fim de capturar o comportamento construcional de uma classe de verbos que ocorrem em Construções Transitivas simples, como *have, own, acquire, inherit, receive* e o objeto de nossa pesquisa *get*. Portanto, segundo uma abordagem de sentidos múltiplos para cada uso distinto de *get* em uma configuração sintática transitiva, podemos postular uma Construção independente com sentido próprio. Essas extensões seriam ligadas à Construção de sentido central (X AGE SOBRE Y) por meio de relações de herança por laços polissêmicos e herdariam suas propriedades sintáticas básicas de sua Construção dominante. Essa abordagem se assemelha ao tratamento dado por Lakoff (1987) às Construções com o expletivo *there* na língua inglesa.

De acordo com os resultados obtidos pela busca no COCA e as expressões contidas em nosso *corpus* de estudo, uma visão de sentidos múltiplos para as Construções Transitivas é condizente com a realidade dos dados que se enquadram no padrão sintático

[SUJ [V [OBJ]]. Entretanto, assim como apontado por Goldberg, os sentidos das expressões, ou usos de *get* nessa categoria, apresentam uma variabilidade considerável, como mostra o gráfico abaixo.

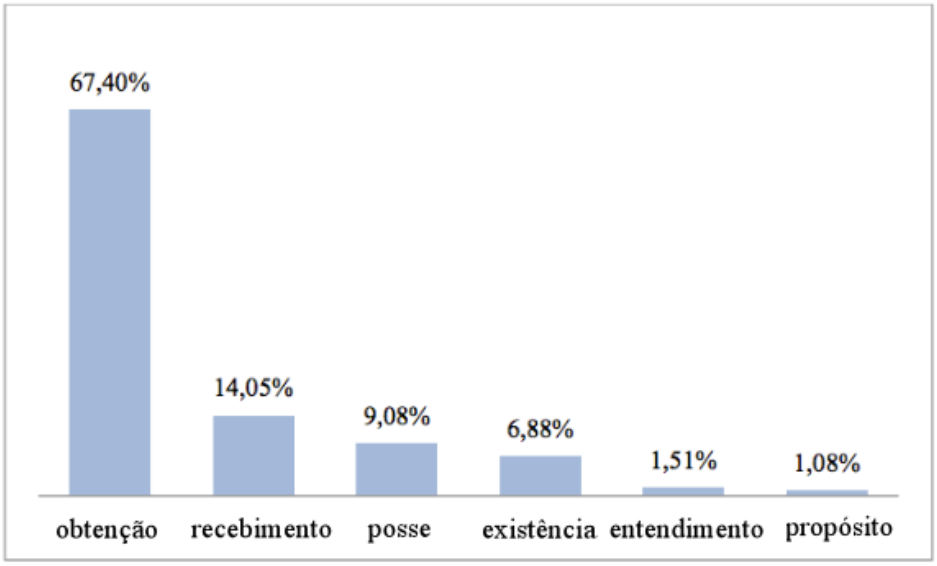


Figura 17 – Distribuição dos sentidos abstratos de *get* na Construção Transitiva

Como mostra o gráfico acima, em termos comparativos, o conceito geral de *obtenção* é certamente mais central e prototípico nas Construções Transitivas, pois corresponde a 67,40% das ocorrências, isto é, esse sentido é pelo menos duas vezes mais frequente que os demais conceitos somados e quase quatro vezes mais frequente que o sentido de *recebimento*, o segundo conceito mais frequente na categoria das transitivas. *A priori* esses números corroboram o sentido central das Construções Transitivas proposto por Goldberg, que afirma que essas estruturas refletem cenas de um *agente volitivo* agindo sobre um *paciente inanimado*, pois entre os conceitos apresentados acima, *get* com o sentido de *obtenção*, diferentemente de *get* com sentido *recebimento*, necessita de um sujeito gramatical do tipo volitivo, como discutiremos mais à frente.

Os demais conceitos, *entendimento*, *posse, existência* etc. ocorreram menos frequentemente, pois refletem instanciações lexicais com fraseologismos específicos, como veremos nas seções seguintes, onde discutiremos os conceitos separadamente.

4.3.1 Transitivas *get* com sentido central de *obtenção*

Ao discutir as propriedades herdadas por Construções mais baixas nas redes construcionais, Goldberg (1995) faz uso das noções de Proto-agente e Proto-paciente desenvolvidas por Dowty (1991)[84] na caracterização dos papéis argumentais que se associam respectivamente às funções de *sujeito* e *objeto*. Segundo a autora, a proposta de Dowty apresenta uma série de características para esses dois tipos de papéis argumentais que podem ser capturadas em uma abordagem construcional. Essas características são as seguintes:

Propriedades do Proto-agente:

i. envolvimento volitivo no evento ou estado
ii. percepção
iii. causar um evento ou mudança de estado em outro participante
iv. movimento (relativo à posição de outro participante)
v. existe independentemente do evento nomeado pelo verbo

Propriedades do Proto-paciente:

i. experiencia mudança de estado
ii. tema prototípico
iii. casualmente afetado por outro participante
iv. inerte em relação ao movimento de outro participante
v. não existe independentemente do evento

Goldberg (1995, p. 116)

Segundo Dowty (1991), o argumento de um predicado que envolver o maior número de propriedades de um Proto-agente será lexicalizado como um *sujeito* e, da mesma forma, o argumento que contiver o maior número de propriedades de Proto-paciente será lexicalizado como um *objeto*. Na GCC, isso pode ser feito com a simples

[84] Dowty, David (1991). Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language* 67 (3): 547 – 619.

utilização desses Proto-papéis na definição da parte semântica das Construções Transitivas.

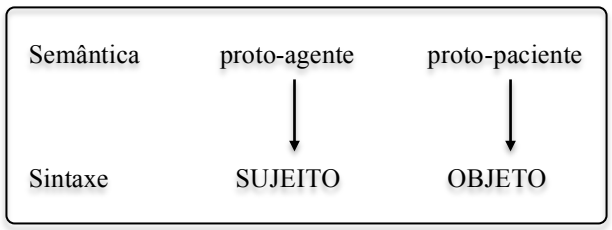


Figura 18 – Os papéis argumentais na Construção Transitiva central (GOLDBERG, 1995, p. 117)

Assim como discutido no capítulo 2, o *princípio de coerência semântica* proposto na GCC estipula que somente papéis participantes e argumentais compatíveis podem ser fundidos na Construção. Posto isso, ao levarmos esse princípio em consideração, somado à proposta da Figura 18 para as Construções Transitivas centrais, temos um modelo de análise para essa categoria. Vejamos como os dados de nosso *corpus* de estudo se comportam em relação às propriedades discutidas.

(1) *Push the button and you can **get other information** such as the story summary or movie rating.* [1994/SPOK]
(2) *And I think we're going to **get public support** as well as lobbyist support* [1991/SPOK]
(3) *I was trying to **get the money** and trying to move forward.* [1995/SPOK]
(4) *The international community has said that we need to **get an answer**, an indication of where Iran is going with this.* [2006/SPOK]
(5) *He rapped on the glass to **get their attention** so they wouldn't be spooked when he unlocked the door* [2012/FIC]
(6) *First of all, he needs to **get some help** for his addictions – for the gambling and the stealing* [1996/SPOK]
(7) *Why wasn't the White House able to **get the votes** it needed to bring the Foster nomination even to a vote* [1995/SPOK]
(8) *I was always pressured into **getting the things** that I wanted, even if I have to do the things* [1993/SPOK]
(9) *I 'm paving the way so that you can **get the job** that suits you* [2011/FIC]
(10) *The government should help African Americans **get the money** needed to start up new businesses.* [1992/SPOK]

As sentenças de (1) a (10) demonstram o uso transitivo de *get* com o sentido central de *obtenção*. Essa leitura pode ser atestada ao submetermos as sentenças a um teste de paráfrase que substitui *get* por outros verbos que implicam essa leitura de *obtenção*[85].

(11) *Push the button and you can **collect other information** such as…*
(12) *And I think we're going to **obtain public support** as well as lobbyist support*
(13) *I was trying to **grab the money** and trying to move forward.*
(14) *The international community has said that we need to **find an answer**…*
(15) *He rapped on the glass to **catch their attention** so they wouldn't be…*
(16) *First of all, he needs to **find some help** for his addictions…*
(17) *Why wasn't the White House able to **gain the votes** it needed…*
(18) *I was always pressured into **picking the things** that I wanted…*
(19) *I 'm paving the way so that you can **land the job** that suits you.*
(20) *The government should help African Americans **acquire the money** needed to…*

Embora os verbos acima alterem o significado original das sentenças de (1) a (10), eles pertencem a uma classe, chamada por Levin (1993, p. 141) de *verbs of obtaining*, cujo traço central aponta para a volição necessária aos argumentos *agentes* selecionados por esse grupo de verbos para seus sujeitos gramaticais. Dessa forma, o sentido central de *obtenção* é mantido. O mesmo não ocorre caso façamos a paráfrase utilizando verbos de uma classe que se associa a sujeitos com traços de *paciente*, como vemos abaixo:

(21) a. *I was trying to **grab the money** and trying to move forward.*
b. ??? *I was trying to **inherit the money** and trying to move forward.*

(22) a. *First of all, he needs to **find some help** for his addictions…*
b. *First of all, he needs to **accept some help** for his addictions…*

(23) a. *I was always pressured into **picking the things** that I wanted…*
b. ??? *I was always pressured into **receiving the things** that I wanted…*

[85] De acordo com uma busca feita no COCA, todos os verbos substituídos neste teste formam colocações possíveis com os respectivos substantivos.

As sentenças acima são gramaticalmente perfeitas, mas em (21b) e (23b) há um certo grau de anomalia pragmática. No par de sentenças em (21), o verbo *grab*, um bom substituto para *get*, é contrastado com *inherit* na colocação verbal *grab/inherit the money*. Como vemos, de forma isolada a colocação *inherit the money* não parece oferecer problemas interpretativos, o que corrobora a visão de que o estranhamento da sentença não é resultado de uma restrição lexical. No entanto, ao lermos a sentença, parece-nos estranho que alguém estivesse intencionalmente *tentando* herdar o dinheiro. A estranheza se deve ao fato de que o traço de agentividade presente em *trying* é incompatível com *inherit*. Porém, o mesmo não é verdadeiro nem para *grab* e nem para *get*, que se associam perfeitamente com *trying* na sentença. Em (22), embora não haja problemas de interpretação com o par de sentenças, há uma clara distinção na leitura que atribuímos a uma e a outra. Em (22a), fica-nos claro que o sujeito gramatical *he* é aquele que deve procurar ajuda e essa leitura pode ser facilitada se inserirmos o pronome reflexivo *himself* na estrutura a fim de enfatizar o estatuto agentivo do sujeito: *First of all, he* ***himself*** *needs to find some help for his addictions* ou *First of all, he needs to find some help for his addictions* ***himself.*** Em (22b), a presença de *accept* nos diz que ele precisa *aceitar a ajuda*, supostamente vinda de outra pessoa, isto é, o sujeito nessa sentença tem um papel mais "passivo" no evento. Por fim, na sentença (23), a substituição de *picking* por *receiving* gera um enunciado estranho, também do ponto de vista pragmático, pois normalmente somos pressionados a *receber* coisas que *não queremos* e não coisas que *desejamos obter*. A sentença torna-se aceitável se substituirmos a parte final por *didn't want*, como em *I was always pressured into receiving the things that* ***I didn't want***. Dessa maneira, a sentença torna-se aceitável, mas a leitura é de que o sujeito gramatical *I* desempenha o papel de *paciente* no evento desencadeado por um outro participante não explícito no enunciado, mas que poderia ser incluído (*I was always pressured into receiving the things that I didn't want* ***by my grandparents****).*

A leitura segundo a qual os sujeitos gramaticais de (1) a (20) têm um papel argumental agentivo é também corroborada pelas alternâncias em que Levin (1993) afirma poderem participar os verbos dessa classe[86]. São elas: a alternância benefactiva (*Carmen bought a dress for Mary*), a alternância dativa (*Carmen bought Mary a dress*) e a alternância locativa (*Carmen bought a dress from Diana*). Segundo a análise de

[86] É importante salientarmos que, segundo Levin (1993), *get* também pertence à categoria dos *verbs of obtaining*.

Goldberg (1995) para as bitransitivas, as alternâncias mencionadas em Levin (1993) compartilham todas de um traço comum de *transferência intencional* por parte daquele que desencadeia o evento denotado pelo verbo, ou seja, pelo agente volitivo.

Como já mencionado acima, sob a perspectiva construcional o *princípio de coerência semântica* somente é respeitado caso os participantes associados a classes de verbos e os papéis argumentais de Construções sejam compatíveis. Por esse viés, ao se fundir com a Construção Transitiva central, cuja semântica é X AGE SOBRE Y, onde X se refere a um *agente* e Y a um *paciente*, o conceito licenciado para *get* é de *obtenção.*

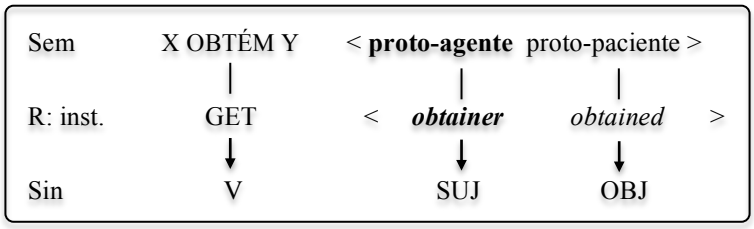


Figura 19 – Representação da Construção Transitiva de *get* com sentido de *obtenção*

Os exemplos verificados e discutidos até o momento foram retirados da categoria de Construções Transitivas com o sentido de *obtenção* (4192 enunciados) de nosso *corpus* de estudo. No entanto, nenhum dos enunciados de (1) a (10) traz um fraseologismo que frequentemente instancia essa categoria construcional. Nas próximas subseções, apresentamos os fraseologismos que ocorreram nessa categoria.

4.3.2 Fraseologismos transitivos com *get*: sentido de *obtenção*

Segundo a definição de Construções de Goldberg (2006) e de fraseologismos de Gries (2008), que utilizamos nesta pesquisa (cf. respectivamente seções 2.4 e 3.4), estruturas com considerável variabilidade sintática e semântica podem ser igualmente agrupadas sob o título de fraseologismos. Portanto, colocações, expressões idiomáticas e

até mesmo padrões sentenciais não fixos, porém frequentes, podem ser considerados fraseologismos. Isso se deve ao fato de que esses fenômenos são comumente descritos, na literatura especializada (TAGNIN, 2013; WRAY, 2002; WULFF, 2008), como expressões linguísticas que pertencem a uma escala de convencionalidade, que vai do mais fixo e idiomático (caso das expressões idiomáticas) até o mais livre e composicional (caso dos padrões sentenciais). Os fraseologismos presentes em nosso *corpus* de estudo, na parte referente às Construções Transitivas com sentido central de *obtenção*, também mostraram variabilidade estrutural e semântica. Vejamos uma tabela que contém esses dados.

Tabela 13 – Fraseologismos com sentido central de *obtenção* com base em 4156 enunciados

Fraseologismo	Freq. Absol.	Freq. Rel.	Fraseologismo	Freq. Absol.	Freq. Rel.
get DET chance to	330	7,94%	get the idea (that)	57	1,37%
get SN from	215	4,98%	get the feeling that	54	1,30%
get SN back	154	3,71%	get information about	45	1,08%
get a hold of	129	3,10%	get a job as a	42	1,01%
get DET sense of	126	3,03%	get one's way	36	0,87%
get DET idea of	89	2,14%	get one's money's worth	34	0,82%
get a shot of	83	2,00%	get information on	29	0,70%
get a shot at	76	1,83%	get DET idea for	28	0,67%
get the attention	66	1,59%	get cold feet	23	0,55%
get a look at	63	1,52%	get the credit	22	0,53%
get SN for	60	1,44%	get DET sense about	8	0,19%
Total				1769	42,56%

Das 4156 ocorrências de transitivas com o sentido de *obtenção*, 1769 (42,56%) enunciados representam unidades fraseológicas. As expressões que apresentamos acima representam os mais diversos "tipos" linguísticos, isto é, a análise de nosso *corpus* de estudo nos forneceu expressões pertencentes a várias posições na referida escala de convencionalidade, de modo que encontramos tanto expressões idiomáticas, com diferentes níveis de fixidez estrutural, como também expressões altamente frequentes, mas cuja estrutura sintática é, *a priori*, livre e composicional[87]. Embora não tenhamos como objetivo central posicionar essas expressões em seu lugar devido em uma escala de

[87] Em termos estruturais, os fraseologismos composicionais mencionados aqui em nada diferem dos enunciados analisados de (1) a (10). Contudo, como esclarece a definição de Gries (2008) para os casos de fraseologismos, estruturas composicionais também poderão ser classificadas como tal desde que sejam *recorrentes*. Portanto, esse foi o critério pelo qual decidimos incluir nessa lista, fraseologismos composicionais, isto é, pelas questão da *recorrência*.

convencionalidade, sempre que for relevante discutiremos essa questão e sua relação com o sentido do fraseologismo.

4.3.2.1 *Get DET chance to*

that he needed the dough in case he should get	a	chance	to	clear the city . # " Someone to see you ,
center Bill Laimbeer , who also would love to get	a	chance	to	coach a young NBA team . But if Laimbeer was considered
L'Horloge in verse , however , never gets	any	chance	to	collect and convert memories of predation or of anything else
Thank you very much . Mr-MILAM : If you get	a	chance	to	come down , come on down . WERTHEIMER : Thank you
scenes of Studio 1A. Ms-JACKIE-LEVIN-1 : Everybody can get	a	chance	to	come inside Studio 1A from our vantage point , and see
. # " My pots and pans are finally getting	the	chance	to	come out and play again , " said Hope , who
investors . He says he 's hopeful he 'll get	a	chance	to	conduct his experiment . " We 're undeterred , " he
helped out backstage at Arlington , but they never got	a	chance	to	act together . His job , she says , was too
porch , Tom whirled around . But before he got	a	chance	to	answer # " I can explain , Maddie , " Mr.
question about the coffee . " But she never got	a	chance	to	ask it because Bernie 's cell went off . # "
there . And what was interesting is that I got	a	chance	to	be a part of what is called the travel pool .
mother of another U.S. soldier , one who never got	the	chance	to	become a veteran of the war in Iraq , continuing tonight
, came too late for Brian . He never got	a	chance	to	cash that first big paycheck . Sidebar DANGER ON THE JOB
do everything that we could to see that he got	the	chance	to	come back . CYNTHIA MCFADDEN : (voice-over) Two days
only around for six months , so I never got	the	chance	to	completely figure him out . Monty liked him right away ,
uccessful interventions before . Each family member will get	a	chance	to	confront Eamon , if he shows up . DANIEL-BALDWIN-1A# So ,
Yes . CALLER : At any time did you get	a	chance	to	confront Scott face to face ? If so , what did
rebirth of New Orleans . How often do you get	a	chance	to	contribute to something like this ? ' // But it was
at our father 's funeral . So I never got	a	chance	to	cover him with dirt , tuck him in for a long
to think about that that way . When I got	a	chance	to	cut for Bob Wise , I was terrified . He was
ite Samoyeds who normally run in dry weather were getting	a	chance	to	dash in the real thing for once . JOHN MOODY ,

Figura 20 – Amostra das linhas de concordância de *get DET chance to*

Este fraseologismo, o mais frequente da categoria de transitivos, corresponde a 7,94% de todos os enunciados contidos na categoria transitiva com o sentido geral de *obtenção*. Como podemos ver pelas linhas de concordância, há um considerável número de ocorrências em que *get* está no passado (*got*), mas não se trata de um uso de *posse*, que é comumente associado à forma *(have) got.* Representamos o fraseologismo com um *DET* em sua estrutura interna, devido à versatilidade de determinantes que podem anteceder o substantivo *chance* (*the, a, any*). À direita da palavra de busca, vemos que o fraseologismo se associa à forma infinitiva de uma gama de verbos. Trata-se, portanto, de uma relação de *coligação nominal*[88] do substantivo *chance* com a forma infinitiva do verbo, introduzida pela partícula de infinitivo *to* (TAGNIN, 2013). No que se refere à unicidade semântica da expressão bem como à fixidez estrutural, embora não seja

[88] Segundo Tagnin (2013), a *coligação* é definida como a relação fixa entre um elemento lexical (neste caso, *chance*) e outro gramatical (a partícula *to* da forma infinitiva do verbo). Na gramática normativa, os casos de coligação são convencionalmente chamados de regência, que neste caso é nominal.

completamente fixa, a sua alta frequência faz dessa expressão um fraseologismo, principalmente no que tange à regência nominal de *chance*. Isto é, os falantes convencionaram o uso dessa expressão seguida da partícula *to* para os casos de complementos verbais e não *of*, como ocorre com outros substantivos.

4.3.2.2 *Get SN from*

bottleneck in the state 's water system . To get	river water	from the north to the mammoth pumps that send it south ,
many other colors . They have various ways to get	the water	from the reservoir to the soil , and difrerent ways to add
Accord . Pure luck . No one else will get	a car	from the church . Such beautiful people , Moore says , so
after halftime by the Sonics . # The Rockets got	17 points	from Mario Elie , but nobody else was effective . Hakeem Olajuwon
ammates who topped the 20-point barrier . The Rockets got	28 points	from Olajuwon but virtually nothing from the rest of the cast .
n't : live video feeds . Your device can get	live news	feeds from ABC , C-SPAN , Fox , and other sources .
, most of the major news organizations that people get	their news	from on the Internet are owned by the major news organizations ,
spin doctors or big-city editors , for we still get	our news	from the county newspaper that comes once a week . But after
future is in doubt . # As more Americans get	their news	from the Internet and cable news , some experts wonder whether
put it , in Santa Barbara , determined to get	his news	from the newspaper , not from the ceaseless chatter of " the
I edit the video from the bush . I get	the news	from the people the way they live . And people might say
bucks to avert the impending crisis when everyone gets	their news	from the Web and stops reading newspapers . " You can not
in the new media culture . Most people now get	their news	from TV . Whereas TV once followed print , especially The New
or unfortunately -- the majority of the people get	their news	from us . They -- we 're not covering this race ...
coup Sunday night , as Atlanta anchor Jonathon Mann got	the news	from wire reports at 11:27 p.m . ... # Both CBS (
at the Fairmont Hotel . He said more people get	their news	from Yahoo and Excite than from any newspaper . # That 's
, one , that the most educated Americans are getting	their news	not from network news but increasingly online , and two , that
her seven brothers and sisters growing up . They got	some food	assistance from the federal government , such as rice and
necks because the ones with longer-than-usual necks got	more food	from trees and hence tended to have more offspring , many
your hands , and it pinches battery power to get	longer life	from its six AAs . Sounds better , too , especially when
to slip into over-dimensioned cylinder bores to get	more life	from the block . If the iron fits the application , and
so be it . But they wo n't necessarily get	longer life	spans from the Clean Air amendments , In a recent Regulation
a fairly good job of removing odors . We got	similar results	from a competing product , the Custom Cleaner Home Dry Cleaning
than in the pesticide-treated areas . # Puterka got	similar results	from a larger pilot study in Kern County . It is the
get good cuts cheap , but you 'll likely get	better results	from a more expensive stylist . " Someone who charges a lot
affix it to the device , but you may get	better results	from a professional asset-recovery service like StuifBak (
the whole subject . " So , did you get	the results	from Ciceron ? And where 's Jock , anyway ? " "
a sport exclusive to daytime . Emphasize quality . Get	maximum results	from each minute on the bike by riding with a purpose .
that . They need something substantial to prove he got	the results	from himself or someone else up-time . " However , I imagine
He had to admit taking some small satisfaction in getting	that result	from physicists . " So , " Colin continued . " Trying
last season . # Outlook : Martinez needs to get	better results	from young pitchers Chris Carpenter , Kelvim Escobar and Roy
90 percent of your max , you 're probably getting	good results	from your workout . # But it makes a difference how you
tried to pick his way through the crowd he got	surprised looks	from nearly everyone , some uneasily reluctant to meet his eyes ,

Figura 21 Amostra das linhas de concordância de *get SN from*

Como aponta Levin (1993), os verbos pertencentes à classe de *verbos de obtenção* podem ocorrer com o que a autora chama de *from phrase*. A observação de Levin é corroborada pelos dados em nosso *corpus* de estudo, devido à alta frequência da preposição *from* na categoria de Construções Transitivas. Essa preposição introduz a fonte de onde o SN agentivo obteve o SN tema. Diferentemente de *get SN back*, por exemplo, cujas tendências selecionais gramaticais (EVANS, 2006) apontam para uma realização sintagmática mais fixa, isto é, com *back* pós-nominal adjacente, a fonte introduzida por

from parece admitir uma realização mais livre dessa expressão, pois uma sentença como *"We used to get more requests to review scripts, but now they can* ***get*** *the information they need* ***from*** *the Internet," says EMA President Wendy James* (1999/MAG) é perfeitamente aceitável. Essa característica pode ser usada como evidência para a baixa idiomaticidade da expressão *get SN from*, ou seja, trata-se uma expressão frequente, porém previsível e analítica. Para Tagnin (2013), ao passo que *get SN back* exemplifica um caso de verbo frasal, o fraseologismo *get SN from* seria um caso de *verbo preposicional*.

4.3.2.3 *Get SN back*

that make a community vibrant , we need to get	these things	back . (END-VIDEOTAPE) HARRIS : So now the question is will
take a look back . If we can , get	the picture	back , David . And this board that you 're looking at
Well then , can we at least get	our pictures	back ? " Cheyenne asked . " And what pictures would those
everything you said. But Mr. Hernandez -- can we get	a picture	of Juan Hernandez back up on the screen here ? You got
we lost them . We tried like crazy to get	those people	back . " # Davalos , who left Houston in November to
continues , but Eric Bloomberg just wants to get	his car	back , and his business back on track . For CBS THIS
. She 'd want to know all about his getting	the car	back , so over dinner he 'd recount how he 'd spotted
DOYLE # So ... (to Marvosa) to get	the car	back , you break into her house . # JIM # I
drivers . It should have been happy just to get	its car	back . Until the alert went off this morning , I 'd
Kubler-Kielb , who paid the driver a fee and got	her car	back . " The driver was aggressive , offended me , insisted
ended very happily . GROSS : How 'd you get	your car	back ? Ms-NEUFFER : These were Bosnian Muslim soldiers ,
n't risk being struck dead . I had to get	you guys	back safely . " # " You better get baptized , "
everybody 's gon na die if you do n't get	this guy	back . It 's a horrible thing to do . " #
other things besides score . Hopefully , we 'll get	those guys	back . " # Said coach Don Nelson : " I do
you mean by the full treatment . Did we get	our guy	back ? " # " Yes , he 's in Germany ,
and the Jiwa bellowed our names . # WE GOT	OUR LIVES	back a week later , when the Jiwa moved back to his
, she gave up her top Hollywood job to get	her life	back During her nearly three decades in the film industry ,
: (Voiceover) The best chance Tim Costello has of getting	his life	back is now in the hands of Drs . Neziborglu and Krista
has do a backbend to do it to somehow get	her life	back the way it was before Caylee was murdered , where she
everything . Everything . WINFREY : Desperate to get	her life	back , Penne underwent a weeklong intensive exposure therapy
and effective , it has helped millions of people get	their lives	back . But you should know that Prozac ca n't work miracles
were finally gone , and Ann thought she might get	her life	back . But in her now-quiet house , and to her enormous
. I would give my life if I could get	these lives	back . I would do it in a heartbeat . I am
could have happened to him . I want to get	my life	back . I want to live . # Dante dreamed of quitting
becomes a tool to help troops disabled in Iraq get	their lives	back . Those stories , plus my interview with Condoleezza Rice ,
. To put Gunheim in his place . To get	my life	back . " " Brainstorm ? " " Yeah . Let 's
I felt I did n't have any hope of getting	my life	back . " Heroes Die Young # But the McManuses ' blinding
much more than I expected . It 's like getting	my life	back . " # PHOTO (COLOR) : Guide wire :
But declaiming his passion seemed the only way to get	his life	back . " I -I love you , Sally . " Sally
when they first learned of possible problems . They got	the results	back and they came back clean . So Habitat says it sees
that , I went and got tested . I got	my results	back November 12 , 1999 , a day after my thirty-fifth birthday
the dust in the street . " When Mosby got	the results	back several days later , he was stunned to learn that the
if necessary is a nasal swab , which they get	the results	back very quickly usually within an hour . If it comes back
were analyzing -- I do n't think they 've got	the results	back yet . That 's why it would be disheartening for me
forensic pathologist . Why six to eight weeks to get	forensic results	back ? They have the samples . They have to be tested
in the lane over Stockton , and the Bulls got	the ball	back after a Hornacek miss with just under two minutes left .
. " I figured we 'd stop them , get	the ball	back and kick the field goal to win it . " #
down their throats and score . We wanted to get	the ball	back and put points on the board , but they did it

Figura 22 – Amostra das linhas de concordância de *get SN back*

Em primeira instância, podemos considerar o fraseologismo *get SN back* uma instanciação lexical de uma Construção de Movimento Causado com o argumento

locativo implícito (*get* + SN + *back* (locativo) = *she got the kids back **here** in time*). No entanto, a leitura mais atenta das linhas de concordância nos mostra que, na verdade, estamos diante de um verbo frasal (*phrasal verb*) que somente permite a interpolação do objeto[89]. A semântica dos enunciados acima não favorece uma leitura segundo a qual *get* denota o efeito de um *agente* sobre o SN *paciente* a fim de movimentá-lo para outro lugar, como deveria acontecer em uma leitura de movimento causado. Ao contrário, a ideia expressa aqui poderia ser parafraseada por *retrieve*, ou seja, *recuperar*. Trata-se, portanto, de um fraseologismo transitivo que exibe o sentido geral de *obtenção*.

4.3.2.4 *Get a hold of*

of the government long before Prokofiev and Meyerhold got	a	hold	of	it . Pushkin 's play -- about the 16th-century tyrannical czar
. Jean laughs , playing tag . The puppy gets	a	hold	of	Jean 's sleeve . It unravels about ten feet . While
1936 . " Local people are the ones who get	a	hold	of	Key limes , " says Kulow - they have trees in
ree-year-old female polar bear attacked and very nearly got	a	hold	of	Kheraj and his wife , Aleeasuk , after they had cleaned
my grandma . Now , please , would you get	a	hold	of	me as soon as you can ? Bye . JAMES :
CLIP) UNIDENTIFIED MALE : The gator tried to get	a	hold	of	me this way and it came down to here. It felt
around all day and she 'll know where to get	a	hold	of	me . Well , either way . Good night . "
singing . " That 's how she thinks he got	a	hold	of	me . When Good Gravy heard this , he said "
delirious reasoning . I confess that I could not get	a	hold	of	my bearings the moment I encountered his perfectly sagacious
huge mistake . I want everyone in America to get	a	hold	of	the Obama campaign ' s response and to read through the
embarrassed ! Can you tell me , how I get	a	hold	of	the operator operator ? # # OPERATOR # Dial nine and
was very difficult to exploit . When we finally got	a	hold	of	the photograph late last fall , early winter , we found
to get up and operational so that they could get	a	hold	of	the political climate there and we could start to scale down
me tell you , if you would like to get	a	hold	of	the recipe , you can write to Rick , and he
, the Pope . That evening though , I got	a	hold	of	the remote control and found the mute switch . # "
for us . We pushed and prodded and we got	a	hold	of	the right people with the Chilean government . They trusted us
for his bitterness . After a while , she got	a	hold	of	herself and blushed . " Can I make it up to
him down and scold him and tell him to get	a	hold	of	himself . He 's not listening , though . # "
what do you think it means ? # McCaleb gets	a	hold	of	himself . # McCALEB Probably nothing . Thanks for all your
to talk some fucking sense to you . You get	a	hold	of	yourself and put down the fuckin ' firearm and act
than Grimes ever was . (a beat) Get	a	hold	of	yourself ! She tries to grab him by the shoulders .
even do that ? MAX (grabbing Hal) Get	a	hold	of	yourself ! You are way out of your jurisdiction , now
to panic . # JORDY # Calm down . Get	a	hold	of	yourself ! Get down ! He pulls aside the curtain to
box of Girl Scout cookies and -- # " Get	a	hold	of	yourself , " Cherisse gritted , sotto voce . " There
' ANSWERS ! CONNOR (slaps his face) Get	a	hold	of	yourself , man . Rocco is silent and surprised . Murphy
in the chair with a gloved palm . " Get	a	hold	of	yourself , Meth , " he said . " You 'll
a man with less backbone in two . " Get	a	hold	of	yourself , woman ! " Mr. Bennet said . She merely
think of thinking as something like a hand . Get	a	hold	of	yourself , I remember remembering . # We are still on
left , her body drew inwards , whimpered . Get	a	hold	of	yourself , Tracy said . She decided to start running .
catches up with her . # # ANDY # Get	a	hold	of	yourself , Andy . # She wipes her eyes , cranks

Figura 23 – Amostra das linhas de concordância de *get a hold of*

Como mostram as linhas de concordância, o fraseologismo *get a hold of* é uma expressão estruturalmente fixa, tanto no que diz respeito à fixidez de posição dos

[89] Sem a interpolação, o fraseologismo *get back* necessita de um complemento locativo (*she got back **there** after the party had started*). Nesse contexto *get back* é um fraseologismo que instancia Construções Intransitivas de Movimento.

elementos no eixo sintagmático, quanto à categoria morfológica dos elementos da expressão. A fixidez estrutural, característica presente nas expressões idiomáticas (LANGLOTZ, 2006), já aponta para a idiomaticidade presente nessa expressão. No entanto, a leitura das linhas acima nos mostra que o fraseologismo pode ter pelo menos três interpretações distintas:

a. *Entrar em contato*: *Now, please, would you **get a hold of me** as soon as you can?* Nessa sentença o fraseologismo *get a hold of* exibe um sentido metafórico de *obtenção de contato*. Isto é, a expressão veicula a ideia de comunicação e poderia ser substituído por *get in touch with*.
b. *Obter algo: If you want to **get a hold of** the recipe, you can write to Rick*. Nessa sentença o fraseologismo pode ser substituído por *obtain*.
c. *Obter o controle de algo: After a while, she **got a hold of** herself and blushed*. Esse sentido do fraseologismo refere-se à ideia de *controle*, metafórico ou físico. Como vemos pelas linhas de concordância, esse sentido está geralmente associado aos co-textos em que o complemento do fraseologismo é um pronome reflexivo. Com esse sentido, o fraseologismo refere-se à ideia de controle metafórico das emoções. Essa leitura pode ser verificada com o fraseologismo *get a hold of yourself*, que usualmente ocorre no imperativo e que é usado como uma ordem ou pedido para que alguém controle suas emoções.

4.3.2.5 *Get a sense of/about*

well , on a personal level . Do we	get	any sense	about	how that might affect , or is thinking about how that
some connections , I think . Anyway , I	got	a sense	about	this . " # " You and your senses . "
to a spokesman for the university , try to	get	some sense	about	what their next move is , and we 'll also talk
tell you things , Aileen . Because you have	got	good sense	about	what to repeat . That is exactly what Mama has lost
be there for some time ARENA And are you getting		any sense	about	whether or not we will get some reaction to those
every 20 years KOPPEL Mr. Biller , do you	get	any sense	among	your membership that they are worried that they may be put
. But by and large , you do not	get	that sense	of	a country mobilizing for war . But I am told that
There 's a cavity here , but I still	get	the sense	of	a forged blade , with its thin topline and shiny finish
earn for travel was $6. LYDEN : You did	get	a sense	of	a government that took its responsibilities very seriously .
events had moved out of control , where people	got	the sense	of	a state in chaos , this was his effort to say
being here , " he says . " They	get	a sense	of	a world that has opportunities-a sense that people care . "
You put up dry wall , and you	got	a sense	of	accomplishment .) Though the hand-held camera and jump cuts
. I had a real good experience : You	get	a sense	of	achievement and become handy with knives and matches and
to teU how taU he was , but Nyquist	got	a sense	of	atetic soUdity . The muscles in the legs , visible through
frenetic than that described by Fritzsche , but one	gets	a sense	of	being on the verge of similar developments , and the
classic Southern charm and slo-mo pace . fou never	get	the sense	of	being rushed through a treatment To capitalize on the whole "
. And I think they 're really beginning to	get	a sense	of	being thoroughly besieged , because as they look around them ,
. The students also stated that they wanted to	get	a sense	of	belonging to the university . Although there is an
So be it . . . . I 've	got	this sense	of	come what may . I work hard , hopefully I 'll
line a coach thought he saw potential Eager to	get	a sense	of	Diehl and Whimper , I approach them after practice . Diehl
Because we 've got a recession and we 've	got	a sense	of	disquiet and depression in people 's minds , given what

Figura 24 – Amostra das linhas de concordância de *get a sense of/about*

O fraseologismo *get a sense of*, cujo determinante é variado (*a, no, some, any, the*), expressa um sentido amplo de *obtenção* de um sentimento ou sensação. Essa interpretação pode ser averiguada pela sentença retirada da figura acima: *I had a real good experience: you* ***get a sense of achievement*** *and become handy with knives and matches*.

A interpretação de *get DET sense about*, em contrapartida, implica que o sujeito gramatical se esforce, em um processo intelectual, para obter informações, como na sentença *...try to get some sense about what their next move is.*

4.3.2.6 *Get the ideia that / the idea of / the idea for*

answered correctly by the kids . But do n't	get	the	idea	that	she took on the role of camp counselor . Rather ,
why we 're pointing out their weaknesses . You	get	the	idea	that	the agents want us to go in with one hand tied
necessity of getting into condition , but never quite	got	the	idea	that	the old man could whip him . Schmeling did , of
break . Late in the 19th century , artists	got	the	idea	that	the painted image need no longer be connected to the visual
that so that they did not want us to	get	the	idea	that	the Palestinians were ungrateful for all the order that
fast-forward , Mayor Bloomberg in New York , he	gets	the	idea	that	the storm is going to come in ; 9 PM on
Now , Alex , where do you suppose you	got	the	idea	that	the suspect had a big jaw ? Prof-FARRELL : (From
shakes his head and apologizes for Olga . You	get	the	idea	that	their domestic arrangement is a precarious one . Southland
week , this coming Thursday . If House members	get	the	idea	that	this bill is already dead in the Senate , it 's
that the Allens say and do , you also	get	an	idea	that	this family firm might just stay around for a long time

Figura 25 – Amostra das linhas de concordância de *get the idea that*

O fraseologismo *get the idea that* expressa a obtenção de uma *ideia* ou *impressão*. A expressão introduz uma sentença iniciada pelo complementizador *that* que expressa a ideia encapsulada pelo substantivo *idea*. Na terminologia adotada por Schimid (2010), esse seria um caso prototípico de uma construção com *shell noun*.

searching , and making online purchases . You can	get	an	idea	of	the format of many distance-learning platforms by viewing
knew how much she 'd suffered since Avner had	gotten	the	idea	of	the house into his head . " Come , daughter ,
do , break the skull open to try to	get	some	idea	of	the inside NISSEN But CAT scanning it yields the details
I got your sphygmomanometer right here . # To	get	some	idea	of	the kind of restraint in play in Ann Arbor , try
the Batiri . He wanted to look around and	get	an	idea	of	the number of warriors in the raiding party . " Groaning
. " At the Lincoln Memorial , " People	get	an	idea	of	the person from the grand , overscaled statue because of the
classifies companies as overvalued or undervalued . To	get	an	idea	of	the power of the approach , consider this : A portfolio
You compare that with the whole Gulf War to	get	an	idea	of	the price paid for this . SMITH : Really incredible .
, so they 're closely scrutinizing orbital images to	get	an	idea	of	the region 's geology and weather , says R. David Baker
By using such sources , it is possible to	get	an	idea	of	the relative success of the different lines in the indirect

Figura 26 – Amostra das linhas de concordância de *get the idea of*

De maneira similar ao fraseologismo anterior, *get the idea of* introduz uma impressão a respeito de algo. A presença da preposição *of*, no entanto, serve aos propósitos de regência do substantivo *idea*, ao introduzir um complemento nominal. O substantivo *idea* aqui é figurativo, pois, como dissemos anteriormente, representa uma impressão sobre algo.

? IMUS : No. KING : How did you get	the idea	for	a ranch for children with cancer ? IMUS : Well ,
He 'd start getting jokes , he 'd start getting	an idea	for	a sketch . He would start , like , at coffee
used to kind of upset me when I 'd get	an idea	for	a song and find myself on the guitar for an hour
improvement . I do n't know where my wife gets	her ideas	for	gifts . It 's as if she 's never met me
severs the spinal cord . So how did I get	the idea	for	hardcore sitting ? It started with my brother , Brian .
executive , calls " relative safety . " DiLiddo got	the idea	for	his system while working on a computer in his basement when
Harris told me a few years ago that he got	the idea	for	Lecter from Coyner , " Cleveland librarian Ron Wise said .
online . Follow us to browse our boards and get	spirational ide	for	nursery and big-kid room decor , meals and snacks , crafts
up all night finishing it . Where did you get	your ideas	for	this book ? GOTTI : Basically , you know , through
created both failed . Then Boy Who Makes Tools got	an idea	for	warmth . He decided to make a log cabin . The

Figura 27 – Amostra das linhas de concordância de *get the idea for*

Diferentemente da expressão anterior, *idea* aqui não tem sentido figurado. A observação das linhas acima nos mostra que se trata de uma ideia obtida com uma finalidade ou propósito introduzida pela preposição *for*.

4.3.2.7 *Get a shot of/at*

Tale of Two Governors California 's Pete Wilson may get	the shot	at	national office that Arizona 's Fife Symington deserves . #
her ankle in pins - which is why I got	a shot	at	Odette tonight . " # " Wow . Poor girl .
land rush . Some interested buyers -- eager to get	first shot	at	one of eight coveted lake-view lots -- plan on camping out
Thing was mostly gay . # Young and old got	a shot	at	Oscar in ' 96 ! # It 's guppies vs. geezers
redistricting plan . But now Texas Republicans will get	another shot	at	passing it during the 30- day special session that begins on
, slider and changeup . The righthanded Porcello will get	his shot	at	pro ball soon enough . -Ryan Fagan Under Mazzone 's watchful
tended to overshadow his quarterbacking skills . Hell get	his shot	at	quarterback in the NFL. 5 . John Walsh Brigham Young ,
the rest of their regularseason games , they 'll get	their shot	at	redemption , as we like to say in the business .
thanks so much . Say , I want to get	a shot	of	a friend of mine that 's here and sitting over here
by using their Visa cards for purchases . To get	a shot	of	a man " standing " on a lake with his new
his fingers at Charlie and Francie , and Natalie got	a shot	of	all three of them . Charlie loved Frank and had since
, but he said its been really difficult to get	a shot	of	Angelina Jolie and Brad and their children he said its just
the way , ladies and gent -- Jill , get	a shot	of	Barney Frank over there -- is in our audience here .
Harry . Harry many times would tell me to get	a shot	of	Brickhouse when he looked down and saw him . " #
, good . That was good . Can we get	a shot	of	Cecilia , by the way ? GIFFORD : Hm. KOTB :

Figura 28 – Amostra das linhas de concordância de *get a shot of/at*

Nesses fraseologismos a alteração da preposição resulta em uma mudança de significado na expressão. Com a preposição *of*, *get a shot* significa *tirar uma foto* (*he said it's been really difficult to* ***get a shot of*** *Angelina Jolie and Brad*...). Já com a preposição *at*, *shot* adquire o sentido figurado de tentativa ou oportunidade, como podemos ver em *Young and old* ***got a shot*** *at Oscar in '96*. Esse sentido figurado de *shot* é uma extensão metafórica de seu sentido mais central, isto é, o de um *tiro* com uma arma.

4.3.2.8 *Get the attention of*

I found myself thinking , " How do you get	the	attention	of	eighty-five sixth graders who think of orchestra as recess in
almost as loud as a gunshot . The noise got	the	attention	of	everyone in the bar and all conversation stopped as they
, I guess , and be sure my story got	the	attention	of	fellows like you and your colleagues here on the Hill .
spotted the eland , I snapped my fingers to get	the	attention	of	George and the two trackers , who by that time were
diplomats have said that only a global ban could get	the	attention	of	Haiti 's military rulers . 5738 # UNTIL the resistance
to be very large HOPKINS The low rates are getting	the	attention	of	homeowners always on the lookout for a way to cut costs
so they were owed . # The allegations have gotten	the	attention	of	law enforcement officials . The Federal Bureau of
Next , the spider gives offa smell that will get	the	attention	of	male moths . Now her trap is set . She waits
speech out in California , condemning Hollywood . That got	the	attention	of	many millions of people . LARRY KING : Back with Bob
chairman of the Fed . It will help to get	the	attention	of	members of Congress who will have to consider our tax policies
doctors (linked to none so far) , get	the	attention	of	people who might not spend a lot of time worrying about
poor life style issues which finally seem to be getting	the	attention	of	physicians . In my new book (Eight Weeks to Optimum
in Kenya . The issue of culture began to get	the	attention	of	policymakers with the establishment of the Kenya National
removed , the final step for Geico is to get	the	attention	of	potential customers and have something to sell them . The

Figura 29 – Amostra das linhas de concordância de *get the attention of*

A expressão *get the attention of* é consideravelmente fixa e frequente. É usada para designar a *obtenção* da atenção, figurada ou não, de alguém.

4.3.2.9 *Get a look at*

front seat of the cart . I turned to get	a	look	at	the boy 's face as I passed . He had thick
a cloud of dust . I did n't even get	a	look	at	the driver . The name on the truck door said something
A two and a C. " " Did you get	a	look	at	the driver ? " " Looked like a white guy .
forty-year-old established painter Porbus are eager to get	a	look	at	the eldest 's " masterpiece , " a portrait of the
it 's time for PrimeNews , and let 's get	a	look	at	the headlines . BERNARD SHAW , PrimeNews : Thank you ,
Joseph Shackter (ph) opens a hatch to get	a	look	at	the hull . And then he points out a line of
the stairs . MALCOLM and ELLIE eagerly try to get	a	look	at	the lab . HAMMOND and GENNARO come up and join Grant
is now deemed too fragile to travel , viewers get	a	look	at	the one found on Psusennes I , a 21st-dynasty ruler .
a weekend . Juliana leaned into the aisle to get	a	look	at	the other passengers , but could only see fingers and elbows
who wrote this letter was telling you that they got	a	look	at	the person who dumped the body ... Sgt-DUDEK : Right .
The girl at the desk was now standing to get	a	look	at	the photo . Turning to face her , I held it
Age , " at least you 're going to get	a	look	at	the second world war and the beginnings of the Cold War
shining on the lake . # Thought we 'd get	a	look	at	the swans . Beautiful thing , swans in the moonlight .
. Technology Review senior editor Rebecca Zacks got	a	look	at	the technology in Gershenfeld 's lab , where he demonstrated a

Figura 30 – Amostra das linhas de concordância de *get a look at*

A expressão *get a look at* é uma variação do fraseologismo *take a look at*. A expressão é relativamente fixa, mas a modificação por adjetivos é possível, como em *get a quick look at.* Com relação à preferência da lacuna verbal do fraseologismo por *get* ou *take*, uma busca no COCA mostrou que a colocação *take a look at* tem uma frequência muito superior *a get a look at*, isto é, a busca de *take a look at* com *take* na sua forma lematizada ocorreu 6.798 vezes contra 475 ocorrências de *get a look at.* Essa distribuição de frequência nos mostra que, embora *get* forme uma colocação possível com a sequência *a look at,* a lacuna verbal desse fraseologismo exerce uma atração maior sobre o verbo *take.*

4.3.2.10 *Get SN for*

? Barnes : Well , I think he 'll get	the money	for	that . That is the one thing -- I mean ,
expressed frustration at the difficulty of getting	enough money	for	the damage deposit and first month 's rent . This theme
was going to be champ of the world and get	some money	for	the youth center . Those goals are satisfied now . BOB
settlement was n't enough . Figuring that they could get	more money	for	their clients by pursuing their cases individually , they
's into metal . It 's his speciality . Get	good money	for	this stuff . ' There must be several hundred street kids
! CAVUTO : But you 're not getting	any money	for	this ? ! YOUNG : No , my company
among the population are doing it for self-interest to get	more money	for	unnecessary programs and activities . We may be vulnerable
the suckers ! Take ' em to court . Get	your money	for	violating your rights . And it 's not only for that-
Look , it was all I could do to get	the money	for	you . I could n't very well ask my parents to
they did n't really get to see him and get	a feeling	for	him . He 's not a monster . He 's --
into four 90-degree sections , you can begin to get	a feeling	for	one of this month 's main events : the autumnal equinox
: That was placing the tissue expanders , getting	a feeling	for	the craniotomy . The next stage is essentially we 're
choose from several alternatives . Again , they can get	a feeling	for	the finished painting and will enjoy being involved in the
notebooks , the design team walks the site to get	a feeling	for	the house , assess the neighborhood , and identify the
with your hair than anything else . " # Getting	a feeling	for	their hair # Some athletes say their hair provides inner

Figura 31 – Amostra das linhas de concordância de *get SN for*

Diferentemente do caso de *get the idea for*, a preposição *for* nesse fraseologismo lexicalmente semipreenchido introduz uma ideia de *troca*, o que pode ser avaliado quando a lacuna do SN é preenchida pela palavra *money*. Em *get good money for this stuff*, por exemplo, a sentença imperativa é usada para ordenar que o interlocutor obtenha dinheiro *em troca de algo*. Já na expressão *get a feeling for SN*, quando o SN é animado, a expressão denota a "aquisição" de sentimentos pela expressão denotada pelo objeto. Isto é, em *They didn´t get to see him and* ***get a feeling for*** *him*, a expressão pode ser interpretado como *afeiçoar-se por*.

4.3.2.11 *Get the feeling that*

get help , and after a while , I got	the	feeling	that	he	was	n't coming back . (Sounds like the plot
it seem so easy that you -- you never got	the	feeling	that	he	was	not Jimmy . COURIC : I understand he was
, because when I read the book , I got	the	feeling	that	he	was	, kind of , just a much - he
we should leave the poor bastard alone . I get	the	feeling	that	he	's	avoiding us for some reason . # GONZO #
triumphs the capstone of his coaching career . You get	the	feeling	that	his	employers	at UNLV , tired of the fight with the
person in a social situation and I will suddenly get	the	feeling	that	I	am	invisible , " says Irving . " It 's
Chicken opinions is misguided . I have often gotten	the	feeling	that	I	have	not been very effective in identifying the really
a network meeting , Cooperman says he " got	the	feeling	that	I	'd	been through a document shredder . " And this
that , that were equally important . I never got	the	feeling	that	if	he	were operating in a situation where we 're dealing
to become Jesse the Mind , " but I get	the	feeling	that	if	he	starts laying out a real tenpoint plan for his
mimic Woolf 's hangdog look . Still , you get	the	feeling	that	if	Rocky	Balboa walked up and did the whole ' Yo
a truck stop than at Tower . # You get	the	feeling	that	if	she	did n't have to perform her homecoming show tonight
wedged him in the page right there . You get	this	feeling	that	if	this	guy stood up , he would literally bust through
is that sometimes , in secret , the public gets	the	feeling	that	in	killing	Socrates , the Athenians might well have been on

Figura 32 – Amostra das linhas de concordância de *get the feeling that*

De maneira similar a *get a sense* e *get an idea that, get a feeling that* indica que o sujeito tem uma *impressão* não confirmada a respeito de algo. Embora todos esses fraseologismos possam ter a lacuna verbal substituída pelo verbo *have*, a leitura de posse não se mantém se preenchermos a lacuna com verbos que exprimem maior posse alienável como *own (*own a feeling/idea/sense*) ou mesmo *possess* (**possess a feeling/idea/sense*). Desse modo, entendemos que se trata, na realidade, de uma leitura geral de *obtenção*.

4.3.2.12 *Get information about/on*

n't use our sense of connection to others to get	reliable	information	about	them	, because people know how to fake signals . Evidence
information about their candidate , the candidate gets	more	information	about	them	, helping a campaign organize its ground troops .
now on particularly these organizations to try to get	more	information	about	them	. BILL RITTER : All right , Mayor Rudy Giuliani
to meet with you right away . I 've got	some	information	about	this	crazy cable guy . # RICK # Me too .
student should take responsibility for getting	accurate	information	about	transferring	, be prepared for the academic rigors of
wrestler and sports enthusiast , long ago learned he got	bad	information	about	what	he should and should n't eat . # He is
ABC News : Right , Peter . We 're getting	some	information	about	what	is in that introduction , and we 're told that
it . There seems to be no way to get	any	information	about	what	is happening inside a black hole , as no kind
you run'em until ten o'clock at night , you get	the	information	about	what	they 're supposed to say and where they are .
about the detainees encountered difficulty in getting	basic	information	about	where	the individuals were being held , or why , and
. QUESTION : You were going to try and get	some	information	about	whether	-- how common this kind of thing is -- or
responded to in a timely fashion ? Did you get	enough	information	about	your	medical condition and treatment ? Is there any way in
've done , and what I 'm hoping to get	some	information	about	,	is how can I help my people on this northeast
the legitimate purpose of meeting with or getting	additional	information	on	a	nominee) or eliminating holds altogether in the case of
You 've done " research " to try to get	more	information	on	an	illness you had . (4) You read Prevention
likely to be eligible for . The client also gets	detailed	information	on	each	program , with local phone numbers , addresses and
, that could be helpful , and could we get	some	information	on	filling	in these three vital days that - I mean ,
a falsehood -- that Polybius had no opportunity to get	good	information	on	his	subject . Since he was himself a soldier and a
. " It costs $ 14.95 and you can get	more	information	on	how	to obtain it by calling this toll-free number , 1
Elizabeth Vargas why the White House was n't getting	better	information	on	Katrina	in its earliest hours . (BEGIN-VIDEO-CLIP)
Holloway feels horrible because her effort to try to get	that	information	on	May	10th in Aruba probably financed his trip here . He

Figura 33: Amostra das linhas de concordância de *get information about/on*

A observação dos dados da figura acima mostra que no fraseologismo *get information about/on* a comutação das preposições não altera o significado da expressão como um todo. Para ambos os casos, tanto *on* quanto *about* selecionam os mesmos tipos de complementos (nominais e pronomes WH) sem que mudanças no sentido sejam percebidas. A natureza intercambiável das preposições é evidenciada pela diferença mínima de frequência entre as duas preposições com a colocação *get information*. *Get information about* ocorreu 139 vezes no COCA, ao passo que *get information on* teve 122 ocorrências. Esse é um caso de coligação em que a palavra *information* aceita duas preposições distintas.

4.3.2.13 *Get a job as a*

wanted to see them grow up , so he got	a	job	as	a	machine operator for a box company and kept playing
out because of the Depression . In 1933 he got	a	job	as	a	machine assembler , working 12 hours a day , seven
The teenager at the center of this e-mail scandal got	his	job	as	a	page , as Andrea mentioned , through Louisiana Congressman
brow-furrowing parents : " You actually think you can get	a	job	as	a	peacemaker ? " # Peace teachers do indeed like their
something , " he says . " So I got	a	job	as	a	pesticide sprayer . " Over a period of three years
good , " Schade says , " you could get	a	job	as	a	pharmaceutical rep for 72 grand a year . Or you
-- it 's going to be 35 years . Got	a	job	as	a	physical education teacher and I did it for 34 years
some insight into what life will be when I get	a	job	as	a	professor . This experience and conversations have shown me
across the Atlantic on a grain ship , he got	a	job	as	a	reporter with a newspaper in Sheffield , England . He
prove , for example , that she could n't get	a	job	as	a	result of the defamatory remarks . Damages are presumed .
into a production company office here in Odessa and get	a	job	as	a	roustabout in the Permian oil fields . On the other
period , she 'd suspended attending college and gotten	a	job	as	a	secretary , living with her parents while he finished his
fistfight and a Hagerstown man , 56 , to get	a	job	as	a	security guard despite a 21-year-old battery conviction .
Los Angeles , where he met Jean Louis and got	a	job	as	a	sketch artist at Columbia Pictures . After the costume
mysterious thing he 'd never heard of . He got	a	job	as	a	spokesperson with Beconta , a major U.S. ski equipment
in Galveston in the late ' 80s . Davis got	a	job	as	a	surgical assistant at the University of Texas Medical
after I told her that I was able to get	a	job	as	a	teacher after I was already a tattooed person , she
sex offender does n't go to jail ; he gets another jo	as	a	teacher	.	It 's not as unusual as you might
, he too would become a professional . He got	a	job	as	a	trader working on the 104th floor of the south tower
About six months into my stay I tried to get	a	job	as	an	electrician in the prison . Getting assigned to certain
After graduation , he used his engineering degree to get	a	job	as	an	electronics troubleshooter and theater manager ,
. Then his older brother 's girlfriend helped him get	a	job	as	an	unpaid intern at the PBS affiliate in his home town
a wastebasket across the room . " Quit . Got	a	job	as	assistant	stage # manager in some Off Off . So ,

Figura 34 – Amostra das linhas de concordância de *get a job as*

A expressão *get a job as* é completamente analítica do ponto de vista semântico. Isso fica evidenciado pela falta de fixidez estrutural, assim como pela possibilidade de comutarmos *get*, nas linhas de concordância acima por *land*, por exemplo, sem que haja alteração significativa no sentido do fraseologismo. No entanto, embora seja resultante de uma combinação livre e analítica de palavras sem unicidade semântica, a expressão como

tal é frequente e convencional. Seguindo a estrutura recorrente, podemos representar o fraseologismo da seguinte maneira: *get a job as a SN (= profissão).*

4.3.2.14 *Get one's way*

hmmm . On the domestic front , the president got	his way	with some budget proposals , did pretty well - votes on general
be thrown off the welfare rolls . If Anderson gets	her way	with the state Legislature -- and she is expected to -- then
Court to obtain their rights (or just to get	their way	) . Only in the British Court did a claim become a
If a bunch of scientists from my alma mater get	their way	, America will soon get some new wildlife out of Africa --
and you are naturally impatient and accustomed to getting	your way	, and now your wealth has given you the opportunity every fantasy
be allowed to address the convention . They did get	their way	, and other speakers also addressed the traditional concerns of
I made no promises , but Johanna ended up getting	her way	, as usual . Bob received no more invitations to go places
stomping into a meeting and if he does n't get	his way	, he 's going to take his football and go home .
council about putting in a stoplight . Mayor Burkett got	his way	, insisting their town needed the light . After all , he
19377 # Even if Saddam Hussein fails to get	his way	, Kuwait as it existed before August 2 is lost forever .
to the purchase orders by hand . If Friedman gets	his way	, most of this process will be automated online . Burlington Coat
. " Samuel smiled . " Do you always get	your way	, Nurse ? " She tilted her head up to him ,
to attract wild bees . # If city planners get	their way	, one day in the distant future - anywhere from 10 to
the players of Los Llanitos and other ulama supporters get	their way	, Paez and his teammates will one day watch their children
She hit her classmates . When she did n't get	her way	, she fell to the floor and kicked and cried . She
of ground beef that , if the Auburn researchers get	their way	, soon will be in supermarkets and restaurants everywhere . Both
Vitter , Landrieu and the rest of the delegation get	their way	, the final decisions will be made by the nine-member Pelican
in extremely menacing tones that if he did not get	his way	, they would be sorry " the suit charged . Troubles got

Figura 35 – Amostra das linhas de concordância de *get one's way*

A sintaxe de busca especificada para obtenção dos dados do *corpus* de estudo, isto é, *get* lematizado + substantivos ocorrendo num campo de duas posições à direita, recuperou fraseologismos como *get one's way*, representado na figura acima. Entretanto, embora à primeira vista a expressão pareça estar em conformidade com a estrutura geral das transitivas (cf. Figura 19), ou seja, [SUJ [V [OBJ]]], o substantivo *way* não tem função nominal nesse fraseologismo. *One's way* refere-se, na realidade, ao modo em que o evento foi performatizado pelo agente da sentença. Por isso, em *Johanna ended up getting her way, as usual. Bob received no more invitations to go places, getting her way* refere-se ao modo como o sujeito *Johanna* obteve o que queria, ou seja, *conforme a sua vontade*. O objeto gramatical é implícito nesse fraseologismo e pode ser inferido no contexto discursivo ao qual o enunciado pertence. No caso da sentença usada por nós, por exemplo, o objeto da obtenção denotada por *get* é explicitado na sentença *Bob received no more invitations to go places,* isto é, essa sentença refere-se ao que o sujeito *Johanna* obteve da maneira como desejava.

4.3.2.15 *Get one's money worth*

this . But we wo n't know whether we got	our money	's	worth	until we find out whether we are allowed to use
is little doubt that the museum 's founders have gotten	their money	's	worth	when it comes to a building whose striking presence now
, a ' bad experience ' evidently means not getting	their money	's	worth	, or that the prostituted woman or girl did n't
says , is that people think they need to get	their money	's	worth	, so they overeat . # Jones says his biggest
-- seniors in the world . I think we got	our money	's	worth	. LIMBAUGH : Ho , ho , ho , my
the end , just to make sure the fans get	their money	's	worth	. (Scott) // Film Series // JEAN EUSTACHE
outrageous fee , so that you feel you 've gotten	your money	's	worth	. They 'll kill you , of course . I
Cat , but it was fair to say she got	her money	's	worth	. I was good at what I did , and
If you do too , you 're sure not getting	your money	's	worth	. Her self-described " satire " column (Chronicle ,
this week , so the tech company is probably getting	its money	's	worth	. In this case , $900,000 a year . A
them here , but when they leave , they got	their money	's	worth	. They had an experience . They had something that
for . Whichever one you pick , you will get	your money	's	worth	. #
fast , but dollar for dollar , you 'll get	your money	's	worth	. TABLE # * Test Lab street prices are an
make the families of the residents think they were getting	their money	's	worth	. It was beautiful to behold as you came up
find out , you know , if we 're getting	our money	's	worth	. But right now , we 're looking at $50
had a clear obligation to make sure the Baranovians got	their money	's	worth	. # She turned out to be twenty years younger
will still be concern about whether students are getting	their money	's	worth	. Efforts that focus only on what is being done
smile . I said , " I think I got	their money	's	worth	. " She said , " Honey , do n't
may use it to determine whether taxpayers are getting	their money	's	worth	. " What we have here is an informed consumer

Figura 36 – Amostra das linhas de concordância de *get one's money's worth*

Embora falantes que não tenham aprendido o significado do fraseologismo *get one's money's worth* sejam capazes de atribuir a leitura de obtenção existente entre o verbo *get* e a palavra *money*, o desconhecimento da expressão como um todo pode gerar um problema interpretativo. A expressão, consideravelmente idiomática, é fixa e seu significado, que pode ser definido como *obter o valor justo por algo*, deve ser aprendido.

4.3.2.16 *Get the credit*

's Elaine Quijano reports , the president is n't getting	the credit	that	some	believe he deserves . (BEGIN-VIDEOTAPE) ELAINE
for something , and understand that you may not get	the credit	that	you	think because you 're an offensive lineman . Because
? If you want to know who does n't get	enough credit	on	that	team , it 's Thomas Hill . " Gentlemen ,
to me . He also explained that he never gets	any credit	on	the	movies , which seemed kind of unfair , but he
, we wo n't need to argue over who gets	the credit	or	who	thought of the idea first . If , however ,
for the Bush campaign in 1988 , he often gets	the credit	or	blame	for the most horrendous negative ad of modern times ,
presidents , whether things are good or bad , get	the credit	or	blame	, " Bush acknowledged Friday . " I understand that
by him . And he knew that he would get	the credit	or	the	blame . CUTLINE : Dan Quayle 26082 # Three months
's baby and that he and the Republicans will get	the credit	or	the	blame down the road . MOLPUS : As you mentioned
the end , Snyder says no one person should get	the credit	or	the	blame for the choices . # " Ultimately , it
, and they 're going to have to either get	the credit	or	the	blame for an economic program that starts reversing these
for this- wrong . The Democrats are going to get	the credit	or	the	blame , but Bill Clinton did n't have anything to
of Pennsylvania Avenue , and we 're going to get	the credit	or	the	blame for whatever is happening , and , in so
DONALDSON : -and the person in the White House gets	the credit	or	the	blame , whether it 's deserved or not . BILL

Figura 37 – Amostra das linhas de concordância de *get the credit*

Embora possa ser entendido não figurativamente como *obter crédito financeiro*, o fraseologismo é metaforicamente usado para designar o reconhecimento que é conferido a alguém. Pelo que podemos ver nas linhas de concordância acima, os usos apontam para esse significado, isto é, da palavra *credit* sendo utilizada em substituição a *recognition* (reconhecimento). Essa leitura é confirmada ao observarmos outros elementos recorrentes nas linhas como *get the credit or (the) blame*. Com relação à expressão *get the blame or the credit*, tanto a observação de nossos dados quanto a checagem da frequência da expressão no COCA mostra que *the credit or the blame* apresenta um comportamento relativamente frequente. De acordo com a terminologia adotada por Tagnin (2013), expressões fixas em que dois elementos nominais são coordenados por conjunções, como *and* ou *or*, são chamados de *binômios*.

4.3.2.17 *Get cold feet*

business leaders familiar with the deal said Vestas got	cold feet	after Broe doubled his original asking price for the Windsor
code . But for some reason , may have gotten	cold feet	and bailed on an otherwise perfect crime . GRACE : To Sergeant
If so , is this a person who simply got	cold feet	and decided not to help ? If so , why did nt
the video , the surveillance video recording off , got	cold feet	and did nt show up ? ROY : Thats just a theory
come back , that the coalition is going to get	cold feet	and leave , and they 're simply wrong . We 're not
51 years) was no picnic . Bugs Bunny got	cold feet	and stayed in his hole . And Snoopy 's nose got punctured
Yeltsin was a true revolutionary . Every time Gorbachev got	cold feet	and tried to slow the gears of political change , Yeltsin was
out of every three customers BFI signed up later got	cold feet	and tried to back out of the deal . Again , Phil
should be , " President Obama seemed to have gotten	cold feet	in early September . With casualties rising and public support
COURIC : You thought he was s -- simply getting	cold feet	? Ms-CLARK : Yeah . You know why ? We all were
he answer will depend on whether Britain and Germany get	cold feet	about European integration . In the Third Worldwell , Chief
the Texas doctor who had been ripped off was getting	cold feet	about testifying , so local prosecutors cut a deal with the
. Industry executives say Mr. Ovitz may have been getting	cold feet	about the deal partly because he was giving up a position as
; Cecil Travis , of the Senators , who got	frozen feet	at the Battle of the Bulge ; Lou Brissie , who had

Figura 38 – Amostra das linhas de concordância de *get cold feet*

Outra expressão idiomática é o fraseologismo *get cold feet*, que é usada para se referir ao sentimento de ansiedade que temos diante de importantes decisões, como se casar. Assim como *get one's money's worth,* o significado dessa expressão deve ser aprendido pelo falante, pois não conseguimos chegar ao seu sentido idiomático a partir de suas partes constituintes. Em outras palavras, o significado convencional desse fraseologismo deve ser aprendido pelos falantes de maneira holista (WRAY, 2002), pois as partes constituintes dessa expressão (*get, cold, feet*) não compõem o sentido convencional do fraseologismo.

Todos os fraseologismos apresentados e discutidos acima foram obtidos por meio da busca realizada no *corpus* de estudo. Contudo, o simples aparecimento, ainda que frequente aos olhos do pesquisador, não garante que os dados tenham relevância linguística, pois eles podem, como apontado por McEnery e Hardie (2012), ser um resultado do acaso. Desse modo, necessitamos de medidas estatísticas que comprovem a relevância dos dados em relação ao *corpus* como um todo. Como dissemos no capítulo anterior, aqui faremos uso da proposta de análise oferecida por Schmid (2010) para analisarmos os dados de um ponto de vista estatístico, pois, embora sejam operações simples, principalmente em comparação a outros métodos comumente utilizados na esfera de estudos dirigidos pelo *corpus*, a proposta é condizente com os tipos de dados de que dispomos.

4.3.3 Atração e dependência nos fraseologismos com sentido geral de *obtenção*

Conforme discutido no capítulo 3, o cálculo de *atração* assume a perspectiva da Construção para definir até que ponto determinado item lexical é ou não atraído por uma Construção particular. Sendo assim, a atração determina como uma lacuna em uma estrutura é preenchida por diferentes itens no eixo paradigmático. Portanto, para que seja eficiente, a análise da atração que uma Construção exerce sobre determinado item tem de ser feita com base em um *corpus* que contenha o fraseologismo sob análise, com diferentes elementos presentes em sua estrutura interna.

Peguemos como exemplo o fraseologismo *get a look at*. Sem antes verificarmos os possíveis verbos que podem ocorrer na lacuna verbal desse fraseologismo, podemos prontamente aventar a possibilidade do verbo *take* como um possível e forte candidato para essa lacuna como discutimos na seção 4.3.2.9. Entretanto, se pegássemos o nosso *corpus* de estudo como base para verificação da atração que [V] *a look at* exerce sobre *get*, a medida estatística se tornaria absolutamente inviável e irrelevante, pois nosso *corpus* de estudo somente contém fraseologismos com *get*. Logo, a comparação entre itens no eixo paradigmático não se aplicaria nesse caso. Diante dessa problemática, para analizarmos o nível de atração de uma Construção em relação a um grupo de verbos, tivemos que recorrer ao COCA como um todo. Verificamos, para cada fraseologismo

presente na Tabela 13 acima, a frequência total do padrão no COCA e desse conjunto retiramos aqueles nucleados por *get*. Desse modo, conseguimos ver a representatividade dos fraseologismos nucleados por *get* em relação ao padrão como um todo, isto é, em comparação a outros itens lexicais possíveis na estrutura. Vejamos os resultados do cálculo de *atração*[90] na tabela abaixo:

Tabela 14: Cálculo estatístico da atração entre *get* com sentido de *obtenção* e os fraseologismos

Fraseologismo	Freq. do padrão	Atração	Fraseologismo	Freq. do padrão	Atração
get DET chance to	949	65,33%	get the feeling that	1018	36,73%
get SN from	9569	13,81%	get information about	3486	4,21%
get SN back	4069	11,10%	get a job as a	472	33,68%
get a hold of	471	83,22%	get one's way	2514	7,51%
get DET sense of	8567	10,54%	get one's money's worth	263	95,81%
get DET idea of	5463	1,7%	get information on	2381	6,08%
get a shot of	544	38,41%	get DET idea for	626	26,67%
get a shot at	855	14,85%	get the credit for	158	40,50%
get the attention of	2297	12,49%	get cold feet	128	80,46%
get a look at	8901	5,33%	get DET sense about	58	22,41%
get the idea that	3190	8,05%			

A análise dos resultados estatísticos pode nos revelar até que ponto os fraseologismos apontados pelo cálculo são de fato convencionalizados pela comunidade de fala representada pelo *corpus* que estamos utilizando. Peguemos os três fraseologismos em que *get* é a opção preferida do padrão: *get one's money's worth* (95,81%), *get a hold of* (83,22%) e *get cold feet* (80,46%). Os resultados demonstram que esses fraseologismos são mais convencionalmente associados a *get* em comparação com demais verbos. No entanto, é fato que esses resultados podem ser influenciados pela baixa frequência absoluta dessas expressões no COCA, entretanto, os números também podem ser justificáveis com base na natureza linguística das expressões. Sendo mais fixas e idiomáticas, espera-se que haja menor variação interna ao fraseologismo.

[90] Repetimos aqui a fórmula da medida de *atração* utilizada na análise dos dados:

$$\textit{Atração:} \quad \frac{\text{Frequência de um item em uma Construção} \times 100}{\text{Total da frequência da Construção no } \textit{corpus}}$$

A questão da natureza linguística das expressões fica-nos mais uma vez evidente caso peguemos os três fraseologismos com menor índice de atração. São eles: *get DET idea of* (1,7%), *get information about* (4,21%) e *get a look at* 5,33%. Por serem mais frequentes em termos absolutos, espera-se que eles aceitem uma maior variabilidade de itens lexicais ocorrendo em sua estrutura interna. Isto é, ao serem menos idiomáticos (ou inversamente mais composicionais) do que os fraseologismos discutidos acima, essas expressões são menos restritivas quanto às suas tendências selecionais semânticas (EVANS, 2006).

Em vista da discussão acima, podemos hipotetizar que as variáveis *frequência absoluta* vs. *atração* podem ser equacionadas de maneira a prever a natureza do material linguístico sobre o qual elas são aplicadas da seguinte maneira:

i. Frequência absoluta alta + atração baixa → Combinação analítica de palavras
ii. Frequência absoluta baixa + atração alta → Combinação mais idiomática

Em outras palavras, podemos utilizar o raciocínio acima para definir quantitativamente quais expressões linguísticas são mais ou menos idiomáticas e convencionais. O padrão V DET *idea of*, por exemplo, tem uma frequência absoluta alta no COCA, isto é, 5.463 ocorrências. Dessas ocorrências somente 1,7% se realizam com *get*. Isso nos mostra que, apesar de recorrente, esse padrão sentencial se associa a *get* por meio de uma combinação analítica (ou composicional) de palavras, assim como com outros tantos verbos. Já no caso de V *a hold of*, das poucas ocorrências que o padrão tem no COCA (471), 83,22% delas correspondem a *get a hold of*. Isso mostra que a lacuna verbal desse padrão tem tendências semânticas selecionais específicas para *get* e, assim como discutimos na definição de fraseologismo, a fixidez e a unicidade semântica são características típicas de expressões mais idiomáticas.

Diferentemente do teste de *atração,* o teste de *dependência* olha para as relações mantidas entre padrões sentenciais e os itens lexicais da perspectiva do item lexical. Sendo assim, essa medida visa responder até que ponto dado item é dependente de uma construção específica. Como dissemos, para medirmos a *atração* precisávamos recorrer a um *corpus* que contivesse o padrão em realização com outros verbos que não *get.* Por esse

motivo os cálculos foram realizados com base nos dados do COCA como um todo. O teste de *dependência,* ao ser uma medida que olha para o eixo sintagmático e que tem por objetivo verificar o grau de dependência de *get* em relação a diferentes Construções, pode ser feito com base nos dados do nosso *corpus* de estudo. Aliás, a utilização do COCA para esse teste não geraria resultados completamente confiáveis, pois o número total de *get* no COCA é de 1.080.432 e esse número compreende uma infinidade de Construções com *get* que não fazem parte do escopo desta pesquisa (o uso incoativo: V + ADJ, por exemplo).

Dessa forma, ao tomarmos o padrão V DET *chance to* como exemplo, verificamos que ele ocorre num total de 949 vezes no COCA. Dessas ocorrências, 620 são preenchidas com *get*. Ao aplicarmos o teste com base no número total de ocorrências de *get* no *corpus*, obtivemos o seguinte resultado: 0,05%. Isso significa que somente 0,05% de *get* depende desse padrão. Embora a leitura seja válida, a representatividade fica comprometida, pois o *corpus* de referência contem Construções com esse verbo que estão fora do domínio que selecionamos para esta pesquisa, isto é, *get* + SN. Portanto, a fim de definirmos melhor o escopo para termos uma representatividade mais confiável dos dados obtidos, decidimos, neste caso, utilizar o total de ocorrências de *get* em nosso *corpus* de estudo e a medição também foi feita com base no número de ocorrências em que *get* apareceu nos fraseologismos presentes em nosso *corpus*. Dessa maneira, calculamos a representatividade das 330 vezes em que *get* ocorreu em V DET *chance to* com relação ao total de vezes em que ele aparece no *corpus* de estudo, isto é, 9.210. Vejamos os resultados obtidos com o cálculo de *dependência*[91] para os demais fraseologismos.

[91] Repetimos aqui a fórmula da medida de *dependência* utilizada na análise dos dados:

$$\textit{Dependência}: \frac{\text{Frequência de um item em uma Construção x 100}}{\text{Total da frequência do item no } \textit{corpus}}$$

Tabela 15: Cálculo estatístico da *dependência* de *get* com sentido de *obtenção* em relação aos fraseologismos (Frequência total de *get* no *corpus*: 9210)

Fraseologismo	Freq. de *get* no padrão	Depend.	Fraseologismo	Freq. de *get* no padrão	Depend.
get DET chance to	330	3,58%	get the idea (that)	57	0,61%
get SN from	215	2,33%	get the feeling that	54	0,58%
get SN back	154	1,67%	get information about	45	0,48%
get a hold of	129	1,40%	get a job as a	42	0,42%
get DET sense of	126	1,36%	get one's way	36	0,39%
get DET idea of	89	0,96%	get one's money's worth	34	0,36%
get a shot of	83	0,90%	get information on	29	0,31%
get a shot at	76	0,82%	get DET idea for	28	0,30%
get the attention	66	0,71%	get cold feet	23	0,24%
get a look at	63	0,68%	get the credit	22	0,23%
get SN for	60	0,65%	get DET sense about	8	0,08%

Embora sejam menos expressivos que os números de atração, os números da dependência que *get* tem em relação a fraseologismos específicos podem ser usados como indícios da variabilidade de contextos construcionais em que o verbo pode ocorrer e, como consequência disso, do alto nível de polissemia que a forma *get* apresenta. Em outras palavras, quanto menor for a dependência de um verbo a uma construção particular, maior será a sua "liberdade" para ocorrer em outras construções, isto é, ele terá de conter um maior número de conceitos que possam ser compatíveis com a semântica das Construções com as quais ele se associará.

Concluída a análise das Construções Transitivas nucleadas por *get* em que o sentido geral licenciado pelas Construções e fraseologismos é o de *obtenção*, passamos na próxima seção à análise dos enunciados em que *get* tem o sentido geral de *recebimento* (*receive*).

4.3.4 Transitivas de *get* com sentido central de *recebimento*

Em termos sintáticos as Construções Transitivas em nosso *corpus* de estudo estruturam-se de maneira similar, ou seja, seguem o número de constituintes gramaticais estipulados na Figura 18 (cf. p. 94). No entanto, no que tange à semântica da Construção, ao se associar a verbos distintos, o aspecto do significado, ou mais especificamente dos

papéis argumentais da Construção, pode ser alterado em vista do *princípio de coerência semântica* já evocado anteriormente neste capítulo.

A segunda classe de transitivas mais frequente (874 enunciados = 14,05%) em nosso grupo é constituído por *get* com um sentido geral de *recebimento*, como podemos ver na sentenças abaixo retiradas de nosso *corpus* de estudo.

(24) *"Did you **get the picture** I sent?"*
"I did indeed. Thank you" [1993/FIC]

(25) *The Cubs' rotation **got a shot** in the arm with the returns of Kerry Wood and Ismael Valdes* [2000/NEWS]

(26) *After your entry form is received, you will **get a letter** informing you where to send your essay.* [1999/ACAD]

(27) *...you want to be really careful about is when **you get a phone** call at home from someone you don't know.* [1995/ACAD]

(28) *We were **getting 40 calls** a week from artists and their families* [1993/NEWS]

Em todas as sentenças acima podemos claramente substituir *get* por *receive* sem que o significado da oração seja alterado. No entanto, a problemática se apresenta ao tentarmos identificar a natureza semântica do papel argumental que se associará ao sujeito da Construção. Isso porque, segundo Levin (1993), *receive* também é classificado como um *verb of obtaining*. Sendo assim, baseado nas características gerais dos verbos dessa classe, não poderíamos distinguir as propriedades semânticas dos sujeitos selecionados pelo grupo de verbos nas sentenças acima ((24) – (28)) e os verbos com sentido geral de *obtenção* analisados na seção 4.3.1. Portanto, a pergunta que nos fazemos é a seguinte: *Obtenção* e *recebimento* seriam de fato dois conceitos diferentes?

A análise dos dados no *corpus* respondeu a essa pergunta afirmativamente, isto é, parte das Construções Transitivas, grupo no qual se incluem as sentenças de (24) a (28), parece demonstrar uma leitura segundo a qual o sujeito da Construção tem um papel mais passivo, isto é, uma leitura que não inclui um traço de volição, assim como ocorre com o grupo de verbos de *obtenção*. Essa visão é corroborada pelo comentário de Levin, de acordo com o qual:

> Os verbos *accept*, *inherit* e *receive* foram incluídos aqui uma vez que eles se estruturam como os demais verbos de obtenção com relação às propriedades listadas [...]. Entretanto, no sujeito desses três verbos identifica-se um papel mais "passivo" no processo de obtenção se comparados com os sujeitos de outros verbos de obtenção. (LEVIN, 1993, p. 143)[92]

Essa leitura de passividade do sujeito de *get* com o conceito de *recebimento* pode ser confirmada ao submetermos as sentenças em (24) a (28) a um teste com a pergunta: *What happened to (complemento de get)?* Sendo assim, teríamos as seguintes respostas:

Sentença (24): *I sent the picture and you received it*
Sentença (25): *Someone made the shot and the Cub's rotation received it*
Sentença (26): *Someone will send the letter and you will receive it*
Sentença (27): *A stranger made a call and you received it*
Sentença (28): *Artists and their families are making calls and we are receiving them*

As respostas acima nos mostram que o "causador" do evento nas sentenças, com traços de agentividade e volição, não é o sujeito de *get*, mas sim um outro participante, que pode estar implícito (caso das sentenças (25) e (26)) ou explícito (caso das sentenças (24), (27) e (28)). De maneira geral, nos casos em que o SPrep [*from* [SN]] está presente, o SN introduzido pela preposição *from* é interpretado como o "causador" do evento. Essa interpretação para as *from phrases* (LEVIN, 1993) é condizente com resultados quantitativos obtidos em nosso *corpus* de estudo.

Tabela 16 – Frequência do padrão *get* SN *from* com sentido de *obtenção* e *recebimento*

Conceito	Freq. absoluta	Freq. de *from* SN	Freq. relativa
Obtenção	4192	222	5,29%
Recebimento	874	497	56,86%

[92] Original: The verbs *accept*, *inherit*, and *receive* have been included here since they pattern like the other *obtain* verbs with respect to the listed properties […]. However, the subject of these three verbs is understood to play a more "passive" part in the process of obtaining than the subject of the other *obtain* verbs.

A Tabela 16 nos mostra a ocorrência de *from SN* entre todas as ocorrências de *get* com o sentido de *obtenção* e com o sentido de *recebimento*. Como podemos ver, num universo muito maior, *get* com o sentido de *obtenção* e o SPrep *from SN* coocorrem 222 vezes, isto é, em 5,29% dos casos. Já com a interpretação de *recebimento*, o SPrep ocorre em mais da metade dos casos, isto é, em 56,86%. Essa distribuição pode ser uma evidência estatística da dependência de *get* com o sentido de *recebimento* em relação ao SPrep, pois esse é o elemento responsável por trazer o agente do evento. Ao sujeito gramatical de *get* com sentido de *recebimento* cabe um papel mais passivo.

À luz da discussão acima, defendemos a ideia de um conceito de *recebimento* para esse conjunto de dados em nosso *corpus* de estudo e vemos que, em termos estatísticos, a existência de um SPrep introduzido por *from* pode ser característico do contexto construcional sintático que licencia essa leitura de *recebimento*. Entretanto, para isso, *get* terá de se associar, no nível construcional, a uma Construção que tenha as características semânticas discutidas, isto é, uma leitura de *recebimento*, um *sujeito recipiente* e um *objeto paciente,* como mostra a matriz abaixo:

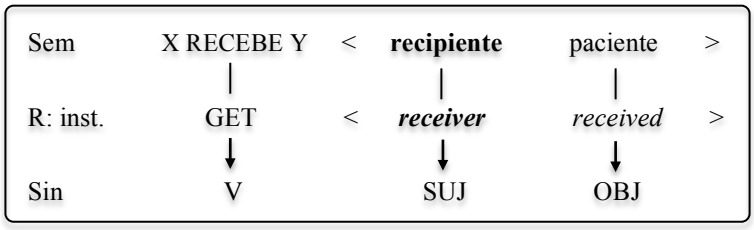


Figura 39 – Representação da Construção Transitiva de *get* com sentido de *recebimento*

Ao considerarmos uma das características do Proto-paciente levantadas por Dowty (1991) (*casualmente afetado por outro participante*), o sujeito de *get* com a leitura de *recebimento* será um *recipiente* (SAEED, 2009). Com as diferenças salientadas na matriz acima, podemos hipotetizar essa como uma Construção independente da Construção Transitiva canônica, conforme exige o *principio de não-sinonímia* proposto por Goldberg (1995) e apresentado no capítulo anterior[93]. A conformidade com o princípio mencionado

[93] Ao discutir as relações existentes entre Construções, Goldberg (1995) lança mão do *princípio de não-sinonímia* ao dizer que, para adquirir *status* de Construção independente, uma estrutura deve ser diferente de

é garantida, pois, apesar da Construção Transitiva canônica e da Construção Transitiva de *recebimento* serem sintaticamente similares, há uma diferença entre ambas no que se refere ao aspecto semântico.

4.3.5 Fraseologismos transitivos com *get*: sentido de *recebimento*

Com um número reduzido de ocorrências (874 enunciados) os fraseologismos com o sentido de *recebimento* não foram tão produtivos como na categoria dos transitivos com sentido de *obtenção*. Entretanto, a análise do *corpus* de estudo salientou 7 expressões linguísticas recorrentes que apresentamos na Tabela 17.

Tabela 17 – Fraseologismos com sentido central de *recebimento* com base em 874 enunciados

Fraseologismo	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Fraseologismo	Freq. Abs.	Freq. Rel.
get SN from	497	56,86%	get DET message	35	4,00%
get a (phone) call	171	19,57%	get the word	23	2,63%
get treatment (for)	67	7,67%	get a shot of	16	1,83%
get DET letter	41	4,69%			
Total:				850	97,25%

A seguir traremos cada um dos fraseologismos com algumas ocorrências seguidos de uma breve discussão.

4.3.5.1 *Get SN from*

Como mostramos na Tabela 16, o fraseologismo *get* SN *from* com o sentido geral de *recebimento* corresponde a 56,86% das ocorrências de transitivas em comparação com 5.29% do mesmo padrão sintático com sentido de *obtenção*. Isto é, em termos estatísticos,

outra Construção ou em termos sintáticos, semânticos ou pragmáticos. Isto é, uma dessas três esferas deve conter elementos particulares somente dessa Construção.

podemos prever que na maioria dos casos em que o SPrep introduzido por *from* ocorrer, *get* poderá ser lido com o sentido de *recebimento*. Embora o verbo nesse fraseologismo tenha o sentido geral de *recebimento*, as propriedades gramaticais discutidas na seção 4.3.2.2 se mantêm os mesmos.

4.3.5.2 *Get a (phone) call*

middle managers that are losing their jobs . We	get	phone	calls	at the	Dallas Morning News about it . People call up and
I was with him the whole time until I	got	the	call	at the	hotel . # FRANK # Sanderson ? 85 # ANDY
Monitor 17664 # Mira Agustina was surprised to	get	the	call	at the	Islamic boarding school where she had been cloistered
but our game did not last long because Billy	got	a	call	at the	pay phone . I could not hear what he said
(BEGIN-VIDEO-CLIP) TRACY-STUMBO-KENT : Well , we	got	the	call	at the	Pikeville office . And the Pikeville district supervisor
you , but I 'm sick and tired of getting		phone	calls	at two	in the morning to go and stare at the planet
conditions encourage shared confidences . When you	get	a	call	at work	saying your apartment is flooded or your mother 's ill
that 's not a problem , but trying to	get	telephone	call	backs for	two hundred and fifty people with one phone system ,
that 's provided . And you tend to be getting		phone	calls	based on	catalog sales and Internet sales . So maybe I get
been a peculiar night . Usually I do n't	get	many	calls	between	midnight and eight A.M. , but last night I 'd lost
leaving my mother , she said that she often	got	crank	calls	early in	the morning or at odd times of the day .
all hell breaks loose . # BH : You	get	phone	calls	early ?	# Calhoun : Yes . It used to be writers
your phone gets cut off , you can still	get	incoming	calls	for a	while . It was a convenient lie . But this
organization can do and has done . The Mosque	gets	frequent	calls	for help	. He gets invitations to speak at an array of
the time . Probably every week , you 'll	get	a	call	for some	type of job . SUSAN-KOEPPEN: But Anderson never got
DH in 218 games during his career and will	get	the	call	for that	spot in Game 1 , with right-handed-hitting Francisco
. Runs well in short-yardage sets but does n't	get	the	call	much .	Not used often as a receiver . # 11 -
the belt . And then I got - we	got	a	call	that Lincoln	Center was going to do " Company , " and

Figura 40 – Amostra das linhas de concordância de *get a (phone) call*

Os aspectos linguísticos que caracterizam esse fraseologismo são similares aos dos contextos em que *get* subcategoriza um complemento nominal comum. No entanto, a sequência *get a (phone) call* é altamente frequente.

Como discutido, um dos traços que identifica uma expressão como sendo um fraseologismo é a frequência que a expressão tem no discurso dos falantes, isto é, seu nível de convencionalidade. Nessa expressão, embora não haja unicidade semântica, ela ilustra um caso de colocação forte entre *get* e *(phone) call* e aqui cabe lembrarmos que as colocações também são classificadas como unidades fraseológicas.

4.3.5.3 *Get treatment (for)*

That 's where they have thorough medical checks , get	whatever treatment	they need and they have a lot of debriefing both from
distort a diagnosis to assure that their patients will get	the treatment	they need or to make sure they 're paid . In fact
that only 25 percent of diabetic patients are getting	the treatment	they need , and expense is a big reason . Even well-insured
Americans are worried that they 're not going to get	the treatments	they need . Small businesses in particular are struggling to pay
no one is alone . # Sinah has been getting	drug treatment	through a pilot study by the Harvard AIDS Institute since 1999 ,
running late will trigger many of the signals to get	priority treatment	through intersections . # Smart Commuter experiment #
time be able to make sure that their content gets	preferential treatment	versus the open and fair highway we have today . MOON:Chester
I was not aware . If you do n't get	adequate treatment	for a problem , what are you to do ? If you
the floor on his back . He refused to get	medical treatment	for a week . When he did seek treatment , it was
his business , or why his daughter wo n't get	medical treatment	for cancer . Jerry thinks he 'd be happy to keep soaring
to a prison in Florida , where she is getting	no treatment	for her disease . " It was retaliation for exercising my right
behavior . Most recently , he was in Taiwan getting	medical treatment	for his frequent fainting spells . # Chai is quietly living in
her chronically ill patients . " We ca n't get	diagnostic treatment	for someone with hypertension , but when they finally have a
The Caribbean countries are now struggling to get	NAFTA-parity treatmen	for their garments under a " CBI enhancement plan " that would
let you . We going to make sure you get	some treatment	for these problems that are bothering you and some help with them

Figura 41 – Amostra das linhas de concordância de *get treatment (for)*

Esse, assim como o fraseologismo anterior, é outro caso de uma colocação frequente entre *get* e o substantivo *treatment*. Em todos os casos presentes nas linhas de concordância acima, o teste de paráfrase com o verbo *receive* manteria o significado das orações inalterado. Quanto à presença da preposição *for*, ela é opcional e dependerá das tendências selecionais do substantivo *treatment*. Isto é, sempre que houver um complemento, a coligação preferida será pela preposição *for*.

4.3.5.4 *Get DET message*

Wide Web , and we thought maybe he 'll get	one message	a week : the Website gets several hundred visitors a day .
But this does n't mean that they wo n't get	the message	after an acquaintance , or even an acquaintance of an
, in images , in structures , you 're getting	a message	that Caesar is divine , son of God , God , god
up with the proper codes , but then I get	a message	that I put in the wrong model number for my projector .
out of my service area . I 've gotten	that message	before . It means you 've reached a cellular phone . Jonah
Alyssa asked . " The average guy would have gotten	the message	by now . Your persistence borders on stalking . " // "
nonstration that will maybe help ensure that you guys get	the message	free of charge , pro bono , if you will ... Unidentified
you 'd seen a ghost . Did n't you get	the message	I left this morning ? " # Heartbeat still pounding out of
had never seen in them before . " You got	the message	p135 about Erin 's telling one of her dates that she 'd
I was en route to you and I started getting	text messages	saying ... GIFFORD : Oh , because you -- yeah . KOTB
a filter through which you seem to have to get	your message	sometimes . And that 's why debates are good . You can
dicare patients quickly enough . Physicians who do n't get	the message	may suddenly stop receiving referrals from the emergency room ,
young men on the main street said they had gotten	the message	about AIDS through education campaigns at schools and churches

Figura 42 – Amostra das linhas de concordância de *get DET message*

Essa colocação, a menos frequente das discutidas até então, pode ser interpretada como uma composição livre de constituintes, em que a palavra *message* denota uma mensagem física, isto é, uma carta, bilhete, e-mail etc. O outro significado possível, mais figurado, refere-se a uma mensagem subliminar ou aviso. Esse último sentido é encontrado em sentenças como *The average guy would have* ***gotten the message*** *by now*.

A interpretação da sentença torna impossível a leitura segundo a qual *message* denota uma entidade física, pois sob condições normais qualquer pessoa seria capaz de *receber uma mensagem*. Em português, esse sentido figurado é convencionalizado com a expressão idiomática *pegar o recado*.

4.3.5.5 *Get the word*

There always seems to be somebody who does n't get	the word	the more methods you use , the fewer will miss your message
still exists in the military . Did n't they get	the word	this is 2007 ? # Instituted early in the Clinton
up to . Unfortunately , we sometimes do n't get	the word	until it 's too late . # Even an event like graduation
(or Demeter) , from whose name we get	the word	" cereal , " saw her daughter , Persephone , carried off
so when she got the word , the boy got	the word	, and she 's such a decent young woman . (Voiceover) You
by Fox even before the pollsters and the pundits got	the word	, because in the two or three days before the election ,
about the same time , and so when she got	the word	, the boy got the word , and she 's such a
fact , it was 7:43 that morning , we got	the word	, " Cease fire , cease fire . " Sgt. RALPH MARTIN
Capt . McMASTER : The next morning , we got	the word	, " You attack in five minutes to the 70 Easting '
ROSS PEROT : I think they 're about to get	the word	- We may be crazy , but we 're not stupid ,
. And -- so , her thing was to get	the word	-- spread the word that flying was fun . It was possible
. John Harper , a building contractor , also got	the word	. He has two wives and is looking for a third .
in the morning . Later that night , we get	the word	. No hole . Fuck . # But the show that night
to be an information dissemination problem . People have got	the word	. Now , what I 'm really asking is where does the

Figura 43 – Amostra das linhas de concordância de *get the word*

Esse fraseologismo idiomático é uma variação das expressões *give/say the word* e significa *receber uma palavra final, geralmente de uma autoridade*. Esse sentido pode ser verificado na sentença *it was 7:43 that morning, we* ***got the word****, "Cease fire, cease fire"*. A expressão é idiomática e opaca, pois um falante que não tenha sido exposto ao significado dessa expressão não é capaz de entendê-la a partir de suas partes constituintes.

4.3.5.6 *Get a shot of*

he was very agitated . It was like he got	a shot	of	adrenalin , and he was just going QUINONES voice-over The
applied to the wound . Then the sleeping giant got	a shot	of	antibiotics . " Will he be all right ? " Kima
lethality , but she 's still fatal unless you get	a shot	of	antiserum . " Pancho pulled a slim vial from her open
're making a pit stop at Los Bobos to get	a shot	of	colada . " " A what ? " " High-test caffeine
, she 's at the hospital with Brian Sr. getting	a shot	of	Demerol . When they get home , before they can punch
feel like I 'm buzzed . Like I just got	a shot	of	endorphins , " she said . # Lee was learning to
withdraw from savings accounts , the consumer economy may get	a shot	of	financial adrenaline because consumers will have more to
recently , direct-to-video quickies . Now the genre is getting	a shot	of	fresh blood with some high-profile projects from major
for 3,500 years . * The first person who got	a shot	of	insulin was a teenager . Leonard Thompson was getting sicker
: It 's like going to the dentist to get	a shot	of	novocaine . I do n't know any other way to describe
of the voluntary muscles . Finally , he 'll get	a shot	of	potassium chloride , which induces cardiac arrest and
United States . And in March , Vegas will get	a shot	of	publicity among younger travelers when mtvU hosts its annual
have you hear with us . If we can get	a shot	of	some of these treatments , as Robert has expressed his

Figura 44 – Linhas de concordância parciais com *get a shot of*

Get a shot of, brevemente discutido na seção 4.3.2.7 reapareceu nos dados com o significado de *recebimento*. Esse sentido pode ser verificado em sentenças como *Then the sleeping giant* ***got a shot of*** *antibiotics*, onde o sujeito de *get* não pode ser interpretado como um agente volitivo, como ocorre no sentido de *obtenção*. Outra característica da expressão está no fato de que a preposição *of* subcategoriza substantivos que denotam medicamentos de forma que o fraseologismo poderia ser traduzido como *tomar uma dose de*. É interessante notar que nesse sentido, a expressão também pode ser usada de maneira figurada como em *And in March, Vegas will get a* ***shot of publicity*** *among younger travelers*. Trata-se de um uso figurado do fraseologismo para expressar o resultado que se deseja obter, ou seja, de recuperação (econômica nesse caso). Em português, temos expressões convencionais cujos usos se assemelham ao da expressão em inglês, como *receber uma injeção de ânimo*.

Na seção seguinte mostramos os cálculos estatísticos aos quais submetemos os fraseologismos referentes a essa categoria.

4.3.6 Atração e dependência nos fraseologismos com sentido geral de *recebimento*

Os fraseologismos com o sentido geral de *recebimento* também foram submetidos aos testes de *atração* e *dependência* a fim de verificarmos a força de atração entre *get* com esse sentido e as Construções em que ele ocorreu. Adotamos aqui a mesma metodologia de análise explicitada na seção 4.3.3 de modo que para a *atração* fizemos uso dos dados do COCA como um todo e para a medida de *dependência*, utilizamos os dados de nosso *corpus* de estudo. Vejamos abaixo os resultados para a medida de *atração*.

Tabela 18 – Cálculo estatístico da *atração* de *get* com sentido de *recebimento* em relação aos fraseologismos

Fraseologismo	Freq. do padrão	Atração	Fraseologismo	Freq. do padrão	Atração
get SN from	9569	13,81%	get DET message	11931	18,52%
get a (phone) call	2987	24,07%	get the word	536	5,03%
get treatment (for)	435	6,20%	get a shot of	544	38,41%
get DET letter	9948	7,9%			

Ao pensarmos na generalização que fizemos entre os dados estatísticos e a natureza das expressões linguísticas, podemos ver que todos os fraseologismos sob investigação aqui são formados a partir de mecanismos de formação analítica de sentenças. Isto é, se uma frequência absoluta baixa e uma medida de atração alta são indícios de expressões mais idiomáticas, entre os fraseologismos com o sentido de *recebimento*, não há expressões mais idiomáticas, o que é condizente com a discussão das expressões feita para cada fraseologismo na tabela acima.

Quanto aos dados de *dependência*, similarmente aos resultados obtidos para *get* com o sentido de *obtenção*, os números são baixos de maneira geral, como podemos ver pela tabela abaixo.

Tabela 19 – Cálculo estatístico da *dependência* de *get* com sentido de *recebimento* em relação aos fraseologismos (Frequência total de *get* no *corpus*: 9.210)

Fraseologismo	Freq. de *get* no padrão	Depend.	Fraseologismo	Freq. de *get* no padrão	Depend.
get SN from	497	5,39%	get DET message	35	0,38%
get a (phone) call	171	1,82%	get the word	23	0,24%
get treatment (for)	67	0,72%	get a shot of	16	0,17%
get DET letter	41	0,44%			

Essas porcentagens servem-nos mais uma vez para tornar explícita a natureza polissêmica e versátil, em termos construcionais, que exibe o verbo *get*. Isto é, os resultados quantitativos servem como evidência para uma das hipóteses desta pesquisa: *get* é altamente dependente das Construções em que ocorre, tanto em termos sintáticos quanto semânticos.

4.3.7 Transitivas *get* com sentido central de *entendimento* e as Construções de propósito

Outro sentido licenciado pela Construção Transitiva é o de *entendimento*, em que, nas sentenças originais, *get* pode ser lido e parafraseado por *understand.* Esse sentido, o de menor ocorrência entre as Construções Transitivas (94 ocorrências), é quase que

totalmente licenciado por fraseologismos específicos que, acreditamos, são os elementos verdadeiramente responsáveis pela leitura de *entendimento*. São eles: *get a sense (for)* (17 ocorrências)*, get the message (loud and clear)* (31 ocorrências)*, get the picture* (14 ocorrências) e *get DET point* (29 ocorrências).

Com relação à forma da Construção a que *get* com esse sentido se associa, a depender do objeto direto, ele poderá se associar tanto à Construção Transitiva de *obtenção* (cf. Figura 19 na p. 97), caso dos fraseologismos *get a sense (for), get the picture* e *get the point,* quanto à Construção Transitiva de *recebimento* (cf. Figura 39 na p. 120), como ocorre com *get the message (loud and clear).*

Como dissemos, o sentido de *understand* parece ser licenciado pelos fraseologismos específicos em que *get* se encontra. Sendo assim, em todos os fraseologismos aqui mencionados, a expressão é convencional e a interpretação é mais idiomática, em termos da já mencionada escala de idiomaticidade (WULFF, 2008).

Uma última Construção pertencente à categoria das transitivas (prototípicas) é a chamada *Construção de propósito* (do inglês *purpose construction*) (BYBEE, 2006). Nessa Construção, o complemento nominal de *get* é seguido de um verbo na forma infinitiva, como mostram algumas linhas de concordância retiradas de nosso *corpus* de estudo.

about all that ? GAYLE-KING: -- tortured him to get	the information	to get the	-- RICHARD-SCHLESINGE: No evidence of that .
at the electric company and grocery store just to get	enough information	to tear them	and their lives apart -- would have had enough
to come visit until fall . # " I got	an idea	to cheer you	up , " he said , and rose up
. It often takes years for independent filmmakers to get	enough money	to start shooting	. A new production hopes to change that by
Then he asked her , " Where 'd you get	the money	to bail me	out ? " She said , " Pam .
medical history , so I 'm very concerned about getting	enough money	to be able	to pay my medical bills for the rest of
. Now then , how did he manage to get	the money	to become Saddam	Hussein 's banker ? He says he used the
in Anacostia and H Street NE and other places get	much-needed money	to build a	small number of homes) . What it does
make the payments ? Besides , where would we get	the money	to build a	house ? " # " I will get a
. RIVERA : Uh-huh . And where 'd you get	the money	to buy four	ounces of cocaine ? How much does four ounces
just at present . I sold the watch to get	the money	to buy you	combs . And now suppose you put the chops
JIM : Delia , I sold the watch to get	the money	to buy your	combs ! N1 : Now they laugh together .
. VAN-SUSTEREN : Where are you going to you get	the money	to continue in	Iraq if you do n't raise taxes ? HUCKABEE

Figura 45 – Amostra das linhas de concordância da *Construção de Propósito*

O título da Construção, isto é, *propósito*, traduz a ideia de que o SV que segue o objeto direto de *get* tem a função de introduzir o propósito do evento denotado pela sequência *get* + SN. Essa interpretação pode ser testada ao introduzirmos a expressão *in order to*, que deixa clara a ideia de *propósito* e de *intenção* expressa pelo SV que segue *get* + SN, como mostra o conjunto de sentenças de (29) a (31).

(29) a. *Where did you get the money **to bail** me out?* [2001/FIC]
b. *Where did you get the money **in order to bail** me out?*

(30) a. *It remains exceedingly difficult to get the credit needed **to finance** growth.* [2010/NEWS]
b. *It remains exceedingly difficult to get the credit needed **in order to finance** growth.*

(31) a. *He is running to get a gun **to shoot** your brother.* [1994/NEWS]
b. *He is running to get a gun **in order to shoot** your brother.*

Diante das ocorrências acima e de suas respectivas paráfrases, somos tentados a generalizar o comportamento de fraseologismos em que o complemento nominal de *get* é seguido de uma forma verbal infinitiva como sendo uma Construção de Propósito. No entanto, alguns dados com essa configuração sintática não exibem esse funcionamento semântico, como demonstram os enunciados abaixo:

(32) a. *He'll never **get a chance to** be a real mayor.* [1999/NEWS]
b. ??? *He'll never **get a chance in order to** be a real mayor.*

(33) a. *We waited, and Phill finally **got the answer to** come this Saturday.* [1990/MAG]
b. *We waited, and Phill finally **got the answer in order to** come this Saturday.*

Embora a inserção da expressão não resulte em sentenças completamente inaceitáveis, a interpretação original é certamente alterada. Em (32a) o SV *to be a real mayor* refere-se, na verdade, ao substantivo *chance*. Essa interpretação seria mais facilmente apreendida se, ao invés da forma infinitiva, o verbo seguisse a preposição *of* e, como consequência disso, apresentasse uma forma *–ing*, como em *...a chance of being*. Porém, a inserção de *in order to* em (32b) faz com que *to be a real mayor* seja interpretado como o *propósito* do evento denotado pela sequência *get a chance*. Desse modo, a conjunção força uma interpretação segundo a qual *ter uma chance* é um objetivo a ser alcançado com o propósito de que ele seja *um verdadeiro prefeito*. De qualquer maneira, a sentença com a conjunção passa a ser pragmaticamente implausível.

O mesmo ocorre com (33a) e (33b). Em (33a), *to come this Saturday* é interpretada como a *answer* que *Phill* recebeu. Portanto, em termos interpretativos, o SN *answer* e o SV *to come this Saturday* referem-se à mesma coisa. No entanto, a inserção da conjunção *in order to* em (33b) quebra a correferencialidade dos dois sintagmas de maneira que *answer* passa a ser entendido como algo que *Phill* precisou obter com o propósito de *vir neste sábado*.

Como veremos adiante na seção 4.3.9.2, há outros fraseologismos com a estrutura sintática *get SN* $V_{infinitivo}$ em que o verbo não é interpretado como o propósito denotado pela sequência *get* + SN, mas sim como um complemento verbal que toma o objeto direto de *get* como seu objeto (por exemplo, *I've got a job to do*).

Passemos agora para a discussão do último grupo de transitivas, isto é, as chamadas Construções de Posse e Existenciais.

4.3.8 Transitivas *get* com sentido central de *posse, existência e localização*

Juntas as Construções classificadas como transitivas de *posse* e de *existência* em nosso *corpus* de estudo correspondem a 15,96% das ocorrências das Construções Transitivas, isto é, 993 enunciados de um total de 6220 estruturas transitivas. Embora tenham sido agrupadas em categorias distintas, por razões que discutiremos adiante, os dois tipos de Construções mantêm relações próximas tanto de ordem estrutural (morfossintática) quanto de ordem funcional (semântica e pragmática).

A primeira dessas relações refere-se à ligação que ambas as Construções mantêm com as Construções Locativas (CLARK, 1978; LYONS, 1967, 1968; QUIRK et al., 1985). Essa visão é adotada por Lyons (1967, 1968), para quem as Construções existenciais e possessivas são derivações de Construções Locativas gerais, como mostra a figura abaixo:

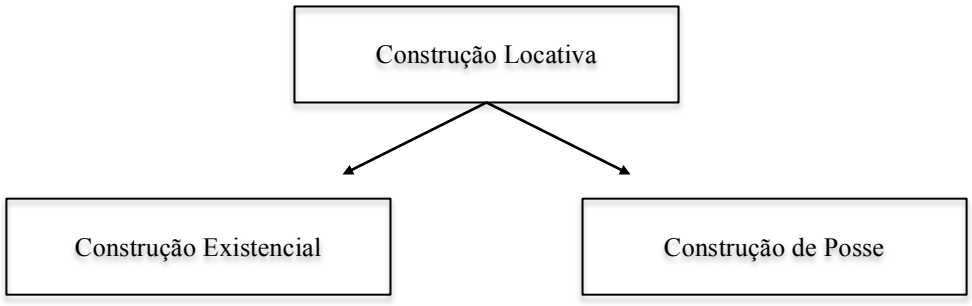


Figura 46 – Relação entre Construções Locativas, Existenciais e de Posse

Para Lyons (1967, 1968) portanto, as Construções Existenciais relacionam-se com as Locativas por questões relativas ao significado de ambas. Desse modo, sentenças como *Coffee will be here in a moment* (locativa) e *There will be coffee here in a moment* (existencial) não demonstram grandes diferenças de significado. Segundo o linguista, as duas sentenças podem ser vistas como derivações sintáticas de uma mesma estrutura profunda, de acordo com os princípios transformacionais e derivacionais adotados pelo autor. Do ponto de vista da forma, Lyons também afirma que o expletivo *there* das existenciais era originalmente um advérbio locativo[94], que não é encontrado somente na língua inglesa, mas em uma série de línguas indo-europeias como o *y* do francês (*il* ***y*** *a*), *ci* do italiano (***ci*** *sono*), etc.

Um último comentário feito por Lyons a respeito da relação mantida entre essas construções aponta para a questão da frequência de uso. Segundo o autor, as existenciais em inglês raramente ocorrem sem uma expressão locativa (ou temporal) em sua estrutura. Embora esse não seja utilizado pelo linguista como um argumento da relação entre Construções de Posse, Existenciais e Locativas, aqui adotamos essa observação como mais uma evidência dessa relação, dada a importância da frequência de uso, tanto para a natureza desta pesquisa como para a realidade de nossos dados, que confirmam que essa observação é válida.

Como mostra a Figura 46 acima, as Locativas também se relacionam com as Construções de Posse. No entanto, as Construções de Posse para Lyons estruturam-se com um nominativo determinado na posição de sujeito enquanto que possuidor assume

[94] Quirk et al. (1985) discutem que, em termos sincrônicos, o expletivo *there* não é intepretado pelos falantes como um advérbio locativo, pois, se assim o fizessem, sentenças como *There is something strange here* não seriam aceitáveis, pois *there* e *here* sao dêiticos opostos que, em conjunto, comprometeriam a interpretação da sentença como um todo.

uma posição adnominal no caso genitivo, como em *The phone is John's*. Dessa maneira, expressões locativas como *on the table* seriam relacionadas com o possuidor de Construções de Posse pela questão da definitude. Isto é, tanto *John's* (que pode ser lido como *the phone of John*) como *on the table* (que pode ser lido como *the phone on the table*) são caracterizadas por serem expressões definidas. Contudo, diferentemente desse tipo de Construção de Posse, nas Construções de Posse com *have*, o possuidor ocorre na posição de sujeito das sentenças e o objeto possuído é geralmente indefinido (*John has* ***a phone***). Lyons usa essas diferenças estruturais para afirmar que as Construções de Posse com *have* são, na realidade, derivações (tanto sincrônicas quanto diacrônicas) de Construções de Posse como *The book is John's* na estrutura de superfície. Essa derivação, segundo o linguista, pode ser motivada pelo fato de a posição de sujeito ser preferencialmente preenchida por nominais animados (*John*) com a função de *tópico* (em oposição a *comentário*).

Clark (1978) adota a visão de Lyons (1967, 1968) para analisar o que a autora chama de construções locativas, em um conjunto de 30 línguas distintas e de famílias linguísticas diferentes. No entanto, Clark (1978) chama atenção para a relação entre existenciais como *There is a book on the table* e Construções de Posse com *have* como *Tom has a book*. Nas duas estruturas, o objeto possuído *book* é indefinido e localiza-se em um espaço. Esse espaço é codificado na existencial com o dêitico *there* que antecipa a expressão locativa *on the table* (LYONS, 1968; QUIRK et al., 1985). Já na Construção de Posse com *have*, segundo a proposta de Clark, o sujeito gramatical *Tom* também é analisado como um espaço, mas diferentemente de *on the table*, que é um espaço [- animado], *Tom* é analisado pela autora como um espaço [+ animado]. Portanto, para a autora um locativo [+ animado] torna-se um possuidor, de maneira que a interpretação de *Tom has a book* é a de que *There is a book in the possession of Tom*. Lyons implicitamente adota a mesma relação entre essas duas construções; no entanto, o autor adota uma abordagem transformacional em que a Construção Locativa serve de *input* para as Construções Existenciais e de Posse. Sobre a Construção Locativa, aplicam-se regras transformacionais que geram estruturas de superfície, isto é, a Existencial e a de Posse. Como dito por Goldberg (1995), a abordagem da GCC, segundo a qual Construções se relacionam umas com as outras por meio de heranças de estrutura sintática e conteúdo semântico, não é necessário postular regras transformacionais para explicar disparidades entre os aspectos sintáticos e semânticos de certas estruturas linguísticas, pois uma

Construção X pode herdar a sua estrutura sintática de uma Construção Y e seu sentido de uma Construção Z. Isto é, dentro do modelo da GCC, há espaço para a ideia de *heranças múltiplas*.

No caso da Construção de Posse com *have*, a abordagem por herança de outras Construções é reforçada, pois, apesar de ter uma única forma [SUJ [V OBJ]], essa Construção pode ter tanto uma leitura Existencial (que admite uma paráfrase com *there to be*) quanto uma leitura de Posse (que não admite paráfrase com existenciais). Entre o *have* existencial e o *have* de posse, há ainda uma outra distinção que se estende para as Construções com *got* existencial e de posse. Segundo Quirk et al. (1985), essa distinção refere-se ao papel semântico do sujeito gramatical nas duas leituras, representadas nas sentenças abaixo.

(34) *John has a shelf full of books in the office.*
(35) *We have a shelf full of books in the office.*

A existencial *There is a shelf full of books in the office* não pode ser considerada uma paráfrase de (34), pois ela não implica a existência do participante *John*. No entanto, essa existencial com *there* pode perfeitamente ser interpretada como uma paráfrase para (35), pois o pronome de primeira pessoa do plural *we* pode ser subentendido na Construção Existencial. Quirk et al. (1985) advogam a favor de uma leitura segundo a qual os sujeitos gramaticais de sentenças como (34) possuem um papel [+agentivo] por serem um nome próprio e, consequentemente, por conterem traços de [+específico]. Já o sujeito de sentenças como (35), por ser representado por um *pronome genérico* (QUIRK et al., 1985, p. 354), pode ser interpretado como um sujeito *recipiente*, ou [+afetado], como o denominam os autores.

Ao levarmos as propriedades dos sujeitos das Construções acima em consideração, isto é, de que *got* de posse pede um sujeito [+agentivo] e *got* existencial um sujeito [+afetado], poderíamos afirmar que *got* com a leitura de posse poderia se associar à Construção Transitiva com sentido de *obtenção* (cf. Figura 19), da mesma maneira que *got* com a leitura existencial poderia se associar à Construção Transitiva com sentido de *recebimento* (cf. Figura 39). Entretanto, se por um lado os papéis argumentais das

Construções Transitivas com leitura de *obtenção* e de *recebimento* são respectivamente semelhantes aos da Construção de Posse e da Construção Existencial com *got*, estas são diferentes daquelas tanto na função (aspecto semântico) quanto na forma (aspecto morfossintático). Nas Construções de Posse e Existencial com *got*, a forma do predicado é (quase) invariavelmente *got* e não *get*. Isto é, em nossos dados, as leituras de posse e de existência com *get* realizam-se por meio da forma *got*, precedida ou não do auxiliar *have*. A forma morfológica *got* não pode ser lida como o pretérito de *get* e alguns dados demonstram que a forma pode estar passando por um processo de convencionalização e adquirindo *status* de verbo não flexionado, como mostram as sentenças abaixo extraídas de nosso *corpus* de estudo.

(36) *We* ***ain't got*** *no gun in our hands* [1995/SPOK]
(37) *You* ***ain't got*** *much time to spare* [1992/MAG]
(38) *I* ***don't got*** *the money, I* ***don't got*** *the stuff* [1992/FIC]
(39) *That man* ***ain't got*** *the sense God gave a goat* [2004/FIC]

Nas sentenças acima temos duas Construções de *got* existenciais ((36 = *there's no gun in our hands*) e (37 = *there isn't much time to spare*)) e duas Construções com *got* em leitura de posse (exemplos (38) e (39)). Em todas elas, o predicado *got* não pode ser analisado como a forma pretérita de *get*, pois como podemos ver, principalmente em (38), a negação é realizada por meio do auxiliar do presente simples *don't*, que somente ocorre com formas não flexionadas de verbos. Dessa maneira, vemos que no que se refere à forma das Construções Existenciais e de Posse com *got,* elas devem ser descritas como Construções independentes das transitivas de *obtenção* e de *recebimento*. Em outras palavras, por serem diferentes das Construções Transitivas de *obtenção* e de *recebimento*, tanto em termos semânticos quanto morfossintáticos, as Construções com *got* têm de ser apresentadas como Construções independentes, conforme também exige o *princípio de não-sinonímia*. Vejamos como a Construção com *got* com leitura de *posse* pode ser representada em termos construcionais.

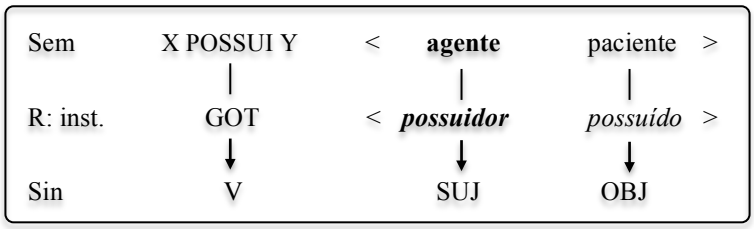


Figura 47 – Representação das Construções de Posse com *got*

No caso da Construção com *got* de leitura existencial, um impasse é instaurado devido à disparidade que a Construção exibe no que tange as sua forma e seu sentido. Em termos sintáticos, a Construção com *got* existencial é idêntica à Construção de Posse acima, isto é, como mostram os dados, ambas se estruturam da seguinte maneira: [SUJ [*got* OBJ]]. No entanto, como discutimos acima, essa Construção mantém relações fortes com a Construção Existencial no que se refere ao seu sentido, que também é existencial. Dada a possibilidade que a GCC oferece de heranças múltiplas, parece-nos mais natural hipotetizar, portanto, que a existencial com *got* herda sua forma sintática da Construção Transitiva central (cf. Figura 18 na p. 94) e seu sentido de uma existencial canônica. Teríamos, dessa maneira, a seguinte configuração:

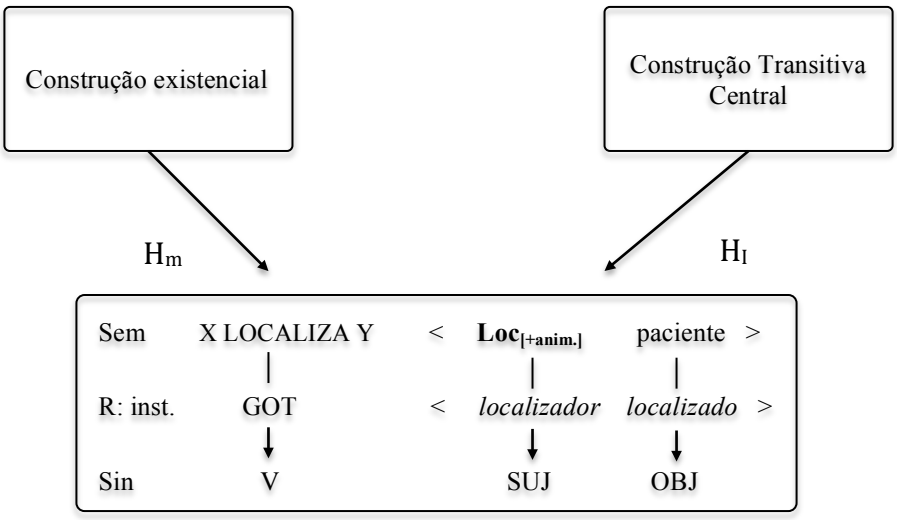


Figura 48 – Representação das Construções Existenciais com *got*

A Existencial com *got* herda da Construção Transitiva Central a sua forma, isto é, [SUJ [V OBJ]], por meio de uma relação por laços de instanciação. Já a leitura existencial, exemplificada nas sentenças (40), (41) e (42), é herdada de Construções Existenciais canônicas (com *there to be*) por meio de um laço metafórico.

(40) *When you'**ve got 60 people*** *in a house, that's close to 10,000 pounds* [2009/MAG]

(41) *The fun thing about Virgin is we'**ve got different things** going on all over the* world. [2006/SPOK]

(42) *...we'**ve got 1,200 people** out there working in the heat in very difficult conditions...* [2003/SPOK]

Ao adotarmos a visão de Clark (1978), para quem o argumento possuidor em Construções de Posse com *have* é um locativo [+animado], podemos hipotetizar que esse argumento Locativo [+anim.] das Construções Existenciais com *got* age sobre o argumento *paciente* da Construção localizando-o em um espaço. Essa hipótese é reforçada pelos dados de nosso *corpus* de estudo que mostram que, com a leitura existencial, a sequência *got* + SN é geralmente seguida de uma expressão locativa, como os SAdvs sublinhados nos exemplos de (40) a (42).

Na próxima seção, veremos os fraseologismos que instanciam essas duas Construções.

4.3.9 Fraseologismos transitivos com *got*: sentidos de *posse* e *existência*

Os dados levantados para ambas as "categorias" provaram em termos estatísticos a observação de Lyons (1968) de que Construções Existenciais e, por consequência as de Posse, raramente ocorrem sem uma expressão locativa ou temporal. O padrão sentencial mais frequente em ambas as categorias foi justamente *got SN ADV*, isto é, 278 ocorrências em um universo de 993 enunciados (565 enunciados com leitura de posse e 428 com leitura existencial), como mostram as tabelas abaixo:

Tabela 20 – Fraseologismos com sentido central de *posse* com base em 565 enunciados

Fraseologismo	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Fraseologismo	Freq. Abs.	Freq. Rel.
got SN ADV	91	16,10%	got one's work cut out for	14	2,47%
got SN $V_{Infitivo}$	56	9,91%	got a thing for	7	1,23%
got a problem with	37	6,54%	got a point	5	0,88%
got a hell of	20	3,53%	got a way with	4	0,70%
got one's hands full	15	2,65%			
Total:				249	44,07%

Tabela 21 – Fraseologismos com sentido central de *existência* com base em 428 enunciados

Fraseologismo	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Fraseologismo	Freq. Abs.	Freq. Rel.
got SN ADV	187	43,69%	got SN that	13	3,03%
got SN V_{-ing}	75	17.28%	got SN ADJ	8	1,86%
got SN for	70	16,35%	got SN $V_{Infitivo}$	6	1,40%
Total:				359	83,87%

Assim como fizemos para os fraseologismos até agora, nas próximas subseções traremos algumas linhas de concordância com dados de nosso *corpus* de estudo, bem como uma breve discussão acerca das especificidades do fraseologismo em questão.

4.3.9.1 *Got SN ADV*: de *posse* e *existencial*

still think , ' Well , maybe I 've got	a job	this year , but it 's paying less than the job I
balcony . " We ca n't , we 've got	the kids	today . They like to sit out in the air . "
you 're wrong . You 're young , you got	your life	ahead of you . Woman 6 : When he gets stubborn he
at him , he knows that this guy has got	his life	in his hands right now . Unidentified Judge : (In-court) What
filling out forms , courtroom experience . Youve got	somebodys life	in your hands . Speaking of a life in your hands ,
over the offer . # " My mom 's got	her life	there in Memphis , and I understand it 's hard to leave
and his wife 's health problems . He 's got	his life	there . And all the men in the family are the silent
you 're going to fix anything when you 've got	your money	in a jar in the mattress . CONAN : Mark Zandi ,
people but it is important . If you have got	your money	in the market , that is one way you make money .
, look , you know , look who has got	some money	now , you know . ' If you want to go ,
you know you 're broke . (Singing) Who 's got	your money	now ? Who 's got your money now ? Who 's got

Figura 49 – Amostra das linhas de concordância de *got SN ADV* com sentido de *posse*

Grande parte dos padrões sentenciais em que a forma *got* exibiu uma leitura de *posse* ocorreu em um contexto sintático no qual o objeto direto é seguido de uma expressão locativa, como em *this guy has got his life* ***in his hands*** *right now*. No entanto,

há dados em que o objeto também é seguido de uma expressão temporal (*this year, today, now*), como mostram as linhas de concordância acima. Como dissemos anteriormente, a ocorrência desses dados endossa a observação de Lyons (1968) de que expressões de *posse*, sendo relacionadas com Construções Locativas, raramente ocorrem sem uma expressão locativa ou temporal, que aqui representamos por ADV, isto é, uma expressão adverbial.

O critério de categorização das expressões entre Construções de posse ou existenciais respeitou basicamente a possibilidade de uma paráfrase com *there to be*. Dessa maneira, quando as paráfrases eram possíveis e o sujeito sentencial da Construção com *got* pudesse ser pressuposto na paráfrase existencial, as sentenças eram categorizadas como existenciais. Do contrário, a leitura de posse era mantida.

Embora esse critério tenha sido eficiente na captura das Construções com *got* de leitura existencial, conforme discutido em Clark (1978), a possibilidade dessa leitura também é decorrente da definitude do objeto. Isto é, as existenciais necessitam de um sujeito nocional[95] indefinido, o que pode ser comprovado pela estranheza de (43b) abaixo:

(43) a. *Is there **a** phone book around here?*
b. ??? *Is there **the** phone book around here?*

Dada a estranheza pragmática de (43b), podemos concluir que as sentenças da figura 49 acima, por terem todas objetos definidos, não podem ser parafraseadas com uma Construção Existencial. Isto é, em **there is his life in his hands right now*, além da estranheza semântica que a oração causa, o sujeito da sentença original (*...**this guy** has got his life in his hands right now*) não pode ser inferido na paráfrase existencial. Portanto, em princípio, essa sentença não pode ser considerada uma paráfrase, pois um dos participantes da oração original, o sujeito *this guy*, é deixado de fora na interpretação.

O mesmo, entretanto, não ocorre com as sentenças abaixo, que podem ser parafraseadas com Construções Existenciais.

[95] Segundo Quirk et al. (1985) *sujeitos nocionais* em existenciais são os nominais que seguem *be*, isto é, o SN *a house* na sentença *There is a house in New Orleans*. Os sujeitos nocionais contrastam com *sujeitos gramaticais* que, no caso das existenciais, são representados pelo expletivo *there*.

it , you buy it . " " You got	a phone	book around here ? " Hardy asked . " I doubt it
council thought his city had survived . " We got	some water	here , " Thomas told Det . Wilbert Theodore , head of
and she told them , Look , I 've got	boiling water	here . The first one who 's going to come is going
slow for winter . # " When a lake gets	fresh water	in it , and grows cooler and more oxygenated , it perks
oxygen from the water . # " We 've got	black water	in some areas , and we 're already seeing some fish kills
like the smell after lightning strikes . " You got	some water	in the back ? " she whispered . I nodded and led
to get downtown open again ? If you've got	that water	in the system , can those high-rise buildings downtown open up ?
Mr-LINKHART : And hopefully you get	enough people	in the control room who know what they 're doing . SCHLESINGER
culture and how we do assimilate : You 've got	a guy	from Israel and three from New York that can make music that
a catalog called Simply Tops . RIVERA : We got	a guy	here that needs CPR . Ms. de MONCHY : He likes it
window . " Gazelles ? " # " We got	a guy	here we call Adam ' cause his job is to name all
STORM : Well , you know what ? We got	a guy	here who followed his dreams and a lot of -- both of

Figura 50 – Amostra das linhas de concordância de *got SN ADV* com sentido de *existência*

Como podemos ver, em todas a linhas de concordância acima, o objeto de *got* é indefinido (*a phone, some water, a guy*) ou simplesmente ocorre com um modificador com função adjetiva (*boiling water, fresh water, enough people*)[96]. Dessa forma, a paráfrase é possível em todos os casos e os sujeitos das orações originais, por serem genéricos, são subentendidos com a paráfrase existencial. Isto é, em *we've got black water in some areas*, por exemplo, o sujeito gramatical *we* é genérico e não é interpretado como um possuidor verdadeiro. Por conta disso, a paráfrase *there is black water in some areas* veicula a mesma mensagem da sentença original e a ausência do pronome *we* não compromete essa interpretação.

Um último comentário a ser feito para essas construções refere-se à forma *got*. Como dissemos, tanto a leitura de posse quanto a leitura existencial estão associadas, em termos quantitativos, à forma *got*. No entanto, há (poucos) dados em que *get* também exibe as leituras referidas, como mostram as sentenças abaixo:

(44) a. *When a lake **gets** fresh water in it...*[original]
b. *When **there's** fresh water in a lake...*[paráfrase]

(45) a. *Hopefully you **get** enough people in the control room who know what they are doing.* [original]
b. *Hopefully **there are** enough people in the control room who know what they are doing.* [paráfrase]

[96] Quirk et al. (1985) chamam as construções existenciais com esse tipo de nominal de *bare existential sentences* (*existenciais com nominal nu*). Segundo os autores, essas orações designam simplesmente a existência de uma entidade ou conjunto de entidades.

4.3.9.2 *Got SN $V_{infinitivo}$*

Aaron faced the elder Terrell . " We 've got	one chance	to	stop the slaughter . It all depends on whether you can
spare me for a few weeks ? I 've got	a chance	to	work in a film and make $ 7 a day .
bent over like I got a cane . # Got	no food	to	eat and # My feet got no beats # My welfare
an accurate statement by any means . I 've got	a job	to	do and I will do it to the best of my
through the pain , you know ? You 've got	a job	to	do and you do it . But I started bawling my
're already an hour late for . You 've got	a job	to	do that was booked months in advance , and you 're
wrest her away from the computer . I 've got	a job	to	do , ' she 'd say when I made her break
American concept of fair play . Our forests have got	a job	to	do , just like a failed oil-business executive or a former
president 's lawyer is saying . " He 's got	his job	to	do , and we 've got ours . And never the
's all the same to you , I 've got	a job	to	do . " " Which is ? " " Locating the

Figura 51 – Amostra das linhas de concordância de *Got SN $V_{infinitivo}$* com sentido de *posse*

No padrão *got SN $V_{infinitivo}$* o objeto direto de *got* é também interpretado como o objeto do verbo infinitivo que segue o nominal. Sendo assim, em *I've got a job to do*, *job* localiza-se em uma posição de foco, isto é, como objeto de *got,* mas é na verdade interpretado como o objeto direto de *to do*, como em *I've got__to do* ***a job***. No entanto, essa análise não se aplica a todos os dados, pois como vemos acima, há casos em que o complemento do verbo não finito é explícito na sentença, como em *we've got a chance to stop the* ***slaughter***, ou casos em que o verbo infinitivo é intransitivo, como em *I've got a chance to work in a film*. Nesses casos, a forma infinitiva dos verbos *stop* e *work* pode ser descrita como complemento do substantivo *chance* que subcategoriza verbos na forma infinitiva, ou como dissemos anteriormente, mantém uma relação de *coligação* com a partícula infinitiva *to*.

4.3.9.3 *Got a problem with*

Coach Ditka and I approved this ad . You got	a problem	with	that ? ' BLOCK : Commentator Aaron Freeman follows
to fight drug -- education ? Now you 've got	other problems	with	the drugs you 've got to fight to take money ,
was talking to the jury . He 's really got	a problem	with	the factual basis , so he has to argue things like
're going to see , one , she 's got	a problem	with	the late wife . Two , she 's got a major
not yet president . I do think he 's got	a problem	with	the transparency and the openness and the candor on this .
do you do ? Rep. MOODY : You 've got	a problem	with	the U.S. Constitution . Listen , the fact is that when
in his face and hands . # " You got	a problem	with	the way I talk , you hayseed redneck punk bitch ?
later , after these -- I mean , we got	erious problem	with	the welfare state , the size of government , the intrusion
Ned arguing in the kitchen downstairs . " You got	a problem	with	this , " I heard Ned tell my father . "
, Are you looking at -- What ? You got	a problem	with	this ? ' And the guy says , No . '

Figura 52 – Linhas de concordância parciais para *got a problem with* com sentido de *posse*

Apesar de totalmente composicional e analítica, a expressão *got a problem with* ocorreu frequentemente em nossos dados. A expressão é convencional e pode ser usada em uma gama de contextos para indicar um sentimento de contrariedade e insatisfação de um sujeito sobre algo ou alguém. Quando empregada em contextos interrogativos, por exemplo, o fraseologismo pode ser usado por falantes para confrontar seus interlocutores, como em *Are you looking at...what? You* ***got a problem with*** *this?* Nesse contexto, a expressão restringe-se a um uso de registro informal.

4.3.9.4 *Got a hell of*

Brothers memorably noted , " you know they 've got	a	hell	of	a	band	. " George Harrison sang about John Lennon in
feel ? " Austin asked . " I 've got	a	hell	of	a	headache	, and I 'm having a hard time seeing
us to be personally committed , but they 've got	a	hell	of	a	job	to do . KENYON : Defense attorneys may ask
SPEAKER AT HEARING : I think Chief Gates has got	one	hell	of	a	job	to do and I think he 's done a
? LARRY : Nothing . TARA : I 've got	a	hell	of	a	lot	more than a 14-year-old 's got , let me
who does n't mince words . # " We got	a	hell	of	a	problem	on our hands , " he said . The
Keene issue : " Mr. President , we 've got	a	hell	of	a	problem	. " According to Blaisdell , Clinton immediately
newspaper all the way . " This story 's got	a	hell	of	a	punch	line . " // The headline that was revealed
shaking his head . # ENGINEER # Guy 's got	one	hell	of	a	relay	going . He motions to the multiple grids popping-up
pants were already to her ankles , and he got	a	hell	of	a	view	of her bare ass in the window . #
shows 've only played New York . Last one got	a	hell	of	a	write-up	in the Herald . I guess that 's why
to Mac . # INDIANA # This guy 's got	one	hell	of	an	ego	. # MACGOWAN # Baron Seamus Seagrove III .

Figura 53 – Linhas de concordância parciais para *got a hell of a* com sentido de *posse*

O fraseologismo *got a hell of* é usado de maneira a enfatizar a magnitude, grandeza ou a quantidade do elemento denotado pelo objeto direto do verbo tanto com elementos positivos (por exemplo, *they've* ***got a hell of*** *a band*), quanto negativos (por exemplo, *I've* ***got a hell of*** *a headache*). A ênfase da expressão é, na verdade, oriunda da frase *a hell of,* que também é responsável pelo registro informal que caracteriza as orações em que a expressão é empregada.

4.3.9.5 *Got one's hands full*

? DAVID LETTERMAN : No , he's- he 's got	his hands	full	over there at Disney . You understand what I 'm talking
likely to give them help . ACTOR-1MALE2-# I 've got	my hands	full	there , huh ? JOHN-QUIONES-1-# (Voiceover) These guys
Levin from KCBS . I know that you 've got	your hands	full	today with news breaking in your community . Harvey , thanks
? " " You 're right . I 've got	my hands	full	with her . " " What is your name ? "
buy out my aunt 's share . I 've got	my hands	full	with my clients in California , and with Jane 's death
to rebuilding and mitigation programs . They 've got	their hands	full	with the greenhouse warming , they 're not interested in
than one lawyer in America . And he 's got	his hands	full	with the Scott Peterson case and this is just too much
me . # " Giguhl ! " # " Got	my hands	full	, " he grunted . I looked over and saw him
me about Pam and the kids . I 've got	my hands	full	. If it was you , he 'd be in traction
. " # " Two babies . Claudia 's got	her hands	full	. Jenny too . " # " I might be able
She was 16 and I 'm 37 and I got	my hands	full	. " The sensitive singer gives advice to today 's youth
burst out . " You can see I 've got	my hands	full	. " As he turned into the dining room , she

Figura 54 – Amostra das linhas de concordância de *got one's hands full a* com sentido de *posse*

Como mostram as ocorrências acima, a expressão figurativa *got one's hands full* demonstra uma estrutura relativamente fixa com *got*, um pronome possessivo anafórico (*one's*) e as palavras *hands* e *full*. Embora a figuratividade da expressão possa ser inferida por falantes não anteriormente expostos ao significado e uso da expressão como um todo, ela é altamente convencional e é usada para descrever o estado em que se encontra uma pessoa, isto é, *extremamente ocupada*.

4.3.9.6 *Got one's work cut out for*

to stay on top like that . They 've got	their work	cut	out	for	them because there are a lot of good teams
inside the 15th row . # " We 've got	our work	cut	out	for	us , " Gordon said . " It 's
than Reagan does . SMITH : And he 's got	his work	cut	out	for	him . Mr-BARNES : He does . SMITH :
what is known , other scientists say he 's got	his work	cut	out	for	him . # Scientists have been trying for years
SAM DONALDSON : Yeah , I think he 's got	his work	cut	out	for	him for complete vindication . The jury here in
into long-ago Britomart the Lady Knight , she 's got	her work	cut	out	for	her . Funny blend of way-back-when and modern times
, " she would say , " you 've got	your work	cut	out	for	you today . " Mrs. Altman had told my
in the public understanding of astronomy have got	our work	cut	out	for	us . And the few thousand professional astronomers in
at the bottom of the hill and you 've got	your work	cut	out	for	you . " # Par 5 , 522 yards
confirm it to the public , though we 've got	our work	cut	out	for	us . " # Said Portland 's Buck Williams
. COHEN : They are . ZAHN : We got	our work	cut	out	for	us. COHEN : Certainly . ZAHN : Internationally .
the first woman to do so . I 've got	my work	cut	out	for	me . I need to get my putting game
a maze of valleys and ridges , you 've got	your work	cut	out	for	you . Using a quality map as your guide
. MS-WOODRUFF : So it sounds like you 've got	your work	cut	out	for	you , but you 're hopeful , nevertheless ,

Figura 55 – Amostra das linhas de concordância de *got one's work cut out for* com sentido de *posse*

A expressão idiomática *got one's work cut out for* refere-se a uma tarefa árdua que tem de ser realizada pelo indivíduo denotado pelo sujeito da expressão. O possessivo interno à estrutura foi representado pelo pronome *one's*, pois é anafórico, isto é, refere-se ao sujeito do fraseologismo. Desse modo, como mostram as linhas de concordância

acima, não poderíamos ter esse fraseologismo preenchido com (pro)nomes que denotem diferentes elementos nas posições de sujeito, na posição do pronome possessivo do substantivo *work* e na posição de complemento da expressão, como em ***they**'ve got **your** work cut out for **him***. Todos esses elementos devem ser correferenciais.

4.3.9.7 *Got SN V$_{-ing}$: existencial*

around , " Tingle said . " We 've got	new people	hitting strong side and different people hitting weak side and
million people unemployed in this country , you 've got	more people	living in poverty than at any time since the great Depression and
level with Richt , too . " I 've got	several people	looking into the situation , " he told his coach . "
radio to start with ? Right now we 've got	230 people	moving around the country , we 've got 49 vehicles on the
were going to strike . Look , you 've got	more people	now making money . More retirees are now making -- have made
the important thing to remember is , you basically got	four people	running for president , now who are people of accomplishment ,
in Kwame Holmans piece -- is that you have got	some people	saying , well , there may be a brain drain from these
-- what -- I 'm sorry . I 've got	three people	talking to me at once , and it got a little confusing
is kind of a good name because it 's got	certain things	going for it . But , you know , they probably would
5.2 on the Hayward fault . So we 've got	some problems	coming up right here . BOBBIE BATTISTA : Oh boy . Well
direction , Ms. Rosenberg responds , " We 've got	huge names	singing in San Francisco . " The list includes Ms. Voigt ,

Figura 56 – Amostra das linhas de concordância de *got SN V$_{-ing}$* com sentido *existencial*

No padrão sentencial *got SN V$_{-ing}$* com leitura existencial, o objeto do verbo *got* é na verdade o sujeito nocional da forma não finita que o segue. Por exemplo, em *I've got several people looking into the situation*, o substantivo *people* é interpretado como o sujeito de *looking into*. Desse modo, se parafraseadas com Construções Existenciais, as sentenças na figura acima teriam a estrutura de *orações existenciais reduzidas* (do inglês *reduced relative clauses*), isto é, *there are several people (who are) looking into the situation.*

4.3.9.8 *Got a thing for*

pushing 50 . Plus , why this bride has got	a thing	for	Big Macs. UNIDENTIFIED MALE : Pardon me ? CROWLEY : And
gets fed six times a day . He 's got	a thing	for	cats . You 'll be his nanny , his keeper ,
it 's time for class . # He 's got	a thing	for	her , I know . I 'm in the elevator ,
gaze . # REDMOND # Every geek here 's got	a thing	for	Lisa . But that 's about the biggest reaction she 's
be the chick at Hanson Trucking . She 's got	a thing	for	me . " She edged the clipboard closer , obscuring the
I ever record an album ... HAMMER : She's got	a thing	for	music awards , like at the Australian TV music awards when
, straight from the man himself . He 's got	a thing	for	numbers . # * * * # Our piece today unfolds

Figura 57 – Amostra das linhas de concordância de *got a thing for* com sentido de *posse*

O fraseologismo idiomático *got a thing for* é consideravelmente fixo em sua estrutura interna e seu significado não pode ser apreendido a partir dos significados de suas partes constituintes, como mostram as linhas de concordância acima. Isto é, a expressão como um todo veicula uma leitura idiomática que expressa um sentimento de atração de alguém por algo ou por uma pessoa. No entanto, os dados mostram que, embora a maioria das ocorrências aponte para uma leitura de sentimento passional de X em relação a Y, essa interpretação somente é possível quando o complemento da expressão é um objeto animado (*cats, her, Lisa, me*). Quando o objeto da expressão é inanimado (*Big Macs, music awards, numbers*) o fraseologismo pode ser lido como *gostar* ou como *ter afinidade com*.

4.3.9.9 *Got a point*

people in the world SHIELDS Bob , you 've got	a point	of personal privilege , as a resident of Pennsylvania Avenue
ourselves how to behave better . Susie , you got	a point	there . Thank you very much for the call . And Bill
picture of the month . AXELROD : He s got	a point	, if headlines , cartoons , and late night comics are any
// I picked myself up . " He 's got	a point	, Maria . " // " Enrique gave it to him ,
meat , but not much . " " You got	a point	to this ? " Grace asked from a shadow . " No

Figura 58 – Amostra das linhas de concordância de *got a point* com sentido de *posse*

A expressão *got a point* é altamente convencional e significa *ter razão* em relação a algo. A expressão é comumente utilizada por falantes que reconhecem que a razão pertence ao seu interlocutor. Nesse uso o fraseologismo é comumente seguido da expressão locativa *there* (*You got a point there!*). Embora em nosso *corpus* de estudo o fraseologismo com *there* tenha ocorrido uma única vez, uma busca no COCA pela expressão mostrou que ela é consideravelmente fixa e recorrente (32 ocorrências de SUJ *got a point there*) e a lacuna verbal seleciona a forma *got* como seu segundo colocado de preferência, sendo que o verbo selecionado mais frequentemente é *have*, com um total de 35 ocorrências, isto é, somente 2 a mais que *got.*

4.3.9.10 *Got a way with*

and a derby hat . " I bet you got a way with horses . Like to ride Penny Gold ? " # "
. # # STUMP # I hear he 's got a way with kids ... # Stump heads to a pay phone as the
's keeping himself busy . # " He 's got a way with making things work , " Betty says as he pulls out
or the right reasons were there . He 's got a way with words , and I do too . We both write a

Figura 59 – Amostra das linhas de concordância de *got a way with* com sentido de *posse*

O fraseologismo *got a way with* expressa a aptidão de um sujeito em relação a algo ou alguém. Nas ocorrências acima, a expressão é usada com os substantivos *horses, kids, words* e com o complemento verbal *making things work*. Isto é, a lacuna referente ao complemento da expressão pode ser preenchida por uma gama de expressões no que se refere aos seus traços semânticos, isto é, podem ser [+/- animadas] e [+/- humanas]. Embora a lacuna do complemento seja aberta, a estrutura interna da expressão é relativamente fixa, pois a comutação de itens ou alterações morfológicas acarretam mudanças no sentido da expressão, como ocorre nas expressões *got **a** way with* (ter jeito com) e *got **the** way of* (pegou o jeito de).

Na próxima seção concluimos a análise das Construções de posse e existenciais com uma discussão acerca dos cálculos estatísticos aplicados aos fraseologismos discutidos acima.

4.3.10 Atração e dependência nos fraseologismos com sentido geral de *posse* e *existência*

Os resultados das relações de *atração* e *dependência* dos fraseologismos discutidos acima se mostraram similares em relação aos demais cálculos. No entanto, diferentemente dos demais cálculos, para estes fraseologismos, utilizamos a forma *got* como item de busca para a checagem do nível de *atração* que as Construções de Posse exercem em relação à forma *got*. Feita a pesquisa com os dados do COCA, obtivemos resultados que podem ser vistos na Tabela 22 a seguir.

Tabela 22 – Cálculo estatístico da *atração* de *got* em relação aos fraseologismos com sentido de *posse*

Fraseologismo	Freq. de *got* no padrão	Atração	Fraseologismo	Freq. de *got* no padrão	Atração
got a problem with	2137	7,16%	got a thing for	265	9,06%
got a hell of	504	10,12%	got a point	4898	4,14%
got one's hands full	411	15,57%	got a way with	149	10,74%
got one's work cut out for	272	15,07%			

A baixa atração que a maioria dos fraseologismos exerce sobre a forma *got* decorre basicamente de duas variáveis: 1. da variabilidade colocacional que os objetos diretos dos fraseologismos demonstram, isto é, no caso de *got a point*, por exemplo, há uma infinidade de verbos que podem formar uma colocação com *a point* (*make a point, reach a point, prove a point, raise a point, score a point, receive a point,* etc.)[97]; 2. da concorrência com *have*, para o qual *got* serve como um sinônimo nas construções com leitura de posse. No entanto, ao consideramos o universo de possibilidades para a lacuna verbal dos fraseologismos acima, os resultados de *atração* tornam-se suficientemente significativos para demonstrar que as expressões discutidas acima são de fato padrões convencionais.

Alguns dos padrões fraseológicos levantados nas Tabelas 20 e 21 não foram incluídos na análise estatística por questões relativas a limitações de busca. Tomemos o padrão *got SN* $V_{\text{-}ing}$ como exemplo. Esse padrão não foi levantado, pois os dados poderiam trazer estruturas que na sua superfície se estruturam conforme esse padrão, mas cuja semântica é a de uma causativa, como em *she got the things going for him*, por exemplo. Desse modo, entendemos que os cálculos poderiam revelar resultados que não espelham a realidade linguística da estrutura sob investigação, isto é, as Construções de posse e existencial. É imprescindível, no entanto, lembrarmos que essa busca é possível desde que o *corpus* sendo usado seja etiquetado semanticamente, que não é o caso do COCA, que utilizamos nesta pesquisa.

Se, no que se refere ao teste de *atração*, a utilização de um *corpus* gigante não é etiquetado semanticamente, como é o caso do COCA, pode dificultar o processo de busca de padrões fraseológicos sem itens lexicais específicos, o mesmo não acontece com o teste de *dependência*, pois, para essa medida, necessitamos única e tão somente dos dados

[97] Todos os verbos apresentados aqui foram extraídos de uma busca pelos colocados verbais mais frequentes de *a point* no COCA.

de nosso próprio *corpus* de estudo. Por esse motivo, a aplicação do teste de *dependência* de *got* em relação às construções em que ocorreu, tanto com leitura de posse quanto existencial, gerou os resultados abaixo.

Tabela 23 – Cálculo estatístico da *dependência* de *got* em relação aos fraseologismos com sentido de *posse* (Frequência total de *got* no *corpus*: 993)

Fraseologismo	Freq. de *got* no padrão	Depend.	Fraseologismo	Freq. de *got* no padrão	Depend.
got SN ADV	91	9,16%	got one's work cut out for	14	1,40%
got SN $V_{Infinitivo}$	56	5,63%	got a thing for	7	0,70%
got a problem with	37	3,72%	got DET point	5	0,50%
got a hell of	20	2,01%	got a way with	4	0,40%
got one's hands full	15	1,51%			

Tabela 24 – Cálculo estatístico da *dependência* de *got* em relação aos fraseologismos com sentido de *existência* (Frequência total de *got* no *corpus*: 993)

Fraseologismo	Freq. de *got* no padrão	Depend.	Fraseologismo	Freq. de *got* no padrão	Depend.
got SN ADV	187	18,83%	got SN that	13	1,30%
got SN V_{-ing}	75	7,55%	got SN ADJ	8	0,80%
got SN for	70	7,04%	got SN $V_{Infinitivo}$	6	0,60%

O interessante é notarmos o nível de dependência que *got* tem em relação ao padrão *got SN ADV*, tanto na leitura de posse quanto na leitura existencial. Somadas, as Construções correspondem a 28% dos dados, o que confirma mais uma vez a relação que as Construções de Posse e as Existenciais mantêm com as Contruções Locativas.

Discutidas as Construções de posse e existenciais, passamos a seguir para o último grupo de transitivas que ocorreu em nosso *corpus* de estudo. Entretanto, antes disso é importante salientarmos que não temos a pretensão de que as discussões aqui realizadas sobre essas duas Construções sejam definitivas ou que ofereçam explicações conclusivas do comportamento construcional dessas estruturas. Para os objetivos desta pesquisa, basta sabermos que a forma *got* ocorre nessas construções de maneira produtiva ao instanciar fraseologismos convencionais, isto é, basta-nos saber que as Construções analisadas também pertencem ao mapeamento construcional de *get*.

4.3.11 Relações entre Construções Transitivas: uma rede de sentidos múltiplos

Na seção 4.3 esboçamos a proposta feita por Goldberg (1995) de uma rede de Construções em que Construções Transitivas mais específicas herdariam de uma Construção Transitiva mais central e prototípica as suas especificidades morfossintáticas e semânticas.

Como vimos pela análise dos dados, as Construções Transitivas em nosso *corpus* de estudo compreendem seis sentidos gerais (*obtenção, recebimento, posse, existencial, entendimento e propósito*) e pertencem a uma série de estruturas sintáticas e fraseológicas que licenciam esses sentidos, como podemos ver resumidamente abaixo.

Tabela 25 – Resumo das Construções Transitivas com *get*

Construção	Representação Semântica	Estrutura Sintática
Transitiva de *obtenção*	X OBTÉM Y (Sujeito: agente volitivo)	Suj V Obj *I got good results in the test*
Transitiva de *recebimento*	X RECEBE Y (Sujeito: paciente)	Suj V Obj *She got a letter yesterday*
Transitiva de *posse*	X POSSUI Y (Não permite paráfrase existencial)	Suj GOT Obj *She's got two kids*
Transitiva *existencial*	Y LOCALIZA X (Permite paráfrase existencial)	Suj GOT Obj (Obl) *We got a problem at home*
Transitiva de *entendimento*	X RECEBE Y (Permite paráfrase com *understand*)	Suj V Obj *I didn't get the message*
Transitiva de *propósito*	X OBTÉM Y (O $V_{infinitivo}$ denota propósito)	Suj V Obj $V_{infinitivo}$ *Freddy got the money to pay the rent*

Desse modo, a visão de Goldberg de uma Construção Transitiva de sentidos múltiplos é condizente com a realidade dos dados e serve aos propósitos descritivos dos contextos construcionais em que *get* ocorre como um verbo transitivo. A proposta, portanto, pode ser apresentada na Figura 60 abaixo.

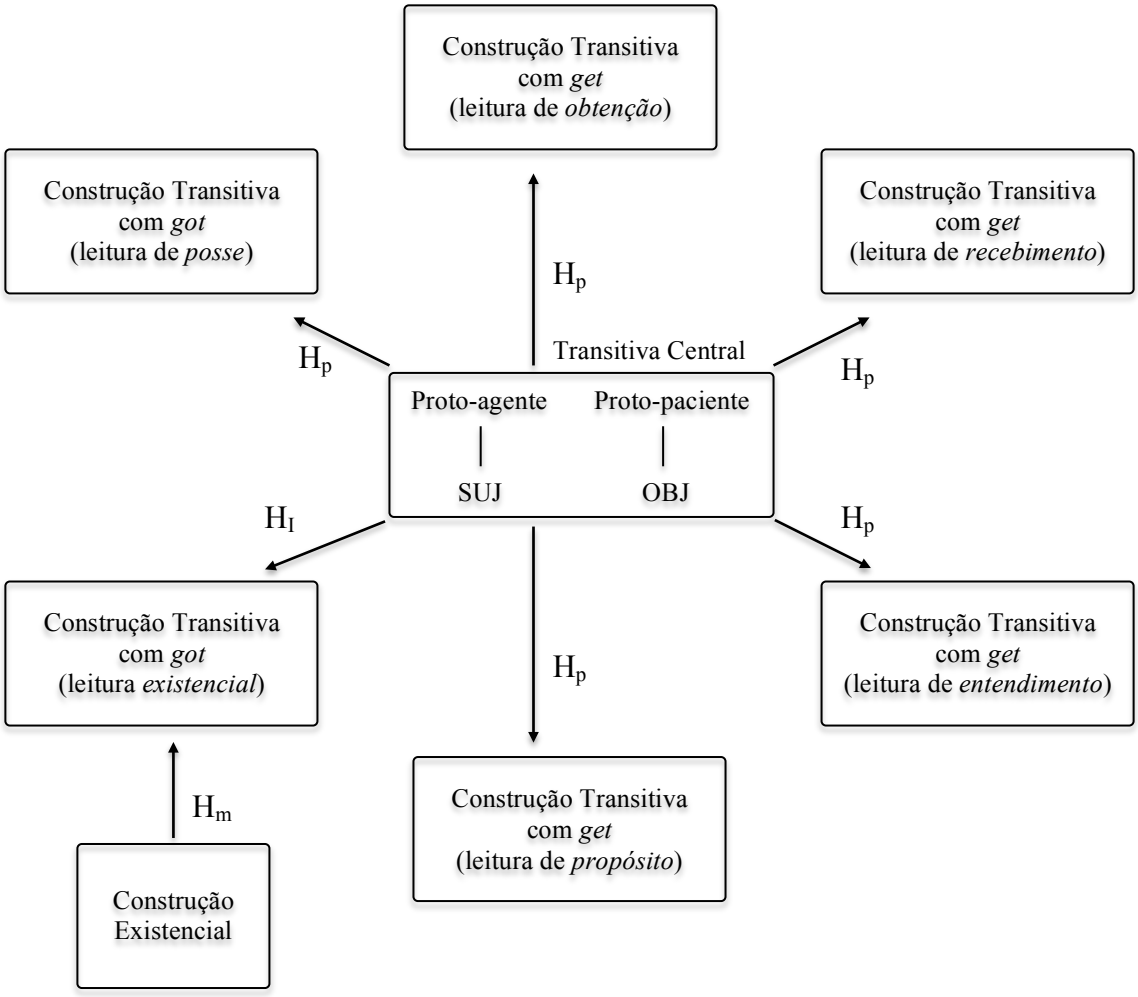


Figura 60 – Matriz da rede construcional de transitivas com *get* segundo a proposta de sentidos múltiplos

As Construções Transitivas mais específicas, isto é, com os seis sentidos levantados na Tabela 25, relacionam-se com a Construção Transitiva central por meio de relações de herança por laços polissêmicos. Dessa maneira, construções como a transitiva de *obtenção*, por exemplo, herdam dessa Construção central e dominante o seu sentido geral, bem como os tipos de papéis argumentais e, nesse caso, também a sua estrutura sintática. No caso da transitiva existencial com *got*, por exemplo, há uma clara disparidade entre a sua estrutura sintática e sua leitura semântica. Isto é, embora possa ser lida como uma existencial, a Construção estrutura-se sintaticamente como uma Construção Transitiva simples. Como propusemos, essa Construção herda da Transitiva central a sua estrutura sintática de [SUJ [V OBJ]]. No entanto, é da Construção

Existencial canônica com expletivo *there* que a Construção com *got* existencial herda o seu sentido por meio de um laço metafórico. Todas as demais Construções herdam propriedades, sintáticas e/ou semânticas, da Transitiva Central por meio de laços polissêmicos, isto é, por meio de extensões do sentido básico dessa Construção (X AGE SOBRE Y).

Discutidos os dados referentes às Construções Transitivas, na próxima seção apresentamos a análise do segundo grupo construcional mais frequente em nosso *corpus* de estudo, isto é, o das Construções Causativas. Como veremos, assim como as Transitivas mostraram ser, as Construções Causativas também exibem um comportamento radial, com diversas Construções mais específicas e fraseologismos altamente lexicalizados e convencionais.

4.4 Construções Causativas

Assim como mostramos ocorrer com as transitivas, as Construções Causativas também formam uma família de Construções mais específicas, tanto em termos sintáticos quanto semânticos. Em termos estruturais, as causativas também podem ser caracterizadas, *lato sensu*, como construções transitivas, pois envolvem pelo menos dois argumentos nominais (SUJ e OBJ), além de um terceiro de classe morfossintática variável, isto é, o padrão sintático pode ser generalizado como [SUJ [V [OBJ [Compl.X]]]]. Entretanto, é o aspecto semântico da estrutura que a classifica como uma Construção independente, pois enquanto a semântica geral das transitivas especifica que X AGE SOBRE Y, nas causativas a leitura é de que X CAUSA Y A FAZER Z, como em *I made Mary fall*.

Portanto, sob um ponto de vista estritamente semântico, as transitivas envolvem um único evento, ao passo que as causativas envolvem dois. Segundo Kemmer e Verhagen (1994), as causativas analíticas[98] pressupõem um predicado de causa e um

[98] Os autores diferenciam dois tipos de expressões linguísticas que exibem leituras de *causação* (do inglês *causation*). Para Kemmer e Verhagen (1994), tanto expressões como *They insulted me, so I left* quanto *I made Mary cry* são expressões causativas. No entanto, somente as últimas são Construções Causativas chamadas de analíticas, pois nelas a causa não é codificada por um item lexical como ocorre no primeiro tipo (com a conjunção *so*), mas sim pela semântica da própria Construção. Além disso, as causativas

predicado de efeito, mas essas Construções configuram-se sintaticamente em uma única oração e não em duas, como podemos ver abaixo.

(46) X CAUSA Y A FAZER Z

Causa Efeito

Entretanto, a leitura acima deve ser vista como uma especificação semântica geral das causativas, pois, como afirmam os autores, essa Construção linguística não é isenta de variação, tanto com relação à sua forma como com relação ao seu sentido. Essa variação é em grande parte decorrente da natureza semântica e sintática do segundo evento, isto é, Y A FAZER Z. Como mostram os dados de nosso *corpus* de estudo, esse segundo evento poderá ser expresso como *movimento* (Construção de Movimento Causado), *resultado* (Construção Resultativa) ou ainda como *ação realizada* (Causativa Analítica). A distribuição dessas Construções e suas respectivas frequências podem ser vistas na Tabela 26.

Tabela 26 – Distribuição das Construções Causativas em nosso *corpus* de estudo

Construção	Freq. absoluta	Freq. relativa
Causativa Analítica	872	35,60%
Movimento Causado	1284	52,42%
Resultativa	293	11,96%
Total	2449	

Como veremos separadamente nas seções subsequentes, o terceiro argumento da Construção, acima representado por nós como Compl.X, será o elemento de variação sintática nas Construções, podendo ocorrer como um verbo no *infinitivo* (exemplo (47)), com um verbo na forma gerundiva (*-ing*) (exemplo (48)) ou com um verbo no particípio

envolvem dois eventos codificados em uma única oração (*one-clause structure*), o que não ocorre com o primeiro tipo.

passado (exemplo (49)) nas Causativas Analíticas. Nas Construções de Movimento Causado, o terceiro argumento é um SPrep com uma preposição de movimento (exemplos de (50) a (52)) e nas Resultativas[99] o argumento é adjetival ou preposicional (exemplos de (53) a (55)).

Causativas Analíticas

(47) *The trick is to **get** these people that you apparently aspire to be like **to throw** the first punch.* [2010/FIC]
(48) *We stick with the old rule of **getting** the water **boiling** before picking the corn.* [1996/MAG]
(49) *We were able to **get** nine people **employed** in the private industry.* [1997/NEWS]

Construções de Movimento Causado

(50) *They are trying to **get** a message **out to** their loved ones* [2011/NEWS]
(51) ***Get** your hand **off my daughter*** [2011/SPOK]
(52) *So, how else do I **get** that point **across to** him* [2002/SPOK]

Construção Resultativa

(53) *We didn't want to **get** our hands **dirty** in the mill* [1994/MAG]
(54) *She was **getting** another child **ready** to go home* [2011/NEWS]
(55) *Hope you can **get** a word **in edgewise*** [2000/SPOK]

De acordo com a análise de Kemmer e Verhagen (1994), o predicado de causa, aqui nucleado por *get*, pode ser preenchido por verbos que exibem uma estrutura conceitual causativa (*break, open, make*, etc.), mas de modo geral a leitura de causa é licenciada pela estrutura semântica e sintática da Construção e não pelos itens lexicais que instanciam as Construções. A visão de uma leitura de causa licenciada pela Construção é condizente com nossos dados, bem como com a natureza polissêmica de *get*, uma vez que em nosso *corpus* de estudo, o primeiro predicado das Construções Causativas será invariavelmente instanciado por *get* que, segundo Gilquin (2006), é um dos verbos altamente atraídos pelas estruturas causativas de maneira geral.

[99] Goldberg (1995) classifica as Construções com a estrutura [SUJ [V [OBJ] ADJ]] como *Resultativas* e não como *Causativas*. No entanto, na descrição das relações de herança entre Construções, a autora motiva a existência de Resultativas a partir das Construções de Movimento Causado. Por partilharmos essa visão, aqui descreveremos as Construções Resultativas juntamente com as Construções de Movimento Causado.

Assim como mostram os dados de (47) a (55), a variação, tanto na forma quanto no significado, evidencia-se no segundo predicado. Por esse motivo, embora as Construções acima possam ser agrupadas sob a leitura geral de X CAUSA Y A FAZER Z, as diferenças na forma são suficientes para postularmos que elas são de fato Construções interrelacionadas, porém independentes. Partindo desse pressuposto, nas próximas seções, examinaremos cada categoria das causativas e, assim como fizemos com as transitivas, discutiremos os principais fraseologismos em cada categoria.

4.4.1 Construções Causativas Analíticas

As Construções Causativas Analíticas com *get* dividem-se basicamente em três padrões sintáticos distintos, isto é:

A. [SUJ [*get* [SN] part. pass]]

(56) *We should pay the money right away to* ***get*** *our names* ***removed*** *from the book* [1998/ACAD]
(57) *So, it's critical to* ***get*** *these people* ***hunted down*** *and* ***arrested*** [2011/NEWS]

B. [SUJ [*get* [SN] -*ing*]]

(58) *Let's* ***get*** *these people monolithically* ***voting*** *this way and* ***thinking*** *this way* [2010/SPOK]
(59) *The key to chipping is to* ***get*** *the ball* ***rolling*** *as soon as you can* [2009/MAG]

C. [SUJ [*get* [SN] *to* infinitivo]]

(60) *I'll* ***get*** *the kids* ***to come*** *pick all this up* [2003/FIC]
(61) *If I can* ***get*** *the words* ***to fit in*** *with that rhythm* [1999/SPOK]

As Construções Causativas Analíticas ocorreram 872 vezes em nosso *corpus* em um universo de 2449 enunciados classificados como causativos (cf. Tabela 26) e dividem-se nos padrões sintáticos levantados acima. A sua distribuição pode ser vista na Tabela 27 abaixo.

Tabela 27 – Distribuição das Construções Causativas Analíticas no *corpus* de estudo

Construção	Freq. absoluta	Freq. relativa
get SN particípio passado	720	82,56%
get SN -*ing*	87	9,97%
get SN *to* infinitivo	65	7,45%
Total	872	

Levando-se em consideração o fator da frequência de uso, o padrão sintático com particípio passado parece ser a manifestação linguística mais produtiva para o padrão subespecificado que caracteriza as Causativas Analíticas, isto é, [SUJ [V [OBJ [$V_{não\text{-}finito}$]]]]. Como mostram os dados, a causativa com particípio passado corresponde a 82,56% dos dados, ou seja, ela é pelos menos quatro vezes mais frequente do que as demais categorias somadas. No entanto, tendo aparecido em nossos dados, todas serão descritas a seguir.

4.4.1.1 Causativas Analíticas com particípio passado

Também chamadas de *pseudo-passivas* (CARTER; McCARTHY, 2006), as Construções Causativas do tipo [*get* [SN] part. passado] são convencional e tradicionalmente associadas a uma leitura em que o sujeito gramatical da sentença é um argumento afetado pela ação e não aquele que intencionalmente causou o evento, como podemos ver em (62).

(62) *We **got** our car radio **stolen** twice on holiday.*

(CARTER; McCARTHY, 2006, p. 802)

Dessa forma, segundo essa leitura, em que o sujeito gramatical *we* não é imbuído de volição (intenção e/ou desejo), a leitura é não-causativa, isto é, além de a ação de *stealing* não ter sido praticada por *we*, o sujeito tampouco pode ser lido como o desencadeador dessa ação. Isto é, de acordo com essa leitura, o agente responsável pela

ação de *stealing* está implícito ou é desconhecido. Essa interpretação corrobora a terminologia utilizada por Carter e McCarthy (2006), pois assim como em uma passiva canônica, em (62) poderíamos incluir uma *by-phrase* para tornar explícito o agente, como em *We got our car radio stolen* ***by rioters*** *twice on holiday*. De maneira inversa, se tentarmos colocar o pronome reflexivo anafórico *ourselves* na estrutura, temos uma sentença inaceitável: *******We* ***ourselves*** *got the car radio stolen twice on holiday*. O uso do pronome reflexivo reforçaria a leitura agentiva do sujeito, o que torna a interpretação do desse argumento conflitante com a leitura da Construção como um todo.

Entretanto, nem todas as Construções com esse padrão sintático são interpretadas como a sentença (62). A leitura causativa é possível para o padrão gramatical em questão, assim como Gilquin (2006) aponta e os dados a seguir, retirados de nosso *corpus* de estudo, mostram.

(63) *I'm going to continue to try and* ***get*** *this work* ***published*** [2007/SPOK]
(64) *I'll* ***get*** *these pictures* ***done*** *through sheer force of will if nothing else* [2009/MAG]
(65) *Well, our goal is to* ***get*** *the votes* ***counted****.* [2000/SPOK]
(66) *What can I do to* ***get*** *my name* ***cleared****?* [2003/SPOK]

Em todas as sentenças acima, a leitura causativa desencadeada pelo sujeito gramatical de *get* fica-nos explícita através da interpretação de alguns elementos sentenciais que denunciam a volição do sujeito. Em (63), a sequência *continue to try* traz a leitura de esforço e tentativa do falante de fazer com que o trabalho seja publicado. O mesmo ocorre explicitamente em (64) com o uso da expressão adverbial *through sheer force of will* e em (65) com o substantivo *goal*. No caso de (66) a causa desencadeada pelo sujeito fica clara, ao parafrasearmos a sentença substituindo *get* por um verbo tipicamente causativo como *make* (TAGNIN, 1982; KEMMER; VERHAGEN, 1994). Teríamos, assim, algo como: *What can I do to make my name clear?* Embora o verbo *clear* tenha de ser substituído por um adjetivo, de maneira que a sentença com *make* seja aceitável, a paráfrase com esse verbo é possível. Além disso, como dissemos anteriormente, o uso de pronomes reflexivos anafóricos nas sentenças (63) a (66) é aceitável, pois reforça a agentividade do sujeito gramatical, como em *I'm going to*

continue to try and get this work published ***myself***. Essa interpretação é corroborada pela análise de Gilquin para quem "*getting something done* frequentemente pressupõe que alguém faz algo, ele mesmo" (GILQUIN, 2006, p.28)[100].

Posto isso, a leitura com uma causação oriunda do sujeito das Construções Causativas Analíticas confirma-se como uma interpretação possível. No entanto, como dissemos em 4.4, a problemática das Causativas Analíticas encontra-se no segundo predicado da Construção.

Nas sentenças (63) a (66), o padrão sintático define-se pela existência de *get* seguido de um argumento nominal, que em nossos dados é majoritariamente caracterizado por um SN [-animado], e um verbo no particípio passado, isto é, o padrão sintático é [*get* [SN part. passado]]. Em termos semânticos, vemos que o sujeito gramatical pode ser um *agente* que faz com que um *paciente* seja realizado. Em vista disso, podemos pensar em uma leitura segundo a qual X CAUSA Y A SER REALIZADO e a Construção Causativa Analítica com particípio passado pode ser representada da seguinte maneira:

Figura 61 – Representação das Construções Causativas Analíticas com particípio passado

Como mostra a matriz construcional, o objeto direto de *get* é seguido de um complemento verbal não finito na forma de particípio passado que expressa a realização do argumento *paciente* da Construção. Essa causação é desencadeada pelo sujeito gramatical, que pode ser semanticamente lido como um sujeito agente, diferentemente da leitura passiva convencionalmente associada à Causativa Analítica com particípio passado (principalmente com o verbo *have* (GILQUIN, 2006)), amplamente citada em gramáticas pedagógicas da língua inglesa.

[100] Original: "[In other words,] *getting something done* often implies that one does it oneself."

4.4.1.2 Causativas Analíticas com *-ing*

Muito menos frequente do que as Construções com particípio passado em nosso *corpus* de estudo, a Causativa Analítica com *-ing* ocorreu em 87 enunciados em um universo de 872 Construções Causativas, isto é, em 9,97% dos casos. A leitura semântica dessa Construção assemelha-se à leitura da Causativa apresentada no exemplo (46) acima, isto é, X CAUSA Y A FAZER Z. No entanto, o segundo predicado nessa Construção refere-se, segundo Gilquin (2006), a um movimento literal ou metafórico de um ser ou objeto desencadeado pelo sujeito gramatical. Essa ideia de movimento literal ou metafórico encontra respaldo na metáfora de que AÇÃO É MOVIMENTO. O movimento literal é exemplificado nas sentenças de (67) a (69) e o movimento metafórico nas sentenças de (70) a (72).

(67) *The electric motor turns on to* ***get*** *the car* ***moving*** [2006/MAG]
(68) *The only one who knew how to* ***get*** *the water pump* ***running*** *from the spring* [2005/MAG]
(69) *This is music that will engage you besides* ***getting*** *your feet* ***moving****...* [1994/NEWS]

(70) *At least we can* ***get*** *more people* ***saving*** *privately for retirement* [2007/NEWS]
(71) *Use these tricks to* ***get*** *your kids* ***begging*** *to another trip outside* [2012/MAG]
(72) *And I think we need to* ***get*** *more people* ***doing*** *more music at whatever level* [2002/SPOK]

De (67) a (69), o movimento literal e concreto é realizado pelos SNs *the car, the water pump* e *your feet*. Esse movimento é causado pelos sujeitos, que têm um papel volitivo e agentivo. No caso de (70) a (72), o mesmo movimento ocorre, mas esse deve ser entendido como uma leitura metafórica que se realiza a partir de um movimento físico. Nesses exemplos, a causação incide sobre os SNs *more people*, *your kids* e *more people* fazendo com que eles, respectivamente, economizem (*saving*), implorem (*begging*) e façam mais música (*doing more music*).

Em termos construcionais, as Construções Causativas Analíticas com *-ing* se assemelham às Construções com particípio passado, mas ao invés de X CAUSA Y A SER

REALIZADO, a leitura semântica dessa Construção é a de que X CAUSA Y A AGIR. Com essa leitura em meste, a matriz construcional pode ser representada da seguinte forma:

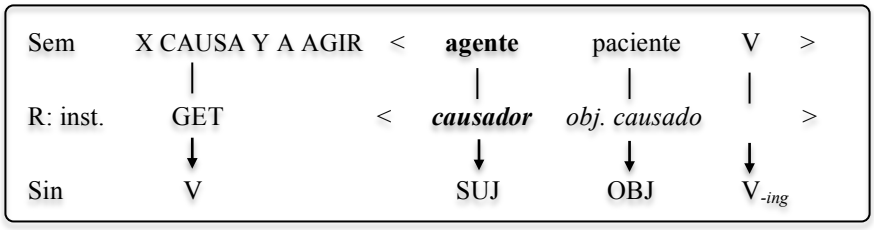


Figura 62 – Representação das Construções Causativas Analíticas com *-ing*

Como mostra a matriz acima, a Construção Causativa com *-ing* é quase idêntica àquela com particípio passado. Entretanto, há diferenças tanto sintáticas quanto semânticas entre as duas Construções. A diferença sintática encontra-se na forma do segundo predicado que, neste caso, tem uma forma gerundiva. Quanto ao aspecto semântico, as particularidades das duas Construções encontram-se na leitura do segundo predicado. Ao passo que na Analítica com particípio passado a leitura do segundo predicado é A SER REALIZADO, nas Analíticas com *–ing* esse predicado é lido como A AGIR.

4.4.1.3 Causativas Analíticas com infinitivo

Nas causativas descritas até o momento, um agente volitivo causa um evento que afeta um *paciente* que, no caso das Construções com *-ing*, por exemplo, age com movimento literal ou metafórico. Do mesmo modo, nas Construções Causativas Analíticas com infinitivo, o agente faz com que o paciente realize algo, como podemos ver nas sentenças abaixo.

(73) *I don't think you're going to **get** one guy **to convince** the other one that they are wrong* [2004/SPOK]

(74) *And if we could **get** more people in our society **to recognize** these families as such...* [1992/SPOK]
(75) *My friends want to know how I **get** my kids **to eat** vegetables* [1998/MAG]

No entanto, ao olharmos para a semântica do objeto, vemos que a diferença entre a Construção Causativa com infinitivo e as demais não se resume à forma morfológica do verbo que segue o objeto. Nas Construções com infinitivo, todos os objetos são [+animados] (*one guy, more people, my kids*), o que não ocorre com as demais Construções (cf. (65) e (67), por exemplo). Desse modo, embora a leitura dessa Construção também possa ser interpretada como X CAUSA Y A FAZER Z, o argumento Y dessa Construção deve ser [+animado]. Essa característica é suficiente para pensarmos que estamos diante de uma Construção independente, dado o *princípio de não-sinonímia* de Goldberg (1995).

Portanto, ao representarmos a Causativa Analítica com infinitivo, teremos a seguinte matriz construcional:

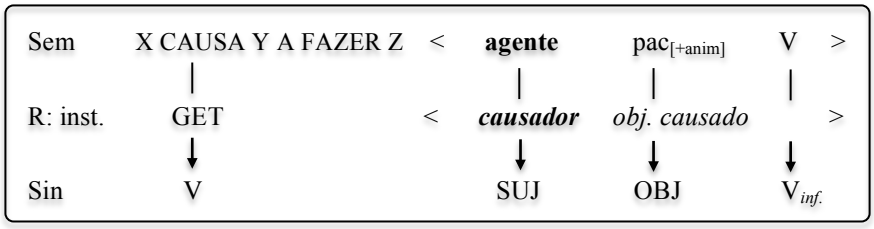


Figura 63 – Representação das Construções Causativas Analíticas com infinitivo

Assim como acontece com as Causativas com *-ing*, nas Construções Causativas com infinitivo, um agente volitivo faz com que um paciente, [+animado] neste caso, realize algo, conforme a sua vontade.

Na próxima seção, veremos como algumas das construções causativas se comportam em relação a sua estrutura fraseológica.

4.4.2 Fraseologismos com estrutura causativa

Com um número total de 872 ocorrências de Construções Causativas (dos três tipos sintáticos), 403 enunciados exibiram um comportamento tipicamente fraseológico. Isto é, certas expressões ocorreram repetidamente em nosso *corpus* de estudo de maneira fixa em termos estruturais. Esse conjunto de unidades fraseológicas é composto por 6 expressões recorrentes que apresentamos na Tabela 28.

Tabela 28 – Fraseologismos com estrutura causativa com base em 872 enunciados

Fraseologismo	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Fraseologismo	Freq. Abs.	Freq. Rel.
get the job done	194	22,24%	get SN involved	38	4,35%
get DET work done	89	10,20%	get one's feelings hurt	22	2,52%
get DET thing done	49	5,61%	get DET thing going	11	1,26%
Total:				403	46,21%

A seguir traremos cada um dos fraseologismos com algumas ocorrências seguidos de uma breve discussão, assim como fizemos para os fraseologismos transitivos.

4.4.2.1 *Get the job done*

paid to execute . " # That desire to get	the job	done	is what motivates him . He repeatedly expresses horror at
embarrassed , as if he might have preferred to get	the job	done	more discreetly , but he went ahead with it in the
, not blessed with Olajuwon 's athletic ability , gets	the job	done	more with heart , determination , desire and pride . #
Suspect " " I like this woman because she gets	the job	done	no matter what . She 's passionate about truth , unafraid
America , he would call the Congress back and get	the job	done	now . (END VIDEO CLIP) HUNT : Margaret ,
crime by the book can get you killed and getting	the job	done	often requires that Alonzo and his colleagues break the
obliged , though he nearly killed himself trying to get	the job	done	on time ; in the last weeks Morgan had made a
of- out of fear , you know , ' Get	the job	done	or I 'll get somebody to get it done . '
, sometimes it 's easier and more efficient to get	the job	done	ourselves . But " responsible parents raise irresponsible
what to do ? I 'll do anything to get	the job	done	properly , you understand . " I 'm babbling again ,
to stand there for the three hours necessary to get	the job	done	properly . The spritz you put on the surface will ,
It just works better . " Joining hands to get	the job	done	is a treasured American tradition . Wagon trains and bam
hub flanges broken into four segments , but they get	the job	done	just fine . KHS Flite 800 Racy bike with an amazing
of- out of fear , you know , ' Get	the job	done	or I 'll get somebody to get it done . '

Figura 64 – Amostra das linhas de concordância de *get the job done*

Como salienta Gilquin (2006), diferentemente de *have something done*, a Construção Causativa com *get* implica que o sujeito gramatical é o verdadeiro responsável pela ação denotada pelo segundo predicado da estrutura. Desse modo, no enunciado *I like this woman because she **gets the job done** no matter what*, retirado das linhas de concordância acima, o sujeito *she* é responsável por fazer o trabalho por si só, isto é, a sentença não é interpretada segundo a leitura de que a ação é realizada por uma entidade não explícita no contexto. Essa interpretação é atestada por outro enunciado que ocorreu naturalmente em nossos dados, isto é, *it's easier and more efficient to **get the job done ourselves***, em que o uso do pronome *ourselves* reforça a idea de que a ação será realizada pelos próprios enunciadores da mensagem. Entretanto, a leitura de "tercerização do serviço" seria perfeitamente aceitável com *have something done* de acordo com Gilquin (2006), para quem a Construção Causativa com *have* está associada a uma idea de serviços prestados *ao* sujeito da Construção e não *pelo* sujeito, como mostra a sentença (76).

(76) *Tomorrow would be quite nice because I'm **having** my hair **done** tomorrow.*

(GILQUIN, 2006, p. 24)

No que se refere ao fraseologismo *get the job done*, notamos pela leitura das linhas de concordância que não há variação sintática em sua estrutura, isto é, a expressão mantém-se inalterada morfossintaticamente em todos os enunciados que a contêm. Como vimos no Capítulo 3, a fixidez estrutural é um indício forte do uso idiomático de uma expressão linguística. No caso de *get the job done*, é exatamente isso que podemos inferir pela leitura mais cuidadosa dos contextos em que o fraseologismo está sendo empregado. Em nenhum deles a palavra *job* refere-se necessariamente a um trabalho específico e tampouco à palavra "emprego", de modo que o conceito da expressão pode ser ligado à ideia de uma tarefa qualquer. Sendo assim, pelo uso transitivo da expressão, ou seja, de que o próprio sujeito da sentença é responsável pela ação a se realizar, somado à fixidez estrutural que a expressão exibe, podemos ver que *get the job done* é, na realidade, uma expressão idiomática usada pelos falantes para se referir a algo que tem de ser resolvido.

Aliás, a expressão poderia ser substituída em seu contexto de uso, sem grandes alterações no significado original dos enunciados, pelas colocações *solve the problem* ou *solve the issue*. Nas duas sentenças retiradas das linhas de concordância, por exemplo, a substituição geraria as seguintes sentenças sem mudança de significado:

(77) a. *I like this woman because she **gets the job done** no matter what*
b. *I like this woman because she **solves the problem** no matter what.*

(78) a. *It's easier and more efficient to **get the job done** ourselves.*
b. *It's easier and more efficient to **solve the issue** ourselves.*

4.4.2.2 *Get DET work done*

defended the excursion , saying that employees could get	more	work	done	outside the city . # And in a way , that
virtual worlds , play movies , and help you get	your	work	done	quickly . Some boards , like the Hercules Stingray 128/3D ,
me who I call boss as long as we get	the	work	done	right . " // Jewel Sadler appeared at the table ,
to get the work done , and we will get	the	work	done	that we need to do this year . We will tie
. " So I pulled in some favors . Got	some	work	done	this morning , in fact . " Like before , he
, a district manager in Indiana . " We get	our	work	done	through our people , and people come from neighborhoods
my livelihood . I knew I really ought to get	some	work	done	today . In a few days , I would be back
time of the interview , remarked : # I get	more	work	done	when I 'm on dope . It gets rid of my
women working part time who are quietly getting	the	work	done	while at the same time feeling good about their families .
laughed hugely . " How 'd you think I got	any	work	done	with all the drinkin ' and gamblin ' and runnin '
little friends , and the impossibility for Paco to get	any	work	done	with her in the apartment all day . " The clients
thousands of miles away , and I can not get	any	work	done	with you behaving like this . I 'll send you your
I wanted to scream , " Sit down and get	some	work	done	! " # More ridiculous were the scenes when Benton showed

Figura 65 – Amostra das linhas de concordância de *get DET work done*

Diferentemente de *get the job done*, a expressão *get DET work done* refere-se e é empregada em um contexto em que os falantes fazem referência a uma atividade profissional. Por conta disso, ela não demonstra o mesmo nível de idiomaticidade (WULFF, 2008) presente na expressão anterior, mas, como podemos ver, trata-se de uma expressão recorrente e que igualmente *get the job done,* é usada de maneira transitiva, isto é, com o sujeito gramatical como responsável pela ação denotada pela expressão. Se *get the job done* pode ser parafraseado com as colocações *solve the problem/issue, get DET work done* pode ser perfeitamente substituído por *do one's job* ou simplesmente pelo verbo *work*.

4.4.2.3 *Get DET thing done*

is on my wall or you are history . Get	that thing	done	. ' And according to Lee Krasner , Pollock then sort
times when I felt just on the verge of getting	some things	done	. . . and that relationships with the board were going
, health care is very , very hard to get	those things	done	. GEORGE-STEPHANOPOU# (Off-camera) But Teddy
so we 're feeling good about our ability to get	these things	done	. GIBBS : How about the other employees ? How about
these lawmakers and say , we 've got to get	this thing	done	. GLORIA-BORGER-CNN : You know behind closed doors , it 's
you 're going to run yourselves in circles to get	this thing	done	. MACCALLUM : Yes , but you know who they 're
Im as anxious as everyone in America is to get	this thing	done	. MAGGIE-RODRIGUEZ : So , by forty-eight hours from now
, and he is going to be focused on getting	big things	done	. SCHIEFFER : Let 's talk some politics . You have
history here probably pushes both sides to try and get	some things	done	. (Graphic-on-screen) CBS-NEWS-New-York-# Will Bush
7746 There are two ways to get	some things	done	: through channels and the way that works . Photograph There
in Las Vegas . " Alex , Texas can get	this thing	done	; Boras said . " What would you like to do
up our sleeves and saying , How do we get	this thing	done	? " he said . " We 're more determined than
always said , " Why do n't you guys get	this thing	done	? " You know , I remember the scars of the

Figura 66 – Amostra das linhas de concordância de *get DET thing done*

Assim como *get the job done*, a expressão *get DET thing done* é usada de maneira mais idiomática, pois pode ser empregada em uma gama de contextos variados, sendo que seu sentido não se restringe ao significado das partes que compõem esse fraseologismo. Usada de maneira transitiva, assim como as expressões discutidas até então, *get DET thing done* é formada pela palavra *thing* que, segundo Evans e Green (2006) é um exemplo prototípico de uma expressão linguística *vaga*, isto é, uma expressão cujo referencial depende unicamente do contexto de enunciação para ser definido. Desse modo, como mostram linhas de concordância acima, os falantes empregam a expressão para se referir à execução de tarefas diversas e, ainda assim, seu uso mantém-se apropriado. Portanto, ao pensarmos em uma paráfrase possível para essa expressão, ela poderia ser substituída pelo padrão *do this/these/that/those thing(s)* sem que o significado original do enunciado fosse comprometido.

4.4.2.4 *Get SN involved*

# " One of the really important things is getting	local people	involved	in the process of restoration , " says Alfredo Quarto ,
work on the ground , whether Obama can keep getting	new people	involved	in the process . MATTHEWS : Yeah . Mr. ALLEN :
says , " We still have a big problem getting	black people	involved	in this struggle . We do n't have a presence in
change . But at this point , it 's getting	new people	involved	. And I can tell you , as a woman running
This (age) is an opportune time to get	the kids	involved	if you want to engage them in meaningful participation
of our interest in tennis , we thought of getting	the kids	involved	. They watched us play and eventually expressed an
farm to pick your own fruit . # 7 Get	your kids	involved	: At our house we spend weeks talking about a theme
Lynn points out . Then you can get	the child	involved	by letting her choose which chores she will do and
reliable transportation , and most lacked the money to get	their children	involved	in extracurricular activities . On weekends , they
who live in Vienna , Va. , like to get	their children	involved	in the celebration , too . # Tonight , when they
. On one hand , it 's fun to get	your children	involved	in the millennium , the whole millennium spirit . On the

Figura 67 – Amostra das linhas de concordância de *get SN involved*

Nas linhas de concordância acima, o fraseologismo *get SN involved*, diferentemente das expressões causativas discutidas até o momento, restringe o tipo semântico de seu SN. Em todas as ocorrências, o SN é [+animado] e *humano*, isto é, a lacuna nominal é respectivamente preenchida por *people, kids* e *child(ren)*. Embora seja relativamente livre e composicional, a expressão é recorrente e frequente, características essas que garantem à expressão a classificação como um fraseologismo. No que tange à estrutura do fraseologismo como um todo, ele pode ser usado transitivamente com complementos introduzidos pela preposição *in* (*...getting local people involved* ***in*** *the process of restoration*). Isto é, entre a unidade fraseológica *get* $SN_{[+anim.]}$ *involved* e seu complemento, há uma relação de *coligação* intermediada pela preposição *in*.

4.4.2.5 *Get one's feelings hurt*

FAMOUS SIBLING " We are both sensitive . We get	our feelings	hurt	easily , Britney and I. " HIS IDEAL GIRLFRIEND " I
of elementary aged students say their children get	their feelings	hurt	easily . 38% said their child gets mad easily and has
has hurt my feelings , ' and well , getting	your feelings	hurt	is part of life . SUZANNE GARMENT : That 's right
that kind of critique . So I do n't get	my feelings	hurt	that easy . I do n't wear my feelings on my
. " Tried wearing a skirt , then " got	his feelings	hurt	when guys in the tribe made fun of him , "
, " Laurie said . " Just do n't get	your feelings	hurt	when I ignore you for a while . " After Laurie
(e.g. , " I feel bad when someone gets	their feelings	hurt	") . Internal consistency reliability was .85 in the
out . Because if he did that she 'd get	her feelings	hurt	, and while she would n't cry , she 'd make
If you love your husband , and you 've got	your feelings	hurt	, and you still want the marriage , I 'd do
Camila to answer back . " Please do n't get	your feelings	hurt	, but I honestly do n't think I would ever have
have to have tough skin . I ca n't get	my feelings	hurt	, for example , because Khloe 's upset about something that

Figura 68 – Amostra das linhas de concordância de *get one's feelings hurt*

Entre todos os fraseologismos causativos com particípio passado, *get one's feelings hurt* é a única expressão cuja leitura se assemelha à interpretação dada à causativa com *have*. Nesta expressão, o sujeito gramatical não é interpretado como um agente volitivo, ou seja, não o entendemos como a entidade responsável por *getting one's own feelings hurt*. A leitura de algumas das linhas de concordância na Figura 68 nos mostra que a entidade responsável pelo evento de *get one's feelings hurt* não está explicitamente presente nos enunciados. Assim como comentamos para o enunciado *We* ***got*** *our car radio* ***stolen*** *twice on holiday*, que admite uma *by-phrase* com um agente, os enunciados que contêm o fraseologismo *get one's feelings hurt* também admitem um agente introduzido pela preposição *by*. Vejamos o exemplo abaixo:

(79) *...and well, getting your feelings hurt **(by people you love)** is part of life.*

Desse modo, nesta expressão o sujeito gramatical desempenha o papel de sujeito afetado pela ação denotada no segundo predicado do fraseologismo, assim como ocorre com as Causativas com *have*.

4.4.2.6 *Get DET thing going*

launch the car and he does things -- he gets	the thing	going	as well . But it just -- bright , colorful ,
It 's a little different . Hopefully we can get	this thing	going	pretty fast offensively so we do n't have guys rushing
side issues , so we could go in and get	the thing	going	right now . " # The Maloofs said they recently had
VALVES ... Sharp : Watts , we got ta get	that thing	going	! Watts : THE INTERIORR VALVE 'S STUCK ! Lev crowds
of constitutional transition so that you do n't get	extra-legal things	going	- hunts and mobs . And we 're always on the
the nuclear industry , from the Congress , to get	these things	going	. And I think that in many cases they 'd probably
to do something . Now , we have to get	this thing	going	. At the same time , as I said , you
we do , we can speed this up and get	some things	going	. We did have the first new hotel that 's been
that in . And get the top on and get	this thing	going	. You know how to use this machine ? WRAGGE :
says , ' Turn that up . Let 's get	this thing	going	. ' So she got on the Pitocin at 1:00 .
to loans . There 's enough money here to get	this thing	going	again . LAUER: As part of what the president 's going

Figura 69 – Amostra das linhas de concordância de *get DET thing going*

Na análise das Causativas Analíticas com *-ing*, dissemos que a forma verbal que segue o SN da Construção denota *movimento*, literal ou metafórico, desencadeado pelo sujeito gramatical da sentença. De acordo com Gilquin (2006), essa Construção tem o significado básico de "colocar um objeto em movimento" (GILQUIN, 2006, p. 31)[101]. No entanto, como salienta o autor, cujo trabalho analisa o nível de atração entre verbos específicos e as Construções Causativas na língua inglesa sob a ótica da Linguística de *Corpus*, a expressão *get DET thing going* é tão frequente que é percebida e usada pelos falantes de maneira idiomática. Essa idiomaticidade também foi percebida em nossos dados, pois a expressão parece ter um uso metafórico e figurativo que expressa o início de uma atividade. Em outras palavras, no enunciado *Turn that up. Let's **get** this thing **going***, *going* representa metaforicamente, através da ideia de que MOVIMENTO É AÇÃO, o início

[101] Original: "setting an object in motion".

de alguma atividade entendida no contexto discursivo em que a expressão é empregada. O uso de expressões de movimento de maneira metafórica é encontrado amplamente tanto em inglês (*The idea* ***hasn't got off the ground*** (= não teve início)*; After dating for 10 years, they finally decided to* ***take the plunge*** (=casar-se)) quanto em português (*O projeto do novo estádio* ***não decolou****; Os lucros da nova filial* ***deram um salto*** *do ano passado para este*).

Na próxima seção veremos a análise quantitativa de *atração* e *dependência* para os fraseologismos causativos discutidos até o momento.

4.4.3 Atração e dependência nos fraseologismos causativos

Como feito anteriormente com os demais fraseologismos, as expressões analisadas aqui foram submetidas a uma busca a partir dos dados do COCA. Lembramos que a medida de *atração* é um cálculo estatístico que mede até que ponto certas Construções gramaticais atraem itens lexicais específicos para sua estrutura interna, isto é, trata-se de uma medida que analisa as Construções no eixo paradigmático. Por conta disso, para que a medida seja aplicável, necessitamos de um *corpus* que contenha as Construções sob análise e que essas Construções sejam realizadas com diferentes itens lexicais, de modo que o cálculo seja capaz de dizer até que ponto a Construção atrai determinado item.

Ao aplicarmos a medida aos fraseologismos causativos, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 29 – Cálculo estatístico da *atração* de *get* em relação aos fraseologismos causativos

Fraseologismo	Freq. do padrão	Atração	Fraseologismo	Freq. do padrão	Atração
get the job done	122	95,08%	get SN involved	993	8,45%
get DET work done	58	81,03%	get one's feelings hurt	48	70,83%
get DET thing done	69	81,15%	get DET thing going	326	21,16%

Como ocorreu com os outros dados submetidos a esse cálculo, os fraseologismos encontrados em nosso *corpus* de estudo são de fato unidades linguísticas convencionais,

pois, como mostram os resultados quantitativos acima, os padrões sentenciais analisados exercem um alto poder de *atração* sobre *get* para suas lacunas verbais. Essa análise pode ser exemplificada com o padrão [V] *the job done* em que a lacuna verbal é preenchida por *get* em 95,08% dos casos em que a expressão aparece no COCA, ou seja, 122 vezes. As únicas expressões com baixos índices de *atração* foram *get* SN *involved* e *get* DET *thing going*, cujas lacunas verbais atraem mais frequentemente os verbos *want* e *have* respectivamente. No caso de [V] DET *thing going*, por exemplo, é clara a preferência que o padrão tem pelo verbo *have*, que também permite uma leitura causativa (*He* ***had*** *him* ***playing*** *yesterday* (GILQUIN, 2006, p. 9)). Entretanto, como apontam Quirk et al. (1985) e Gilquin (2006), essa preferência pode estar relacionada com a possibilidade de uma leitura existencial para essas Construções (*I* ***have*** *a button* ***missing*** (QUIRK et al., 1985, p. 1411). Já no caso do padrão [V] SN *involved,* o verbo mais frequente na lacuna verbal, isto é, *want*, tem uma leitura resultativa e não prototipicamente causativa (*Please*, *I don't want the police involved*). Além disso, nenhum outro verbo presente na lista de verbos possíveis para a lacuna verbal desse fraseologismo, de acordo com os dados do COCA, tem o papel gramatical causativo desempenhado por *get*. Por essa razão, embora a porcentagem de *atração* entre [V] SN *involved* e *get* seja baixa, ela é relevante, dado o tipo de Construção que está sob análise, isto é, as Causativas.

Como previámos, os números de *dependência* de *get* em relação aos fraseologismos específicos foram baixos, pois essa medida está condicionada ao número total de ocorrências do fraseologismo como um todo em relação ao número total de vezes que *get* ocorre em nosso *corpus* de estudo (9.210). Vejamos a distribuição abaixo para a categoria de fraseologismos causativos.

Tabela 30 – Cálculo estatístico da *dependência* de *get* em relação aos fraseologismos causativos (Frequência total de *get* no *corpus*: 9.210)

Fraseologismo	Freq. de *get* no padrão	Depend.	Fraseologismo	Freq. de *get* no padrão	Depend.
get the job done	194	2,10%	get SN involved	38	0,41%
get DET work done	89	0,96%	get one's feelings hurt	22	0,23%
get DET thing done	49	0,53%	get DET thing going	11	0,11%

Embora as porcentagens sejam baixas de maneira geral, o índice de dependência de um fraseologismo em específico teve destaque entre todos, isto é, *get the job done*. Essa porcentagem deve ser lida da seguinte maneira: em 2,10% dos casos em que *get* ocorre em nossos dados, ele ocorre no padrão [V] *the job done*. Essa leitura reforça o estatuto convencional do fraseologismo em questão, além de enfatizar a natureza polissêmica do item lexical que pesquisamos neste estudo.

Na próxima seção analisaremos o segundo tipo de Construções Causativas que ocorreram em nosso *corpus* de estudo, ou seja, as chamadas Construções de Movimento Causado (GOLDBERG, 1995, 2006).

4.4.4 Construções de Movimento Causado

As Construções de Movimento Causado, como o próprio nome indica, são Construções Causativas de um tipo mais específico. Segundo Goldberg (1995), essa Construção espefica-se gramaticalmente com o seguinte padrão sintático:

(80) [SUJ [V OBJ OBL]]

Nesse padrão sintático, a lacuna verbal deve ser preenchida por verbos não estativos e o argumento obl(íquo) deve realizar-se como um SPrep que indica direção e não localização, como mostram os anunciados abaixo extraídos de nosso *corpus* de estudo.

(81) *The Redskins* ***got*** *the ball* ***at their 38-line yard line*** *with 3:05 left for their last-gasp drive.* [2000/NEWS]
(82) *It has to do with* ***getting*** *the ball* ***in the hole*** *in the quickest time possible* [2008/MAG]
(83) *It is transformative to* ***get*** *your hands* ***in the soil*** *and realize this is what puts food on your plate* [2011/MAG]
(84) *...conservatives have been more effective in* ***getting*** *their ideas* ***across to the public****...* [1994/NEWS]

(85) *What are you all going to do to **get** these people **back in your fold** between now and the Election day?* [2004/SPOK]
(86) *...more people want to **get** their hands **in your pocket**...* [1998/SPOK]

No que se refere à semântica da Construção, como dissemos no capítulo 2, a Construção de Movimento Causado exibe uma leitura central segundo a qual X CAUSA Y A MOVER (PARA) Z de maneira que o argumento Z especifica o trajeto designado pelo SPrep com a leitura de direção. Sob esse trajeto Z o argumento Y desloca-se como resultado da ação desencadeada pela causação do predicado (X CAUSA). Desse modo, podemos exemplificar essa leitura com (80) acima da seguinte maneira:

(87) *The Redskins$_{(X)}$ got$_{(CAUSA\ A\ MOVER)}$ the ball$_{(Y)}$ at their 38-line yard line$_{((PARA)\ Z)}$*

A leitura de movimento para/sobre um trajeto causado por dado actante é, segundo Goldberg (1995), a leitura central da Construção de Movimento Causado que, por sua vez, pode ter diferentes leituras a depender das diferentes classes de verbos possíveis para a lacuna verbal dessa Construção[102]. Em nossos dados (1284 enunciados), a lacuna verbal é invariavelmente preenchida por *get* e, como tal, uma única leitura é esperada para essa Construção, isto é, X CAUSA Y A MOVER (PARA) Z. Contudo, embora os enunciados de nosso *corpus* de estudo sejam realizações da leitura central da Construção de Movimento Causado, ainda assim há uma clara variação quanto ao tipo de movimento denotado.

Com as poucas amostras de (81) a (86), já podemos ver que as três primeiras sentenças (exemplos de (81) a (83)) denotam um movimento físico e concreto sobre um trajeto igualmente físico, como em *...getting the ball in the hole*. Nesses enunciados, o falante faz uso da Construção de maneira a denotar um movimento físico de um ponto A para um ponto B sobre um espaço também físico e concreto. Já nas demais sentenças, (de

[102] Segundo Goldberg (1995), a Construção de Movimento Causado realiza-se com diferentes leituras semânticas, a saber:
i. X PERMITE A Y MOVER (PARA) Z – *Sam allowed Bob out of the room*
ii. X IMPEDE Y DE MOVER (PARA) Z – *He kept her at arm's length*
iii. X AJUDA Y A MOVER (PARA) Z – *Sam guided him through the terrain*
(GOLDBERG, 1995, p. 161-162)
No entanto, todas as leituras acima são heranças por *links* polissêmicos da leitura mais central, isto é, X CAUSA Y A MOVER (PARA) Z.

(84) a (86)), o movimento é entendido de maneira figurativa; entretanto, embora as expressões causativas nos exemplos de (84) a (86) não denotem um movimento físico e concreto, elas se valem desse tipo de movimento para expressar a mesma ideia de maneira abstrata. É o que ocorre em:

i. ... *getting their ideas across to the public*: as ideias são emitidas não fisicamente ao público de maneira a informá-lo sobre algo.[103]
ii. ... *get these people back in your fold*: a palavra *fold* refere-se aqui a um grupo de pessoas que partilha as mesmas crenças e ideias. Portanto, a pergunta refere-se a como o interlocutor fará para trazer essas pessoas de volta a pertencer e, consequentemente, a acreditar nesse grupo.
iii. ... *get their hands in your pocket*: embora expresse a ideia de movimento, essa expressão causativa não se refere ao ato físico de colocar as mãos dentro dos bolsos de outrem. Trata-se da ideia figurativa de obter o dinheiro de outra pessoa e usá-lo em benefício próprio.

Resumidamente, a análise dos dados de nosso *corpus* de estudo mostrou que as Construções de Movimento Causado com *get* exibem a leitura central de X CAUSA Y A MOVER (PARA) Z, sendo que esse movimento pode ser do tipo *físico* e *concreto* ou também *figurativo* e *abstrato*. Em vista disso, a matriz construcional da Construção de Movimento Causado com *get* estrutura-se da seguinte maneira:

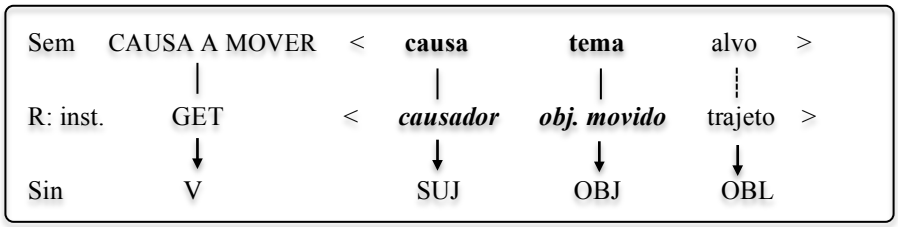


Figura 70 – Representação das Construções de Movimento Causado com *get* baseado em Goldberg (1995, p. 160)

[103] Segundo Goldberg (1995), dados como esse podem ser explicados pela *metáfora de condução* (do inglês *conduit metaphor*), segundo a qual elementos relacionados com a ideia de *comunicação* são conduzidos ao *receptor* da mensagem como resultado de um estímulo específico. O *receptor* por sua vez, é capaz de entender essa mensagem assim que ele a recebe.

Como mostramos na Tabela 26 (cf. p. 150), as Construções de Movimento Causado ocorreram em 1284 enunciados de nosso *corpus* de estudo, isto é, correspondem a 52,42% dos dados referentes às Construções Causativas de maneira geral. Em relação ao argumento oblíquo das Construções de Movimento Causado de nosso *corpus* de estudo, ele é introduzido por uma gama de preposições de movimento que, juntamente com *get*, formam uma série de padrões sentenciais lexicalmente subespecificados como *get* SN *across*, *get* SN *away* etc. Os padrões sentenciais com as preposições mais frequentes em nossos dados podem ser vistos na Tabela 31.

Tabela 31 – Padrões sentenciais de *get* com leitura de *movimento causado* com base em 1284 enunciados

Padrão	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Fraseologismo	Freq. Abs.	Freq. Rel.
get SN out (of)	260	20,24%	get SN down	29	2,25%
get SN in	139	10,82%	get SN away	24	1,86%
get SN off	81	6,30%	get SN up	13	1,01%
get SN into	61	4,75%	get SN through	12	0,93%
get SN on	47	3,66%	get SN over	10	0,77%
get SN to	46	3,58%	get SN across	9	0,70%
Total:				731	56,93%

De acordo com os dados da tabela acima, as Construções de Movimento Causado de nosso *corpus* de estudo têm seus argumentos oblíquos introduzidos por um amplo conjunto de preposições de movimento, mas duas em especial chamam a nossa atenção no que tange à frequência, tanto absoluta quanto relativa. São elas: *in* e *out*. O interessante é notarmos que essas duas preposições, que formam padrões sentenciais com *get*, têm semânticas opostas e são dois tipos básicos de movimento, isto é, movimento para dentro (*in*) e para fora de um local (*out*). Dessa forma, podemos afirmar que em nossos dados a lacuna referente à preposição nas Construções de Movimento Causado atrai mais frequentemente *in* e *out* como itens introdudores do argumento oblíquo, como mostram as sentenças abaixo.

(88) *you say we have to take this risk to **get** our people **out of there**?* [2007/SPOK]
(89) *They've got to figure out a way to **get** those people **out of there** in a hurry.* [2002/SPOK]

(90) *Molly went upstairs to **get** her money **out of the vanity drawer** and put it in her pocketbook...* [1996/FIC]
(91) *You folks better **get** your names **in the hat** right quick...* [1998/FIC]
(92) *You really have to **get** more people **in the water** figuring out what's really happening down there.* [1998/MAG]
(93) *Now, we're **getting** more information **in to FOX** every single minute.* [2010/SPOK]

Como dissemos, Goldberg (1995) afirma que o argumento oblíquo das Construções de Movimento Causado deve ser introduzido por SPreps que indiquem movimento. A problemática, entretanto, está na natureza das preposições que ocorreram mais frequentemente em nossos dados, pois segundo Tyler e Evans (2003), *in* e *out* são partículas prototipicamente locativas e não de orientação, como os autores denominam preposições que denotam movimento. Segundo Tyler e Evans (2003), em inglês moderno a preposição *in* perdeu sua leitura de movimento, pois essa função passou a ser desempenhada pela preposição complexa *into*. Quanto a *out*, os autores afirmam que essa partícula raramente ocorre com função preposicional. Desse modo, a função de movimento expressa por *out* está na realidade associada à preposição complexa *out of* e não à partícula *out.*

Quanto ao uso da partícula *out*, nossos dados parecem estar em consonância com a análise de Tyler e Evans (2003), pois em termos estatísticos, a preposição *out of* é muito mais frequente que a partícula *out* em isolamento. Ademais, quando *out* ocorre sem a preposição *of* em nossos dados, em uma grande maioria dos casos ela é seguida de uma expressão locativa como *there,* a exemplo da sentença abaixo:

(94) *It takes some time for guys to **get** their names **out there**.* [2003/NEWS]

Dessa forma, na sentença acima temos a partícula *out* e o dêitico *there* que, em combinação, desempenham uma função locativa.

Quanto à preposição *in,* embora ela seja suficiente para expressar a leitura de movimento, como em (91) e (92) acima, há uma série de Construções em que essa

preposição é seguida de uma preposição prototípica de movimento como *to*, como ocorre em (93).

Uma discussão aprofundada das preposições presentes nas Construções de Movimento Causado nucleadas por *get* foge ao escopo desta pesquisa no presente momento. Porém, a presença dessa classe gramatical nos fraseologismos que ocorreram em nosso *corpus* de estudo não pode ser ignorada, pois diversas preposições, algumas das quais estão na Tabela 31 acima, apareceram também em fraseologismos com a leitura de movimento causado. Na próxima seção veremos os fraseologismos que instanciam lexicamente a Construção de Movimento Causado em nosso *corpus* de estudo.

4.4.5 Fraseologismos com leitura de movimento

Além dos padrões sentenciais com preposições, ocorreram também em nossos dados fraseologismos com itens lexicais fixos como *get the story out*, *get one's hands on* e *get the message across*. A Tabela 32 a seguir traz os fraseologismos com mais de dois itens lexicais especificados com leitura de movimento causado.

Tabela 32 – Fraseologismos de *get* com leitura de movimento causado com base em 1284 enunciados

Fraseologismo	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Fraseologismo	Freq. Abs.	Freq. Rel.
get DET message out	82	6,38%	get DET foot in the door	32	2,49%
get the word out	74	5,76%	get DET story out	21	1,63%
get one's hands on	74	5,76%	get SN back on track	17	1,32%
get DET message across	58	4,51%	get one's hands off	15	1,16%
get DET information out	37	2,88%	get one's hands around	12	0,93%
get DET point across	34	2,64%	get DET shot off	11	0,85%
Total:				467	36,54%

Embora sejam muito menos frequentes do que os padrões sentenciais com preposições, tanto em termos absolutos quanto em termos relativos, os fraseologismos da tabela acima demonstraram maior nível de fixidez estrutural. Se a hipótese apresentada na

seção 4.3.3[104] estiver correta, isto é, de que padrões com frequência absoluta baixa e alta atração são combinações mais idiomáticas e convencionais, os fraseologismos apresentados acima de fato serão combinações mais relevantes em relação à atração exercida por *get.* No entanto, para verificarmos isso, discutiremos a seguir os fraseologismos separadamente antes de submetê-los às medidas estatísticas de *atração* e *dependência*.

4.4.5.1 *Get DET message out*

We 're just saying it 's very difficult to get	the message	out .	We have a new president . He 's fairly popular
Thank you , Tavis . Thanks for helping us get	the message	out .	" New Partnership for America 's Future . " Tavis
be addressed . LG : If only we could get	these messages	out there .	We did well with mammograms , base lines for
inspirational . So it 's just that we 're getting	the message	out there .	RIVERA : Could you call -- Debbie , call
hosts broadcasting in English and in Spanish are getting	that message	out to a	worldwide audience of 25 million people . It 's
both Macks , the primary focus now is to get	the message	out to as	many Black men as they can about annual exams
be in the spotlight . She 's going to get	her message	out to	conservatives , which is her base of support , and
and the attorney general says that helping the sheik get	that message	out to his	followers makes Stewart a co-conspirator in
something that Art Ulene just mentioned -- let 's get	the message	out to	parents and grandparents . Your children are the ones most
they 're seeing a little bit of a problem getting	their message	out to the	media and so they 've decided the blogs were
a way for the president to get out and get	his message	out to the	people , and it 's an interesting way to

Figura 71 – Amostra de linhas de concordância parciais para *get DET message out*

As linhas de concordância acima mostram instanciações lexicais do padrão *get SN out*, em que o SN é preenchido pelo substantivo *message.* Como mostram os dados nas Tabelas 31 e 32, o padrão com a partícula *out* mostrou-se produtivo em nossos dados, pois no caso dos fraseologismos esse padrão aparece em quatro expressões distintas, como podemos ver abaixo:

(95) *get* { *message* / *word* / *information* / *story* } *out*

[104] Frequência absoluta alta + atração baixa → Combinação analítica de palavras
Frequência absoluta baixa + atração alta → Combinação mais idiomática

Embora tenhamos poucos dados para fazer generalizações que se sustentem sobre o funcionamente de *get SN out*, os dados acima nos mostram que em todos os casos de nossos dados o padrão é utilizado em um campo semântico de *comunicação* (cf. nota 103, p. 169). Isto é, seja ela física ou figurada, em todos os fraseologismos acima, há claramente a ideia de *comunicação* permeando o uso dessas expressões.

No que se refere à estrutura do fraseologismo, nas linhas de concordância acima, há instâncias do uso de *get DET message out* sem um complemento oblíquo explícito, isto é, sem o trajeto sobre o qual o movimento se realiza (duas primeiras linhas na Figura 71). No entanto, há alguns dados que mostram que esse trajeto pode ser realizado tanto com expressões adverbiais como *there,* quanto com trajetos introduzidos pela preposição *to*, o que ocorreu frequentemente em nossos dados. Assim como dissemos acontecer com as Construções de Movimento Causado de nossos dados, que podem expressar um movimento *físico* e *concreto* ou *figurativo* e *abstrato*, no fraseologismo *get DET message out* a leitura das linhas de concordância mostra que a palavra *message* é, na verdade, figurada. Isto é, não se trata de uma mensagem física transmitida a outrem, mas sim de uma ideia a ser veiculada.

4.4.5.2 *Get the word out*

years old . Right now we 'd like to get	the	word	out	about these two girls . If we find both these girls
And I hope folks who are watching at home get	the	word	out	and get tested , and do whatever they can , and
O'Brien says they rely on MySpace and e-mail to get	the	word	out	and Gray 's family has its own Web site . There
And so it 's the band 's job to get	the	word	out	and make sure that does n't happen . " # Bradley
effort in retailers branding their own products is getting	the	word	out	as to why that product is better than the other brands
crowed his wife . It helps to get	the	word	out	early , " he said , feeling foolish . " Cuts
saliva all over the place because I could n't get	the	words	out	fast enough . " " Was that when you told Leo
he says . People who want to get	the	word	out	fasten the loops around bikes parked around town . " Macomb
me for an answer . # I could hardly get	the	words	out	of my mouth . " I reckon that 's her .
on the real ' ' chopping block . " Get	The	Word	Out	Quickly This February rewarded the efforts of my store with
gasping for breath , telling Dad when she could get	the	words	out	that a little girl like me had no business breaking horses
we need your help . We need help in getting	the	word	out	that children in child care need to be immunized , and
if I have to . I 'm going to get	the	word	out	that Joe Stanky is something special . And you know what
up a resource Web site . # " We got	the	word	out	that meth is coming into Michigan , " said David Bush
himself , he knows how vital it is to get	the	word	out	that prostate cancer is the second most deadly cancer in men
means of communication , this is his chance to get	the	word	out	that the island survived , but still needs help . "
week , my friends , because we tried to get	the	word	out	to everybody as soon as we heard that our " Legends
the first place . They were in it to get	the	word	out	to other people , " said Pennyman , adding that education
if she just kept this investigation alive , kept getting	the	word	out	to the public , that there was a really good chance

Figura 72 – Amostra de linhas de concordância parciais para *get the word out*

Assim como se estrutura o fraseologismo *get DET message out,* na expressão *get the word out,* há variação morfossintática no que tange aos padrões que seguem a partícula *out.* Na amostra de linhas de concordância que temos acima, a partícula pode ocorrer sem complemento preposicional (caso das ultimas quatro linhas), com as preposições *via, to* e *of,* ou com o complementizador *that.* Com exceção dos casos em que a partícula não é seguida de uma expressão adverbial introduzida por preposição, em todos os outros casos o argumento oblíquo do fraseologismo está explícito, como em *I must get the word out* ***to the inhabitants of Planet Earth***[105]. Trata-se, como podemos ver, de um caso de movimento figurado no campo semântico da *comunicação*.

4.4.5.3 *Get one's hands on/off/around*

Os fraseologismos com a palavra *hands* ocorreram em nosso *corpus* de estudo com três preposições distintas, como vemos a seguir:

(96) get *one's* hands { *on* / *off* / *around* }

[105] À primeira vista, a leitura de *transferência*, que caracteriza as construções bitransitivas, também pode ser hipotetizada para fraseologismos como *get the word out* principalmente quando esse é seguido de preposição introdutora de um argumento alvo [humano], como no caso do exemplo acima. No entanto, como salienta Goldberg (1995), as construções com a preposição *to* e as bitransitivas em inglês são distintas por uma série de propriedades sintáticas (a ordem dos constituintes, por exemplo) e semânticas (somente a ordem sintática da bitransitiva, isto é, [SUJ [V OBJ_1 OBJ_2]], admite leitura idiomática como em *give someone a hand* vs. **give a hand to someone*). No entanto, ambas estão relacionadas por meio de laços de herança. Desse modo, as verdadeiras construções de transferência com a preposição *to* podem, salvo os contextos mais idiomáticos, ser parafraseadas com a estrutura da bitransitiva, como vemos abaixo:

i. *I'll give John my car* → [SUJ [V OBJ_1 OBJ_2]]
ii. *I'll give my car to John* → [SUJ [V OBJ_2 to OBJ_1]]

Se o fraseologismo *get the word out (to someone)* de fato tivesse uma leitura de transferência, a paráfrase deveria ser possível, mas não é isso que ocorre:

iii. *I must get the word out to the inhabitants of Planet Earth.*
iv. ** I must get the inhabitants of Planet Earth the word out.*

Nos três fraseologismos o significado de movimento sentido pelo argumento *tema hands* em direção a um alvo mantém-se inalterado. Contudo, as diferentes preposições indicam o *tipo* de movimento realizado em cada fraseologismo.

Também de leitura figurada, *get one's hands on* denota a tomada de posse do sujeito gramatical em relação ao objeto que segue a preposição *on.* Apesar da leitura geral de *obtenção de posse*, a estrutura interna da expressão segue os padrões das Construções de Movimento Causado, pois especifica o movimento de *hands* em direção daquilo que se pretende obter, como mostram os enunciados extraídos de nosso *corpus* de estudo.

. But for a sobering dose of reality , get	your	hands	on	a	copy of " Confessions of an Undercover Cop . "
to discourage fraud and to deter crooks if they get	their	hands	on	a	customer 's check and try to cash it , Barnett
and a midnight tumble . If ever again I got	my	hands	on	a	gold eagle .... Then I began to muse more seriously
room physician told me that if my son could get	his	hands	on	a	gun , he 'd shoot himself-even though Kevin was there
only to make a sudden about-face when he finally gets	his	hands	on	a	gun . # WALK THROUGH DARKNESS by David Anthony Durham
reported that conservative direct mailers have gotten	their	hands	on	a	list of people who contributed money to help the Schindlers
of years ago when you were fortunate enough to get	your	hands	on	a	Melvin Watkins doll . That would be the Melvin Watkins
. Several months ago , after several astronomers got	their	hands	on	a	near-final draft calling for " star-wars " technology and
and Shabazz Kazan Tamali , you are dying to get	your	hands	on	a	nice white couple like you and Mrs. Ruskin . Biscuit
You see yourself making that leaping interception or getting	a	hand	on	a	perfectly thrown spiral and deflecting it away at the last

Figura 73 – Amostra de linhas de concordância parciais para *get one's hands on*

Como mostraremos por meio da análise estatística dos dados, embora *get* forme com *one's hands on* um fraseologismo produtivo, há outros verbos que são altamente atraídos pela lacuna verbal dessa expressão. A busca por esse fraseologismo no COCA apontou verbos como *put, wipe, place, rest* e *lay* como itens produtivos para a lacuna verbal desse fraseologismo; no entanto, mesmo assim, *get* teve uma frequência absoluta maior nesse caso (1170 ocorrências de *get one's hands on* em um universo de 3624 ocorrências do padrão [V] *one's hands on*).

O fraseologismo *get one's hands off* é o antônimo de *get one's hands on*. Essa distinção é resultante da semântica da preposição *off*, cujo sentido é contrário ao sentido de *on.* Na busca por esse fraseologismo no COCA, pudemos atestar que a lacuna verbal atrai *get* quando o fraseologismo tem o sentido geral de movimento. Isto é, outros dois verbos ocorreram frequentemente com o padrão *one's hands off* (355 ocorrências), ou seja, *keep* (173 ocorrências) e *take* (99 ocorrências), mas entre esses dois itens somente *take* é um concorrente de *get* (58 ocorrências) dada a função de movimento que estamos analisando, pois *keep* tem uma leitura estativa. Nessa competição pela lacuna verbal, *take*

é o verbo preferencial para essa expressão, mas *get* mantém-se como uma opção também produtiva, como vemos na Figura 74.

sorry ... I 'm sorry . # CARLA #	Get	your	hands	off	me	!	# RAMIREZ # Shh ... I 'm not him
absurd . Let me see that . Oh ,	get	your	hands	off	me	,	Sergeant ! Tremayne ? What do you make of
companions are captured and chained together . Arthur	Get	your	hands	off	me	.	I am Clarence : Do n't say it !
the next day be met with a terse "	get	your	hands	off	me	.	" # Warren has gradually developed a rapport with
, our dad has had enough . JEREMY-HOLM-1ACTO#	Get	your	hand	off	my	daughter	. ACTOR-1MALE2-# Just , again , making sure
, " Melanie said , " As if ...	get	your	hand	off	my	knee	. " Devorah began to feel sullied by her
her . COLLEGE-STUDENT-1# I got it . Dude ,	get	your	hands	off	of	her	. Do n't get me pissed off . JOHN-QUI-ONES-1-#
said , ' I did n't say anything .	Get	your	hands	off	of	me	. ' And I pulled away from him .
shouting things like we want our salaries and Bremer	get	your	hands	off	the	army	, referring to Paul Bremer , the U.S. civilian
his holstered Beretta ... MAX (CONT 'D)	Get	your	hand	off	your	gun	! Max jams the gun tighter to the Sergeant

Figura 74 – Amostra das linhas de concordância de *get one's hands off*

É interessante notarmos que em todas as ocorrências acima, o fraseologismo é utilizado no imperativo e o complemento, na maioria das ocorrências, é ligado ao próprio enunciador da mensagem (*me, my daughter, of me, my knee*).

Em *get one's hands around*, vemos na Figura 75 que a expressão é usada tanto figurativamente, como em *As we all try to get our hands around the concept*, como literalmente, em que a expressão é seguida de maneira recorrente pelas palavras *neck* e *throat*, como mostram os dados.

of historic proportion . # Paulson never seemed to	get	his	hands	around	it	,	even with the help of some former Goldman executives
the Ford closer to the precipice . # Red	gets	his	hands	around	Jeff	's	neck as the steering wheel continues to move
n't get enough today . Big Daddy Drought 's	got	his	hands	around	Lolo	's	neck today . Annie comes in , wiping her
. All right . As we all try to	get	our	hands	around	that	concept	... Mr-DEUTSCH: Just wait . I 'm sorry .
. WARREN-CHRISTOPHER : We 're trying very hard to	get	our	hands	around	the	changed	picture to see if there is some equally urgent
you want retribution , but you ca n't	get	your	hands	around	the	enemy	. " # Instead , Peri Pothast , 52
. And only simple pieces . I ca n't	get	my	hands	around	the	harder	ones anymore . " His sister opened the lid
, Commodore . " " Not if I can	get	my	hands	around	your	neck	. " Jones heard him lumbering in the dark
) You ca n't . Not while I 've	got	my	hands	around	your	throat	. SUSAN and the Audience are all smiles and

Figura 75 – Amostra das linhas de concordância de *get one's hands around*

A busca por colocados no COCA revelou que a lacuna verbal do padrão [V] *one's hands around* (355 ocorrências) é preenchido respectivamente pelos seguintes verbos: *cup* (66 ocorrências)[106], *wrap* (64 ocorrências), *get* (43 ocorrências) e *put* (38 ocorrências).

[106] O uso da palavra *cup* como um verbo nesse fraseologismo parece, na realidade, instanciar um outro fraseologismo recorrente. Na observação das linhas de concordância em que o fraseologismo *cup one's*

Diferentemente do padrão [V] *one's hands off*, que admite verbos estativos como *keep* em sua lacuna verbal, os verbos que ocorreram na lacuna de [V] *one's hands around* são todos não-estativos, isto é, são opções que ocorrem paradigmaticamente na lacuna verbal da expressão em concorrência com *get.* Posto isso, vemos que mais uma vez *get* forma, nesse padrão, uma unidade produtiva, apesar de não ser o item preferido da expressão.

4.4.5.4 *Get DET message across*

and work harder , and make sure that we get	our	message	across	.	REID: Romney refused to specify what mistakes he was
sure that it was as effective as possible in getting	its	message	across	.	SETH-DOANE: This is it . The -- the scene of
Wendell Goler reports the president had some help getting	his	message	across	.	(BEGIN-VIDEOTAPE) WENDELL-GOLER-FOX : In what his
. SIMON : Do you think you succeeded in getting	the	message	across	?	Mr-ERASMUS : I think we did a lot of damage
these things , I do n't think they 're getting	their	message	across	or	have the ability to . MS-WOODRUFF : None of this
invigorating to be leading the way as far as getting	our	message	across	to	a global audience . " That message , which can
be bugged , Lewis said , he tried to get	the	message	across	to	Barry that they should conceal their actions . # "
and symbolizing the frame are all important ways to get	a	message	across	to	campus constituents . One method might be more
For the past six years , the association has gotten	its	message	across	to	children through the Massachusetts-based Jason
any number of ways for a political candidate to get	the	message	across	to	contributors that if they want access , they have to
get Kirsanow seated . 30579 # MIAMI -- To get	a	message	across	to	his football team , Miami Dolphins coach Dave
immediate task we have is trying to try and get	the	message	across	to	people that there 's still an awful lot of people

Figura 76 – Amostra das linhas de concordância de *get DET message across*

Mais um fraseologismo pertencente ao campo semântico da *comunicação*, *get DET message across* ocorreu de maneira sistemática tanto em nossos dados, quanto no COCA de maneira geral. A busca no COCA pelo padrão [V] *DET message across* mostrou que a lacuna verbal é preenchida por *get* em 267 dos casos em um universo de 292 ocorrências. Portanto, esses números nos mostram que a estrutura convencionalmente se associa a *get* de maneira quase invariável. O segundo colocado para a posição verbal da expressão é *send* com 8 ocorrências.

Como as demais expressões discutidas até o momento, esse fraseologismo pode ocorrer com a preposição *across* sem um complemento locativo, como nas cinco

hands around apareceu, identificamos que essa sequência ocorria frequentemente com a palavra *mouth* como complemento da expressão. Vejamos um exemplo extraído do COCA:

(i) *A sports fan yelling at the enemy team, he* ***cups his hands around*** *his mouth. "We're chasing you, asshole.*" [2010/FIC]

Como podemos ver, *cup one's hands around one's mouth* descreve o forma como se coloca as mãos ao redor da boca de maneira a emitir o som a uma direção específica.

primeiras linhas de concordância acima, ou com complemento introduzido pela preposição *to*, como ocorre nos demais enunciados. A leitura de movimento é, em parte, veiculada pela preposição *across* que, juntamente com a preposição *to,* realizam o modo do movimento causado pelo sujeito gramatical sobre o argumento tema (*message*) em direção ao argumento alvo da Construção.

4.4.5.5 *Get DET point across*

that have never been there . I ca n't get	my point	across	that infantry combat is something different .
, you know . So how else do I get	that point	across	to him ? Because that 's how it was given to
them towards the children 's movies . " This gets	your point	across	while giving the other parents credit for discretion .
and of course it was n't . But he got	his point	across	with the headlines . It hurt . I felt like I
, but - ? How was he going to get	his point	across	without making it look like it was all about sex when
ocabulary and grammar , knowledge of the ways people get	their point	across	, and rules of thumb for figuring out what deviations from
my son . " Whatever it was , I got	the point	across	, because the man looked shocked , and then he looked
, Bill , overall , temperament , mood , getting	the point	across	, crowd reaction , television , how does this convention
the trick , Yarran did have a way of getting	his points	across	, Festian reflected . And he was n't saying anything
KING : I mean , if they let you get	your point	across	, really . Vice Pres. QUAYLE : Well , I- Oh

Figura 77 – Amostra das linhas de concordância de *get DET point across*

As mesmas propriedades sintáticas e semânticas de *get DET message across* aplicam-se a *get DET point across*, inclusive o fato de essa expressão pertencer à categoria de fraseologismos relacionados com a ideia de *comunicação*. A única distinção se dá no argumento *tema* desse fraseologismo, em que *message* é substituída por *point* para veicular o sentido da expressão que é *comunicar uma ideia.*

4.4.5.6 *Get DET information out*

33 minutes that we 've been maligned about we got	more information	out	of that interview than all of these attorneys did in all
are taking a turn where people are starting to get	more information	out	of them rather than just yelling ? ED-HENRY-CNN-SR-W : It
the pain that we 're going through trying to get	this information	out	of you . Mr-PHELPS : If you listen to the tapes
that deals with prevention , and then education to get	that information	out	there to people to change their lifestyles . We know how
's not really job searching , it 's just getting	the information	out	there . TORY-JOHNSON-1ABC# (Off-camera)
've got is people worldwide trying to help Iranians get	this information	out	there . One thing we 're seeing online right now ,
very -- it 's very , very important to get	the information	out	to our viewers as soon as possible , and you want
can make in people 's lives . And to get	the information	out	to people who can benefit feels good . When I began
The sense has been that we 've gotten	the information	out	to people and helped a lot of small employers , especially
us and also gives us reason to want to get	this information	out	to the public and to our partners around the world that
need to be getting -- we need to be getting	accurate information	out	to these communities and the African-American community is

Figura 78 – Amostra das linhas de concordância de *get DET information out*

Get DET information out estrutura-se semanticamente como um fraseologismo de movimento causado prototípico. A busca no COCA nos mostrou que a lacuna verbal é preenchida por *get* em 128 vezes de um total de 222 ocorrências para o padrão [V] *DET information out*. A expressão ocorre com um número variado de verbos (*put, give, bring, send, squeeze, take, torture* etc.), mas em todos esses casos a frequência absoluta não é tão representativa quanto a de *get.* Como podemos ver pelas linhas acima, a partícula *out* pode ser seguida das preposições *of* e *to*, que introduzem o argumento alvo da Construção, ou pela expressão locativa *there.*

4.4.5.7 *Get DET foot in the door*

probably slowed down his door-slamming reflexes . I got	my	foot	in	the	door	and stuck the picture I 'd gotten from Steve
is hoping and maneuvering for -- a chance to get	his	foot	in	the	door	of the Oval Office , to make one last
a scam , you know . It 's about getting	the	foot	in	the	door	, kind of . If you could write a
's pretty tough , and I just want to get	a	foot	in	the	door	somewhere , " says Justin Smith , a Columbia
team got the assignment , they did nt even get	a	foot	in	the	door	when an X Division manager blocked them . BROWN
for an Asian , I had to at least get	my	foot	in	the	door	and then try to convince them that that part
, I was looking at something- you know , get	my	foot	in	the	door	and possibly some of my computer skills , you
, her husband , Jeff , has helped her get	her	foot	in	the	door	. But from here on in , it 's
I figured this would be a great opportunity to get	my	foot	in	the	door	. Ms-ANNA-PALMA-1Am : And if I get it ,
Antarctica are other areas where we 've managed to get	our	foot	in	the	door	. What are the most contentious issues in Greenpeace
a boon to workers who without it might never get	a	foot	in	the	door	. Bill Davis , for example , recently became

Figura 79 – Amostra das linhas de concordância de *get DET foot in the door*

O fraseologismo presente na figura acima é uma expressão idiomática que significa *ter uma oportunidade (geralmente profissional) em algo promissor.* Essa interpretação pode ser confirmada por duas palavras que ocorrem nas linhas de concordância em que aparece o fraseologismo, isto é, *...**chance** to get his foot in the door* e *...**opportunity** to get my foot in the door*. A expressão é convencionalmente associada ao verbo *get* (117 ocorrências em um conjunto total de 133 enunciados no COCA). Um segundo colocado possível, mas menos provável, para a lacuna verbal é *have* com um total de 9 ocorrências.

4.4.5.8 *Get DET story out*

S-O'BRIEN : How hard is it for journalists to get	the	story	out	in	Iraq	when	you keep hearing not only the violence that
I -- I want to ask your story and get	your	story	out	just	as	gently	as we possibly can because I want you
said , sensing that Aunt Bes3 was trying to get	the	story	out	of	her	.	" We certainly love having him here .
besides Jaime , and I think that we 're getting	the	story	out	there	that	he	may have not been interested himself and that
all of this has been : the delay in getting	the	story	out	there	to	the	press , Cheney clamming out , the way
Mr. Rollins said his client was " anxious to get	the	story	out	"	and	intended	to deny any knowledge of efforts to discourage
interest is accountability , getting the facts out , getting	the	story	out	,	and	I	think putting it in some new and different
cycle , increasing exponentially the opportunities to get	the	story	out	--	and	to	get it wrong . # " If there
and the skills and abilities politicians must have to get	their	stories	out	.	Although	the	women who responded to the survey enjoyed this
this was a way that we 're going to get	the	story	out	.	And	Ted	Koppel arrived about two days later and said

Figura 80 – Amostra das linhas de concordância de *get DET story out*

O fraseologismo *get DET story out* demonstra a intenção de obtenção de informação por parte do sujeito nocional do fraseologismo. Isto é, como mostram os enunciados na Figura 80, os contextos demonstram que a expressão é empregada como uma tentativa de extração de informação de dada fonte, como em *Aunt Bes3 was trying to get the story out of her*, ou com o sentido de *revelar a estória* (*I want to ask your story and get your story out just as gently as we possibly can because...)*. Assim como com as demais expressões incluídas no campo semântico da *comunicação*, o movimento nesse fraseologismo é expresso de modo figurado agindo sobre o argumento tema (*story*) que é extraído de uma fonte (caso dos enunciados com a preposição *out of*) ou direcionado a um alvo (caso dos anunciados com a expressão adverbial *there*).

4.4.5.9 *Get SN back on track*[107]

57 , Cobb says he has been unable to get	his	life	back	on	track	. " All these days I have been off
by guilt , he 's trying to help her get	her	life	back	on	track	. The book follows Leonid McGill as he tries
talking about ab muscles . I 'm talking about getting	your	life	back	on	track	GUPTA Yes , and I ... PHILLIPS : And
Sautner , told Lindsay it looks like she 's getting	her	life	back	on	track	. GIFFORD: Good . KOTB: And her probation
she 'd be living , she said . # Getting	her	life	back	on	track	and helping her sister and her niece and nephew
Duke credits his faith in God with helping him get	his	life	back	on	track	. " I shook it by believing in God
week . Ms-ANDREWS : (singing) I 'll get	my	life	back	on	track	. Mr-EDWARDS : ... (Unintelligible) .
Seeing them spend their time and energy trying to get	my	life	back	on	track	. I was struck by how positive they were
how ' Dr. Phil 's advice has helped you get	your	life	back	on	track	. The person with the most compelling story will
. She 's just finishing finals and looking to get	her	life	back	on	track	, looking forward to the coming basketball season .

Figura 81 – Amostra das linhas de concordância de *get SN back on track*

[107] Embora em nosso *corpus* de estudo o fraseologismo tenha ocorrido exclusivamente com o substantivo *life* na posição do objeto direto de *get*, a busca no COCA revelou outras possibilidades para essa posição, como *America, California, college, communication, Detroit* etc. Por esse motivo, representamos a lacuna nominal com um SN.

A expressão *get SN back on track* é um típico caso de um fraseologismo construcionalmente ambíguo, pois ao passo que em termos estruturais, a expressão comporta-se como uma Construção de Movimento Causado, em que um objeto tema (SN) é deslocado para um alvo (*on track*) por meio da causação oriunda do predicado, o argumento *on track* pode ter função figurativa adjetival, com o sentido de *funcionamento pleno e em boas condições.* Como Goldberg (1995) salienta, há elementos linguísticos que se localizam na fronteira entre o que a autora denomina de *movimento causado* e *resultado*. No entanto, a análise da linguista leva esses dados em consideração identificando as Construções Resultativas como extensões das Construções de Movimento Causado sob a alegação de que *mudança de estado é mudança de local* (GOLDBERG, 1995). Desse modo, em nossos dados, *get SN back on track* foi analisado como uma instância da Construção de Movimento Causado literal para os casos em que se usa a expressão para designar um deslocamento físico de A para B (por exemplo, *And in the event braking just one wheel is insufficient* ***to get the car back on track***) e figurado, nos casos em que *back on track* expressa a ideia de *recuperação* e *mudança de estado*, que é o sentido da grande maioria dos casos.

4.4.5.10 *Get DET shot off*

Moore did n't arrive in time for him to get	a	shot	off	, and the second OT was assured . # Then ,
, so he can get to the basket and get	his	shot	off	, even though he 's not the most explosive or tallest
so Jarrett Jack or Will Bynum or B.J. can get	a	shot	off	, " Smith said . " I 'm just willing to
killed Pike ? # HARDY # Someone must have got	a	shot	off	. He was n't exactly a moving target . Styles turns
was never there . The cops do n't even get	a	shot	off	. REAL TIME as Logan runs to the window and looks
Suburban . Not one of them is able to get	a	shot	off	. The shooting stops . The twitching stops . All 's
one because Maxwell fouled Richmond before he could get	a	shot	off	. The two free throws made it a one-point game with
from the adjacent seat . " I ca n't get	a	shot	off	. We 're moving too fast . " " All right
if we do , you 're not going to get	a	shot	off	. ' If I died tomorrow , I 'd be really

Figura 82 – Amostra das linhas de concordância de *get your shoots off*

O último fraseologismo desta seção é usado na linguagem dos esportes, ou mais especificamente, na do basquetebol. As linhas de concordância trazem pistas do uso de especialidade dessa expressão com abreviações como OT (*overtime* = prorrogação) ou palavras como *basket* (cesta) e *free throws* (lances livres). Nesse contexto, a expressão tem o sentido de *fazer um lançamento.*

No entanto, as linhas não trazem somente o contexto esportivo como uma possível interpretação para a expressão. Há linhas em que *get a shot off* se refere a um tiro, possivelmente de arma de fogo, em que o atirador errou o seu alvo. Esse sentido pode ser inferido na seguinte linha de concordância: *The cops don't even get a shot off.*

Para concluirmos a análise dos fraseologismos com a leitura de movimento causado, na próxima seção veremos como as expressões se comportaram com relação às medidas estatísticas.

4.4.6 Atração e dependência nos fraseologismos com leitura de movimento causado

Na seção anterior analisamos os fraseologismos separadamente contrastando, sempre que possível, com outras possibilidades de colocações para a lacuna verbal dos fraseologismos. Como temos feito até o momento, nesta seção demonstramos os resultados obtidos da aplicação das duas medidas estatísticas que estamos utilizando nesta pesquisa. Vejamos os resultados

Tabela 33 – Cálculo estatístico da *atração* de *get* em relação aos fraseologismos com leitura de movimento causado no COCA

Fraseologismo	Freq. do padrão	Atração	Fraseologismo	Freq. do padrão	Atração
get DET message out	515	87,18%	get DET foot in the door	133	87,96%
get the word out	479	76,40%	get DET story out	175	48%
get one's hands on	3624	32,28%	get SN back on track	39	71,79%
get DET message across	292	91,43%	get one's hands off	398	14,57%
get DET information out	222	57,65%	get one's hands around	355	12,11%
get DET point across	194	97,42%	get DET shot off	53	64,15%

Os resultados estatísticos na Tabela 33 demonstram que na grande maioria dos casos, *get* é a escolha preferencial para o preenchimento da lacuna verbal das expressões. Os índices demonstram um alto nível de atração de *get* por parte dos fraseologismos com leitura de movimento causado. Tomemos *get DET foot in the door* como exemplo dessa

atração. O padrão fraseológico [V] *DET foot in the door* teve um número total de 133 ocorrências no COCA. Dessas ocorrências, 117 expressões selecionam *get* como o item preenchedor da lacuna verbal, isto é, em 100% das ocorrências do padrão no *corpus,* 87,96% delas ocorrem com *get.* Essa análise estatística de *atração* serve-nos como indício da convencionalização dos padrões apresentados na tabela acima e sua forte ligação com o item lexical que analisamos nesta pesquisa.

O mesmo padrão se mantém para outros fraseologismos, como *get DET point across* (97,42%), *get DET message out* (87,18%) etc; entretanto, há outros fraseologismos em que *get* não parece ser a opção preferencial para a lacuna verbal, isto é, nas expressões com *hands*. Nessas expressões, os índices de *atração* não chegam sequer a 40% das ocorrências. Esses números evidenciam que, embora *get* não seja o item preferencial, o verbo ainda se mantém como um possível candidado para o preenchimento do predicado de causa nas Construções de Movimento Causado. Desse modo, apesar de não ser a associação mais convencional para esses casos, *get* ainda assim é produtivo nessas expressões.

Quanto à medida de *dependência* de *get* com relação aos fraseologismos com leitura de movimento causado, como não poderia deixar de ser, os índices resultaram em baixas porcentagens, pois, como já dissemos anteriormente, esse índice mede, em nosso *corpus* de estudo, até que ponto *get* é dependente de uma construção em específico. Vejamos os resultados.

Tabela 34 – Cálculo estatístico da *dependência* de *get* em relação aos fraseologismos com leitura de movimento causado (Frequência total de *get* no *corpus*: 9.210)

Fraseologismo	Freq. de *get* no padrão	Depend.	Fraseologismo	Freq. de *get* no padrão	Depend.
get DET message out	82	0,89%	get DET foot in the door	32	0,34%
get the word out	74	0,80%	get DET story out	21	0,22%
get one's hands on	74	0,80%	get SN back on track	17	0,18%
get DET message across	58	0,62%	get one's hands off	15	0,16%
get DET information out	37	0,40%	get one's hands around	12	0,13%
get DET point across	34	0,36%	get DET shot off	11	0,11%

Na próxima seção, terminamos a discussão acerca das estruturas causativas discutindo e analisando o último tipo de Construção que exibe um comportamento semântico de causação. Trata-se das chamadas Construções Resultativas.

4.4.7 Construções Resultativas

Enunciados como (97) – (100) podem ser classificados como Construções Causativas em termos estruturais se observarmos tanto o número quanto a ordem dos constituintes das sentenças.

(97) *So we really want to **get** our kids **active** and keep them active...* [1999/SPOK]
(98) *...he's not afraid to **get** his hands **dirty** and do what needs to be done.* [2004/MAG]
(99) *I'm not trying to **get** more people **in trouble**.* [2002/SPOK]
(100) *My allergies were acting up. I never **got** a word **in edgewise** when Beebo put on the moves.* [2002/FIC]

Em todos os enunciados acima, a estrutura sintática é [SUJ [V OBJ COMPL.]], assim como ocorre com as Construções Causativas de maneira geral. Entretanto, nas Construções de Movimento Causado, por exemplo, o complemento que segue o objeto é morfossintaticamente classificado como um constituinte oblíquo na forma de um SPrep com leitura de direção e movimento. Ao observarmos os dados de (97) a (100), podemos notar que, apesar de manter uma leitura geral de causa desencadeada pelo sujeito gramatical da oração, o complemento que segue o objeto direto tem uma natureza gramatical distinta daqueles que ocorrem nas Construções de Movimento Causado. Nesses casos, temos complementos adjetivais (exemplos (97) e (98)) ou SPreps com função adjetiva (exemplos (99) e (100)).

Se uma diferença sintática já é evidência suficiente para a postulação de uma Construção independente na gramática, de acordo com o *princípio de não-sinonímia*, a ideia de que os enunciados acima exemplificam casos de uma Construção "autônoma" é reforçada por uma análise semântica mais atenta. Nas Construções de Movimento Causado, por exemplo, um argumento *paciente* é deslocado sobre/para um trajeto como consequência do movimento causado pelo predicado da oração; já nas Construções Resultativas, como Goldberg (1995) chama as estruturas do tipo exemplificado acima, um argumento paciente passa por uma mudança de estado resultante da ação denotada pelo predicado. Nas palavras da autora: "Resultativas somente podem se aplicar a argumentos

que potencialmente passam por uma mudança de estado como resultado da ação denotada pelo verbo" (GOLDBERG, 1995, p. 188)[108].

Por essa razão, as Construções do tipo [SUJ [V OBJ SAdj/SPrep.]], em que o objeto é interpretado como tendo passado por uma mudança de estado em decorrência de uma causa oriunda do predicado, são chamadas de Resultativas. A matriz construcional hipotetizada por Goldberg (1995) para essa Construção pode ser vista abaixo:

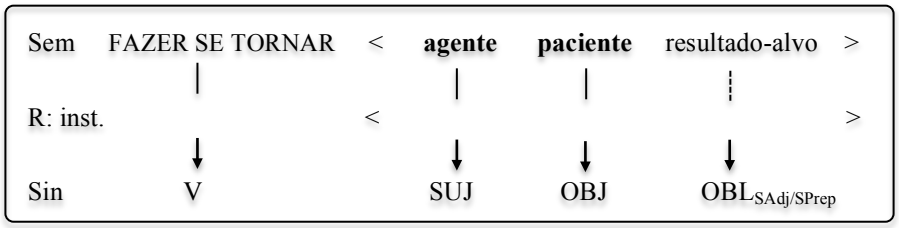


Figura 83 – Representação das Construções Resultativas baseado em Goldberg (1995, p. 189)

Portanto, em nosso *corpus* de estudo, os enunciados com a leitura semântica e estrutura sintática especificadas acima foram classificados como Construções Resultativas. A classificação gerou um total de 294 Construções, com 6 fraseologismos recorrentes, que discutiremos na seção seguinte.

4.4.8 Fraseologismos com estrutura resultativa

Na observação dos dados referentes às Construções Resultativas, 6 expressões recorrentes foram observadas em nosso *corpus* de estudo por demonstrarem algumas das características estruturais que identificam expressões linguísticas como unidades fraseológicas, de acordo com a discussão proposta em Gries (2008), apresentada no capítulo 3 desta dissertação. As expressões a que nos referimos, bem como a sua distribuição geral nesta parte do *corpus* de estudo, podem ser vistas na Tabela 35.

[108] Original: "Resultatives can only be applied to arguments which potentially undergo a change of state as a result of the action denoted by the verb."

Tabela 35 – Fraseologismos de *get* com leitura resultativa com base em 293 enunciados

Fraseologismo	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Fraseologismo	Freq. Abs.	Freq. Rel.
get one's hands dirty	50	17,06%	get a word in edgewise	13	4,43%
get DET thing straight	32	10,92%	get SN in order	9	3,07%
get SN ready	21	7,16%	get SN in trouble	6	2,04%
Total:				131	44,70%

Como podemos ver, 44,70% dos enunciados com estrutura resultativa ocorreu por meio de expressões fraseológicas relativamente fixas, como as expressões destacadas acima. Os demais enunciados, isto é, 162 sentenças (55,30%) correspondem a Construções Resultativas composicionais e analíticas (WRAY, 2002), que se estruturaram com os seguintes padrões sintáticos:

(101) [*get* + SN + SAdj] → 144 ocorrências

(102) [*get* + SN + SPrep] → 18 ocorrências

Embora as resultativas possam ter um SAdj ou um SPrep como resultado-alvo, os SAdjs são muito mais frequentes, tanto nas expressões fraseológicas quanto nas construções composicionais e analíticas. Essa frequência pode ser um indício da prototipicidade da forma [SUJ [V OBJ OBL_{SAdj}]] para as resultativas.

Nas próximas seções, discutiremos os fraseologismos destacados na Tabela 35 separadamente, como temos feito até o presente momento.

4.4.8.1 *Get one's hands dirty*

him to share the chores with her , to get	his hands	dirty	and take the initiative in some areas . Virgilia (Tish
how perfect we are . Living the gospel means getting	your hands	dirty	and taking risks . Were the RCN not so fearful ,
1982 , Rich met some museum volunteers eager to get	their hands	dirty	at a dinosaur dig , but he initially resisted their pleas
into this one . You do n't want to get	your hands	dirty	at this particular point in the picture . If Farrell
is not able to roll up his sleeves and get	his hands	dirty	dealing with the problems of everyday working men and
example , Mobil asserts , " Just because we get	our hands	dirty	does n't mean we dirty the environment , too . "
you from antipasti to dolci for about $1,300 . Get	your hands	dirty	Earthwatch Institute LENGTH OF PROGRAM : 7-21 days COST :
n't learn well that way . If students could get	their hands	dirty	in science class they 'd be more likely to internalize
says , " but we did n't want to get	our hands	dirty	in the mill . The plant had this big building full
meet with Mr. Cardoen and get directly involved , get	his hands	dirty	in these operations , especially as he was deputy director
on for years , and that we should n't get	our hands	dirty	in this because we 're not sure which side is right
about Wok + Wine through a friend . " Getting	your hands	dirty	is messy and kind of sexy . It 's fun .
away from TRIA , why would they want to get	their hands	dirty	regulating insurance ? " The ABA Weighs In # Since 1989
a magician , not a wizard- you have to get	your hands	dirty	to achieve the impossible . # # ANGIER # You sound

Figura 84 – Amostra das linhas de concordância de *get one's hands dirty*

O fraseologismo *get one's hands dirty* ocorreu sistematicamente de maneira fixa em nosso *corpus* de estudo. Trata-se de uma expressão que pode ser interpretada e empregada tanto de maneira figurada quanto de maneira literal e ambas as leituras são produtivas, como mostram as linhas de concordância acima. Com o sentido literal de *sujar as mãos por conta de uma atividade tipicamente profissional*, temos enunciados como:

(103) *Rich met some museum volunteers eager to* ***get their hands dirty*** *at a dinosaur dig...*
(104) *...but we didn't want to* ***get our hands dirty*** *in the mill...*

Os enunciados mostram a leitura segundo a qual o uso da expressão denota o ato físico de tornar as mãos sujas em decorrência do trabalho físico respectivamente em uma *escavação* (103) e em um *moinho* (104). No entanto, como dissemos, a expressão pode ser empregada figurativamente com o sentido de *desempenhar uma função ou fazer uma tarefa desagradável.* Essa leitura é encontrada nas seguintes linhas de concordância apresentadas da Figura 83.

(105) *Living the gospel means* ***getting your hands dirty*** *and taking risks.*
(106) *[someone] is not able to roll up his sleeves and* ***get his hands dirty*** *dealing with the problems of everyday working men.*
(107) *Why would they want to* ***get their hands dirty*** *regulating insurance?*

4.4.8.2 *Get DET thing straight*

nominee anyway , let 's stop the bloodshed and get	this thing	straight	.	Of course , he 's saying this in his interest
. # FAIR GAME # EDITor -- Let 's get	one thing	straight	.	The spouse of a political candidate is fair game for
MR-SHIELDS : Okay , good point . Let 's get	one thing	straight	.	This poisonous attitude in this city David alludes to
run local stores out of business , let 's get	some things	straight	.	Wal-Mart may pay $11.11 per hour on average for
court -- Nancy ? GRACE : Let me just get	one thing	straight	.	Wasnt he put behind bars recently for going on a
went back . " # " But let 's get	this thing	straight	.	You had left , remember ? " # It annoyed
did they include -- heres where I want to get	some things	straight	...	WELCH : Yes . CAVUTO : ... the Trump hotel
LP . # 8 ESCORT Escort # Let 's get	one thing	straight	:	Disco never sucked . Disco is awesome - as this
to unleash an avalanche of water . Let 's get	one thing	straight	:	Playing the slots is n't smart . Flash floods are
War II history for 35 years . Let 's get	one thing	straight	:	The Iraq war and its subsequent occupation are not
by at least three security people . Let 's get	one thing	straight	:	you ca n't believe everything you may have read or

Figura 85 – Amostra das linhas de concordância de *get DET thing straight*

O fraseologismo *get DET thing straight* mostrou-se convencional em nosso *corpus* de estudo pela frequência com que ocorreu bem como pela fixidez estrutural exibida pela expressão, pois o único elemento de variação de toda a unidade fraseológica é o DET que antecede o substantivo *thing*. Em nossos dados, como podemos ver pela Figura 84, esse determinante pode se realizar como um pronome demonstrativo (*this*), um quantificador (*some*) ou um numeral (*one*). Embora seja uma expressão transparente (CRUSE, 1986) e previsível (TAGNIN, 2013), isto é, que pode ser interpretada por falantes da língua inglesa (nativos ou não) a partir do significado de suas partes, ela se mostra estrutural e semanticamente convencional quando é empregada pelos falantes em um contexto que pede o esclarecimento de dada situação. Como mostram as linhas acima, a expressão é comumente empregada no discurso oral e coocorre preferencialmente com *let's*. Sendo assim, *let's get one/this/some thing(s) straight* é usada pelos falantes como uma espécie de marcador conversacional para sinalizar o seu desacordo diante de uma situação bem como a necessidade de esclarecimento da mesma[109].

4.4.8.3 *Get SN ready*

star who coaches St. Thomas vaulters . " He gets	those kids	ready every year . " # While the pole vault is perhaps
. I listened to Debbie running around trying to get	the kids	ready for school in the dark . They ate cold cereal with
6:30 . " While the machines run , I get	the kids	ready for school , make breakfast , do car pool , "
homework and ... Ms-J-BARTMON : (Voiceover) And getting	the kids	ready for the next day ... Mr-R-BARTMON : (Voiceover) ... and
garbage can into the back of the car and got	the kids	ready to go . # The dump guy , this was how
as good as . But I think that really got	the kids	ready to make a run . " # Can they make a
he would get ready for work . I would get	my kids	ready , and he would take them to school and go to
with fruit and soy milk , and eat while getting	my kids	ready . " - Kathleen Allen , Evergreen , Colo. 8 .
his step he went through the revolving doors and got	his credit	card ready . # Thursday night would be easy . He and
a similar task with the original moonwalkers , getting	those guys	ready for the next mission ?) # Still , in conversations
. LIVING ROOM - NIGHT Suzie and Gideon are getting	the food	ready while Harry , wearing a shirt that looks like it is
affect our time together . " If you start getting	the food	ready , I 'll grab the picnic basket . You still keep

Figura 86 – Amostra das linhas de concordância de *get SN ready*

Get SN ready é um exemplo de fraseologismo resultativo frequente, porém analítico. Das 21 ocorrências da expressão em nossos dados, em 17 o SN caracteriza-se semanticamente por ser uma expressão com o traço [humano], com substantivos como

[109] Emu uma busca no COCA pela sequência *let's get DET thing(s) straight* o *corpus* gerou um total de 43 ocorrências. Esses números podem ser um indício da natureza fraseologica da expressao com *let's*.

kids e *guys*, que podem ser vistos na amostra de linhas de concordância acima (Figura 86), ou com os SNs *(another) child*, *(black) people*, *the children*, que ocorreram em nossos dados.

Com relação à natureza semântica da expressão, como mostraremos por meio da medida estatística de *atração*, o padrão [V] SN *ready* associa-se composicionalmente com *get* formando uma colocação possível e provável, mas com "concorrentes" fortes para a posição verbal do fraseologismo. Na verificação da frequência do padrão no COCA, a busca gerou um total de 363 ocorrências, das quais 159 foram preenchidas por *get.* O segundo item mais frequente na lacuna verbal desse fraseologismo foi *have* com 101 ocorrências. Essa "competição" entre *get* e *have* no eixo paradigmático pode ser vista como uma evidência da formação composicional da expressão, uma vez que o uso convencional dela não está restrito a um único item lexical para a função de predicado, mas sim por um verbo que contenha sentido de causação e/ou resultado subespecificado, isto é, tanto por *get* quanto por *have.*

4.4.8.4 *Get a word in edgewise*

. My allergies were acting up . I never got	a	word	in	edgewise when Beebo put on the moves . But I was
, like your boss , give up trying to get	a	word	in	edgewise -- this is a battle you ca n't win .
for more of the same . Hope you can get	a	word	in	edgewise . Bill an I will be here Sunday night for
Tyree was on a roll , and nobody could get	a	word	in	edgewise . When he got goin ' that way , all
he 's so revved that it 's hard to get	a	word	in	edgewise . It 's also hard to take him at face
n't know how you expect the poor girl to get	a	word	in	edgewise . You keep interrupting and asking questions , but
, you wonder how quarterbacks coach Wade Wilson gets	a	word	in	edgewise . It was purely a psychological ploy on my part
After Pawlenty walked in the room I could n't get	a	word	in	edgewise . He was talking about all manner of things with
Had he died of frustration because he could n't get	a	word	in	edgewise ? Or had he divorced her for a more docile
I said , Just nudge me when I can get	a	word	in	egdewise. ' ROKER : Oh , boy . It 's a
Was he waiting for them to go home to get	a	word	in	edgewise ? DANIEL SCHORR : Oh , I think , yeah
Had he died of frustration because he could n't get	a	word	in	edgewise ? Or had he divorced her for a more docile

Figura 87 – Amostra das linhas de concordância de *get a word in edgewise*

O fraseologismo *get a word in edgewise* ou *get a word in edgeways*[110] é uma expressão idiomática com fixidez estrutural quase absolutamente invariável, pois o único

[110] A diferença entre a expressão com *edgewise* e *edgeways* parece ser uma questão relativa à variedade de inglês a que nos referimos. O COCA, um *corpus* de inglês americano, gerou a expressão somente com a palavra *edgewise*. No entanto, a grande maioria dos dicionários *on-line* trazem as duas formas como possíveis, mas nenhuma menção é feita quanto a diferenças de significado e/ou regionais entre as duas formas da expressão. Em uma busca pela frequência absoluta das palavras *edgewise* e *edgeways* em dois *corpora*, um americano (COCA) e um britânico (BNC), tivemos a seguinte distribuição:

elemento mutável dentro de sua estrutura é o verbo, que pode ser declinável em diferentes tempos. O sentido figurado da expressão indica a tentativa de alguém de tomar o turno em uma conversa em andamento de modo a colocar a sua opinião ou ponto de vista. A ideia de *tentativa* faz parte do sentido conotativo da expressão, pois ela aponta para uma tarefa de difícil realização. Essa leitura pode ser averiguada pela presença de elementos como *I never..., trying to..., hope you can...*, *nobody could..., it's hard to...* e *I couldn't* que explicitam o tipo de contexto em que a expressão é empregada, isto é, em situações em que se tenta, diante de considerável dificuldade e/ou oposição, colocar o seu ponto de vista acerca de algo. Essa leitura torna-se clara por meio da seguinte linha de concordância extraída da Figura 87.

(108) *...don't know how you expect the poor girl to* ***get a word in edgewise****. You keep interrupting and asking questions...*

4.4.8.5 *Get SN in order*

(" I of ten find myself helping people	get	their life	back	in order	" or " I need someone to help me
it would be true . She just needed to	get	her life	back	in order	. She liked order . # She busied herself
time taking college courses and working , trying to	get	her life	in	order ,	marking the years in part by the single visit
and serve the AIDS cause , but time to	get	my life	in	order ,	really . My life is more together now than
told her he wanted to give her time to	get	her life	in	order .	# The 30-year-old mother last saw her sons '
, she said . Just a short stay to	get	her things	in	order ,	a summer job to earn a little ex'a money
. Sometimes they were about her personal life or getting		other things	in	order .	" Another coach discussed the importance of being
and -- and youre being told to -- to	get	her things	in	order .	How did things deteriorate so quickly and did that

Figura 88 – Amostra de linhas de concordância parciais para *get SN in order*

O fraseologismo *get things in order* ocorreu de maneira fixa em nossos dados. Esse fraseologismo é um caso prototípico de expressão formada com um argumento

	edgewise	*edgeways*
COCA	101	4
BNC	4	19

A observação das linhas de concordância a que esses dados se referem mostrou que parece haver uma preferência pela utilização de *get a word in edgeways* em inglês britânico, pois a distribuição da frequência das duas palavras nos *corpora* está balanceada se considerarmos o número total de palavras de um *corpus* e de outro. Em outras palavras, 101 ocorrências de *edgewise* é um número tão significativo em um universo de 450 milhões de palavras (COCA) quanto 19 ocorrências de *edgeways* são em um universo de 100 milhões de palavras (BNC).

oblíquo do tipo sintático SPrep, mas que demonstra função adjetiva. Isto é, embora *in order* seja introduzida por uma preposição, o que geralmente está associado com a função adverbial, essa expressão tem a função de caracterizar o estado de algo. Nas linhas de concordância acima (Figura 88) a ideia de mudança de estado experienciada pelo objeto paciente das Construções, que nesses casos são respectivamente as palavras *life* e *things*, fica-nos evidente por meio da utilização de *(back) in order*. Essa mudança de estado pode ser confirmada ao pensarmos nas possíveis *pressuposições* (GOLDBERG, 1995) que uma sentença como (109).

(109) *She just needed to* ***get her life back in order****.*
(→ her life was not in order)
(→ her life is OK now)

As pressuposições acima mostram que o fraseologismo tem de fato uma leitura resultativa em que *(back) in order* expressa o resultado de uma mudança de estado pela qual passou o argumento paciente que, nesse caso, se realiza com o SN *her life.*

4.4.8.6 *Get SN in trouble*

! S-BENTON : ... I am not trying to get	more people	in	trouble	.	! M-BENTON : Yes , (EXPLETIVE
! M-BENTON : Just always trying to get	more people	in	trouble	.	! S-BENTON : But , Matt ...
! S-BENTON : ... Im not trying to get	more people	in	trouble	.	! M-BENTON : (EXPLETIVE DELETED)
We could n't . All we could do was get	our people	in	trouble	.	The objective of getting the Iraqi army out of
the hell do you all have to want to get	more people	in	trouble	?	! S-BENTON : Matt , we do
preschool . ' " The goal is n't to get	the kid	in	trouble	but	to give her mom a heads-up that she 's

Figura 89 – Amostra das linhas de concordância de *get SN in trouble*

A mesma análise feita para *get SN in order* é aplicável a *get SN in trouble*, pois assim como na expressão anterior, esse fraseologismo estrutura-se com um SPrep com função adjetiva. O interessante, nesse caso, refere-se ao contraste entre as preposições *in* e *into.* Como disseram Tyler e Evans (2003), o contraste entre *in* e *into* está justamente no

fato de *in* ter perdido, na sincronia, a sua função de orientação e movimento, funções essas que passaram a ser desempenhadas por *into*. Segundo os autores, com essa mudança, o uso de *in* restringiu-se à denotação da localização de um determinado objeto em um espaço. Ao adotarmos a metáfora conceitual proposta por Goldberg (1995) que caracteriza *estado* como sendo um espécie de *local*, é compreensível que os dados tenham gerado o fraseologismo com a preposição *in (get SN in trouble)* e não com *into (get SN into trouble),* pois *in trouble* denota o estado no qual o objeto *paciente* se encontra e não o movimento (físico ou figurado) ao qual é submetido. Entretanto, é importante salientarmos que *get SN into trouble* também é um fraseologismo possível, pois ocorreu em 1 enunciado de nossos dados.

Na próxima seção mostramos os índices de *atração* e *dependência* dos fraseologismos discutidos até o momento.

4.4.9 Atração e dependência nos fraseologismos resultativos

As medidas de atração e dependência aplicadas nos fraseologismos com estrutura sintática e semântica resultativas gerou os índices que podemos ver nas Tabelas 36 e 37.

Tabela 36 – Cálculo estatístico da *atração* de *get* em relação aos fraseologismos com leitura resultativa no COCA[111]

Fraseologismo	Freq. do padrão	Atração	Fraseologismo	Freq. do padrão	Atração
get one's hands dirty	181	99,44%	get a word in edgewise	54	96%
get DET thing straight	70	87,14%	get SN in trouble	92	39,13%
get SN ready	363	43,80%			

[111] Nessa tabela não incluimos a análise de atração para o fraseologismo *get SN in order* por razões relativas à busca no COCA. Embora a busca para o fraseologismo gere os resultados de acordo com a especificação que colocarmos ([V] + [SN] + *in order*), os dados gerados incluem construções em que *in order* é uma conjunção de propósito e não um sintagma preposicional com função adjetiva. Por exemplo, a busca pelo padrão com *in order to* gerou uma lista dos seguintes padrões na ordem de frequência: *get things in order*, *put things in order* e *raise taxes in order*. Entretanto, ao observarmos, por exemplo, as linhas de concordância de *raise taxes in order*, nos deparamos com o seguinte tipo de enunciado:

i. *Would you be willing to raise taxes* ***in order to*** *help pay for this?* [2007/SPOK]

O mesmo ocorre com uma série de outros padrões que também foram trazidos pela busca (eg. *use force in order, take risks in order* etc.). Uma alternativa para essa busca seria a inclusão de um ponto final depois do SPrep. *in order*, mas essa busca (que também fizemos) gera resultados muito restritos que não são representativos da produtividade da expressão linguística em questão.

Tabela 37 – Cálculo estatístico da *dependência* de *get* em relação aos fraseologismos com leitura resultativa (Frequência total de *get* no *corpus*: 9.210)

Fraseologismo	Freq. de *get* no padrão	Depend.	Fraseologismo	Freq. de *get* no padrão	Depend.
get one's hands dirty	50	0,54%	get a word in edgewise	13	0,14%
get DET thing straight	32	0,34%	get SN in order	9	0,09%
get SN ready	21	0,22%	get SN in trouble	6	0,06%

Os índices de *atração* separam os fraseologismos resultativos em dois grupos claramente distintos. O primeiro grupo é composto pelas expressões *get one's hand dirty, get a word in edgewise* e *get DET thing straight*, com índices de *atração* dos padrões fraseológicos sobre *get* acima de 87% em todos os casos, chegando 99,44% para *get one's hand dirty*. Esses números mostram o alto nível de associação dos padrões em relação a *get*, isto é, mostram que as expressões formadas com esse item verbal são percebidas pelos falantes como expressões linguísticas convencionais, produtivas e recorrentes. Além disso, as variáveis quantitativas que caracterizam essas expressões, isto é, frequência absoluta baixa e alto índice de *atração*, também reforçam os comentários feitos nas seções anteriores em que discutimos o alto nível de idiomaticidade (figurativização, fixidez estrutural, recorrência e unicidade semântica) dessas três expressões.

O segundo grupo é formado pelas expressões *get SN ready* e *get SN in trouble* que mostraram respectivamente 43,80% e 39,13% de índices de atração. Embora não sejam tão fortemente associados com *get,* principalmente em comparação com os demais fraseologismos, os padrões exercem um nível de *atração* considerável sobre o verbo dada a natureza desses fraseologismos. Isto é, nesses casos as expressões parecem ser formadas a partir de processos de combinatoriedade livre e analítica de palavras (WRAY, 2002). No entanto, dada a definição de fraseologismo e de Construções que estamos utilizando nesta pesquisa, a frequência e recorrência de um item linguístico, mesmo daqueles formados a partir de mecanismos de formação livre de palavras, é suficiente para caracterizar uma expressão como unidade fraseológica.

Com relação à medida de *dependência*, os índices continuam a caracterizar *get* como sendo altamente produtivo em diferentes contextos construcionais.

Assim como fizemos para a categoria de Construções Transitivas, na próxima seção discutiremos as relações existentes entre as Construções Causativas, de Movimento Causado e Resultativas.

4.4.10 Relações entre Construções com sentido de causa

Na seção 4.3.11 demonstramos, com base em Goldberg (1995), as principais relações construcionais mantidas entre as Construções Transitivas com especial referência aos principais sentidos licenciados e aos fraseologismos que instanciam cada construção gramatical. Aqui faremos a mesma discussão, aplicando a ideia de redes construcionais às construções com sentido geral de causa.

Como vimos pela análise dos dados, as Construções de *get* com sentido de causa em nosso *corpus* de estudo compreendem três sentidos gerais: *fazer alguém fazer algo* (Causativas), *fazer algo ou alguém mover* (Movimento Causado) e *fazer alguém se tornar algo* (Resultativa). Ademais, essas construções demonstram uma série de estruturas sintáticas e fraseológicas que licenciam esses sentidos, como vimos na análise feita ao longo da seção 4.4. Vejamos na Tabela 38 as Construções analisadas até então de maneira resumida.

Tabela 38 – Resumo das Construções com sentido de causa com *get*

Construção	Representação Semântica	Estrutura Sintática
Causativa Analítica com particípio passado	X CAUSA Y A SER REALIZADO (Sujeito: agente volitivo)	Suj V Obj $V_{part.pass.}$ *He got his job done in time.*
Causativa Analítica com *-ing*	X CAUSA Y A AGIR (Objeto: paciente)	Suj V Obj $V_{part.pres.}$ *We have to get this thing going*
Causativa Analítica com infinitivo	X CAUSA Y A FAZER Z (Objeto: paciente$_{[+anim]}$)	Suj V Obj $V_{inf.}$ *She got her kids to eat healthily*
Movimento Causado	X CAUSA Y A SE MOVER (PARA) Z (Argumento oblíquo com leitura de movimento)	Suj V Obj Obl *We are hoping that the internet will get more people into the stores.*
Resultativa	X FAZ Y SE TORNAR Z (Argumento oblíquo (SAdj ou SPrep) com leitura de estado)	Suj V Obj $Obl_{SAdj/SPrep.}$ *While the machines run, I get the kids ready for school…*

Lembramos que, de acordo com a visão da GCC (GOLDBERG, 1995, 2006), a língua é vista como um inventário de Construções que se relacionam em redes construcionais. No caso das Construções em que *get* ocorre com a leitura geral de causa, os dados de nosso *corpus* de estudo, assim como as análises feitas até então, nos possibilitam hipotetizar uma rede construcional para *get* com sentido geral de causa. Entretanto, cabe ressaltarmos que as Construções se relacionam umas com as outras de maneira que uma Construção mais complexa pode herdar (parte de) sua estrutura sintática ou semântica de uma Construção mais central e básica, isto é, de uma Construção que represente uma cena mais básica da experiência humana (FILLMORE, 1982). Uma outra característica importante das relações mantidas entre as Construções refere-se aos seus diferentes níveis de complexidade simbólica (LANGACKER, 2013). Essa complexidade pode ser relativa tanto à forma quanto ao significado de expressões que estão associadas.

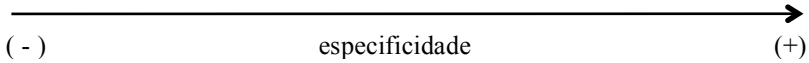
Em nosso *corpus* de estudo verificamos os seguintes sentidos para as Construções de *get* com sentido geral de causa:

i. Causativa analítica → sentido: *fazer alguém fazer algo (sentido geral)*
ii. Movimento Causado → sentido: *fazer alguém ou algo mover para /sobre algum lugar*
iii. Resultativas → sentido: *fazer alguém ou algo se tornar algo*

Vemos acima que, por se tratar de Construções Causativas, os sentidos das Construções são compostos por dois predicados, como discutimos na seção 4.4 (exemplo (46)). Contudo, em todos os casos os predicados de causa são representados da mesma maneira, isto é, *fazer alguém ou algo*. A diferença entre os sentidos apresentados encontra-se somente no segundo predicado.

Em termos semânticos, os segundos predicados em cada um dos sentidos acima podem ser categorizados da seguinte maneira:

(110) *fazer algo > mover para/sobre algum lugar > tornar-se algo*



(-) especificidade (+)

A categorização acima adota a ideia de que o sentido geral do segundo predicado das Causativas Analíticas (*fazer algo*) é semanticamente menos específico, ou inversamente mais geral, do que *mover para/sobre algo,* pelo simples fato de que *mover* é uma ação mais específica que *fazer algo.* Da mesma maneira, *tornar-se algo* é analisado como um tipo mais específico de *movimento* por Goldberg (1995), que adota a metáfora conceitual de que *mudança de estado também é mudança de local.*

Portanto, pelos motivos apresentados acima, entendemos que uma Construção Analítica com sentido geral de *fazer alguém fazer algo* serve como *input* sintático e semântico tanto para as Causativas Analíticas mais específicas quanto para a Construção de Movimento Causado, como mostra a matriz abaixo:

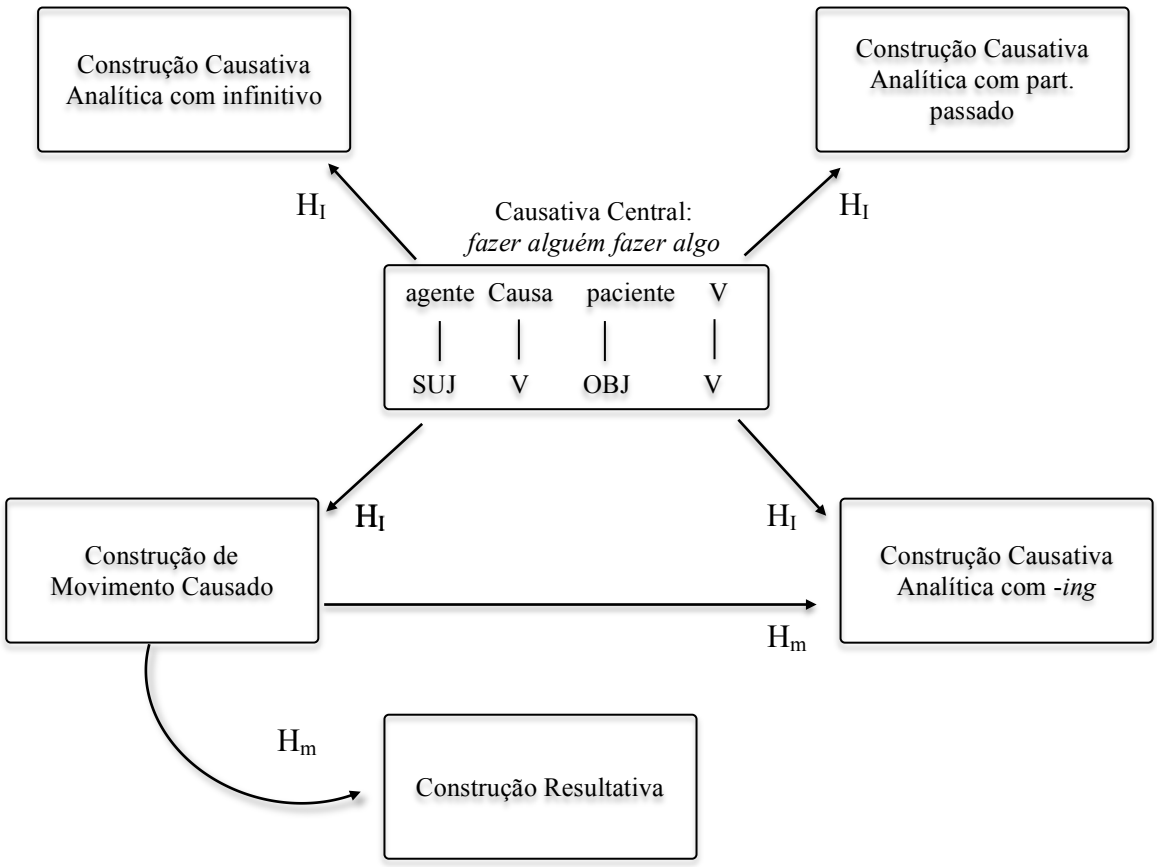


Figura 90 – Proposta de matriz de uma rede construcional de causativas com *get*

As Construções Causativas Analíticas mais específicas bem como as Construções de Movimento Causado relacionam-se com a Construção Causativa central por meio de relações de herança por *laços de instanciação* (H_I). Dessa forma, construções como a analítica com *-ing*, por exemplo, herdam dessa Construção central e dominante grande parte de sua estrutura sintática. Quanto à sua semântica, como discutimos na seção referente a essa Construção, nas Analitícas com *-ing* o segundo predicado é interpretado como uma espécie de movimento figurado ou físico, assim como ocorre com as Construções de Movimento Causado. Por esse motivo, a analítica com *-ing* pode ser analisada como tendo parte de sua estrutura, neste caso a semântica, herdada das Construções de Movimento Causado. Portanto, no caso da Construção Causativa Analítica com *-ing*, temos um caso de heranças múltiplas, assim como ocorre com as Existenciais com *got.*

Embora herdem da Construção Causativa central a sua estrutura, as Construções Analíticas mais específicas são Construções independentes, pois a diferença sintática entre elas é o que, em parte, lhes confere esse *status*, segundo o *princípio de não-sinonímia*. No caso das resultativas, adotamos a visão de Goldberg (1995, 2006), segundo a qual essas construções herdam parte de suas propriedades sintáticas e semânticas das Construções de Movimento Causado, que são construções mais concretas e básicas que as resultativas.

Até o momento, tratamos de dados similares no que tange à transitividade. Isto é, embora a análise tenha coberto transitivas e causativas, ambos tipos de Construções são similares no que se refere ao aspecto da transitividade. Nas próximas seções, traremos a análise dos últimos dois conjuntos de dados que ocorreram em nosso *corpus* de estudo e que são diferentes daqueles apresentados até agora quanto à questão da transitividade. Trata-se das Construções Intransitivas de Movimento e das Construções Bitransitivas. Pelo baixo número de ocorrências total no *corpus* (476 para as intransitivas de movimento e 66 para as bitransitivas), apresentaremos as duas Construções de maneira breve.

4.5 Construções Intransitivas de Movimento

Superficialmente discutidas em Goldberg (1995, 2006), as Construções Intransitivas de Movimento são comumente descritas na literatura sob a perspectiva dos verbos que lhe servem de núcleo e das preposições regidas por esses verbos, levando o nome de construções com *verbos preposicionais* (QUIRK et al., 1985; CARTER; McCARTHY, 2006) ou *coligações verbais* (TAGNIN, 2013). No entanto, como mostra Goldberg (1995), as Construções exibem uma leitura semântica própria independente dos itens lexicais que as instanciam. Desse modo, as Construções Intransitivas de Movimento são descritas como estruturas em que X MOVE (PARA/SOBRE) Y, independentemente do verbo que preenche a lacuna do predicado na Construção ou do tipo de preposição que introduz o argumento que designa o percurso (Y). Essa leitura própria à construção é confirmada com dados como (111) abaixo em que a sentença claramente tem uma leitura de movimento.

(111) *The fly buzzed into the room*.

(GOLDBERG, 1995, p. 3)

A leitura de movimento não pode ser inteiramente atribuída ao verbo *buzz*, pois a semântica do verbo especifica somente o som emitido por insetos como mosquitos e abelhas e não o movimento realizado. Entretanto, ao se fundir com a Construção Intransitiva de Movimento com um argumento explícito que designa percurso, o verbo pode ser interpretado como um predicado de movimento que também expressa o som que é produzido.

Em nosso *corpus* de estudo, as Construções Intransitivas de Movimento realizaram-se com uma gama de preposições e fraseologismos que descreveremos nas seções seguintes com a discussão das principais unidades fraseológicas que ocorreram em nossos dados.

4.5.1 Fraseologismos intransitivos com leitura de movimento

Ao observarmos os dados na parte referente às Construções Intransitivas de Movimento, 9 expressões recorrentes foram selecionadas em nosso *corpus* de estudo por demonstrarem um comportamento fraseológico. Vejamos a distribuição dessas expressões na Tabela 39.

Tabela 39 – Fraseologismos de *get* intransitivo com leitura de movimento com base em 476 enunciados

Fraseologismo	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Fraseologismo	Freq. Abs.	Freq. Rel.
get in trouble	132	27,73%	get the hell out of here	30	6,30%
get into trouble	104	21,84%	get into SN	27	5,67%
get under way	70	14,70%	get to SN	23	4,83%
get the hell SPrep	31	6,51%	get off work	11	2,31%
Total:				428	89,91%

Como mostra a tabela acima, 89,91% dos dados com leitura Intransitiva de Movimento ocorreram em padrões sentenciais fixos e/ou semi-fixos, ao passo que 29 enunciados (10,09%) ocorreram segundo o padrão *get* + SPrep com um número variado de preposições que não formaram um conjunto fixo em termos de recorrência. Nas seções seguintes descreveremos os fraseologismos separadamente, como temos feito até o momento.

4.5.1.1 *Get in/into trouble*

save all the toys , so I guess Woody get	in trouble	and Buzz Lightyear has to save him . COOPER : I 'm
ago that said one of the great predictors of getting	in trouble	and ending up in prison is if you have a father or
acts of indiscretion . This is a man who got	in trouble	and had made many mistakes . But a woman came along in
It Takes to Pull Me Through : Why Teenagers Get	in Trouble	and How Four of Them Got Out by David L. Marcus (
in his use of power . So when Murdoch got	in trouble	and made the phone call to his political supporters here , the
to us , " and " Like when you get	in trouble	and the teacher just says something nice to you , " were
she started doing all these other things and started getting	in trouble	and then got expelled out of school , and she 's really
back Tra Battle said . " People would just get	in trouble	and trouble and trouble . ... I can tell that punishments are
: It reminds of that AIG thing when they got	in trouble	and -- for going on that big extravagant trip . GIFFORD :
surance companies . And if enough insurance companies get	in trouble	around here , and if the demands get too large , those

Figura 91 – Amostra das linhas de concordância de *get in trouble*

Como discutimos anteriormente, segundo Tyler e Evans (2003), o inglês moderno conta com uma distinção clara de uso para as preposições *in* e *into*, sendo a primeira

usada para designar a localização de um objeto em dado espaço e a outra para explimir o movimento de algo para dentro de um espaço. Contudo, assim como ocorreu com algumas Construções de Movimento Causado, *in* parece exercer também a função de movimento, dado o contexto construcional em que ocorre.

No caso do fraseologismo *get in trouble*, aqui analisado como uma instância fraseológica de uma Construção Intransitiva de Movimento, o SPrep *in trouble* é visto como o estado, isto é, um *espaço figurado* segundo a ideia de Goldberg (1995), em que entrou o argumento tema representado pelo sujeito gramatical da Construção e essa análise mantém-se inalterada, independente de termos *in trouble* ou *into trouble*, como mostram as linhas de concordância abaixo.

into the locker room . Mr. BRINKLEY : -who get	into trouble	by going into the locker rooms- Mr. DONALDSON : Women
an economic model . This is where people have gotten	into trouble	by overinterpreting the mandate to use economic analysis . #
're suggesting , getting to kids before they start getting	into trouble	by simply changing the schools from the ground up ? YUREK :
between rocks and get trapped . " Most people get	into trouble	by trying to stand in the current , " Mr. Dickert says
hours would be enormous , and you could really get	into trouble	cutting patterns and positioning each one exactly right . "
mistakes ex post . An emerging market country that gets	into trouble	does not need the ministrations of the IMF to overcome its
house ? Some people , of course , have gotten	into trouble	doing that over time and used up the equity in their homes
There are two ways for a mobile-home company to get	into trouble	during a boom phase . One is to get too big ,
told us , " Fifty years ago , I got	into trouble	during Sunday dinner doing this . " Then , at my son
also knew when to compromise , and when he got	into trouble	early in his second term , he reached out for help ,

Figura 92 – Amostra das linhas de concordância de *get into trouble*

Em outras palavras, *trouble* é visto como o resultado de uma mudança de estado ao qual o sujeito gramatical se submeteu independentemente de ser precedido de *in* ou *into*. Ademais, essa perspectiva de variação entre as duas preposições para esse fraseologismo é respaldada pela ausência de uma distribuição estatística significativa entre os fraseologismos com *in,* que ocorreram em 132 enunciados, e aqueles com *into*, que ocorreram em um número muito próximo de vezes, isto é, em 104 enunciados.

4.5.1.2 *Get under way*

ago . # When the America 's Cup match gets	under way	this weekend , Cayard , the 32- year-old San Francisco-born
specific genes . But the debate did n't really get	under way	until 1991 , when Craig Venter , a scientist at the National
The much-anticipated murder trial will not get	under way	until later this year , and Mack 's attorneys say they 'll
Union forces . # 1866 # Chartered banking institutions get	under way	with the founding of First National Bank . # July 14 ,
that despite the fact the inspectors are now getting	under way	with their work , Iraq still does n't trust the United States
, when the world 's most massive physics experiment gets	under way	within a 17-mile ring spanning the French-Swiss border . Inside
Washington , DC-area sniper shootings . As that trial got	under way	yesterday in Chesapeake , Virginia , 15 miles away in Virginia
, like roller-furling sails for quickness in getting	under way	, a forward cockpit for visibility , water-ballast tanks for
communism to capitalism . # As the campaign got	under way	, a key adviser to Finance Minister Leszek Balcerowicz , the
studies and in an AOMT study that has just gotten	under way	, a new protocol was implemented that involves not just the

Figura 93 – Amostra das linhas de concordância de *get under way*

O fraseologismo *get under way,* também encontrado como *get underway* em alguns dicionários *on-line*, ocorreu de maneira sistematicamente fixa em nossos dados. Seu sentido idiomático, que pode ser parafraseado por verbos como *commence, begin* ou pela ideia de *start to take place*, pode ser inferido por meio da leitura de algumas linhas de concordância na Figura 93, como em *But the debate didn't really* ***get under way*** *until 1991...*

Assim como ocorre em *get in/into trouble*, *get under way* é empregado em contextos gramaticalmente intransitivos em que um sujeito afetado dá início a determinada atividade expressa pelo SPrep *under way.*

4.5.1.3 *Get the hell Part/out of here*

! # SHOTGUN # Yo . You two , get	the hell	away from there ! But they ignore him and disappear into the
. # JIM # You got thirty seconds to get	the hell	away ! Jim and the others wait , but there 's no
yells at his men to finish the job and get	the hell	away . The BIG TRUCKS ARRIVE . PUMPER ENGINE and Frank 's
storm out of the south and encourages everybody to get	the hell	back to work before he starts taking names . Midway through the
, get him on that pony and tell him get	the hell	home , was what he needed to do . He would keep
angry and remind you to finish the job and get	the hell	home . But you know the best thing about pain ? #
pouring from every inch of our skins . " Get	the hell	in ! " Unc said with unaccustomed ferocity . # I had
have about thirty seconds before she tells them to get	the hell	off her property . Best not to fuck with Dr. Archer -
of me if I did n't pack up and get	the hell	off his property . This , I might add , from a
Hey , Yayo ? You gon na smoke , get	the hell	off my seventy-bucks-a-yard carpet . Yayo steps out on to the

Figura 94 – Amostra das linhas de concordância de *get the hell SPrep*

O SN *the hell* já ocorreu em nossos dados de maneira similar ao modo como é empregado nos fraseologismos que discutimos nesta seção. Nas linhas de concordância exemplificadas acima, o SN funciona como um intensificador do modo como o movimento ocorreu, pois os padrões com leitura de movimento mostrados na Figura 94

são respectivamente *get away from, get back to, get home, get in, get off her/his property*. Isto é, em todas as linhas o SN *the hell* pode ser eliminado sem que o sentido original se perca.

O mesmo, no entanto, não pode ser dito de *get the hell out of here,* que ocorreu invariavelmente dessa maneira, com itens lexicais específicos. Fraseologismos como esse reforçam a perspectiva de que padrões formados a partir de mecanismos completamente analíticos (GOLDBERG, 1995; WRAY, 2002; BYBEE, 2006) podem ser instanciações lexicais de Construções desde que a frequência de uso seja alta.

The more we play along the faster we 'll get	the	hell	out	of	here . # DENISE # Really , now is not
. I think we should leave this gold and get	the	hell	out	of	here . Everything so far fits the story exactly .
get in the damn car , and let 's get	the	hell	out	of	here . " He looked at his watch as if
specific victim , I 'll forget the house and get	the	hell	out	of	here and not look back # He tried not to
Man 1 : Hillary Clinton . Woman 2 : Get	the	hell	out	of	here . Did she really ? Woman 3 : I
my gear and hike to the Dominican Republic and get	the	hell	out	of	here . TED KOPPEL : voice-over What is the mission
to argue . " Mike said , " Then get	the	hell	out	of	here , Rosa . Do n't risk yourself and everyone
, " she said , " or you can get	the	hell	out	of	here . " magazines . By late the next day
they 're burning out . WILLIAM Let 's just get	the	hell	out	of	here . GREGOR Let 's hold on a moment .

Figura 95 – Amostra das linhas de concordância de *get the hell out of here*

4.5.1.4 *Get into/to SN*

think so . But I do n't understand what gets	into	people	anyway . I guess he just wanted to do it . "
had to shut . Flu and arthritis break out-damp get	into	people	head and feet . # Later , the papers print : #
GEIST : (Voiceover) What do you suppose gets	into	people	in Vegas ? Why Elvis ? RENEE-1New-Bride : Why not ? He
7,000 feet . # " Once an ancient mariner got	into	water	beyond visual depth , he did n't know how deep it was
how ammonia and a lye -- type cleaning agent got	into	water	from six bottles of Poland Spring , Perrier , and Aquafina sold
is the time that God intended for me to get	into	things	and explore other aspects of my creativity , then it 's the
but you 're pushing me away . You 're getting	into	things	here that are scaring me to death . I 'm not sure
load on forced marches . " You have to get	into	things	in captivity so your brain does n't eat you alive , "
'm jumping around . I -- I want to get	into	things	in -- in more depth as we -- as we -- as

Figura 96 – Amostra das linhas de concordância de *get into SN*

a lousy job of that . CONAN: We 'll get	to	calls	in just a moment . 800-989-8255 . Email : talknpr.org But Ruben
overnment intervention right now , particularly when we get	to	things	like executive compensation , they just approved a couple of
on-line ? I mean , ca n't other people get	to	things	on your database if you 're on-line ? " " Yeah ,
in the smallest of things . And when you get	to	things	that are high profile , such as what happened to Richard ,
Many centers are offering hourly rates so parents can get	to	job	interviews and get back to work , " said White . #
days , Saturday 's first order of business was getting	to	people	stranded , injured or perhaps killed by the storm . The rescue
in order to get copies of everything we 've gotten	to	people	that are traveling. HANSEN : Hmm . And where are they gon
mirror ; here 's nothing . # When you get	to	Point	B , the adrenaline rush is so strong that you feel too
, " All right ! " before he can get	to	point	No. 2 . # On this Saturday of campaigning around the Nashville

Figura 97 – Amostra das linhas de concordância de *get to SN*

Diferentemente de alguns dos dados que ocorreram na categoria intransitiva, os padrões exemplificados acima foram selecionados por conta da sistematicidade em que as mesmas preposições *into* e *to* ocorreram em uma relação com *get.* Como mostram as Figuras 96 e 97 com linhas de concordância para as duas preposições, *into* e *to* formam coligações com *get* em que as preposições são responsáveis pela introdução do argumento que designa o persurso para o qual os sujeitos se direcionam.

No caso de *into,* o movimento denotado pode ser físico como em *...the ancient mariner got **into water**...* ou figurado, como em *What do you suppose gets **into people** in Vegas?* Há ainda três ocorrências da expressão *get into things*, que é empregada com o sentido de *abordar tópicos e assuntos*. Esse sentido também pode ser lido em algumas instâncias de *get to,* como podemos ver em *...when we **get to things** like executive compensation...* Outros sentidos possíveis para a sequência formada por *get* e *to* são *lidar com (...when you **get to** things that are high profile...)* e *chegar* ou *ter acesso a (...so parents can't **get to** job interviews and get back to work...; ...when you **get to** point B...; Saturday's first order of business was **getting to** people stranded, injured or perhaps killed by the storm).*

4.5.1.5 *Get off work*

the Relais -- usually around six-ten , after she got	off work	at the store . She was happy to find him there every
stay up until about 3:00 a.m. , once I get	off work	late at night , and I usually do homework or whatever .
me breathe . # He waited for me to get	off work	, and we walked , just walked round the town , me
child 's school play when it 's difficult to get	off work	, or being honest and ethical in the face of someone 's
, the three of us , when we would get	off work	, would go do something together or hang out .
a survival tactic . # " I think about getting	off work	, " says Jones . " And then I think about retirement
mysterious appearance . Every day , right after he got	off work	-- unless there was a pressing reason to get home to his
Bridge Road : A drugstore employee who had just gotten	off work	about 7:30 p.m. on Nov. 7 realized her day was going downhill

Figura 98 – Amostra das linhas de concordância de *get off work*

Assim como *get the hell out of here*, o fraseologismo *get off work* é mais um exemplo de padrão formado por meio de processos puramente analíticos, mas cuja fixidez demonstrou o *status* fraseológico da expressão. Isto é, embora o SN *work* possa ser facilmente substituído por outras expressões nominais, os dados mostraram uma relação

forte de colocação entre *get off* e a palavra *work*, como mostrarão os índices de *atração* na seção seguinte.

4.5.2 Atração e dependência nos fraseologismos intransitivos de movimento

Os índices de *atração* e *dependência*, sobretudo a medida de *atração*, mostram que nos fraseologismos intransitivos com leitura de movimento recorrentes em nosso *corpus* de estudo, *get* é o verbo preferencialmente selecionado para a lacuna verbal dos fraseologismos. Vejamos os dados abaixo.

Tabela 40 – Cálculo estatístico da *atração* de *get* em relação aos fraseologismos intransitivos com leitura de movimento no COCA[112]

Fraseologismo	Freq. do padrão	Atração	Fraseologismo	Freq. do padrão	Atração
get in trouble	1337	95,66%	get the hell SPrep	549	99,08%
get into trouble	1343	74,01%	get the hell out of here	209	98,56%
get under way	781	93,21%	get off work	185	95,13%

Tabela 41 – Cálculo estatístico da *dependência* de *get* em relação aos fraseologismos intransitivos com leitura de movimento (Frequência total de *get* no *corpus*: 9.210)

Fraseologismo	Freq. Crua	Freq. Rel.	Fraseologismo	Freq. Crua	Freq. Rel.
get in trouble	132	1,43%	get the hell out of here	30	0,32%
get into trouble	104	1,12%	get into SN	27	0,29%
get under way	70	0,76%	get to SN	23	0,24%
get the hell SPrep	31	0,33%	get off work	11	0,11%

Ao tomarmos *get in trouble* como exemplo, vemos que o padrão *[V] in trouble* demonstra uma frequência absoluta alta no COCA (1343 ocorrências). Entretanto, esse número não reduziu a porcentagem de preferência do padrão sentencial por *get* para a posição de predicado. Em todos os demais, a medida gerou resultados altos que confirmam *get* como a escolha convencional dos padrões para a lacuna verbal.

[112] A medida estatística de atração não foi aplicada aos padrões [*V] to SN* e *[V] into SN* por restrições impostas pela estrutura do próprio COCA. A busca gerou um número muito alto de ocorrências que não é disponibilizado para visualização.

4.6 Construções Bitransitivas

As Construções Bitransitivas, também chamadas de Construções de Objeto duplo (EVANS; GREEN, 2006), exibem uma leitura semântica básica de TRANSFERÊNCIA que está convencionalmente associada à forma sintática [SUJ [V OBJ_1 OBJ_2] em expressões como (110) na língua inglesa.

(112) *Sally baked her sister a cake*.

(GOLDBERG, 1995, p. 141)

Como argumenta Goldberg (1995), o argumento alvo (*her sister*) deve ser um recipiente animado e esse argumento é sintaticamente associado a um objeto nominal e não preposicional, como ocorre em outras construções de semântica similar como as Construções Dativas (*Sally gave a gift* ***to her sister***) e Benefactivas (*Sally baked a cake* ***for her sister***). O segundo objeto deve ser um tema que sofre a transferência oriunda de um sujeito agente e volitivo. Essa volição é apreendida pelo tipo de TRANSFERÊNCIA que Goldberg identifica nas Bitransitivas, isto é, a de uma TRANSFERÊNCIA INTENCIONAL. Em outras palavras, o enunciado em (112) deixa claro que *Sally* fez um bolo com a intenção de dá-lo a sua irmã. No entanto, o enunciado (112) não pressupõe uma *transferência realizada* (do inglês *actual successful transfer*), mas sim somente a intenção de transferência do objeto *a cake* para o recipiente *her sister.*

Em nossos dados, a Construção Bitransitiva ocorreu em um conjunto de 66 enunciados que exibiram a maioria das propriedades salientadas para as Bitransitivas centrais, como mostram as sentenças abaixo, retiradas de nosso *corpus* de estudo.

(113) *You know, I fight to* ***get that kid access*** *to a playground*. [2000/ACAD]
(114) *Welcome to the Fowlburg. Can I* ***get you guys something****?* [2011/FIC]
(115) *The morning is about* ***getting the kids some fuel*** *for the day*. [2005/MAG]
(116) *Explain how that* ***gets you votes*** *in Pennsylvania, Karl*. [2008/SPOK]

Em termos sintáticos, os enunciados acima demonstram estar em conformidade com as propriedades linguísticas que identificam as Construções Bitransitivas centrais. No entanto, ao observarmos as sentenças com maior atenção, notamos que, diferentemente de (112), os enunciados com *get* podem pressupor uma *transferência intencional e realizada*. Em (113), por exemplo, a sequência *I fight to get that kid access to a playground* pressupõe a seguinte ideia: *that kid gets access to a playground.*

As 66 sentenças com estrutura bitransitiva em nosso *corpus* de estudo ocorreram com as especificações linguísticas discutidas acima, mas diferentemente das demais Construções, não houve ocorrência de expressões linguísticas recorrentes que pudessem ser caracterizadas como unidades fraseológicas convencionais.

4.7 Em resumo

Neste capítulo submetemos os dados de nosso *corpus* de estudo a uma categorização semântica com base nas Construções de estruturas argumentais propostas por Goldberg (1995, 2006). Os 9.210 enunciados, extraídos randomicamente do COCA, foram categorizados e analizados sob duas perspectivas, ou seja, sob a perspectiva dos tipos de Construções a que os enunciados pertenciam e de quais expressões linguísticas instanciaram cada Construção com fraseologismos recorrentes e convencionais.

A análise traçou um mapeamento construcional de *get* revelando os contextos sintáticos e semânticos em que o verbo ocorre de maneira produtiva. Isto é, a análise dos dados mostrou que *get* ocorreu, respectivamente na ordem do mais frequente para o menos frequente, nas seguintes Construções gramaticais: 1) Construções Transitivas com sentido de *obtenção, recebimento, posse, existencial, entendimento* e *propósito;* 2) Construções Causativas Analíticas de três tipos: *de particípio passado, com -ing* e *de infinitivo*; 3) Construções de Movimento Causado; 4) Construções Resultativas; 5) Construções Intransitivas de Movimento; e 6) Construções Bitransitivas. Em cada Construção, os fraseologismos mais recorrentes foram submetidos a uma análise qualitativa com amostras de linhas de concordância da expressão seguidas de um breve comentário analítico. Posteriormente, os dados foram submetidos a uma análise quantitativa com as medidas estatísticas de *atração* e *dependência* para mostrar o nível de

convencionalidade das unidades fraseológicas. Por fim, ao final de cada conjunto de Construções, discutimos as relações entre as estruturas salientando as suas relações de herança e suas principais propriedades linguísticas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

> "But can't the meaning of a word that I understand fit the sense of a sentence that I understand? […] Of course, if the meaning is the use we make of the word, it makes no sense to speak of such 'fitting'."
>
> – LUDWIG WITTGENSTEIN –

Na Introdução desta dissertação, apresentamos a problemática que envolve a delimitação precisa dos sentidos que um verbo altamente polissêmico como *get* pode ter bem como a importância que o contexto sentencial tem na especificação desses sentidos. Com base nisso, nos propusemos descrever os possíveis sentidos que esse item lexical é capaz de exibir com base em dados da língua em uso, por meio do aporte metodológico da Linguística de *Corpus* (McENERY; HARDIE, 2012) e da Gramática de Construções Cognitiva (GOLDBERG, 1995, 2006).

Para tanto, necessitávamos de perguntas de pesquisa que nos servissem como uma bússola que norteasse o percurso a ser traçado. Essas perguntas mantiveram-nos focados na busca, de maneira que pudéssemos alcançar o objetivo maior desta pesquisa, isto é, o de fazer um *mapeamento construcional e fraseológico de get.* Resta-nos agora averiguar se a pesquisa foi capaz de responder as perguntas específicas que definimos. Desse modo, apresentamos as perguntas mais uma vez abaixo seguidas das respostas a que essa pesquisa chegou.

- Dada a versatilidade sintática e semântica apresentada pelo comportamento de *get*, quais são as principais construções gramaticais em que esse verbo pode ocorrer?

Para verificarmos os contextos construcionais em que *get* podia ocorrer, esta pesquisa fez uso do aporte metodológico da Linguística de *Corpus* na busca, seleção e coleta dos dados que posteriormente passariam a compor o *corpus* de estudo a ser submetido à análise. Em outras palavras, o olhar para os dados privilegiou a ótica da Linguística de *Corpus,* pois partilhamos com essa metodologia a visão de que dados

naturais da língua em uso servem ao pesquisador da linguagem não somente como subsídios para validação de suas teorias e hipóteses, mas também como evidência contrária das mesmas, gerando assim, novas maneiras de se pensar e novos caminhos de análise. Entretanto, é sabido que as escolhas feitas em uma pesquisa, sobretudo aquelas relativas à seleção e compilação dos dados, podem em muito influenciar os resultados obtidos com a análise, pois esta está diretamente ligada ao recorte que fazemos. Por conta disso, é imprescindível explicitarmos qual recorte fizemos e quais contextos construcionais privilegiamos.

A flexibilidade sintática e semântica de *get* é tão vasta que não conseguiríamos abarcar por completo todos os seus possíveis sentidos e dar a cada um deles o tratamento qualitativo e quantitativo necessários para corroborar as nossas hipóteses. Em vista disso, necessitávamos delimitar um escopo de pesquisa sob o qual atuar. Entre todos os contextos construcionais em que o verbo pode ocorrer, a posição em que ele antecede um SN nos pareceu a mais interessante por dois motivos: 1. Quando *get* antecede elementos nominais, o verbo pode ter inúmeros sentidos que são, em parte, atribuídos justamente pelos elementos nominais que o seguem; 2. Ao adotarmos a perspectiva do falante, seja ele um falante de inglês como língua estrangeira ou falante nativo da língua, o contexto *get* + SN é também o mais problemático, ou interessante, pois o entendimento do sentido do verbo depende do entendimento dos elementos adjacentes a ele, isto é, este parece ser o contexto de maior ambiguidade.

Em razão dos pontos levantados acima, a busca no COCA foi feita com as seguintes especificações: procuramos pelo verbo *get* seguido de colocados nominais à direita. Ambos elementos, isto é, a palavra de busca (*get*) e o colocado nominal, foram pesquisados em suas formas lematizadas, de maneira a capturarmos as várias formas morfológicas de ambas palavras. Desse modo, esperávamos obter com essa busca tanto sequências como *get the job*, quanto *got jobs*, por exemplo. Para tanto, especificamos uma janela de 2 posições para a direita da palavra de busca e geramos a lista de colocados. Gerados os colocados nominais mais frequentes de *get,* calculamos 5% dos enunciados dos 50 colocados nominais mais frequentes, o que compôs um total de 9.210 enunciados. Os 9.210 enunciados foram extraídos do COCA por meio da utilização do modo de busca KWIC (*Key Word In Context*) do próprio *corpus*, de maneira que os enunciados extraídos fossem capturados de maneira randômica e que, assim, pudessem ser representativos da versatilidade linguística do *corpus* como um todo, no que tange ao comportamento de *get.*

Feita a compilação, passamos à classificação e análise dos enunciados a fim de gerarmos um mapeamento dos contextos construcionais em que *get* podia ocorrer. Essa análise explicitou 13 contextos construcionais específicos, isto é, contextos que se estruturavam sintática e/ou semanticamente de maneira particular. Essa busca pelas especificidades linguísticas dos contextos construcionais foi uma preocupação em nossa análise, pois, lembramos que a definição de Construção adotada nesta pesquisa (GOLDBERG, 2006) salienta que *uma* diferença entre duas Construções, tanto de ordem morfossintática quanto de ordem semântica e/ou pragmática, é evidência suficiente para postularmos que duas Construções são independentes; entretanto, mesmo sendo independentes, as Construções relacionam-se em redes complexas de maneira que uma Construção mais central possa motivar a existência de uma Construção linguisticamente mais específica. Vejamos o mapeamento a que esta pesquisa chegou.

1. Construções Transitivas com sentidos múltiplos: **6220 enunciados**

(1) *Sentido* de *obtenção – She was told she'd* ***get her money back*** *in five years and earn about 8% a year*. [1992/NEWS] → **4192 enunciados**

(2) *Sentido de recebimento – I think that you'll* ***get an answer*** *from a lot more people*. [2007/SPOK] → **874 enunciados**

(3) *Sentido de posse – If you've* ***got enough money****, hiring decent help is no problem*. [2000/FIC] → **565 enunciados**

(4) *Sentido existencial – We have* ***got some people*** *in the West that are standing*. [1995/SPOK] → **428 enunciados**

(5) *Sentido de entendimento – I didn't really* ***get the point*** *of it until labor was well under way*. [2005/MAG] → **94 enunciados**

(6) *Sentido de propósito – Besides, where would we* ***get the money*** *to build a house?* [1995/FIC] → **67 enunciados**

Para as Construções transitivas, exemplificadas de (1) a (6) acima, exploramos a hipótese de Goldberg (1995) segundo a qual os vários sentidos que essa Construção pode ter estão, na realidade, vinculados a uma Construção de sentido geral, ou seja, X AGE SOBRE Y, sendo os elementos co-textuais os responsáveis pela delimitação de um sentido lexical específico para *get.* Os sentidos de *obtenção* e *recebimento*, por exemplo, foram

diferenciados (principalmente) com relação ao papel argumental dos sujeitos para ambos sentidos. A análise dos dados mostrou que, com o sentido de *obtenção, get* ocorre com sujeitos agentivos com traços de volição, ao passo que com o sentido de *recebimento*, o sujeito desempenha um papel mais *paciente* no evento. Essa distinção foi salientada pela presença de *from phrases* (LEVIN, 1993), que ocorreram em 56,86% dos dados com a leitura de *recebimento* contra 5,29% dos dados com leitura de *obtenção.* Isso nos mostra que o sujeitos de *get* com leitura de *recebimento* são interpretados como os *recipientes* do elemento denotado pelo objeto de *get*.

A mesma relação foi traçada entre as Construções em que o verbo exibe a leitura de *posse* ou *existência*. A hipótese de Construções independentes para esse grupo já encontra respaldo na sua forma morfossintática. Diferentemente de todos os demais dados de nosso *corpus* de estudo, essas leituras são licenciadas por uma forma morfológica específica do verbo, isto é, *got*, que pode vir acompanhado ou não do auxiliar *have.* Com relação a sua função, identificamos entre os dados com *got* duas possíveis leituras, ou seja, *posse* e *existência*. A diferença semântica entre essas duas Construções se dá por meio dos tipos de sujeitos das duas Construções (*agente* para aquela e $loc_{[+anim.]}$ para esta), bem como pela aceitação ou não de uma paráfrase com uma existencial canônica com *there,* que somente é aceita para o *got existencial.*

Por fim, na categoria transitiva tivemos duas outras Construções de menor expressividade quantitativa, mas que ocorreram em nossos dados. Trata-se das transitivas com leitura de *entendimento* e *propósito*. O sentido de *entendimento* é quase totalmente licenciado por fraseologismos específicos em que *get* pode ser parafraseado por *understand* e exibe um sentido mais idiomático. Já com relação à Construção de *propósito* (BYBEE, 2006), a sequência *get* + SN é seguida de um verbo na forma infinitiva que exprime o propósito dessa sequência. Argumentamos que essa leitura diferencia-se de demais casos em que temos *get* + *SN* + V_{inf}, pois somente as Construções de *propósito* admitem a inserção da conjunção *in order to* sem que haja alteração em seu sentido original.

2. Construções Causativas com três estruturas: 872 enunciados

(7) *Analítica com particípio passado - It would be about how you could* ***get*** *more people* ***connected*** *to a strong economy.* [1997/FIC] → **720 enunciados**

(8) *Analítica com infinitivo - What's the toughest age to* ***get*** *a kid* ***to*** *really* ***be*** *interested in reading...* [2001/SPOK] → **65 enunciados**

(9) *Analítica com -ing –* ***Get*** *the ball* ***rolling*** *at the new "Library of Congress Experience".* [2000/FIC] → **87 enunciados**

Assim como ocorre com as transitivas, as Causativas também se estruturam em redes construcionais em que umas motivam a existência de outras. Essa relação é evidenciada pela estrutura básica da Construção que envolve dois predicados, isto é, uma *causa* e um *efeito* (KEMMER; VERHAGEN, 1994). O elemento de variação, no entanto, encontra-se no segundo predicado que, no caso das Causativas Analíticas, está convencionalmente associado a três formas distintas: com *particípio passado* (exemplo (7)), *forma infinitiva* (exemplo (8)) e com *–ing* (exemplo (9)).

A análise das causativas de particípio passado mostrou que essa Construção com *get* exibe um sujeito agentivo responsável por executar o evento denotado pela sequência V + SN + Part. Pass., diferentemente da leitura convencionalmente associada a essa Construção (principalmente quando está vinculada ao verbo *have*), em que um sujeito *paciente* é afetado pela ação causada por outro argumento. Dessa forma, em fraseologismos como *get the job done*, o sujeito da expressão tem um papel agentivo e designa o actante responsável por fazer o trabalho. Essa análise é corroborada pelo fato de podermos incluir um reflexivo na estrutura, que mantenha correferência com o sujeito da sentença, como ocorre em *I'll get the job done* ***myself***. Por esse motivo, embora essa Construção tenha uma estrutura Causativa, ela exibe uma leitura transitiva.

Diferente das Analíticas com Part. Pass., as Causativas com infinitivo têm uma leitura segundo a qual um *agente volitivo* faz com que um *paciente* desempenhe determinada ação. Ademais, outra característica que distingue essa Construção da Analítica com Part. Pass. refere-se à natureza semântica do argumento *paciente* nas Analíticas com infinitivo, que é majoritariamente especificado por um traço de [+animado] em nossos dados.

Por último, a Analítica com *–ing* exibe a interpretação de acordo com a qual um sujeito, também volitivo, faz com que o objeto *paciente* realize uma ação. Porém, nessa Construção a ação especifica-se por ser um movimento literal ou metafórico. Como vemos no exemplo (9) acima, *get the ball rolling* é um fraseologismo idiomático com o sentido de *início* uma certa atividade. A leitura idiomática dessa expressão pode ser atestada pelo uso em um contexto no qual a ideia de uma *bola rolando* não tem sentido, como em *...at the new "Library of Congress Experience*.

3. Construções de Movimento Causado: 1284 enunciados

(10) *How do we start to* ***get*** *our message* ***out to the audience*** *directly?* [1993/MAG]

As Construções de Movimento Causado, ao serem instâncias mais específicas de Construções Causativas, foram analisadas sob essa perspectiva em nossos dados, isto é, sob a perspectiva de que Construções de Movimento Causado são Causativas em que o segundo predicado denota o movimento físico de um *paciente* causado por um agente. No entanto, como ressalta Goldberg (1995), as Construções de Movimento Causado são, na realidade, uma categorial radial em si, sendo possível atribuir a ela pelos menos três leituras semânticas mais específicas a depender do verbo que se associe a ela.

Uma vez que em nossos dados a lacuna verbal do primeiro predicado é invariavelmente ocupada por *get,* essa polissemia construcional não se apresentou, de maneira que em todos os enunciados classificados sob o título de *Construções de Movimento Causado* exibiram a leitura mais central da Construção, isto é, X CAUSA Y A MOVER (para/sobre) Z.

A análise dos dados teve como objetivo descrever os tipos de movimento realizados pelo segundo predicado por meio das preposições introdutoras do argumento oblíquo. Isto é, esse argumento realizou-se com diversas preposições e partículas que apresentamos a seguir na ordem da mais frequente para a menos frequente: *out of, in, off, into, on, to, down, away* (partícula)*, up* (partícula)*, through, over* e *across.*

4. Construções Resultativas: 293 enunciados

(11) *I often find myself helping people **get** their life back **in order**.* [2000/MAG]

Em uma análise superficial, as Construções Resultativas assemelham-se com as Construções de Movimento Causado, uma vez que o argumento que segue o SN pode ser um oblíquo em ambas Construções. No entanto, nas Resultativas o SN *paciente* é interpretado como uma entidade que passa por uma *mudança de estado* desencadeada pelo sujeito agentivo da sentença, o que não ocorre com as Construções de Movimento Causado. Esse estado causado codifica-se sintaticamente como um SAdj ou SPrep com função adjetiva, como no exemplo (11) acima. Contudo, em nosso *corpus*, 84,30% dos dados mostraram que o argumento oblíquo está convencionalmente associado a SAdjs e esses números foram corroborados pelos principais fraseologismos que instanciaram essa Construção: *get one's hands dirty* (50 ocorrências), *get DET thing straight* (32 ocorrências), *get SN ready* (21 ocorrências), *get a word in edgewise* (13 ocorrências), *get SN in order* (9 ocorrências) e *get SN in trouble* (6 ocorrências). Em outras palavras, os fraseologismos que mais frequentemente instanciaram a Construção Resultativa apresentaram argumentos oblíquos na forma de SAdjs.

Embora seja uma Construção independente, em vista das propriedades linguísticas sumarizadas acima, Goldberg (1995) faz uso da metáfora conceitual *mudança de estado também é mudança de local* para afirmar que as Construções Resultativas herdam parte de sua estrutura e função da Construção de Movimento Causado. Em nossa análise, partilhamos dessa ideia com a afirmação de que tanto as Resultativas quanto as Causativas Analíticas com *–ing* (cuja leitura central é a de um objeto forçado a realizar um movimento literal ou metafórico) herdam parte de suas estruturas linguísticas da Construção de Movimento Causado.

5. Construções Intransitivas de Movimento: 476 enunciados

(12) *I mean, can't other people **get to your database** if you're on-line?* [1997/FIC]

Com 476 enunciados em nosso *corpus* de estudo, as Construções Intransitivas de Movimento ilustraram casos produtivos de *coligações verbais* (TAGNIN, 2013), isto é, fraseologismos em que *get* arbitrariamente se associa a SPreps que denotam movimento. Entre todas as Construções discutidas e analisadas nesta pesquisa, os dados referentes às Intransitivas de Movimento apresentaram uma grande quantidade de fraseologismos, comparativamente com os enunciados analisados como resultante de uma combinação livre e analítica de palavras. Isto é, dos 476 enunciados, 89,91% deles são formados por fraseologismos recorrentes.

6. Construções Bitransitivas: 66 enunciados

(13) *How to* ***get*** *your child* ***a Private School Education*** *in a Public School* [1993/NEWS]

As especificações gramaticais e semânticas discutidas em Goldberg (1995) para as Construções Bitransitivas foram todas confirmadas com os dados em que *get* se associa a essa Construção. Desse modo, nos 66 enunciados em que *get* ocorreu em uma Construção Bitransitiva, a estrutura sintática convencionalmente associada à estrutura, isto é, V + $SN_{[hum.]}$ + SN foi a mesma e a leitura de *transferência intencional*, também discutida em Goldberg (1995), pôde ser averiguada. Contudo, diferentemente das demais Construções em nosso *corpus*, essa categoria não exibiu um comportamento fraseológico. Isto é, não tivemos expressões recorrentes que instanciaram lexicalmente essa Construção gramatical.

Discutidas as principais Construções em que *get* ocorreu em nosso *corpus* de estudo, passemos à próxima pergunta levantada na Introdução desta dissertação.

- Se o significado sentencial é de fato resultante da interação linguística entre o sentido de itens lexicais e o significado de construções, podemos afirmar que contextos construcionais específicos licenciam certos sentidos de *get*?

A análise dos dados em nosso *corpus* de estudo respondeu à essa pergunta afirmativamente, pois como vimos ao longo da análise, sumarizada na resposta à primeira pergunta deste capítulo, os sentidos de *get* podem ser apreendidos somente por meio da análise dos elementos que coocorrem com o verbo. Dessa maneira, ao tomarmos os 13 contextos construcionais apresentados acima como os contextos responsáveis pelo licenciamento de sentidos específicos, podemos afirmar que os falantes de inglês somente são capazes de atribuir um sentido a *get* com base no contexto construcional no qual ele está inserido. A Tabela 42 abaixo traz de maneira resumida as Construções discutidas, suas estruturas sintáticas, os sentidos licenciados em cada contexto construcional e uma possível paráfrase.

Tabela 42 – O licenciamento dos sentidos de *get* por Construções

Construção	Estrutura Sintática	Sentido	Paráfrase
Transitiva de *obtenção*	$Suj_{[agente]}$ V Obj *I got good results in the test*	*obtenção*	*obtain, grab, collect*
Transitiva de *recebimento*	$Suj_{[paciente]}$ V Obj *She got a letter from her*	*recebimento*	*receive*
Transitiva de *posse*	$Suj_{[agente]}$ GOT Obj *She's got two kids*	*posse*	*have, own, possess*
Transitiva *existencial*	Suj GOT Obj (Obl) *We got a problem at home*	*existencial*	*there to be*
Transitiva de *entendimento*	Suj V Obj *I didn't get the message*	*entendimento*	*understand*
Transitiva de *propósito*	Suj V Obj $V_{infinitivo}$ *I'll get the money to pay the rent*	*obtenção*	*obtain, grab, collect*
Causativa Analítica com part. pass.	Suj V Obj $V_{part.pass.}$ *He got his job done in time.*	*causar a realização de algo*	*have, make*
Causativa Analítica com *-ing*	Suj V Obj V_{-ing} *We have to get this thing going*	*causar a movimentação de algo*	*have, make*
Causativa Analítica com infinitivo	Suj V Obj $V_{inf.}$ *She got her kids to eat healthily*	*fazer alguém agir*	*have, make*
Movimento Causado	Suj V Obj Obl *... the internet will get more people into the stores*	*fazer mover para algum lugar*	*make*
Resultativa	Suj V Obj $Obl_{SAdj/SPrep.}$ *I'll get the kids ready for school*	*fazer mudar de estado*	*make*

Como mostram as linhas da Tabela 42, os contextos sintáticos restringem o uso do verbo de maneira que os sentidos possam ser apreendidos. Contudo, há contextos apresentados que podem ser interpretados como ambíguos. Esse é o caso da Construção de *propósito* e da transitiva com o sentido de *entendimento*. Como dissemos anteriormente, na Construção de *propósito* o elemento distintivo está presente no verbo infinitivo que segue o objeto de *get* e não na sequência *get* + SN em si. Quanto à Transitiva com sentido de *entendimento*, esse significado está quase totalmente vinculado a fraseologismos específicos, como *get the message, get a sense, get the picture* e *get DET point.* Posto isso, nesses contextos o sentido não é mais ambíguo.

Passemos a seguir à terceira pergunta levantada por esta pesquisa.

- Quais construções licenciam quais sentidos em termos de frequência de uso?

A frequência de uso das expressões linguísticas é reconhecidamente um fator necessário para que uma expressão seja considerada convencional (BOAS, 2013; BYBEE, 2006; GOLDBERG, 2006; GRIES, 2008; TAGNIN, 2013; LANGACKER, 2013); entretanto, ela também pode trazer pistas sobre quais sentidos de uma expressão linguística são mais centrais na cognição dos falantes (DIESSEL, 2013; ELLIS, 2013). Em nossos dados, a distribuição por Construções e suas respectivas frequências deu-se conforme os números apresentados na Tabela 43 abaixo.

Tabela 43 – O licenciamento dos sentidos de *get* pela frequência

Construção	Sentido Central	Freq. Abs.	Freq. Relativa
Transitiva com sentido de *obtenção*	*Obtain*	4192	45,51%
Movimento Causado	*Move*	1284	13,94%
Transitiva com sentido de *recebimento*	*Receive*	874	9,48%
Causativa Analítica	*Make*	872	9,46%
Transitiva com sentido de *posse*	*Have*	565	6,13%
Intransitiva de Movimento	*Move*	476	5,16%
Transitiva com sentido *existencial*	*Existential*	428	4,64%
Resultativa	*Make*	293	3,18%
Transitiva com sentido de *entendimento*	*Understand*	94	1,02%
Transitiva com sentido de *propósito*	*Obtain*	67	0,72%
Bitransitiva	*Transfer*	66	0,71%
Total		9210	

Com base na distribuição apresentada acima, podemos afirmar que, embora todos os sentidos sejam produtivos, o sentido de *obtenção* é certamente o mais central da forma *get.* Porém, é importante lembrarmos que alguns dos outros sentidos estão associados a fraseologismos e formas morfológicas específicas. Em outras palavras, podemos dizer que o sentido de *obtenção* é o mais central para as formas *get, gets, getting* e *gotten*, mas não para a forma *got*, por exemplo, cujos usos são mais frequentemente associados com os sentidos de *posse* e *existência*. Isso nos mostra que a frequência é um fator importante na convencionalização de determinados usos, mas não deve ser levada como o único aspecto na determinação do comportamento linguístico de um item lexical ou construção.

Com relação aos fraseologismos que instanciam as Construções analisadas nesta pesquisa, esse é o tema da última pergunta levantada por esta pesquisa.

- Quais são os fraseologismos que instanciam mais frequentemente as construções com *get*?

Ao longo da análise dos dados extraídos do COCA, fizemos referência aos fraseologismos que ocorreram frequentemente em cada categoria instanciando lexicalmente as Construções sob análise. Apresentamos abaixo as 74 principais expressões divididas por Construções[113].

1. **Fraseologismos Transitivos com sentido de *obtenção***

   get one's money's worth, get a hold of, get cold feet, get DET chance to, get the credit for, get a shot of, get the feeling that, get a job as a, get DET idea for, get DET sense about, get a shot at, get SN from, get the attention of, get SN back, get DET sense of, get the idea that, get one's way, get information on, get a look at, get information about, get DET idea of.

[113] As categorias acima não incluem duas Construções, pois nelas não houve ocorrência de fraseologismos, ou seja, nas Construções de *propósito* e nas Bitransitivas. Quanto às Causativas, os três tipos sintáticos foram agrupados aqui em uma única categoria.

2. **Fraseologismos Transitivos com sentido de *recebimento***
   get a shot of, get a (phone) call, get DET message, get SN from, get DET letter, get treatment (for), get the word.

3. **Fraseologismos Transitivos com sentido de *entendimento***
   get a sense (for), get the message (loud and clear), get the picture, get DET point.

4. **Fraseologismos Transitivos com sentido de *posse***
   got one's hands full, got one's work cut out for, got a way with, got a hell of, got a thing for, got a problem with, got a point.

5. **Fraseologismos Transitivos com sentido de *existência***
   got SN ADV, got SN V-ing, got SN for, got SN that, got SN ADJ, got SN $V_{Infinitivo.}$

6. **Fraseologismos Causativos**
   get the job done, get DET thing done, get DET work done, get one's feelings hurt, get DET thing going, get SN involved.

7. **Fraseologismos com leitura de Movimento Causado**
   get DET message out, get the word out, get one's hands on, get DET message across, get DET information out, get DET point across, get DET foot in the door, get DET story out, get SN back on track, get one's hands off, get one's hands around, get DET shot off.

8. **Fraseologismos com leitura Resultativa**
   get one's hands dirty, get a word in edgewise, get DET thing straight, get SN ready, get SN in trouble.

9. **Fraseologismos Intransitivos com leitura de Movimento**
   get the hell SPrep, get the hell out of here, get in trouble, get off work, get under way, get into trouble.

Acima apresentamos os fraseologismos categorizados pelas Construções que eles instanciaram; no entanto, a metodologia adotada previa a verificação do verdadeiro nível de convencionalidade dos fraseologismos por meio de medidas estatísticas, sobretudo a medida de *atração* (SCHMID, 2010). Por esse motivo, nem todos os padrões apresentaram uma *atração* alta em relação a *get*, conforme discutimos ao longo da análise, mas certas expressões apresentaram uma forte relação de *atração* entre suas lacunas verbais e *get.* Entre elas destacamos os seguintes fraseologismos: *get one's money's worth* (atração de 95,81%), *get a hold of* (atração de 83,22%) e *get cold feet* (atração de 80,46%) para a Construção Transitiva com sentido de *obtenção*; *get the job done* (atração de 95,08%), *get DET thing done* (atração de 81,15%) e *get DET work done* (atração de 81,03%) para as Causativas; *get DET message out* (atração de 87,18%) e *get the word out* (atração de 76,40%) para as de Movimento Causado; *get one's hands dirty* (atração de 99,44%), *get a word in edgewise* (atração de 96%) e *get DET thing straight* (atração de 87,14%) para as Resultativas e; *get the hell SPrep* (atração de 99,08%), *get the hell out of here* (atração de 98,56%) e *get in trouble* (atração = 95,66%) para as Intransitivas de Movimento.

Embora esta pesquisa não tenha a pretensão de dar como concluída a discussão acerca do comportamento polissêmico de *get*, uma vez que o recorte deste estudo privilegiou unicamente os contextos em que o verbo é seguido de complementos nominais, acreditamos ter alcançado os objetivos estipulados no início desta dissertação ao fornecer uma análise minuciosa em dois níveis de análise linguística, ou seja, o construcional e o fraseológico, de um item de alto poder comunicativo no discurso.

6. REFERÊNCIAS

ARPPE, A.; GILQUIN, G.; GLYNN, D. & HILPERT, M. (2010). Cognitive Corpus Linguistics: Five points of debate on current theory and methodology. *Corpora, 5* (2), 1 - 27.

BARNBROOK, G.; MASON, O. & KRISHNAMURTHY, R. (2013). *Collocation: Applications and Implications.* Nova York: Palgrave Macmillan.

BARODAL, J. (2008). *Productivity: Evidence from Case and Argument Structure in Icelandic.* Amsterdam: John Benjamins.

BERBER SARDINHA, T. (2004). *Linguística de Corpus.* Barueri: SP: Manole.

BIBER, D. (1993). Using register-diversified corpora for general language studies. *Journal Computational Linguistics - Special issue on using large corpora: II , 19* (2), 219 - 241.

BOAS, H. C. (2013). Cognitive Construction Grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar* (pp. 233 - 252). Nova York: Oxford University Press.

BYBEE, J. L. (2006). From usage to Grammar: The Mind's Response to Repetition. *Language* (82), 711 - 733.

BYBEE, J. L. (2013). Usage-based Theory and Exemplar Representations of constructions. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar* (pp. 49 - 69). Nova York: Oxford University Press.

CARTER, R., & McCARTHY, M. (2006). *Cambridge Grammar of English: a Comprehensive Guide.* Cambridge: Cambridge University Press.

CLARK, E. (1978). Locationals: existential, locative, and possessive constructions. In: GREENBERG, J. *Universals of Human Language.* Stanford: Stanford University Press.

COOK, G. (1998). The Uses of Reality: a Reply to Ronald Carter. *ELT Journal , 52* (1), 57 - 63.

CROFT, W. (2001). *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective.* Chicago: Chicago University Press.

CROFT, W., & CRUSE, D. A. (2004). *Cognitive Linguistics.* Cambridge: Cambridge University Press.

CRUSE, D. A. (1986). *Lexical Semantics.* Cambridge: Cambridge University Press.

DAVIES, M. (2008-). *The Corpus of Contemporary American English: 450 million words, 1990-present.* Fonte: http://corpus.byu.edu/coca/

DIESSEL, H. (2013). Construction Grammar and First Language Acquisition. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar* (pp. 347 - 364). Nova York: Oxford University Press.

ELLIS, N. (2013). Construction Grammar and Second Language Acquisition. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar* (pp. 365 - 378). Nova York: Oxford University Press.

EVANS, V. (2006). Lexical Concepts, Cognitive Models and Meaning-Construction. *Cognitive Linguistics*, 491-534 .

EVANS, V. & GREEN, M. (2006). *Cognitive Linguistics - An Introduction.* Edinburgh: Edinburgh University Press.

FERRARI, L. (2011). *Introdução à Linguística Cognitiva.* São Paulo: Editora Contexto.

FILLMORE, C. (2013). Berkeley Construction Grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar* (pp. 111 - 132). Nova York: Oxford University Press.

FILLMORE, C. (1982). Frame Semantics. *Linguistics in the morning calm*, 111 - 138.

FILLMORE, C. (1985). Frames and the Semantics of Understanding. *Quaderni di Semantica*, 222 - 254.

FILLMORE, C. (1977). Scenes-and-frames semantics. In: ZAMPOLLI, A. (ed.), *Linguistics Structures Processing* (pp. 55-81). Amsterdam: North Holland Publishing Company .

FILLMORE, C. (1968). The case for case. In: BACH, E. & HARMS, R. (ed.). *Universals in Linguistic Theory* (pp. 1 - 88). Nova York: Holt Rinehart and Winston.

FILLMORE, C.; JOHNSON, C. & PETRUCK, M. (2003). Background to FrameNet. *International Journal of Lexicography, 16* (3), 235-250.

FILLMORE, C.; KAY, P. & O'CONNOR, M. (1988). Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language, 64*, 501–538.

GEERAERTS, D. (2006). A Rough Guide to Cognitive Linguistics. In: GEERAERTS, D. (ed.) *Cognitive Linguistics: basic readings* (pp. 1 - 28). Berlin.

GLYNN, D. & FISCHER, K. (2010). *Corpus-Driven Cognitive Semantics. An introduction to the field.* Berlin: Mouton de Gruyter.

GOLDBERG, A. E. (1995). *A Construction Grammar Approach to Argument Structure.* Chicago: The University of Chicago Press.

GOLDBERG, A. E. (2006). *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language.* Oxford: Oxford University Press.

GOLDBERG, A. E., CASENHISER, D., & SETHURAMAN, N. (2003). A lexically based proposal of argument structure meaning. *Chicago Linguistic Society* .

GRIES, S. (2012). Corpus linguistics, theoretical linguistics, and cognitive/psycholinguistics: towards more and more fruitful exchanges. In: MUKHERJEE, J. & M. HUBER, M. (eds.). *Corpus linguistics and variation in English: Theory and description* (pp. 41-63). Amsterdam: Rodopi.

GRIES, S. (2006). Corpus-based methods and cognitive semantics: the many meanings of to run. In: GRIES, S. & STEFANOWITSCH, A. (eds.), *Corpora in cognitive linguistics: corpus-based approaches to syntax and lexis* (pp. 57-99). Berlin e Nova York: Mouton de Gruyter.

GRIES, S. (2008). Phraseology and linguistic theory: a brief survey. In: GRANGER, S. & MEUNIER, F. (ed.). *Phraseology: an interdisciplinary perspective* (pp. 3 - 25). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.

GUILQUIN, G. (2006). The verb slot in causative constructions. Finding the best fit. *Constructions, Vol. 1, no. 3*, 46.

ISRAEL, M. (2004). *How children get Constructions.* Acesso em 20 de Julho de 2012, disponível em http://terpconnect.umd.edu/~israel/Israel-GetConstructs.pdf

JACKENDOFF, R. (1990). *Semantic Structures.* Cambridge MA: MIT Press.

KAY, P. F. (1999). Grammatical Construction and Linguistic Generalizations: The What's X Doing Y? Construction. *Language* (75), 1 - 34.

KEMMER, S., & VERHAGEN, A. (1994). The grammar of causatives and the conceptual structure of events. *Cognitive Linguistics, 5*, 115-156.

LAKOFF, G. (1987). *Woman, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind.* Chicago: The University pf Chicago Press.

LANGACKER, R. W. (2013). *Essentials of Cognitive Grammar.* New York: Oxford University Press.

LANGACKER, R. W. (1987). *Foundations of Cognitive Grammar, Volume I.* Stanford, CA: Stanford University Press.

LANGLOTZ, A. (2006). *Idiomatic Creativity: A Cognitive Linguistic Model of Idiom-Representations and Idiom-Variation in English.* Amsterdam and Phildelphia: John Benjamins.

LEE, D. (2010). What Corpora are Available? In: O'KEFFEE, A. & McCARHTY, M. *The Routledge Handbook of Corpus Linguistics* (pp. 107 - 121). Nova York: Routledge.

LEVIN, B. (1993). *English Verb Classes and Alternations: a Preliminary Investigation.* Chicago: The University of Chicago Press.

LEWIS, M. (1993). *The Lexical Approach: The State of ELT and a Way Forward.* Boston: Thompson Heinle.

LINDQUIST, H. (2009). *Corpus Linguistics and the Description of English.* Edinburgh: Edinburgh University Press.

LYONS, J. (1968). A Note on Possessive, Existential and Locative Sentences. *Foundations of Language Vol. 3, No. 4* , 390-396.

LYONS, J. (1968). *Introduction to Theoretical Linguistics.* Cambridge: Cambridge University Press.

McENERY, T., & HARDIE, A. (2012). *Corpus Linguistics.* Cambridge: Cambridge University Press.

McENERY, T., & WILSON, A. (1996). *Corpus Linguistics.* Edinburgh: Edinburgh University Press.

MORAES, H. (2010). *O advérbio em fraseologias das áreas da culinária e do direito contratual: um estudo baseado em corpus.* Sao Paulo: Tese de Doutotado. FFLCH.

NEVEU, F. (2008). *Dicionário de Ciências da Linguagem.* Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

NEWMAN, J. (2011). Corpora and cognitive linguistics. *Brazilian Journal of Applied Linguistics , 11* (2), 521-559 .

O'KEEFEE, A. & McCARTHY, M. (. (2010). *The Routledge Handbook of Corpus Linguistics.* Nova York: Routledge.

O'KEEFFEE, A.; McCARTHY, M. & CARTER, R. (2007). *From Corpus to Classroom: Language Use and Language Teaching.* Cambridge: Cambridge University Press.

PARADIS, C. (2003). Is the notion of linguistic competence relevant in Cognitive Linguistics? *In Annual Review of Cognitive Linguistics*, 247 - 271.

PETRUCK, M. (1996). Frame Semantics. In: J. V. (ed.), *Handbook of Pragmatics* (pp. 1-8). Amsterdam: Benjamins .

QUIRK, R., GREENBAUM, S., LEECH, G., & SVARTVIK, J. (1985). *A Comprehensive Grammar of the English Language.* Edinburgh: Longman.

SAEED, J. I. (2009). *Semantics.* Oxford: Blackwell.

SALOMÃO, M. (2002). Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. *Veredas, 6* (1), 63 - 74.

SCHMID, H. (2010). Does frequency in text instantiate entrenchment in the cognitive system? In: GLYNN, D. & FISHER, K. (eds.). *Quantitative methods in cognitive semantics: Corpus-driven approaches* (pp. 101-135). Berlin: De Gruyter Mouton.

SINCLAIR, J. (1991). *Corpus, Concordance, Collocation.* Oxford: Oxford University Press.

TAGNIN, S. E. (1977). Get: A Study Of Its Deep Meanings. *Língua e Literatura, 6*, 245-264.

TAGNIN, S. E. (2011). Linguística de Corpus e Fraseologia: uma feita para a outra. In: M. O. (Orgs.) ALVAREZ, M. L. O. & UNTERNBAUMEN, E. H. *Uma (Re)Visão da Teoria e da Pesquisa Fraseológicas* (pp. 277 - 302). Campinas, SP: Pontes.

TAGNIN, S. E. (2013). *O jeito que a gente diz.* São Paulo: Disal Editora.

TAGNIN, S. E. (1982). *To Do or To Make, That's The Question.* São Paulo: FFLCH - USP.

TEUBERT, W. (2009). Corpus Linguistics: an alternative. *Semen, 27*, 130-152.

TOGNINI BONELLI, E. (2010). Theoretical Overview of the Evolution of Corpus Linguistics . In: O'KEFFEE, A. & McCARHTY, M. (eds.). *The Routledge Handbook of Corpus Linguistics* (pp. 14 - 28). Nova York: Routledge.

TOMASELLO, M. (2003). *Constructing a Language: a Usage-Based Theory of Language Acquisition.* Cambridge, MA: Harvard University Press.

TYLER, A. & EVANS, V. (2003). *The Semantics of English Prepositions: Spatial Scenes, Embodied Meaning and Cognition.* New York: Cambridge University Press.

WRAY, A. (2002). *Formulaic Language and the Lexicon.* Cambridge: Cambridge University Press .

WULFF, S. (2008). *Rethinking Idiomaticity: A Usage-based Approach* . London: Continuum .